EMILY BRONTË

O Morro dos Ventos Uivantes



BAIXE LIVROS .com.br



O Morro dos Ventos Uivantes

EMILY BRONTË

Tradução, introdução, posfácio e notas de
Elder Franca

BAIXE LIVROS
2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O Morro dos Ventos Uivantes

AUTOR

Emily Brontë (1818 a 1848), romancista e poeta inglesa

TÍTULO ORIGINAL

Wuthering Heights, 1847

TRADUÇÃO

Elder Franca

ESTA EDIÇÃO

Tradução integral em português brasileiro, com introdução, posfácio e notas do tradutor.

ASSUNTO

Literatura inglesa · Romance · Clássicos da literatura · Amor e vingança · Família

PÚBLICO

Leitores jovens e adultos, estudantes de literatura e interessados nos grandes clássicos.

REGISTRO

APD-2026-00076-6

EDIÇÃO

Baixe Livros, 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição traz a tradução integral de *O Morro dos Ventos Uivantes*, o único romance de Emily Brontë, publicado em dezembro de 1847 sob o pseudônimo de Ellis Bell: 34 capítulos com a numeração romana contínua do original. A tradução busca um português brasileiro claro e vigoroso, fiel à aspereza do original. Nada foi suavizado. Mantivemos os nomes de pessoas e lugares, com exceção da casa que dá título ao livro, traduzida por Morro dos Ventos Uivantes, forma já consagrada no Brasil. As notas do tradutor, sobre costumes, lugares, referências e a estrutura do livro, estão reunidas ao final do volume.

LICENÇA DE USO

Disponibilização gratuita por meio da plataforma Baixe Livros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. A licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do editor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em baixelivros.com.br





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: VI

Capítulo I 3
Capítulo II 9
Capítulo III 20
Capítulo IV 35
Capítulo V 43
Capítulo VI 48
Capítulo VII 55
Capítulo VIII 68
Capítulo IX 79
Capítulo X 97
Capítulo XI 117
Capítulo XII 130
Capítulo XIII 146
Capítulo XIV 159
Capítulo XV 169
Capítulo XVI 179
Capítulo XVII 184
Capítulo XVIII 205
Capítulo XIX 216
Capítulo XX 221
Capítulo XXI 228
Capítulo XXII 247
Capítulo XXIII 254
Capítulo XXIV 263
Capítulo XXV 274
Capítulo XXVI 279
Capítulo XXVII 285
Capítulo XXVIII 299
Capítulo XXIX 307
Capítulo XXX 313
Capítulo XXXI 321
Capítulo XXXII 327
Capítulo XXXIII 340
Capítulo XXXIV 350

POSFÁCIO: *O ciclo e a sua quebra* 365

NOTAS DO TRADUTOR 369



INTRODUÇÃO

I

O *Morro dos Ventos Uivantes* foi publicado em dezembro de 1847, sob o pseudônimo de Ellis Bell. A autora, Emily Brontë, tinha vinte e nove anos, morava com o pai e as irmãs numa casa paroquial no alto da charneca de Yorkshire e nunca escreveria outro romance: morreu um ano depois, de tuberculose, aos trinta. Os primeiros críticos ficaram perturbados. Acharam o livro grosseiro, violento, sem moral clara. Demorou meio século para que se percebesse que estavam diante de uma das obras mais originais da literatura inglesa.

O título é o nome de uma casa. *Wuthering* é uma palavra regional que descreve o tumulto do vento nas alturas quando há tempestade. A casa fica num ponto exposto da charneca, a algumas milhas de outra casa, mais abrigada e mais elegante, chamada Thrushcross Grange. O romance inteiro é a história das duas famílias que vivem nessas casas ao longo de três gerações, e do homem que entra entre elas como uma pedra atirada num vidro.

II

A estrutura é singular. Quem conta a história é um forasteiro, o sr. Lockwood, que aluga a Granja e visita o Morro por curiosidade. Ele ouve quase tudo de Nelly Dean, a governanta, que serviu as duas casas desde criança e viu tudo acontecer. Dentro do relato de Nelly cabem ainda cartas, diários e falas de terceiros. O leitor recebe a história, portanto, de segunda e terceira mão, filtrada por uma mulher sensata, prática e nem sempre imparcial.

Esse artifício não é mero enfeite. Brontë sabia que o que tinha a contar era quase insuportável: ódios que duram décadas, crianças maltratadas, vinganças friamente planejadas, um amor que se parece mais com uma possessão do que com um sentimento. Contado por Nelly, com o seu bom senso de criada que já viu de tudo, o relato ganha o peso do testemunho e a distância necessária para ser lido.

III

O leitor que chega ao livro esperando uma história de amor convencional vai se surpreender. Heathcliff e Catherine não são um casal de namorados: são duas criaturas que se reconhecem uma na outra desde a infância, com uma intensidade que não deixa espaço para mais ninguém. Quando Catherine diz que ela *é* Heathcliff, não está fazendo uma figura de linguagem. É a confissão de alguém que já não distingue onde termina ela e começa o outro. E é também, como o livro vai mostrar, o começo de uma ruína.

Porque a paixão, por si só, não é virtude. O romance sabe disso melhor do que seus personagens. Cada um deles falha em alguma coisa muito concreta: Catherine, em prudência, quando escolhe um casamento por vaidade e conveniência e espera que o coração acompanhe; Hindley, em temperança, quando se entrega à bebida e ao

jogo depois de perder a mulher; Edgar, em fortaleza, quando prefere a paz da casa ao enfrentamento necessário; Heathcliff, em justiça, quando converte o sofrimento que recebeu em sofrimento imposto a inocentes. Nenhum deles é inteiramente mau. Todos pagam, e fazem pagar aos outros, pelo que lhes faltou.

IV

Há, no entanto, uma segunda geração. Os filhos herdam os erros dos pais, mas não estão condenados a repeti-los. É nesse ponto que o livro, tão sombrio nas suas primeiras partes, muda de direção. O que estava partido começa, lentamente, a se recompor. E se recompõe por meio de virtudes muito simples: a paciência de ensinar alguém a ler, a coragem de pedir desculpas, a moderação de quem aprende a controlar a língua, a justiça de quem reconhece o próprio erro e devolve o que não lhe pertence.

Esse é, talvez, o verdadeiro assunto do romance: não a paixão que destrói, mas o trabalho humilde e obstinado de reconstruir o que a paixão destruiu. Brontë não oferece consolo fácil. Mas mostra que o ciclo da violência pode ser interrompido, e que ele é interrompido não por grandes gestos, e sim pela decência cotidiana de pessoas comuns.

V

Algumas indicações práticas para a leitura.

A geografia é simples, mas convém tê-la em mente: duas casas separadas por quatro milhas de charneca; o Morro no alto, batido pelo vento; a Granja no vale, protegida pelo parque. Quem sobe e quem desce diz muito sobre o que vai acontecer.

Os nomes se repetem de propósito. Há duas Catherines (mãe e filha), e os sobrenomes Earnshaw, Linton e Heathcliff se cruzam e se

trocam ao longo do livro. Uma árvore genealógica está nas notas, ao final do volume, para quem quiser consultar.

A fala de Joseph, o velho criado, é escrita no original num dialeto de Yorkshire quase impenetrável. Em português, optamos por uma fala rústica e compreensível, sem imitar nenhum sotaque regional brasileiro.

Por fim, a cronologia. Brontë calculou as datas com rigor: a história principal se passa entre 1771 e 1802, e Lockwood a ouve no inverno de 1801 para 1802. Uma cronologia resumida também está nas notas.

Capítulo I



no de 1801. Acabo de voltar de uma visita ao meu senhorio, o único vizinho com quem terei de me incomodar. Que região bonita! Não acredito que, em toda a Inglaterra, pudesse ter escolhido um lugar tão completamente afastado da agitação da sociedade. Um perfeito paraíso para misantropos. E o sr. Heathcliff e eu formamos uma dupla tão adequada para dividir essa desolação entre nós! Um sujeito excelente! Mal imaginava quanto meu coração se afeiçoou a ele quando vi seus olhos negros se recolherem tão desconfiados sob as sobrancelhas, à medida que eu me aproximava a cavalo, e seus dedos se esconderem, com uma determinação ciosa, ainda mais fundo no colete quando anunciei meu nome.

— Sr. Heathcliff? — perguntei.

A resposta foi um aceno de cabeça.

— Sr. Lockwood, seu novo inquilino, senhor. Dou-me a honra de visitá-lo assim que possível depois da minha chegada, para expressar a esperança de não tê-lo incomodado com minha insistência em alugar Thrushcross Grange. Soube ontem que o senhor tinha pensado em...

— Thrushcross Grange é minha, senhor — interrompeu ele, crispando o rosto. — Eu não permitiria que ninguém me incomodasse, se pudesse evitar. Entre!

O "entre" foi pronunciado entre dentes e expressava o sentimento: "Vá para o diabo!" Nem mesmo o portão sobre o qual ele se apoiava mostrou qualquer movimento solidário às palavras. E acho que foi justamente isso que me decidiu a aceitar o convite: senti interesse por um homem cuja reserva parecia ainda mais exagerada do que a minha.

Quando viu o peito do meu cavalo efetivamente empurrando a barreira, estendeu a mão para soltar a corrente. Depois me precedeu, mal-humorado, pelo caminho de pedra e chamou, quando entramos no pátio: "Joseph, cuide do cavalo do sr. Lockwood e traga vinho."

"Aqui temos todo o quadro de empregados, suponho", foi a reflexão que aquela ordem dupla me sugeriu. "Não admira que o capim cresça entre as lajes e que o gado seja o único aparador das cercas-vivas."

Joseph era um homem de certa idade, ou melhor, velho, talvez muito velho, embora saudável e musculoso. "Que o Senhor nos ajude!", resmungou para si, num tom baixo de irritação, ao levar meu cavalo. Enquanto isso, olhava para o meu rosto com tamanho azedume que imaginei, caridosamente, que devia precisar da ajuda divina para digerir o jantar e que sua exclamação piedosa não tinha relação alguma com minha chegada inesperada.

Morro dos Ventos Uivantes é o nome da casa do sr. Heathcliff. A palavra regional inglesa que lhe dá nome, *wuthering*, descreve a turbulência do ar a que aquele lugar fica exposto durante as tempestades. Sem dúvida, lá em cima devem ter o tempo todo uma ventilação pura e revigorante: pode-se adivinhar a força do vento norte que sopra por cima da encosta pela inclinação excessiva de alguns abetos atrofiados junto à extremidade da casa e por uma fileira de espinheiros magros, todos estendendo os galhos na mesma direção, como se implorassem esmolas ao sol. Felizmente, o arquiteto teve a previdência de construir uma casa sólida: as janelas estreitas ficam profundamente encaixadas nas paredes, e os cantos são protegidos por grandes pedras salientes.

Antes de atravessar a soleira, parei para admirar a profusão de entalhes grotescos espalhados pela fachada, sobretudo em torno da porta principal. Acima dela, entre uma confusão de grifos em ruínas e menininhos sem pudor, distingui a data "1500" e o nome "Hareton

Earnshaw". Eu teria feito alguns comentários e pedido ao proprietário carrancudo uma breve história do lugar, mas sua atitude à porta parecia exigir que eu entrasse depressa ou fosse embora de uma vez. Não queria aumentar sua impaciência antes de conhecer o santuário.

Um passo nos levou à sala da família, sem nenhum vestíbulo ou corredor de entrada. Aqui a chamam, por excelência, de "a casa". Em geral, reúne a cozinha e a sala de estar, mas acredito que, no Morro dos Ventos Uivantes, a cozinha foi obrigada a se retirar inteiramente para outro canto. Pelo menos, ouvi um rumor de vozes e um ruído de utensílios de cozinha bem mais para dentro. E não vi, junto à enorme lareira, sinal de nada assando, fervendo ou cozendo no forno, nem brilho de panelas de cobre e escorredores de estanho nas paredes. Numa das extremidades, porém, a luz e o calor se refletiam esplendidamente em fileiras de pratos imensos de estanho, intercalados com jarras e canecas de prata, que se erguiam umas sobre as outras num grande aparador de carvalho, quase até o telhado. Este nunca recebera forro: toda a sua estrutura se oferecia ao olhar curioso, exceto onde era escondida por uma armação de madeira carregada de bolos de aveia e de cachos de pernis de boi e de carneiro e presuntos. Acima da lareira havia várias espingardas velhas de aparência sinistra e um par de pistolas de cavalaria. Como enfeite, três latas pintadas em cores berrantes ocupavam a prateleira. O piso era de pedra branca e lisa. As cadeiras, estruturas rústicas de espaldar alto, eram pintadas de verde. Uma ou duas, pesadas e pretas, se escondiam nas sombras. Num vão arqueado sob o aparador, descansava uma enorme cadela perdigueira, cor de fígado, cercada por um enxame de filhotes que ganiam. Outros cães ocupavam outros recantos.

A sala e os móveis nada teriam de extraordinário se pertencessem a um fazendeiro simples do norte, de expressão teimosa e membros robustos valorizados por calções até os joelhos e polainas. Um indivíduo

assim, sentado na poltrona, com uma caneca de cerveja espumando na mesa redonda diante dele, pode ser encontrado em qualquer percurso de cinco ou seis milhas por estas colinas, desde que se vá na hora certa depois do jantar. Mas o sr. Heathcliff contrasta de modo singular com sua moradia e seu estilo de vida. Na aparência, é um cigano de pele escura; nas roupas e nas maneiras, um cavalheiro, isto é, tão cavalheiro quanto muitos proprietários rurais. Talvez um pouco desleixado, mas sem que o descuido lhe fique mal, pois tem uma figura ereta e bonita. E é bastante sombrio. Algumas pessoas talvez suspeitassem nele de certo orgulho de gente mal-nascida. Há em mim uma corda sensível que me diz não se tratar disso: sei, por instinto, que sua reserva nasce da aversão a exibições ostensivas de sentimento, a manifestações de simpatia recíproca. Ele deve amar e odiar igualmente às escondidas e considerar uma espécie de impertinência ser amado ou odiado em troca. Não, estou indo depressa demais: atribuo a ele, com excessiva generosidade, minhas próprias características. O sr. Heathcliff pode ter motivos inteiramente diferentes dos meus para esconder a mão quando encontra alguém disposto a conhecê-lo. Espero que meu temperamento seja quase único. Minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um lar confortável, e ainda no verão passado me mostrei inteiramente indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de tempo bom no litoral, fui posto em companhia de uma criatura das mais fascinantes: uma verdadeira deusa aos meus olhos, enquanto não me deu atenção alguma. Nunca "declarei meu amor" em voz alta. Mesmo assim, se os olhares têm linguagem, o maior dos idiotas poderia ter percebido que eu estava apaixonado até a raiz dos cabelos. Por fim, ela me compreendeu e respondeu com um olhar: o mais doce de todos os olhares imagináveis. E o que fiz? Confesso com vergonha: recolhi-me gelidamente em mim mesmo, como um caracol. A cada olhar, recuava mais frio e mais fundo,

até que a pobre inocente começou a duvidar dos próprios sentidos e, dominada pela confusão de seu suposto engano, convenceu a mãe a partir.

Por esse curioso desvio de temperamento, ganhei a reputação de ser deliberadamente insensível. Só eu posso avaliar o quanto ela é injusta.

Sentei-me junto à lareira, na extremidade oposta àquela para a qual meu senhorio se dirigiu. Preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a mãe canina, que deixara sua ninhada e vinha se esgueirando como uma loba por trás de minhas pernas, com o lábio erguido e os dentes brancos salivando por uma mordida. Meu carinho provocou um rosnado longo e gutural.

— É melhor deixar a cadela em paz — rosnou o sr. Heathcliff, em uníssono, contendo manifestações mais ferozes com uma pancada do pé. — Não está acostumada a mimos. Não é bicho de estimação. — Então foi a passos largos até uma porta lateral e tornou a gritar: — Joseph!

Joseph resmungou alguma coisa indistinta nas profundezas da adega, mas não deu sinal de subir. O patrão mergulhou atrás dele, deixando-me frente a frente com a cadela brutal e um par de cães pastores peludos e ameaçadores, que dividiam com ela a vigilância zelosa de todos os meus movimentos. Sem nenhuma vontade de entrar em contato com aquelas presas, fiquei imóvel. Mas, imaginando que dificilmente entenderiam insultos silenciosos, tive a infelicidade de começar a piscar e fazer caretas para o trio. Alguma mudança em minha expressão irritou tanto a senhora que ela explodiu de repente em fúria e saltou sobre meus joelhos. Joguei-a para trás e me apressei a colocar a mesa entre nós. Isso despertou a colmeia inteira: meia dúzia de demônios de quatro patas, de vários tamanhos e idades, saiu de esconderijos ocultos e convergiu para o centro. Meus calcanhares e as abas do casaco pareceram alvos especialmente cobiçados. Afastando os

combatentes maiores como podia com o atiçador, fui obrigado a pedir, em voz alta, a ajuda de alguém da casa para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado subiram os degraus da adega com uma calma irritante. Não acho que tenham se movido um segundo mais depressa do que de costume, embora a região da lareira fosse uma verdadeira tempestade de ataques e ganidos. Felizmente, uma moradora da cozinha se mostrou mais rápida: uma mulher vigorosa, de vestido arregaçado, braços nus e faces coradas pelo fogo, irrompeu entre nós brandindo uma frigideira. Usou essa arma e a língua com tanta eficiência que a tempestade se acalmou como por magia. Quando o patrão entrou em cena, só ela permanecia ali, ofegando como o mar depois de uma ventania.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou ele, olhando para mim de um jeito que eu mal podia suportar depois daquele tratamento tão pouco hospitaleiro.

— Que diabo, de fato! — murmurei. — Nem a manada de porcos possuídos poderia ter espíritos piores do que esses seus animais, senhor. O senhor bem poderia deixar um estranho com uma ninhada de tigres!

— Eles não mexem com quem não toca em nada — observou, pondo a garrafa diante de mim e recolocando a mesa no lugar. — Os cães fazem bem em vigiar. Aceita uma taça de vinho?

— Não, obrigado.

— Não foi mordido, foi?

— Se tivesse sido, teria deixado minha marca em quem me mordeu. — O rosto de Heathcliff relaxou num sorriso.

— Ora, ora — disse ele —, o senhor está agitado, sr. Lockwood. Tome, beba um pouco de vinho. As visitas são tão extremamente raras nesta casa que meus cães e eu, admito, mal sabemos recebê-las. À sua saúde, senhor!

Inclinei a cabeça e retribuí o brinde, começando a perceber que seria tolice continuar emburrado por causa do mau comportamento de uma matilha de vira-latas. Além disso, não queria dar ao sujeito mais diversão à minha custa, já que seu humor tomara aquele rumo. Ele, provavelmente movido pela consideração prudente de que seria tolice ofender um bom inquilino, abrandou um pouco o estilo lacônico de cortar pronomes e verbos auxiliares e introduziu o que supunha ser um assunto de meu interesse: um discurso sobre as vantagens e desvantagens do retiro em que eu acabara de me instalar. Achei-o muito inteligente nos temas de que tratamos. Antes de voltar para casa, já estava tão encorajado que me ofereci para fazer outra visita amanhã. Era evidente que ele não desejava a repetição de minha intromissão. Mesmo assim, irei. É espantoso como me sinto sociável em comparação com ele.

Capítulo II

A tarde de ontem começou fria e enevoada. Quase decidi passá-la junto ao fogo do meu escritório, em vez de atravessar urzes e lama até o Morro dos Ventos Uivantes. Mas, ao subir depois do jantar (N.B.: janto entre meio-dia e uma hora; a governanta, uma senhora de aspecto maternal que veio com a casa como parte do mobiliário, não pôde ou não quis compreender meu pedido de ser servido às cinco), ao subir a escada com essa intenção preguiçosa e entrar no cômodo, vi uma criada ajoelhada, cercada de escovas e baldes de carvão, levantando uma poeira infernal enquanto apagava as chamas com montes de cinza. O espetáculo me fez recuar imediatamente. Peguei o chapéu e, depois de uma caminhada de quatro milhas, cheguei

ao portão do jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar aos primeiros flocos leves de uma nevada.

Naquele alto de morro desolado, a terra estava endurecida por uma geada negra, e o ar fazia meu corpo inteiro tremer. Como não consegui soltar a corrente, pulei o portão e corri pelo caminho de lajes, ladeado por groselheiras esparsas. Bati em vão para que me deixassem entrar, até sentir as juntas dos dedos latejarem e ouvir os cães uivarem.

"Moradores miseráveis!", exclamei mentalmente. "Merecem ficar para sempre isolados da própria espécie por uma falta de hospitalidade tão grosseira. Pelo menos eu não manteria as portas trancadas durante o dia. Não me importa: vou entrar!" Com essa decisão, agarrei a maçaneta e a sacudi com força. Joseph, com sua cara de vinagre, projetou a cabeça por uma janela redonda do celeiro.

— O que é que o senhor quer? — gritou. — O patrão anda lá pelo curral. Dê a volta pelo fundo do celeiro se quiser falar com ele.

— Não há ninguém aí dentro para abrir a porta? — gritei de volta.

— Só tem a patroa. E ela num vai abrir, nem que o senhor faça essa barulheira medonha até de noite.

— Por quê? Não pode dizer a ela quem eu sou, hein, Joseph?

— Eu, não! Num vou me meter nisso — resmungou a cabeça, antes de desaparecer.

A neve começou a cair com força. Eu agarrava a maçaneta para mais uma tentativa quando um jovem sem casaco, com um forcado apoiado no ombro, apareceu no pátio atrás de mim. Fez sinal para que o seguisse. Depois de passarmos por uma lavanderia e por uma área calçada que continha um depósito de carvão, uma bomba d'água e um pombal, chegamos enfim à sala enorme, quente e alegre onde eu fora recebido antes. Ela resplandecia deliciosamente à luz de um fogo imenso, alimentado com carvão, turfa e lenha. Perto da mesa, posta para uma farta refeição ao cair da tarde, tive o prazer de ver a "patroa", uma pessoa

de cuja existência eu nunca suspeitara. Fiz uma reverência e esperei, imaginando que me convidaria a sentar. Ela me olhou, recostada na cadeira, e permaneceu imóvel e calada.

— Que tempo terrível! — observei. — Receio, sra. Heathcliff, que a porta tenha de pagar pela demora dos seus criados em atender. Foi difícil fazê-los me ouvir.

Ela não abriu a boca. Fiquei olhando, e ela também. Pelo menos, mantinha os olhos em mim de um jeito frio e indiferente, extremamente constrangedor e desagradável.

— Sente-se — disse o jovem, com grosseria. — Ele já vem.

Obedeci, pigarreei e chamei a malvada Juno, que, nesse segundo encontro, se dignou a mover a pontinha do rabo para mostrar que me reconhecia.

— Um belo animal! — recomecei. — A senhora pretende se desfazer dos filhotes?

— Não são meus — respondeu a amável anfitriã, de maneira ainda mais repelente do que o próprio Heathcliff poderia ter respondido.

— Ah, seus favoritos estão entre estes? — continuei, voltando-me para uma almofada na penumbra, cheia de alguma coisa parecida com gatos.

— Uma escolha estranha de favoritos! — observou ela, com desdém.

Infelizmente, era um monte de coelhos mortos. Pigarreei outra vez, aproximei-me do fogo e repeti meu comentário sobre a violência do tempo.

— O senhor não devia ter saído — disse ela, levantando-se para pegar duas das latas pintadas na prateleira da lareira.

Antes, sua posição a deixava protegida da luz. Agora pude ver com clareza toda a figura e o rosto. Era esguia e parecia mal ter saído da meninice: um corpo admirável e o rostinho mais primoroso que já tive o prazer de contemplar. Traços pequenos, pele muito clara, cachos cor

de linho, ou melhor, dourados, caindo soltos sobre o pescoço delicado. E olhos que, se tivessem uma expressão agradável, seriam irresistíveis. Felizmente para meu coração suscetível, o único sentimento que revelavam oscilava entre o desprezo e uma espécie de desespero, singularmente antinatural de se encontrar ali. As latas estavam quase fora de seu alcance. Fiz um movimento para ajudá-la, e ela se voltou para mim como um avarento se voltaria para alguém que tentasse ajudá-lo a contar seu ouro.

— Não quero sua ajuda — disparou. — Posso pegá-las sozinha.

— Peço desculpas! — apressei-me a responder.

— O senhor foi convidado para o chá? — perguntou, amarrando um avental sobre o vestido preto bem-arrumado e segurando uma colher de folhas de chá sobre o bule.

— Terei prazer em aceitar uma xícara — respondi.

— Foi convidado? — repetiu.

— Não — disse eu, quase sorrindo. — A senhora é a pessoa indicada para me convidar.

Ela jogou o chá de volta, colher e tudo, e retomou a cadeira, contrariada, com a testa franzida e o lábio inferior vermelho projetado para a frente, como uma criança prestes a chorar.

Enquanto isso, o jovem vestira um casaco decididamente surrado e, plantando-se diante do fogo, me olhava de esguelha, de cima, como se houvesse entre nós uma rixa mortal ainda sem vingança. Comecei a duvidar de que fosse um criado. Tanto suas roupas quanto sua fala eram grosseiras, inteiramente desprovidas da superioridade observável no sr. e na sra. Heathcliff. Os cachos castanhos e espessos estavam ásperos e sem cuidado, as suíças avançavam pelas faces como as de um urso, e as mãos eram tostadas como as de um trabalhador comum. Ainda assim, tinha uma postura livre, quase altiva, e não demonstrava nenhuma da solicitude de um empregado ao atender a senhora da casa. Sem provas

claras de sua posição, achei melhor não dar atenção àquela conduta curiosa. Cinco minutos depois, a entrada de Heathcliff me aliviou, em alguma medida, do desconforto.

— Está vendo, senhor? Vim, como prometi! — exclamei, assumindo um ar alegre. — E receio que o tempo me obrigue a ficar por meia hora, se o senhor puder me dar abrigo durante esse período.

— Meia hora? — disse ele, sacudindo os flocos brancos da roupa. — Espanta-me que tenha escolhido o auge de uma tempestade de neve para passear. Sabe que corre o risco de se perder nos pântanos? Pessoas que conhecem bem estas charnecas erram o caminho em noites assim. E posso garantir que, por enquanto, não há nenhuma chance de mudança no tempo.

— Talvez eu possa conseguir um guia entre seus rapazes, e ele poderia ficar na Grange até de manhã. Pode dispensar um para mim?

— Não, não posso.

— Ah, é mesmo? Bem, então preciso confiar na minha própria perspicácia.

— Hum!

— Vai fazer o chá? — perguntou o rapaz do casaco surrado, desviando de mim para a jovem seu olhar feroz.

— É para dar a ele também? — perguntou ela a Heathcliff.

— Prepare logo, quer? — foi a resposta, dita com tanta brutalidade que estremeci. O tom em que as palavras foram ditas revelava uma maldade verdadeira. Já não me sentia inclinado a chamar Heathcliff de sujeito excelente. Quando os preparativos terminaram, ele me convidou com um "Agora, senhor, aproxime a cadeira". E todos nós, incluindo o jovem rústico, nos reunimos à mesa. Um silêncio austero dominou enquanto nos ocupávamos da refeição.

Pensei que, se eu havia provocado aquela nuvem, era meu dever tentar dissipá-la. Não podiam se sentar todos os dias tão sombrios e

taciturnos. Por mais mal-humorados que fossem, era impossível que a carranca geral fosse sua expressão cotidiana.

— É estranho — comecei, no intervalo entre terminar uma xícara de chá e receber outra —, é estranho como o hábito pode moldar nossos gostos e ideias. Muitas pessoas não conseguiriam imaginar felicidade numa vida de exílio tão completo do mundo quanto a sua, sr. Heathcliff. Ainda assim, ouso dizer que, cercado pela família, com sua amável esposa como gênio tutelar de sua casa e de seu coração...

— Minha amável esposa! — interrompeu ele, com um sorriso de escárnio quase diabólico. — Onde está ela, minha amável esposa?

— A sra. Heathcliff, sua mulher, quero dizer.

— Bem, sim... Ah, está sugerindo que o espírito dela assumiu o posto de anjo protetor e guarda os destinos do Morro dos Ventos Uivantes, mesmo depois de seu corpo ter partido? É isso?

Percebendo o engano, tentei corrigi-lo. Eu deveria ter notado que havia uma diferença de idade grande demais para tornar provável que fossem marido e mulher. Um tinha cerca de quarenta anos, período de vigor mental em que os homens raramente alimentam a ilusão de que moças se casem com eles por amor. Esse sonho fica reservado ao consolo de nossos anos de declínio. A outra não parecia ter dezessete.

Então me ocorreu: "O matuto ao meu lado, que bebe chá numa tigela e come pão sem lavar as mãos, deve ser o marido dela. Heathcliff filho, naturalmente. Eis a consequência de ser enterrada viva: ela se entregou àquele grosseirão por simples ignorância de que existiam pessoas melhores! Uma pena. Preciso tomar cuidado para não fazê-la lamentar sua escolha." Essa última reflexão talvez pareça presunçosa. Não era. Meu vizinho me parecia beirar o repulsivo. Eu sabia, por experiência, que era razoavelmente atraente.

— A sra. Heathcliff é minha nora — disse Heathcliff, confirmando minha suposição. Ao falar, lançou-lhe um olhar peculiar: um olhar de

ódio, a menos que possua um conjunto de músculos faciais muito perverso, incapaz de traduzir, como o das outras pessoas, a linguagem de sua alma.

— Ah, claro! Agora entendo: o senhor é o afortunado dono dessa fada benfazeja — observei, voltando-me para meu vizinho.

Isso foi pior do que antes. O jovem ficou vermelho e fechou o punho, com toda a aparência de estar planejando um ataque. Mas logo pareceu se controlar e abafou a tempestade num palavrão brutal, resmungado em minha homenagem, que, no entanto, tomei o cuidado de não perceber.

— Infeliz em suas conjecturas, senhor — observou meu anfitrião. — Nenhum de nós dois tem o privilégio de possuir sua boa fada. O companheiro dela morreu. Eu disse que era minha nora. Portanto, deve ter se casado com meu filho.

— E este jovem é...

— Não é meu filho, com certeza.

Heathcliff sorriu outra vez, como se fosse uma brincadeira um tanto ousada demais lhe atribuir a paternidade daquele urso.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — rosnou o outro. — E aconselho o senhor a respeitá-lo!

— Não demonstrei desrespeito algum — respondi, rindo por dentro da dignidade com que ele se apresentara.

Manteve os olhos fixos em mim por mais tempo do que tive vontade de sustentar, por medo de acabar lhe dando um tapa nas orelhas ou deixando minha hilaridade escapar em voz alta. Comecei a me sentir inequivocamente fora de lugar naquele agradável círculo familiar. A atmosfera espiritual sombria dominava e mais do que neutralizava todo o conforto físico e aquecido ao meu redor. Resolvi ter cautela antes de me aventurar sob aquele teto pela terceira vez.

Terminada a tarefa de comer, e como ninguém pronunciava uma palavra de conversa amigável, fui até uma janela examinar o tempo. O que vi foi desolador: a noite escura caía antes da hora, e céu e colinas se misturavam num único redemoinho cruel de vento e neve sufocante.

— Acho impossível voltar para casa agora sem um guia — não pude deixar de exclamar. — As estradas já devem estar enterradas. E, mesmo que estivessem limpas, eu mal conseguiria enxergar um palmo à frente.

— Hareton, leve aquelas doze ovelhas para a entrada coberta do celeiro. Vão ficar soterradas se passarem a noite no curral. E ponha uma tábua na frente delas — disse Heathcliff.

— O que devo fazer? — continuei, cada vez mais irritado.

Ninguém respondeu à minha pergunta. Ao olhar em volta, vi apenas Joseph trazendo um balde de mingau para os cães e a sra. Heathcliff inclinada sobre o fogo, divertindo-se em queimar um maço de fósforos que caíra da prateleira quando ela recolocara a lata de chá no lugar. Joseph, depois de pousar a carga, examinou a sala com olhar crítico e soltou, em sua voz rachada e áspera: "Num sei como a senhora consegue ficar aí à toa, e pior que à toa, enquanto os outros tudo saíram! Mas a senhora num vale nada, e num adianta falar. Nunca vai largar esses maus caminhos. Vai direto pro diabo, igual à sua mãe antes da senhora!"

Por um instante, imaginei que aquela peça de eloquência se dirigisse a mim. Furioso o suficiente, avancei para o velho patife com a intenção de chutá-lo porta afora. A sra. Heathcliff, porém, me deteve com sua resposta.

— Velho hipócrita sem vergonha! — respondeu ela. — Não tem medo de ser levado de corpo e alma toda vez que menciona o nome do diabo? É melhor parar de me provocar, ou vou pedir, como um favor especial, que ele venha buscar você! Espere! Olhe aqui, Joseph — continuou, tirando de uma estante um livro comprido e escuro. — Vou

mostrar quanto avancei nas artes negras. Logo serei capaz de limpar esta casa inteira. A vaca vermelha não morreu por acaso, e seu reumatismo dificilmente pode ser considerado uma visita da Providência!

— Ah, malvada, malvada! — ofegou o velho. — Que o Senhor nos livre do mal!

— Não, réprobo! Você é um condenado. Suma, ou vou lhe fazer muito mal! Vou modelar todos vocês em cera e argila! E o primeiro que passar dos limites que eu marcar vai... Não direi o que vai acontecer com ele, mas vocês verão! Vá, estou de olho em você!

A pequena bruxa deu aos belos olhos uma maldade fingida, e Joseph, tremendo de horror sincero, saiu às pressas, rezando e exclamando "malvada" pelo caminho. Achei que a conduta dela devia nascer de uma espécie de diversão sombria. E, agora que estávamos sozinhos, tentei despertar seu interesse por minha aflição.

— Sra. Heathcliff — disse com seriedade —, precisa me desculpar pelo incômodo. Tomo essa liberdade porque tenho certeza de que, com esse rosto, a senhora só pode ter um bom coração. Indique alguns pontos de referência pelos quais eu possa encontrar o caminho de casa. Não tenho mais ideia de como chegar lá do que a senhora teria de como chegar a Londres!

— Pegue o caminho por onde veio — respondeu, acomodando-se numa cadeira, com uma vela e o livro comprido aberto diante dela. — É um conselho curto, mas tão bom quanto posso dar.

— Então, se souber que me encontraram morto num pântano ou num buraco cheio de neve, sua consciência não lhe dirá que a culpa é em parte sua?

— Como assim? Não posso acompanhar o senhor. Não me deixariam ir nem até o fim do muro do jardim.

— A senhora! Eu lamentaria pedir que atravessasse a soleira por minha causa numa noite dessas — exclamei. — Quero que me explique

o caminho, não que me leve por ele. Ou então que convença o sr. Heathcliff a me dar um guia.

— Quem? Há ele, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu. Qual deles o senhor quer?

— Não há rapazes na fazenda?

— Não. São só esses.

— Então sou obrigado a ficar.

— Isso o senhor resolve com seu anfitrião. Não tenho nada a ver com o assunto.

— Espero que sirva de lição para não fazer mais viagens imprudentes por estas colinas — disse a voz severa de Heathcliff, da entrada da cozinha. — Quanto a ficar aqui, não mantenho acomodações para visitantes. Se ficar, terá de dividir uma cama com Hareton ou Joseph.

— Posso dormir numa cadeira nesta sala — respondi.

— Não, não! Um estranho é um estranho, rico ou pobre. Não me convém deixar ninguém circulando pela casa enquanto eu estiver desprevenido! — disse aquele bruto sem modos.

Com esse insulto, minha paciência acabou. Soltei uma expressão de repugnância e passei por ele para o pátio, esbarrando em Earnshaw na pressa. Estava tão escuro que não consegui enxergar a saída. Enquanto andava em volta, ouvi outra amostra da delicadeza com que se tratavam. A princípio, o jovem pareceu disposto a me ajudar.

— Vou com ele até o parque — disse.

— Vai com ele para o inferno! — exclamou seu patrão, ou o que quer que fosse dele. — E quem vai cuidar dos cavalos, hein?

— A vida de um homem vale mais do que deixar de cuidar dos cavalos por uma noite. Alguém precisa ir — murmurou a sra. Heathcliff, com mais bondade do que eu esperava.

— Às suas ordens, não! — retrucou Hareton. — Se está preocupada com ele, é melhor ficar quieta.

— Então espero que o fantasma dele persiga você. E espero que o sr. Heathcliff nunca encontre outro inquilino até a Grange virar uma ruína — respondeu ela, cortante.

— Escutem, escutem! Ela está rogando praga neles! — resmungou Joseph, em cuja direção eu caminhava.

Ele estava perto o suficiente para ouvir tudo, sentado, ordenhando as vacas à luz de uma lanterna. Apoderei-me dela sem cerimônia e, gritando que a devolveria no dia seguinte, corri para a porta lateral mais próxima.

— Patrão, patrão, ele está roubando a lanterna! — gritou o velho, vindo atrás de mim. — Pega, Gnasher! Pega, cachorro! Wolf, segura ele! Segura!

Ao abrir a portinhola, dois monstros peludos voaram para minha garganta, derrubaram-me e apagaram a luz. Uma gargalhada conjunta de Heathcliff e Hareton coroou minha raiva e humilhação. Felizmente, as feras pareciam mais dispostas a esticar as patas, bocejar e agitar os rabos do que a me devorar vivo. Mas não permitiam que eu me levantasse, e fui obrigado a ficar deitado até seus donos maldosos resolverem me libertar. Então, sem chapéu e tremendo de fúria, ordenei aos miseráveis que me deixassem sair (que ousassem me prender mais um minuto!) e acrescentei várias ameaças incoerentes de vingança que, pela profundidade indefinida de sua virulência, lembravam o rei Lear.

A intensidade da agitação provocou uma forte hemorragia em meu nariz, e Heathcliff continuava rindo, e eu continuava praguejando. Não sei como a cena teria terminado se não houvesse por perto uma pessoa um pouco mais sensata do que eu e mais bondosa do que meu anfitrião. Era Zillah, a robusta governanta, que por fim apareceu para saber a causa da confusão. Imaginou que algum deles me tivesse agredido e, sem ousar atacar o patrão, voltou sua artilharia verbal contra o canalha mais jovem.

— Ora, sr. Earnshaw! — exclamou. — Quero só ver o que vai aprontar depois dessa! Vamos matar gente bem na porta de casa? Estou vendo que esta casa nunca vai servir para mim. Olhe o pobre rapaz, está quase sufocando! Calma, calma. Não pode continuar assim. Entre, que eu dou um jeito nisso. Pronto, fique quieto.

Com essas palavras, despejou de repente um bom caneco de água gelada em minha nuca e me puxou para a cozinha. O sr. Heathcliff veio atrás, sua alegria acidental desaparecendo depressa no mau humor habitual.

Eu estava extremamente enjoado, tonto, quase desmaiando e, assim, fui obrigado a aceitar hospedagem sob seu teto. Ele mandou Zillah me dar um copo de conhaque e passou para a sala de dentro. Ela se compadeceu de minha situação lamentável e, depois de cumprir a ordem, o que me reanimou um pouco, levou-me para a cama.

Capítulo III

Enquanto me conduzia escada acima, ela recomendou que eu escondesse a vela e não fizesse barulho, pois seu patrão tinha uma ideia estranha a respeito do quarto em que ela me instalaria e nunca deixava ninguém dormir ali de boa vontade. Perguntei por quê. Ela respondeu que não sabia: vivia na casa havia apenas um ou dois anos, e aconteciam tantas coisas esquisitas que não dava nem para começar a ter curiosidade.

Atordoado demais para sentir curiosidade também, tranquei a porta e olhei em volta à procura da cama. Toda a mobília consistia numa cadeira, num guarda-roupa e numa grande estrutura de carvalho, com aberturas quadradas perto do alto, semelhantes às janelas de uma

carruagem. Aproximei-me, olhei para dentro e percebi que se tratava de uma espécie singular de cama antiga, muito convenientemente projetada para dispensar a necessidade de cada membro da família ter um quarto só seu. De fato, formava um pequeno cubículo, e o peitoril de uma janela que ela envolvia servia de mesa.

Deslizei os painéis laterais, entrei com a luz, fechei-os novamente e me senti protegido da vigilância de Heathcliff e de qualquer outra pessoa.

O peitoril, onde coloquei a vela, tinha alguns livros mofados empilhados num canto e estava coberto de inscrições riscadas na pintura. Essas inscrições, porém, não passavam de um nome repetido em letras de todos os tipos, grandes e pequenas: Catherine Earnshaw, aqui e ali variando para Catherine Heathcliff e, depois, para Catherine Linton.

Numa apatia vazia, encostei a cabeça na janela e continuei soletrando Catherine Earnshaw, Heathcliff, Linton, até os olhos se fecharem. Mas não haviam descansado nem cinco minutos quando um clarão de letras brancas saltou da escuridão, tão vivas quanto espectros. O ar se encheu de Catherines. Ao despertar para afastar aquele nome intruso, descobri que o pavio da vela tombara sobre um dos volumes antigos e perfumava o lugar com cheiro de couro de bezerro queimado.

Aparei o pavio e, muito desconfortável com o frio e a náusea persistente, sentei-me e abri o livro danificado sobre os joelhos. Era um Testamento de letras miúdas, com um cheiro terrível de mofo. Numa folha de guarda, lia-se a inscrição "Catherine Earnshaw, seu livro", e uma data de cerca de um quarto de século antes.

Fechei-o e peguei outro, depois outro, até examinar todos. A biblioteca de Catherine era seleta, e seu estado de deterioração provava que fora muito usada, embora não inteiramente para fins legítimos. Quase nenhum capítulo escapara a comentários de pena e tinta (pelo

menos à aparência de comentários) que cobriam todo pedacinho em branco deixado pelo impressor. Alguns eram frases soltas. Outras partes tomavam a forma de um diário regular, rabiscado numa letra infantil, ainda em formação. No alto de uma página extra (provavelmente um verdadeiro tesouro quando descoberta), diverti-me muito ao encontrar uma excelente caricatura do meu amigo Joseph, desenhada de maneira rudimentar, mas vigorosa. Um interesse imediato pela desconhecida Catherine se acendeu em mim, e comecei logo a decifrar seus hieróglifos desbotados.

"Um domingo horrível", começava o parágrafo abaixo. "Queria que meu pai voltasse. Hindley é um substituto detestável. O modo como trata Heathcliff é atroz. H. e eu vamos nos rebelar. Demos o primeiro passo esta noite.

"Choveu torrencialmente o dia inteiro. Não pudemos ir à igreja, então Joseph achou necessário organizar uma congregação no sótão. E, enquanto Hindley e a mulher se aqueciam lá embaixo, diante de um fogo confortável (fazendo qualquer coisa, menos ler a Bíblia, disso tenho certeza), Heathcliff, eu e o infeliz ajudante da lavoura recebemos ordens de pegar nossos livros de orações e subir. Fomos postos em fila sobre um saco de grãos, gemendo e tremendo de frio, na esperança de que Joseph também tremesse e, por seu próprio bem, nos fizesse um sermão curto. Ideia inútil! O culto durou exatamente três horas. E, mesmo assim, meu irmão teve a cara de pau de exclamar, quando nos viu descer: 'O quê, já terminaram?' Antes podíamos brincar nas noites de domingo, desde que não fizéssemos muito barulho. Agora, uma simples risadinha basta para nos mandar para os cantos.

"'Vocês se esquecem de que têm um senhor aqui', diz o tirano. 'Vou acabar com o primeiro que me fizer perder a paciência! Exijo compostura e silêncio absolutos. Ei, garoto! Foi você? Frances, querida, puxe o cabelo dele quando passar. Ouvi estalar os dedos.' Frances puxou

seu cabelo com vontade e depois foi se sentar no colo do marido. E lá ficaram os dois, como dois bebês, beijando-se e dizendo bobagens por horas, uma conversa tola de que nós teríamos vergonha. Nós nos acomodamos como pudemos no vão do aparador. Eu tinha acabado de prender nossos aventais um ao outro e pendurá-los como cortina quando Joseph entrou, vindo dos estábulos com alguma incumbência. Arrancou meu trabalho, deu-me tapas nas orelhas e grasnou:

"'O patrão mal foi enterrado, o dia do Senhor ainda nem acabou, o som do Evangelho inda nem saiu dos ouvidos de vocês, e vocês se atrevem a brincar! Tenham vergonha! Sentem, crianças ruins! Tem livro bom que chega, se quiserem ler. Sentem e pensem nas suas almas!'

"Dizendo isso, obrigou-nos a tomar uma posição em que um raio fraco do fogo distante pudesse iluminar o texto das velharias que nos enfiou nas mãos. Não suportei a tarefa. Peguei meu volume encardido pela lombada e o atirei na casinha do cachorro, jurando que odiava livros bons. Heathcliff chutou o dele para o mesmo lugar. Aí foi uma confusão!

"'Patrão Hindley!', gritou nosso capelão. 'Patrão, venha cá! A srta. Cathy arrancou a lombada de *O Elmo da Salvação*, e Heathcliff meteu o pé na primeira parte de *O Largo Caminho da Perdição*! É uma coisa medonha o senhor deixar eles seguirem por esse caminho. Ah! O velho patrão teria dado uma boa surra nos dois. Mas ele se foi!'

"Hindley veio depressa de seu paraíso junto à lareira, agarrou um de nós pela gola e o outro pelo braço e nos jogou na cozinha dos fundos. Ali, Joseph garantiu, o Coisa-Ruim viria nos buscar, tão certo quanto estarmos vivos. Consolados desse jeito, cada um procurou um canto separado para esperar a chegada dele. Peguei este livro e um tinteiro numa prateleira, deixei a porta da sala entreaberta para ter luz e passei vinte minutos escrevendo. Mas meu companheiro está impaciente e propõe que peguemos a capa da mulher que cuida do leite e saiamos

correndo pela charneca, abrigados nela. Uma boa sugestão. E, se o velho mal-humorado entrar, poderá acreditar que sua profecia se cumpriu. Na chuva não podemos ficar mais molhados nem com mais frio do que estamos aqui."

Suponho que Catherine tenha realizado o plano, pois a frase seguinte passou a outro assunto: ela se tornou chorosa.

"Como eu poderia imaginar que Hindley um dia me faria chorar tanto!", escreveu. "Minha cabeça dói a ponto de eu não conseguir mantê-la no travesseiro, e mesmo assim não consigo parar. Pobre Heathcliff! Hindley o chama de vagabundo e não deixa mais que se sente conosco nem que coma conosco. E diz que ele e eu não podemos brincar juntos e ameaça expulsá-lo de casa se desobedecermos às suas ordens. Anda culpando nosso pai (como se atreve?) por ter tratado H. com generosidade demais. E jura que vai colocá-lo no devido lugar..."

Comecei a cochilar sobre a página apagada. Meus olhos passaram do manuscrito para o texto impresso. Vi um título vermelho e ornamentado: "Setenta vezes sete, e o primeiro da septuagésima primeira série. Discurso piedoso proferido pelo reverendo Jabez Branderham na capela de Gimmerden Sough." E enquanto, meio consciente, quebrava a cabeça tentando adivinhar o que Jabez Branderham faria com aquele assunto, recostei-me na cama e adormeci. Ah, os efeitos de um chá ruim e de um mau humor! Que outra coisa poderia me fazer passar uma noite tão terrível? Desde que sou capaz de sofrer, não me lembro de outra que se compare a ela.

Comecei a sonhar quase antes de perder a noção de onde estava. Achei que era de manhã e que tinha partido para casa, com Joseph como

guia. A neve tinha jardas de profundidade em nosso caminho. Enquanto avançávamos com dificuldade, meu companheiro me cansava com censuras constantes por eu não ter trazido um bordão de peregrino. Dizia que eu jamais conseguiria entrar na casa sem um e brandia, cheio de orgulho, um porrete de ponta grossa, que entendi ser o objeto assim denominado. Por um instante, achei absurdo precisar de uma arma daquelas para entrar na minha própria residência. Então uma nova ideia me ocorreu: eu não estava indo para lá. Íamos ouvir o famoso Jabez Branderham pregar sobre o texto "Setenta vezes sete", e um de nós (Joseph, o pregador ou eu) havia cometido "o primeiro da septuagésima primeira série" e seria denunciado publicamente e excomungado.

Chegamos à capela. De fato, já passei por ela duas ou três vezes em minhas caminhadas. Fica numa depressão entre duas colinas, uma depressão elevada, perto de um pântano cuja umidade turfosa, dizem, serve perfeitamente para embalsamar os poucos corpos ali depositados. Até agora, o telhado se mantém inteiro. Mas, como o salário do clérigo é de apenas vinte libras por ano, mais uma casa de dois cômodos que ameaça em breve se transformar num só, nenhum clérigo aceita o encargo de pastor. Ainda mais porque corre a notícia de que seu rebanho preferiria deixá-lo morrer de fome a aumentar a renda dele em um pêni saído do próprio bolso. No meu sonho, porém, Jabez tinha uma congregação cheia e atenta. E pregou. Meu Deus, que sermão! Dividido em quatrocentas e noventa partes, cada uma tão longa quanto um discurso comum do púlpito, e cada uma discutindo um pecado diferente. Onde os encontrou, não sei dizer. Tinha sua maneira particular de interpretar a passagem, e parecia necessário que o irmão pecasse pecados diferentes em cada ocasião. Eram do caráter mais curioso: transgressões estranhas que eu jamais imaginara.

Ah, como me cansei! Como me contorci, bocejei, cochilei e despertei! Como me belisquei e espetei, esfreguei os olhos, levantei e

sentei de novo, cutuquei Joseph para que me dissesse se aquilo algum dia terminaria! Estava condenado a ouvir tudo até o fim. Finalmente, ele chegou ao "primeiro da septuagésima primeira série". Nesse momento crítico, uma inspiração repentina desceu sobre mim: senti-me levado a me erguer e denunciar Jabez Branderham como autor do pecado que nenhum cristão precisa perdoar.

— Senhor — exclamei —, sentado aqui entre estas quatro paredes, sem interrupção, suportei e perdoei os quatrocentos e noventa tópicos do seu discurso. Setenta vezes sete vezes peguei meu chapéu e estive prestes a partir. Setenta vezes sete vezes o senhor me obrigou, absurdamente, a retomar meu lugar. O quadringentésimo nonagésimo primeiro é demais! Companheiros de martírio, ataquem! Arranquem-no daí e reduzam-no a pó, para que o lugar que o conhece não o conheça nunca mais!

— Tu és esse homem! — gritou Jabez, depois de uma pausa solene, inclinando-se sobre a almofada do púlpito. — Setenta vezes sete vezes contorceste o rosto em bocejos. Setenta vezes sete consultei minha alma: eis a fraqueza humana; também isto pode ser absolvido! Chegou o primeiro da septuagésima primeira série. Irmãos, executai sobre ele o julgamento escrito. Tal honra pertence a todos os Seus santos!

Com essa última palavra, toda a assembleia ergueu seus bordões de peregrino e avançou sobre mim em massa. Sem arma para me defender, comecei a lutar com Joseph, meu agressor mais próximo e mais feroz, pelo porrete dele. Na convergência da multidão, vários bastões se cruzaram, e golpes dirigidos a mim caíram sobre outras cabeças. Logo a capela inteira ressoava com pancadas e respostas às pancadas. A mão de cada homem se voltava contra seu vizinho, e Branderham, sem querer ficar ocioso, derramava seu zelo numa chuva de batidas sonoras nas tábuas do púlpito. Elas responderam com tanta força que, por fim, para meu alívio indescritível, acabaram me acordando. E o que sugerira

aquele tumulto tremendo? O que fizera o papel de Jabez na confusão? Apenas o galho de um abeto que tocava minha janela quando a ventania passava uivando e fazia suas pinhas secas baterem nos vidros! Escutei por um instante, desconfiado, identifiquei o perturbador, virei para o outro lado, cochilei e tornei a sonhar. Se possível, de modo ainda mais desagradável do que antes.

Dessa vez, lembrava que estava deitado no cubículo de carvalho. Ouvia claramente as rajadas de vento e o bater da neve. Ouvia também o ramo do abeto repetir seu ruído irritante e o atribuía à causa correta. Mas ele me incomodou tanto que resolvi silenciá-lo, se pudesse. E, pareceu-me, levantei e tentei abrir a janela. O gancho estava soldado à argola, detalhe que eu observara acordado, mas esquecera. "Preciso fazer isso parar, de qualquer jeito!", murmurei, atravessando o vidro com as juntas dos dedos e estendendo o braço para agarrar o ramo importuno. Em vez dele, meus dedos se fecharam sobre os dedos de uma mão pequena e gelada!

O horror intenso do pesadelo tomou conta de mim. Tentei puxar o braço, mas a mão se agarrou a ele, e uma voz extremamente triste soluçou:

— Deixe-me entrar... Deixe-me entrar!

— Quem é você? — perguntei, lutando, enquanto isso, para me soltar.

— Catherine Linton — respondeu, tremendo (por que pensei em Linton? Eu havia lido Earnshaw vinte vezes para cada Linton). — Voltei para casa. Eu me perdi na charneca!

Enquanto a voz falava, distingui vagamente o rosto de uma criança olhando pela janela. O terror me tornou cruel. Vendo que não adiantava tentar me livrar da criatura, puxei seu pulso contra o vidro quebrado e o esfreguei de um lado para o outro até o sangue escorrer e encharcar a

roupa de cama. Mesmo assim, ela gemia: "Deixe-me entrar!" e mantinha o aperto obstinado, quase me enlouquecendo de medo.

— Como posso? — disse por fim. — Solte-me, se quer que eu deixe você entrar!

Os dedos afrouxaram. Arranquei os meus pela abertura, empilhei depressa os livros contra ela, formando uma pirâmide, e tapei os ouvidos para excluir a súplica lastimosa.

Pareceu-me que os mantive fechados por mais de um quarto de hora. Mas, no instante em que voltei a escutar, lá estava o lamento, gemendo ainda!

— Vá embora! — gritei. — Nunca vou deixar você entrar, nem que implore por vinte anos!

— Já faz vinte anos — gemeu a voz. — Vinte anos. Ando errante, sem lar, há vinte anos!

Então começou um arranhar fraco do lado de fora, e a pilha de livros se moveu como se alguém a empurrasse.

Tentei saltar da cama, mas não consegui mover um músculo. E então gritei alto, num frenesi de pavor.

Para meu embaraço, descobri que o grito não fora imaginário. Passos apressados se aproximaram da porta do quarto. Alguém a abriu com mão vigorosa, e uma luz brilhou pelas aberturas quadradas no alto da cama. Eu ainda estava sentado, tremendo e enxugando o suor da testa. O intruso pareceu hesitar e murmurou consigo mesmo.

Por fim, disse, quase num sussurro, evidentemente sem esperar resposta:

— Tem alguém aqui?

Achei melhor confessar minha presença, pois reconheci a voz de Heathcliff e temi que, se ficasse quieto, ele procurasse mais.

Com essa intenção, virei-me e abri os painéis. Não esquecerei tão cedo o efeito que meu gesto produziu.

Heathcliff estava perto da entrada, de camisa e calça, com uma vela derramando cera sobre os dedos e o rosto tão branco quanto a parede atrás dele. O primeiro rangido do carvalho o fez estremecer como um choque elétrico. A luz saltou de sua mão e caiu a alguns pés de distância, e sua agitação era tamanha que mal conseguiu recuperá-la.

— Sou apenas seu hóspede, senhor — avisei, querendo poupá-lo da humilhação de expor ainda mais sua covardia. — Tive a infelicidade de gritar durante o sono, por causa de um pesadelo terrível. Lamento tê-lo incomodado.

— Ah, Deus o confunda, sr. Lockwood! Queria que estivesse no... — começou meu anfitrião, colocando a vela sobre uma cadeira, porque não conseguia mantê-la firme. — E quem trouxe o senhor para este quarto? — continuou, cravando as unhas nas palmas e rangendo os dentes para conter as convulsões do maxilar. — Quem foi? Tenho vontade de pôr essa pessoa para fora de casa agora mesmo!

— Foi sua criada, Zillah — respondi, saltando para o chão e vestindo-me depressa. — Eu não me importaria se o fizesse, sr. Heathcliff. Ela merece, e muito. Suponho que quisesse mais uma prova, à minha custa, de que o lugar é assombrado. Pois é mesmo! Está cheio de fantasmas e duendes! O senhor tem razão em mantê-lo fechado, garanto. Ninguém lhe agradecerá por um cochilo numa toca dessas!

— O que quer dizer? — perguntou Heathcliff. — E o que está fazendo? Deite e termine a noite, já que está aqui. Mas, pelo amor de Deus, não repita aquele barulho horrível! Nada poderia justificá-lo, a menos que estivessem cortando sua garganta!

— Se aquela diabinha tivesse entrado pela janela, provavelmente teria me estrangulado! — respondi. — Não vou suportar outra vez as perseguições de seus antepassados hospitaleiros. O reverendo Jabez Branderham não era seu parente pelo lado materno? E aquela pestinha, Catherine Linton, ou Earnshaw, ou como quer que se chamasse... Só

podia ser uma criança trocada pelas fadas. Alminha perversa! Disse-me que andava vagando pela terra havia vinte anos. Um castigo justo por suas transgressões em vida, não tenho dúvida!

Mal pronunciei essas palavras, lembrei-me da associação do nome de Heathcliff ao de Catherine no livro, coisa que me escapara inteiramente da memória até ser assim despertada. Corei com minha falta de consideração, mas, sem dar outros sinais de reconhecer a ofensa, apressei-me a acrescentar: "A verdade, senhor, é que passei a primeira parte da noite..." Aqui parei de novo. Ia dizer "folheando aqueles volumes antigos", mas isso revelaria que eu conhecia tanto o conteúdo manuscrito quanto o impresso. Corrigi-me, então, e continuei: "... soletrando o nome riscado naquele peitoril. Uma ocupação monótona, apropriada para me fazer dormir, como contar, ou..."

— O que pretende falando assim comigo? — trovejou Heathcliff, com uma veemência selvagem. — Como... Como se atreve, debaixo do meu teto? Meu Deus! Ele é louco para falar desse jeito! — E bateu na própria testa, enfurecido.

Não sabia se deveria me ofender com aquela linguagem ou continuar a explicação. Mas ele parecia tão profundamente abalado que tive pena e prossegui contando meus sonhos. Afirmei que nunca ouvira antes o nome "Catherine Linton", mas que lê-lo tantas vezes produzira uma impressão que ganhara corpo quando minha imaginação já não estava sob controle. Enquanto eu falava, Heathcliff recuou aos poucos para o abrigo da cama e acabou se sentando quase escondido atrás dela. Pela respiração irregular e entrecortada, porém, percebi que lutava para vencer um excesso de emoção violenta. Sem querer mostrar que ouvira essa luta, continuei a me vestir com algum barulho, olhei o relógio e comentei comigo mesmo a duração da noite: "Ainda não são três horas! Eu juraria que já fossem seis. O tempo fica parado aqui. Devemos ter nos deitado às oito!"

— Sempre às nove, no inverno, e levantamos às quatro — disse meu anfitrião, reprimindo um gemido e, pelo movimento da sombra de seu braço, pareceu-me que enxugava uma lágrima dos olhos. — Sr. Lockwood — acrescentou —, pode ir para o meu quarto. Só vai atrapalhar se descer tão cedo. E seu grito infantil mandou meu sono para o diabo.

— E o meu também — respondi. — Vou caminhar no pátio até clarear e depois vou embora. Não precisa temer que eu repita minha intromissão. Estou inteiramente curado de procurar prazer na sociedade, seja no campo, seja na cidade. Um homem sensato deveria encontrar companhia suficiente em si mesmo.

— Uma companhia deliciosa! — resmungou Heathcliff. — Pegue a vela e vá para onde quiser. Já vou encontrá-lo. Mas fique longe do pátio: os cães estão soltos. E a sala... Juno está de sentinela lá, e... Não, só pode andar pelas escadas e pelos corredores. Mas vá! Vou em dois minutos!

Obedeci até o ponto de sair do quarto. Como não sabia aonde levavam os corredores estreitos, parei e testemunhei involuntariamente um gesto de superstição de meu senhorio que contradizia, de maneira estranha, seu aparente bom senso. Ele subiu na cama e forçou a janela, abrindo-a, e, ao puxá-la, irrompeu num choro incontrolável. "Entre! Entre!", soluçou. "Cathy, venha. Ah, venha... Mais uma vez! Ah! Querida do meu coração! Ouça-me desta vez, Catherine, finalmente!" O espectro mostrou o capricho habitual dos espectros: não deu sinal de existência. Mas a neve e o vento entraram num redemoinho furioso, alcançando até o lugar onde eu estava e apagando a luz.

Havia tanta angústia na torrente de dor que acompanhava aquele desvario que minha compaixão me fez esquecer sua loucura. Afastei-me, meio zangado por ter ouvido qualquer coisa e aborrecido por ter contado meu pesadelo ridículo, já que provocara tamanha agonia, embora o motivo estivesse além de minha compreensão. Desci com

cautela às regiões inferiores e cheguei à cozinha dos fundos. Um resto de fogo, cujas brasas haviam sido reunidas, permitiu-me reacender a vela. Nada se movia além de um gato cinzento e rajado, que saiu das cinzas e me saudou com um miado queixoso.

Dois bancos curvos, como trechos de um círculo, quase cercavam a lareira. Estendi-me num deles, e o bichano subiu no outro. Ambos já cochilávamos quando alguém invadiu nosso refúgio. Era Joseph, que descia arrastando os pés por uma escada de madeira que desaparecia no teto, através de um alçapão: a subida para seu sótão, suponho. Lançou um olhar sinistro à pequena chama que eu conseguira fazer dançar entre as grades, expulsou o gato de seu posto e, instalando-se no lugar vago, começou a encher de fumo um cachimbo de três polegadas. Evidentemente, minha presença em seu santuário era considerada uma insolência vergonhosa demais para comentários. Em silêncio, levou o tubo aos lábios, cruzou os braços e começou a fumar. Deixei-o desfrutar desse luxo sem incomodá-lo. Depois de soltar o último anel de fumaça e um suspiro profundo, levantou-se e saiu tão solenemente quanto entrara.

Em seguida, entrou um passo mais elástico. Abri a boca para dar bom-dia, mas tornei a fechá-la sem completar o cumprimento: Hareton Earnshaw fazia sua oração em voz baixa, numa série de pragas dirigidas a cada objeto que tocava, enquanto vasculhava um canto à procura de uma pá ou enxadão para abrir caminho pela neve acumulada. Olhou por cima do encosto do banco, dilatando as narinas, e pensou tão pouco em trocar gentilezas comigo quanto com meu companheiro, o gato. Pelos preparativos, imaginei que a saída estava liberada e, deixando meu leito duro, fiz menção de segui-lo. Ele percebeu e empurrou uma porta interna com a ponta da pá, indicando, por um som inarticulado, que era para ali que eu devia ir, se quisesse mudar de lugar.

A porta dava para a sala, onde as mulheres já estavam em atividade. Zillah fazia as chamas subirem pela chaminé com um fole colossal, e a sra. Heathcliff, ajoelhada junto à lareira, lia um livro à luz do fogo. Mantinha a mão entre o calor da fornalha e os olhos e parecia absorvida na ocupação. Só a interrompia para ralhar com a criada por cobri-la de faíscas ou para afastar, de vez em quando, um cão que enfiava o focinho em seu rosto com intimidade excessiva. Surpreendi-me ao ver Heathcliff ali também. Estava junto ao fogo, de costas para mim, terminando uma cena tempestuosa com a pobre Zillah, que a todo instante interrompia o trabalho para puxar a ponta do avental e soltar um gemido indignado.

— E você, sua inútil... — explodiu ele quando entrei, voltando-se para a nora e empregando um epíteto tão inofensivo quanto pata ou ovelha, mas geralmente representado por um travessão. — Aí está de novo com suas ocupações de preguiçosa! Os outros ganham o pão que comem; você vive da minha caridade! Guarde essa porcaria e encontre alguma coisa para fazer. Vai me pagar pelo tormento de ter você eternamente diante dos olhos. Está ouvindo, sua desgraçada?

— Vou guardar minha porcaria porque o senhor pode me obrigar se eu recusar — respondeu a jovem, fechando o livro e atirando-o numa cadeira. — Mas não farei nada além do que eu quiser, nem que o senhor gaste a língua de tanto praguejar!

Heathcliff ergueu a mão, e ela saltou para uma distância mais segura, evidentemente familiarizada com seu peso. Sem nenhuma vontade de assistir a uma briga de cão e gato, avancei depressa, como se estivesse ansioso por aproveitar o calor da lareira e não soubesse nada da disputa interrompida. Ambos tiveram decoro suficiente para suspender as hostilidades. Heathcliff pôs os punhos nos bolsos, longe da tentação. A sra. Heathcliff torceu o lábio e foi se sentar num lugar afastado, onde cumpriu sua palavra, fazendo o papel de estátua pelo resto de minha permanência. Não foi longa. Recusei o café da manhã e, ao primeiro

clarão da aurora, aproveitei para escapar ao ar livre, agora limpo, imóvel e frio como gelo impalpável.

Antes que eu chegasse ao fim do jardim, meu senhorio gritou para que parasse e se ofereceu para me acompanhar pela charneca. Foi bom que o fizesse, pois toda a encosta era um oceano branco e ondulado, cujas elevações e depressões não correspondiam às do terreno. Muitos buracos, pelo menos, estavam inteiramente preenchidos, e fileiras inteiras de montes de rejeitos das pedreiras haviam desaparecido do mapa que a caminhada da véspera deixara em minha memória. Eu notara, de um lado da estrada, uma linha de pedras verticais a intervalos de seis ou sete jardas, ao longo de toda a extensão do descampado. Tinham sido erguidas e pintadas de cal justamente para servir de guia no escuro e também quando uma nevada como aquela confundisse os pântanos profundos dos dois lados com o caminho mais firme. Mas, exceto por um ponto sujo aparecendo aqui e ali, todos os vestígios delas tinham sumido. Meu companheiro precisou me avisar com frequência para desviar à direita ou à esquerda, quando eu imaginava seguir corretamente as curvas da estrada.

Conversamos pouco. Ele parou na entrada do parque de Thrushcross, dizendo que dali eu não poderia errar. Nossa despedida se limitou a uma reverência apressada. Segui em frente, confiando nos próprios recursos, pois a casa do porteiro ainda está desocupada. Do portão até a Grange são duas milhas. Acredito que consegui transformá-las em quatro, entre me perder pelas árvores e afundar até o pescoço na neve, situação que só quem já viveu pode avaliar. De qualquer modo, fossem quais fossem meus desvios, o relógio bateu meio-dia quando entrei em casa. Isso dava exatamente uma hora por milha do caminho habitual desde o Morro dos Ventos Uivantes.

Minha peça humana do mobiliário e seus satélites correram para me receber, exclamando, todos ao mesmo tempo, que já tinham perdido a

esperança. Todos imaginavam que eu morrera na noite anterior e se perguntavam como deveriam começar a busca por meus restos. Mandei que se calassem, agora que me viam de volta, e, gelado até o coração, arrastei-me escada acima. Depois de vestir roupas secas e andar de um lado para o outro por trinta ou quarenta minutos, para recuperar o calor do corpo, fui para meu escritório, fraco como um gatinho, quase fraco demais para apreciar o fogo alegre e o café fumegante que a criada preparara para me reanimar.

Capítulo IV

Que criaturas volúveis somos! Eu, que decidira me manter independente de qualquer convívio social e agradecera à minha boa estrela por enfim ter encontrado um lugar onde isso era quase impraticável. Eu, pobre fraco, depois de sustentar até o anoitecer uma luta contra o desânimo e a solidão, fui por fim obrigado a arriar a bandeira. Sob o pretexto de obter informações sobre as necessidades da casa, pedi à sra. Dean, quando ela trouxe a ceia, que se sentasse enquanto eu comia, esperando sinceramente que fosse uma legítima faladeira e que, com sua conversa, me animasse ou me embalasse até o sono.

— A senhora mora aqui há bastante tempo — comecei. — Não disse dezesseis anos?

— Dezoito, senhor. Vim quando a patroa se casou, para servi-la. Depois que ela morreu, o patrão me manteve como governanta.

— Entendo.

Seguiu-se uma pausa. Receei que não fosse faladeira, a não ser sobre os próprios assuntos, e esses dificilmente me interessariam. Contudo,

depois de refletir um pouco, com um punho sobre cada joelho e uma nuvem de meditação no rosto corado, ela exclamou: — Ah, os tempos mudaram muito desde então!

— Sim — observei. — Imagino que tenha visto muitas mudanças.

— Vi. E sofrimentos também — disse ela.

"Oh, vou levar a conversa para a família do meu senhorio!", pensei. "Um bom assunto para começar! E aquela linda menina viúva: gostaria de conhecer sua história, saber se nasceu nesta região ou se, como é mais provável, é uma planta exótica que os nativos grosseiros se recusam a reconhecer como parente." Com essa intenção, perguntei à sra. Dean por que Heathcliff alugava Thrushcross Grange e preferia viver numa localização e numa residência tão inferiores. — Ele não é rico o suficiente para manter a propriedade em boa ordem? — indaguei.

— Rico, senhor! — respondeu ela. — Ninguém sabe quanto dinheiro ele tem, e a cada ano aumenta. Sim, sim, é rico o bastante para morar numa casa mais bonita do que esta. Mas é muito agarrado, mão fechada. E, se pretendesse se mudar para Thrushcross Grange, assim que ouvisse falar de um bom inquilino não suportaria perder a oportunidade de ganhar mais algumas centenas de libras. É estranho que as pessoas sejam tão gananciosas quando estão sozinhas no mundo!

— Parece que ele teve um filho?

— Sim, teve um. Morreu.

— E aquela jovem, a sra. Heathcliff, é a viúva dele?

— Sim.

— De onde ela veio originalmente?

— Ora, senhor, é filha do meu falecido patrão. Catherine Linton era seu nome de solteira. Eu a criei, pobrezinha! Queria tanto que o sr. Heathcliff se mudasse para cá, para podermos ficar juntas de novo.

— O quê? Catherine Linton? — exclamei, espantado. Mas um instante de reflexão me convenceu de que não era minha Catherine

fantasmagórica. — Então — continuei —, meu antecessor se chamava Linton?

— Chamava.

— E quem é aquele Earnshaw, Hareton Earnshaw, que mora com o sr. Heathcliff? São parentes?

— Não. Ele é sobrinho da falecida sra. Linton.

— Primo da jovem, então?

— Sim. E o marido dela também era seu primo: um pelo lado da mãe, o outro pelo lado do pai. Heathcliff se casou com a irmã do sr. Linton.

— Vi que a casa do Morro dos Ventos Uivantes tem "Earnshaw" entalhado acima da porta principal. É uma família antiga?

— Muito antiga, senhor. E Hareton é o último deles, como nossa srta. Cathy é a última de nós... quero dizer, dos Linton. O senhor esteve no Morro dos Ventos Uivantes? Desculpe a pergunta, mas gostaria de saber como ela está!

— A sra. Heathcliff? Parecia muito bem e muito bonita. Mas, acho, não muito feliz.

— Ah, meu Deus, não me surpreende! E o que achou do patrão?

— Um sujeito bastante rude, sra. Dean. Não é esse o seu caráter?

— Áspero como o fio de uma serra e duro como pedra! Quanto menos se meter com ele, melhor.

— Deve ter passado por muitos altos e baixos na vida para se tornar tão grosseiro. Sabe alguma coisa da história dele?

— É a história de um cuco, senhor. Sei de tudo, menos onde nasceu, quem eram seus pais e como conseguiu dinheiro no começo. E Hareton foi expulso do ninho como um filhote de ferreirinha ainda sem penas! O pobre rapaz é o único em toda esta paróquia que não percebe o quanto foi enganado.

— Bem, sra. Dean, será um ato de caridade me contar alguma coisa sobre meus vizinhos. Sinto que não vou descansar se me deitar. Então tenha a bondade de ficar e conversar por uma hora.

— Ah, claro, senhor! Só vou buscar uma costura e fico o tempo que o senhor quiser. Mas o senhor pegou um resfriado: vi que estava tremendo. Precisa tomar um pouco de mingau para expulsá-lo.

A boa mulher saiu apressada, e eu me encolhi mais perto do fogo. Minha cabeça estava quente e o resto do corpo, frio. Além disso, meus nervos e meu cérebro estavam excitados quase ao ponto da insensatez. Isso me fazia sentir, não propriamente mal, mas antes temeroso (como ainda estou) de consequências sérias dos acontecimentos de hoje e de ontem. Ela voltou logo, trazendo uma tigela fumegante e uma cesta de costura. Pôs a tigela na borda da lareira e aproximou a cadeira, evidentemente satisfeita por me encontrar tão disposto à conversa.

Antes de vir morar aqui — começou ela, sem esperar outro convite para sua história —, eu estava quase sempre no Morro dos Ventos Uivantes, porque minha mãe tinha sido ama de leite do sr. Hindley Earnshaw, pai de Hareton, e eu me acostumara a brincar com as crianças. Também fazia pequenos serviços, ajudava na colheita do feno e ficava pela fazenda, pronta para qualquer tarefa que alguém me desse. Numa bela manhã de verão (era o começo da colheita, eu me lembro), o sr. Earnshaw, o velho patrão, desceu vestido para viajar. Depois de dizer a Joseph o que devia ser feito durante o dia, voltou-se para Hindley, Cathy e para mim, pois eu estava comendo meu mingau com eles, e disse ao filho: — Bem, meu belo rapaz, hoje vou a Liverpool. O que quer que eu traga? Pode escolher o que quiser, contanto que seja pequeno, porque vou e volto a pé. Sessenta milhas para cada lado: é uma boa caminhada! — Hindley pediu um violino. Então ele perguntou à srta.

Cathy. Ela mal tinha seis anos, mas sabia montar qualquer cavalo do estábulo, e escolheu um chicote. Ele não se esqueceu de mim, porque tinha um bom coração, embora às vezes fosse um tanto severo. Prometeu me trazer um bolso cheio de maçãs e peras. Depois beijou os filhos, despediu-se e partiu.

Os três dias de sua ausência pareceram muito longos para todos nós, e a pequena Cathy perguntou muitas vezes quando ele voltaria. A sra. Earnshaw o esperava para a ceia da terceira noite e adiou a refeição hora após hora. Mas não havia sinal de que viesse, e por fim as crianças se cansaram de correr até o portão para olhar. Então escureceu. Ela queria mandá-las para a cama, mas elas imploraram com tristeza que as deixasse ficar acordadas. Por volta das onze, o trinco da porta se ergueu sem ruído, e o patrão entrou. Jogou-se numa cadeira, rindo e gemendo, e mandou que todos se afastassem, pois estava quase morto: não faria outra caminhada daquelas nem pelos três reinos.

— E, no fim de tudo, ainda quase morrer de susto! — disse, abrindo o sobretudo que trazia embrulhado nos braços. — Veja aqui, mulher! Nunca na vida fiquei tão derrotado por coisa alguma. Mas você há de aceitá-lo como um presente de Deus, embora seja quase tão escuro como se tivesse vindo do diabo.

Nós nos amontoamos em volta e, por cima da cabeça da srta. Cathy, consegui espiar uma criança suja, esfarrapada, de cabelos negros, grande o suficiente para andar e falar. Na verdade, seu rosto parecia mais velho do que o de Catherine. Mas, quando a puseram de pé, ela apenas olhou ao redor e repetiu várias vezes uma algaravia que ninguém conseguia entender. Fiquei assustada, e a sra. Earnshaw estava pronta para atirá-la porta afora. Explodiu, perguntando como ele tinha a ousadia de trazer aquele pirralho cigano para dentro de casa, quando já tinham os próprios filhos para alimentar e sustentar. O que pretendia fazer com ele? Estava louco? O patrão tentou explicar, mas realmente estava meio

morto de cansaço. Tudo o que consegui entender, entre as reclamações dela, foi a história de tê-lo visto faminto, sem teto e quase mudo nas ruas de Liverpool, onde o recolhera e perguntara a quem pertencia. Nenhuma alma sabia de quem era, disse ele. Como seu dinheiro e seu tempo eram limitados, julgara melhor levá-lo logo para casa do que fazer despesas inúteis por lá, pois estava decidido a não deixá-lo como o encontrara. Bem, o resultado foi que a patroa resmungou até se acalmar, e o sr. Earnshaw mandou que eu o lavasse, lhe desse roupas limpas e o pusesse para dormir com as crianças.

Hindley e Cathy se contentaram em olhar e escutar até a paz voltar. Então ambos começaram a procurar nos bolsos do pai os presentes prometidos. Hindley era um menino de catorze anos, mas, ao tirar o que fora um violino, esmagado em pedaços dentro do sobretudo, desatou a chorar alto. E Cathy, quando soube que o patrão perdera seu chicote ao cuidar do estranho, mostrou seu temperamento fazendo caretas e cuspindo na criaturinha atônita, ganhando por isso uma boa pancada do pai, para aprender maneiras mais limpas. Os dois se recusaram terminantemente a tê-lo na cama com eles, ou mesmo no quarto. Eu não tinha mais juízo do que eles, então o pus no patamar da escada, esperando que tivesse desaparecido na manhã seguinte. Por acaso, ou atraído pela voz dele, o menino se arrastou até a porta do sr. Earnshaw, que o encontrou ali ao sair do quarto. Perguntaram como chegara àquele lugar. Fui obrigada a confessar e, como recompensa por minha covardia e desumanidade, me mandaram embora de casa.

Foi assim que Heathcliff entrou na família. Quando voltei alguns dias depois (pois não considerava meu banimento perpétuo), descobri que o haviam batizado de "Heathcliff". Era o nome de um filho que morrera na infância, e desde então lhe serviu tanto de nome quanto de sobrenome. A srta. Cathy e ele já eram muito unidos. Mas Hindley o odiava e, para dizer a verdade, eu também. Nós o atormentávamos e o

tratávamos de maneira vergonhosa, pois eu não tinha discernimento suficiente para sentir minha injustiça, e a patroa nunca dizia uma palavra em defesa dele quando o via ser maltratado.

Parecia uma criança taciturna e paciente, talvez endurecida pelos maus-tratos. Suportava as pancadas de Hindley sem piscar nem derramar uma lágrima. Meus beliscões só o faziam prender a respiração e arregalar os olhos, como se tivesse se machucado por acidente e ninguém fosse culpado. Essa resistência enfurecia o velho Earnshaw quando descobria o filho perseguindo a pobre criança sem pai, como a chamava. Apegou-se a Heathcliff de um jeito estranho, acreditando em tudo o que ele dizia (aliás, ele falava muito pouco, e geralmente a verdade) e o mimava muito mais do que a Cathy, travessa e obstinada demais para ser a favorita.

Assim, desde o começo, ele fez nascer ressentimentos na casa. Quando a sra. Earnshaw morreu, menos de dois anos depois, o jovem patrão já aprendera a enxergar o pai como um opressor, não como um amigo, e Heathcliff como um usurpador do afeto paterno e de seus privilégios. Tornou-se amargo de tanto remoer essas ofensas. Por algum tempo, fiquei do seu lado. Mas, quando as crianças pegaram sarampo e precisei cuidar delas, assumindo de uma vez as responsabilidades de uma mulher, mudei de ideia. Heathcliff ficou perigosamente doente e, na fase pior, queria que eu permanecesse o tempo todo junto de seu travesseiro. Suponho que sentisse que eu fazia muito por ele e não tivesse esperteza para perceber que eu era obrigada a isso. Mas preciso dizer isto: foi a criança mais quieta de que uma ama já cuidou. A diferença entre ele e os outros me obrigou a ser menos parcial. Cathy e o irmão me atormentavam terrivelmente: ele não se queixava mais do que um cordeiro, embora fosse a dureza, e não a doçura, que o tornava pouco trabalhoso.

Recuperou-se, e o médico afirmou que isso se devia em grande parte a mim, e elogiou meus cuidados. Fiquei vaidosa com os elogios e abrandada em relação à criatura por meio da qual os recebera. Assim, Hindley perdeu sua última aliada. Ainda assim, eu não conseguia adorar Heathcliff, e muitas vezes me perguntava o que o patrão via para admirar tanto naquele menino sombrio, que, pelo que me lembro, nunca retribuiu sua indulgência com qualquer sinal de gratidão. Não era insolente com seu benfeitor, apenas insensível, embora soubesse perfeitamente o domínio que tinha sobre o coração dele e estivesse consciente de que bastava falar para a casa inteira ser obrigada a se curvar a seus desejos. Por exemplo, lembro que o sr. Earnshaw comprou certa vez dois potros na feira da paróquia e deu um a cada menino. Heathcliff ficou com o mais bonito, mas o animal logo começou a mancar. Quando percebeu isso, disse a Hindley:

— Você precisa trocar de cavalo comigo. Não gosto do meu. Se não trocar, conto ao seu pai das três surras que você me deu esta semana e mostro meu braço, que está roxo até o ombro. — Hindley mostrou a língua e lhe deu tapas nas orelhas. — É melhor fazer logo — insistiu ele, escapando para a entrada coberta (estavam no estábulo). — Vai ter de fazer. E, se eu contar dessas pancadas, você vai recebê-las de volta com juros. — Fora, cachorro! — gritou Hindley, ameaçando-o com um peso de ferro usado para pesar batatas e feno. — Jogue — respondeu ele, sem se mover —, e então vou contar como você se gabou de que me poria para fora assim que ele morresse, e vamos ver se ele não põe você para fora imediatamente. — Hindley jogou o peso, acertando-o no peito, e Heathcliff caiu. Mas se levantou cambaleando no mesmo instante, sem fôlego e branco. Se eu não o tivesse impedido, teria ido naquele estado até o patrão e conseguido vingança completa, deixando sua condição falar por ele e dando a entender quem a causara. — Fique com meu potro, então, cigano! — disse o jovem Earnshaw. — E rezo para que ele

quebre seu pescoço! Leve-o e vá para o diabo, seu intruso mendigo! Arranque do meu pai, com suas manhas, tudo o que ele tem. Só depois mostre a ele o que você é, cria de Satanás! E tome isto! Espero que ele arrebente seus miolos com um coice!

Heathcliff fora soltar o animal para levá-lo à sua própria baia. Passava por trás dele quando Hindley encerrou o discurso derrubando-o sob suas patas e, sem parar para verificar se suas esperanças se cumpriam, fugiu o mais depressa que pôde. Fiquei surpresa ao ver a frieza com que o menino se ergueu e continuou o que pretendia fazer: trocou as selas e tudo o mais e depois se sentou num feixe de feno para vencer a náusea provocada pelo golpe violento, antes de entrar em casa. Convenci-o facilmente a deixar que eu atribuísse os ferimentos ao cavalo. Pouco lhe importava a história contada, já que conseguira o que queria. Na verdade, reclamava tão raramente de episódios como esse que eu realmente o julgava incapaz de vingança. Estava completamente enganada, como o senhor vai ouvir.

Capítulo V

Com o tempo, a saúde do sr. Earnshaw começou a falhar. Tinha sido ativo e saudável, mas as forças o abandonaram de repente, e, quando ficou confinado ao canto da lareira, tornou-se terrivelmente irritável. Qualquer nada o aborrecia, e a suspeita de um desrespeito à sua autoridade quase lhe provocava um ataque. Isso era especialmente visível quando alguém tentava se aproveitar de seu favorito ou mandar nele: vigiava com um zelo doloroso para que não lhe dirigissem uma palavra inadequada, como se tivesse posto na cabeça que, porque ele gostava de Heathcliff, todos o

odiavam e desejavam fazer-lhe mal. Era uma desvantagem para o menino, pois os mais bondosos entre nós não queriam contrariar o patrão e, assim, toleravam sua parcialidade. Essa tolerância era rico alimento para o orgulho e o mau gênio da criança. Ainda assim, tornara-se de certo modo necessária. Duas ou três vezes, as manifestações de desprezo de Hindley na presença do pai levaram o velho à fúria: ele pegava a bengala para bater no filho e tremia de raiva por não conseguir.

Por fim, nosso cura (tínhamos então um cura que fazia a renda bastar dando aulas aos pequenos Linton e Earnshaw e cultivando pessoalmente seu pedaço de terra) aconselhou que o jovem fosse mandado para o colégio. O sr. Earnshaw concordou, embora de coração pesado, pois dizia que "Hindley não valia nada e nunca prosperaria por onde andasse".

Esperei de todo o coração que agora tivéssemos paz. Doía-me pensar que o patrão sofresse por causa de sua própria boa ação. Eu imaginava que o descontentamento da idade e da doença nascesse das desavenças familiares, como ele insistia em dizer. Na verdade, o senhor sabe, vinha do enfraquecimento de seu corpo. Mesmo assim, poderíamos ter vivido de maneira tolerável, não fossem duas pessoas: a srta. Cathy e Joseph, o criado. Imagino que o senhor o tenha visto lá em cima. Era, e muito provavelmente ainda é, o fariseu mais cansativo e convencido da própria santidade que já vasculhou uma Bíblia para recolher as promessas para si e atirar as maldições sobre os vizinhos. Com seu talento para sermões e discursos piedosos, conseguiu impressionar muito o sr. Earnshaw, e quanto mais o patrão enfraquecia, mais influência ele ganhava. Não lhe dava descanso com as preocupações da alma e com a necessidade de governar os filhos com rigor. Incentivava-o a considerar Hindley um réprobo e, noite após noite, resmungava regularmente uma longa série de histórias contra Heathcliff e Catherine, sempre atento a lisonjear a

fraqueza de Earnshaw, acumulando sobre ela a parte mais pesada da culpa.

Sem dúvida, ela tinha maneiras que eu nunca vira numa criança, e nos fazia perder a paciência cinquenta vezes ou mais por dia. Da hora em que descia até a hora de se deitar, não tínhamos um minuto de certeza de que não estivesse aprontando alguma. Seu ânimo estava sempre no auge, e a língua não parava: cantava, ria e atormentava todos os que não faziam o mesmo. Era uma menina selvagem e levada, mas tinha os olhos mais bonitos, o sorriso mais doce e o passo mais leve da paróquia. E, no fim das contas, acredito que não pretendesse fazer mal, pois, quando conseguia fazer alguém chorar de verdade, raramente deixava de lhe fazer companhia e de obrigar a pessoa a se acalmar para consolá-la. Gostava demais de Heathcliff. O pior castigo que podíamos inventar era separá-la dele. No entanto, por causa dele recebia mais reprimendas do que qualquer um de nós. Nas brincadeiras, adorava bancar a pequena patroa, com as mãos soltas, dando ordens aos companheiros. Fazia isso comigo também, mas eu não aceitava tapas nem ordens, e deixei isso claro.

Ora, o sr. Earnshaw não entendia brincadeiras dos filhos: sempre fora severo e sério com eles. Catherine, por sua vez, não compreendia por que o pai precisava ser mais zangado e menos paciente na doença do que fora nos tempos de vigor. As censuras irritadas dele despertavam nela um prazer travesso em provocá-lo. Nunca estava tão feliz quanto quando todos ralhávamos com ela ao mesmo tempo, e ela nos desafiava com seu olhar atrevido e insolente e suas respostas prontas, zombando das maldições religiosas de Joseph, me provocando e fazendo justamente o que o pai mais detestava: mostrar que sua insolência fingida, que ele julgava verdadeira, tinha mais poder sobre Heathcliff do que a bondade dele, e que o menino obedecia a ela em tudo, e ao pai apenas quando isso combinava com sua própria vontade. Depois de se

comportar o pior possível durante o dia inteiro, às vezes vinha, carinhosa, tentar fazer as pazes à noite. — Não, Cathy — dizia o velho —, não posso amar você. É pior do que seu irmão. Vá fazer suas orações, criança, e peça perdão a Deus. Temo que sua mãe e eu ainda tenhamos de lamentar ter criado você! — No começo, isso a fazia chorar. Mas a rejeição constante a endureceu, e ela ria quando eu lhe dizia para declarar que estava arrependida de suas faltas e pedir perdão.

Mas, finalmente, chegou a hora que encerrou os sofrimentos do sr. Earnshaw na terra. Morreu tranquilamente em sua cadeira, junto à lareira, numa noite de outubro. Um vento forte soprava em torno da casa e rugia na chaminé. Soava selvagem e tempestuoso, mas não fazia frio, e estávamos todos juntos: eu, um pouco afastada do fogo, ocupada com meu tricô, e Joseph lendo a Bíblia perto da mesa (pois naquela época os criados geralmente ficavam na sala depois de terminar o trabalho). A srta. Cathy estivera doente, e isso a deixava quieta. Apoiava-se no joelho do pai, e Heathcliff estava deitado no chão, com a cabeça no colo dela. Lembro que o patrão, antes de cair num cochilo, acariciou seus belos cabelos (agradava-lhe imensamente vê-la dócil) e disse: — Por que você não pode ser sempre uma boa menina, Cathy? — Ela ergueu o rosto para ele, riu e respondeu: — Por que o senhor não pode ser sempre um bom homem, papai? — Mas, assim que percebeu que ele se aborrecia de novo, beijou-lhe a mão e disse que cantaria para fazê-lo dormir. Começou a cantar muito baixinho, até os dedos dele se soltarem dos seus e a cabeça tombar sobre o peito. Então pedi que se calasse e não se mexesse, para não acordá-lo. Ficamos todos mudos como ratos por meia hora inteira, e teríamos continuado assim, não fosse Joseph, que, depois de terminar seu capítulo, se levantou e disse que precisava acordar o patrão para as orações e a cama. Aproximou-se, chamou-o pelo nome e tocou seu ombro, mas ele não se moveu. Então pegou a vela e o examinou. Percebi que havia algo errado quando ele pousou a luz e,

agarrando cada criança por um braço, sussurrou-lhes que "subissem pra cima e fizessem pouco barulho. Podiam rezar sozinhos aquela noite. Ele tinha um negócio pra fazer".

— Primeiro vou dar boa-noite ao papai — disse Catherine, passando os braços em torno do pescoço dele antes que pudéssemos impedi-la. A pobrezinha descobriu sua perda imediatamente. — Ah, ele morreu, Heathcliff! Ele morreu! — gritou. — E os dois começaram a chorar de cortar o coração.

Juntei meu lamento ao deles, alto e amargo. Mas Joseph perguntou o que estávamos pensando ao berrar daquele jeito por um santo que estava no céu. Mandou que eu vestisse a capa e corresse a Gimmerton para buscar o médico e o pastor. Naquele momento, eu não conseguia imaginar de que serviria qualquer um dos dois. Mesmo assim, fui, através do vento e da chuva, e trouxe um deles, o médico, comigo. O outro disse que viria de manhã. Deixando a Joseph a explicação de tudo, corri para o quarto das crianças. A porta estava entreaberta, e vi que não tinham se deitado, embora já passasse da meia-noite. Mas estavam mais calmas e não precisavam do meu consolo. Aquelas pequenas almas confortavam uma à outra com pensamentos melhores do que eu poderia ter encontrado. Nenhum pastor do mundo jamais descreveu o céu com tanta beleza quanto elas, em sua conversa inocente. E, enquanto eu soluçava e escutava, não pude deixar de desejar que estivéssemos todos lá, juntos e seguros.

Capítulo VI

O sr. Hindley voltou para casa para o funeral e (coisa que nos espantou e pôs os vizinhos a fofocar por todos os lados) trouxe uma esposa consigo. O que ela era e onde nascera, nunca nos contou. Provavelmente não tinha dinheiro nem nome que a recomendassem, ou ele dificilmente teria escondido a união do pai.

Ela não era alguém que, por si mesma, perturbaria muito a casa. Tudo o que viu, desde o momento em que cruzou a soleira, pareceu encantá-la, assim como tudo o que acontecia ao seu redor, com exceção dos preparativos para o enterro e da presença das pessoas de luto. Pelo comportamento que teve enquanto isso ocorria, achei que fosse meio tola. Correu para o quarto e me fez acompanhá-la, embora eu devesse estar vestindo as crianças, e lá ficou sentada, tremendo e apertando as mãos, perguntando sem parar: — Eles já foram embora? — Então começou a descrever, com emoção histérica, o efeito que lhe causava ver roupas de luto. Sobressaltava-se, tremia e, por fim, caiu no choro. Quando perguntei o que havia, respondeu que não sabia, mas que tinha tanto medo de morrer! Eu a imaginava tão pouco sujeita a morrer quanto eu mesma. Era um pouco magra, mas jovem, de pele viçosa e olhos brilhantes como diamantes. Notei, é verdade, que subir a escada a fazia respirar muito depressa, que o menor ruído súbito a punha toda a tremer e que às vezes tinha uma tosse incômoda. Mas eu nada sabia do que esses sintomas anunciavam e não senti nenhum impulso de me compadecer dela. Aqui, em geral, não nos afeiçoamos a gente de fora, sr. Lockwood, a menos que primeiro se afeiçoem a nós.

O jovem Earnshaw mudara bastante nos três anos de ausência. Emagrecera, perdera a cor e falava e se vestia de maneira muito diferente. No próprio dia de sua volta, disse a Joseph e a mim que, dali em diante,

deveríamos nos aquartelar na cozinha dos fundos e deixar a sala para ele. Na verdade, teria posto tapete e papel de parede num pequeno cômodo livre para servir de sala de visitas. Mas a esposa demonstrou tanto prazer com o piso branco, a lareira imensa e acesa, os pratos de estanho, o armário de louças, o canil e todo o espaço para circular no lugar onde costumavam se sentar, que ele julgou a mudança desnecessária ao conforto dela e desistiu da intenção.

Ela também se mostrou contente por encontrar uma irmã entre os novos conhecidos. No começo, tagarelava com Catherine, a beijava, corria com ela e lhe dava presentes em quantidade. Seu afeto, porém, se cansou muito depressa, e, quando ela ficou irritadiça, Hindley se tornou tirânico. Bastaram algumas palavras dela revelando antipatia por Heathcliff para despertar nele todo o antigo ódio pelo menino. Afastou-o da companhia deles para junto dos criados, privou-o das aulas do cura e exigiu que, em vez disso, trabalhasse ao ar livre, obrigando-o a se esforçar tanto quanto qualquer outro rapaz da fazenda.

A princípio, Heathcliff suportou bastante bem o rebaixamento, porque Cathy lhe ensinava o que aprendia e trabalhava ou brincava com ele nos campos. Os dois prometiam crescer tão rudes quanto selvagens, pois o jovem patrão não se importava em nada com a conduta deles ou com o que faziam, desde que ficassem longe dele. Nem cuidaria de mandá-los à igreja aos domingos, se Joseph e o cura não censurassem sua negligência quando faltavam. Isso o fazia lembrar de ordenar uma surra para Heathcliff e a privação do jantar ou da ceia para Catherine. Mas uma das principais diversões dos dois era fugir para a charneca pela manhã e passar lá o dia inteiro, e o castigo posterior se tornou simples motivo de riso. O cura podia mandar Catherine decorar quantos capítulos quisesse, e Joseph podia bater em Heathcliff até o braço doer: eles esqueciam tudo no instante em que voltavam a ficar juntos, ou pelo menos assim que inventavam algum plano travesso de vingança. Muitas

vezes chorei sozinha ao vê-los cada dia mais imprudentes, sem ousar dizer uma palavra, por medo de perder o pouco de influência que ainda conservava sobre aquelas criaturas sem amigos. Num domingo à noite, aconteceu de serem expulsos da sala por fazer barulho, ou por alguma falta leve desse tipo. Quando fui chamá-los para a ceia, não os encontrei em lugar nenhum. Procuramos na casa, em cima e embaixo, no pátio e nos estábulos. Tinham desaparecido. Por fim, Hindley, furioso, mandou que trancássemos as portas e jurou que ninguém os deixaria entrar naquela noite. A casa foi dormir. Eu, ansiosa demais para me deitar, abri a janela e pus a cabeça para fora a fim de escutar, embora chovesse, decidida a deixá-los entrar, apesar da proibição, se voltassem. Depois de algum tempo, distingui passos subindo a estrada, e a luz de uma lanterna brilhou pelo portão. Joguei um xale sobre a cabeça e corri para evitar que acordassem o sr. Earnshaw batendo à porta. Era Heathcliff, sozinho. Assustei-me ao vê-lo sem ela.

— Onde está a srta. Catherine? — perguntei depressa. — Espero que não tenha acontecido nenhum acidente! — Em Thrushcross Grange — respondeu ele. — E eu também estaria lá, mas não tiveram a educação de me convidar para ficar. — Pois você vai ver só! — disse eu. — Não vai sossegar até ser posto para fora. O que no mundo levou vocês a vagar até Thrushcross Grange? — Deixe-me tirar a roupa molhada, e conto tudo, Nelly — respondeu. — Avisei que tomasse cuidado para não acordar o patrão e, enquanto ele se despia e eu esperava para apagar a vela, continuou: — Cathy e eu fugimos da lavanderia para passear em liberdade e, ao avistar as luzes da Granja, pensamos em ir ver se os Linton passavam as noites de domingo tremendo nos cantos, enquanto o pai e a mãe ficavam comendo, bebendo, cantando, rindo e queimando os olhos diante do fogo. Você acha que passam? Ou lendo sermões, recebendo perguntas de catecismo do criado e sendo obrigados a decorar uma coluna de nomes das Escrituras quando não respondem

direito? — Provavelmente não — respondi. — Sem dúvida são crianças boas e não merecem o tratamento que vocês recebem pela má conduta. — Não venha com hipocrisia, Nelly — disse ele. — Que bobagem! Corremos do alto do Morro até o parque sem parar. Catherine perdeu feio a corrida porque estava descalça. Amanhã você vai ter de procurar os sapatos dela no pântano. Passamos por uma abertura na cerca-viva, seguimos o caminho às apalpadelas e nos instalamos num canteiro de flores debaixo da janela da sala de estar. A luz vinha dali. Não tinham fechado as venezianas, e as cortinas estavam só meio fechadas. Conseguimos os dois olhar para dentro apoiando os pés na base da parede e nos agarrando ao peitoril. E vimos... ah! era lindo: um lugar esplêndido, com tapete carmesim, cadeiras e mesas forradas de carmesim, um teto branco puro com bordas douradas e, pendendo do centro, uma chuva de gotas de vidro em correntes de prata, tremeluzindo com a luz suave de pequenas velas. O velho sr. Linton e a mulher não estavam lá. Edgar e a irmã tinham a sala inteira só para eles. Não deviam estar felizes? Nós teríamos nos julgado no céu! Agora adivinhe o que suas crianças boas estavam fazendo. Isabella, que acho que tem onze anos, um a menos que Cathy, estava deitada na outra ponta da sala, berrando, guinchando como se bruxas lhe enfiassem agulhas em brasa. Edgar estava de pé junto à lareira, chorando em silêncio, e no meio da mesa havia um cachorrinho, sacudindo a pata e ganindo. Pelas acusações que trocaram, entendemos que quase tinham partido o bicho em dois, de tanto puxar. Idiotas! Aquela era a diversão deles! Brigar para ver quem segurava um monte de pelos quentes e depois cada um começar a chorar porque, depois de lutar para pegá-lo, nenhum dos dois queria mais ficar com ele. Rimos abertamente daquelas criaturas mimadas. Como as desprezamos! Quando você me pegaria querendo ficar com uma coisa que Catherine quisesse? Ou nos encontraria sozinhos, buscando divertimento em gritar, soluçar e rolar

pelo chão, separados pela sala inteira? Eu não trocaria minha situação aqui pela de Edgar Linton em Thrushcross Grange nem por mil vidas. Nem se tivesse o privilégio de atirar Joseph do ponto mais alto do telhado e pintar a fachada da casa com o sangue de Hindley!

— Calado, calado! — interrompi. — Ainda não me contou, Heathcliff, como foi que Catherine ficou lá.

— Eu disse que nós rimos — respondeu ele. — Os Linton nos ouviram e, todos de uma vez, dispararam como flechas para a porta. Houve silêncio e depois um grito: "Ah, mamãe, mamãe! Ah, papai! Ah, mamãe, venha aqui! Ah, papai, ah!" Berraram mesmo alguma coisa desse tipo. Fizemos ruídos horríveis para assustá-los ainda mais e depois saltamos do peitoril, porque alguém estava tirando as trancas e achamos melhor fugir. Eu segurava Cathy pela mão e a apressava quando, de repente, ela caiu. "Corra, Heathcliff, corra!", sussurrou. "Soltaram o buldogue, e ele me pegou!" O diabo tinha agarrado o tornozelo dela, Nelly. Ouvi seu resfolegar abominável. Ela não gritou, não! Teria desprezado a ideia de fazer isso, mesmo se estivesse espetada nos chifres de uma vaca louca. Mas eu gritei. Vociferei pragas suficientes para aniquilar qualquer demônio da cristandade. Peguei uma pedra, enfiei entre as mandíbulas dele e tentei, com toda a força, empurrá-la pela garganta. Finalmente apareceu um criado, um bruto, com uma lanterna, gritando: "Não solte, Skulker! Não solte!" Mas mudou de tom quando viu a caça de Skulker. Apertaram o pescoço do cachorro até fazê-lo largar. A língua enorme e roxa ficou pendurada meio pé para fora da boca, e os beiços caídos escorriam uma baba ensanguentada. O homem pegou Cathy no colo. Ela estava passando mal, tenho certeza de que de dor, não de medo. Ele a levou para dentro, e eu fui atrás, resmungando maldições e vingança. "O que pegou, Robert?", gritou Linton, da entrada. "Skulker pegou uma menininha, senhor", respondeu ele. "E tem um rapaz aqui", acrescentou, me agarrando, "que

parece um malandro dos piores! Muito provável que os ladrões fossem enfiar os dois pela janela para abrirem as portas para o bando quando todo mundo estivesse dormindo, e assim poderiam nos matar à vontade. Cale a boca, seu ladrão desbocado! Vai para a forca por isso. Sr. Linton, senhor, não guarde a espingarda." "Não, não, Robert", disse o velho idiota. "Os patifes sabiam que ontem era meu dia de receber os aluguéis. Pensaram que me pegariam de jeito. Entrem. Vou lhes dar uma recepção. Pronto, John, prenda a corrente. Jenny, dê água a Skulker. Desafiar um magistrado em sua fortaleza, e ainda por cima no dia do Senhor! Onde essa insolência vai parar? Ah, minha querida Mary, veja isto! Não tenha medo, é só um menino. Mas o vilão se mostra tão claramente nessa carranca! Não seria um favor ao país enforcá-lo de uma vez, antes que mostre sua natureza nos atos, além das feições?" Ele me puxou para baixo do lustre, e a sra. Linton pôs os óculos no nariz e ergueu as mãos, horrorizada. As crianças covardes também se aproximaram, e Isabella disse, com voz afetada: "Que coisa horrorosa! Ponha-o na adega, papai. É igualzinho ao filho daquela adivinha que roubou meu faisão domesticado. Não é, Edgar?"

— Enquanto me examinavam, Cathy voltou a si. Ouviu a última frase e riu. Edgar Linton, depois de olhar com curiosidade, reuniu inteligência suficiente para reconhecê-la. Eles nos veem na igreja, sabe, embora quase nunca nos encontremos em outro lugar. "É a srta. Earnshaw!", sussurrou para a mãe. "E veja como Skulker a mordeu, como o pé dela está sangrando!"

— "A srta. Earnshaw? Que absurdo!", exclamou a senhora. "A srta. Earnshaw correndo pelo campo com um cigano! E, no entanto, meu querido, a criança está de luto. Deve ser ela mesmo. E pode ficar manca para o resto da vida!"

— "Que negligência imperdoável da parte do irmão!", exclamou o sr. Linton, desviando a atenção de mim para Catherine. "Ouvi de

Shielders" (era o cura, senhor) "que ele a deixa crescer num paganismo absoluto. Mas quem é este? Onde ela arranjou tal companheiro? Oh! Garanto que é aquela estranha aquisição que meu falecido vizinho fez em sua viagem a Liverpool: um pequeno marinheiro das Índias, ou um náufrago americano ou espanhol."

— "Um menino perverso, de qualquer maneira", observou a velha senhora, "e inteiramente impróprio para uma casa decente! Você reparou na linguagem dele, Linton? Fico chocada que meus filhos tenham ouvido aquilo."

— Comecei a praguejar de novo (não fique zangada, Nelly), e então mandaram Robert me tirar dali. Recusei-me a ir sem Cathy. Ele me arrastou para o jardim, enfiou a lanterna na minha mão, garantiu que o sr. Earnshaw seria informado do meu comportamento e, mandando que eu marchasse imediatamente, trancou a porta outra vez. As cortinas ainda estavam presas num canto, e retomei meu posto de espião, porque, se Catherine quisesse voltar, eu pretendia estilhaçar aqueles vidros enormes em um milhão de pedaços, a menos que a deixassem sair. Ela estava sentada tranquilamente no sofá. A sra. Linton tirou dela a capa cinzenta da leiteira, que tínhamos pegado emprestada para o passeio, balançando a cabeça e, suponho, ralhando com ela. Cathy era uma senhorita, e eles faziam diferença entre o tratamento dado a ela e o dado a mim. Depois, a criada trouxe uma bacia de água morna e lavou seus pés. O sr. Linton preparou um copo de vinho quente com especiarias, Isabella despejou um prato de bolinhos em seu colo, e Edgar ficou olhando de longe, de boca aberta. Então secaram e penteiaram seus belos cabelos, deram-lhe um par de chinelos enormes e a levaram para perto do fogo. Eu a deixei tão alegre quanto podia estar, dividindo a comida entre o cachorrinho e Skulker, cujo focinho ela beliscava enquanto ele comia, e acendendo uma faísca de vida nos olhos azuis e vazios dos Linton, um reflexo fraco de seu próprio rosto encantador. Vi

que estavam cheios de uma admiração estúpida. Ela é tão imensamente superior a eles, a todo mundo na terra! Não é, Nelly?

— Isso ainda vai dar mais problema do que você imagina — respondi, cobrindo-o e apagando a luz. — Você não tem jeito, Heathcliff. E o sr. Hindley vai ter de tomar medidas extremas, espere para ver. — Minhas palavras se confirmaram mais do que eu desejava. A aventura infeliz deixou Earnshaw furioso. E então o sr. Linton, para melhorar as coisas, nos fez pessoalmente uma visita no dia seguinte e deu ao jovem patrão um tal sermão sobre o rumo em que conduzia a família que ele foi levado a prestar atenção, de verdade, ao que fazia. Heathcliff não levou uma surra, mas foi avisado de que a primeira palavra que dirigisse à srta. Catherine garantiria sua expulsão. E a sra. Earnshaw se encarregou de manter a cunhada sob o devido controle quando voltasse para casa, usando habilidade, não força: pela força, teria sido impossível.

Capítulo VII

Cathy ficou em Thrushcross Grange por cinco semanas, até o Natal. A essa altura, seu tornozelo estava completamente curado, e suas maneiras haviam melhorado muito. A patroa a visitou com frequência nesse intervalo e começou seu plano de reforma tentando elevar o amor-próprio dela com roupas finas e elogios, que ela aceitou de bom grado. Assim, em vez de uma pequena selvagem indômita e sem chapéu saltando para dentro de casa e correndo para nos apertar até ficarmos sem ar, apeou de um belo pônei preto uma pessoa muito digna, com cachos castanhos caindo de sob um chapéu de castor enfeitado com plumas e um comprido traje de montaria, que ela era obrigada a erguer com as duas mãos para poder entrar deslizando.

Hindley a tirou do cavalo, exclamando, encantado: — Ora, Cathy, você está uma beleza! Eu mal a reconheceria. Agora parece uma dama. Isabella Linton não se compara a ela, não é, Frances? — Isabella não tem as mesmas vantagens naturais — respondeu a esposa. — Mas ela precisa tomar cuidado para não ficar selvagem de novo aqui. Ellen, ajude a srta. Catherine a tirar suas coisas. Espere, querida, vai desmanchar os cachos. Deixe-me desamarrar seu chapéu.

Retirei o traje de montaria, e por baixo apareceu um magnífico vestido de seda xadrez, calças brancas e sapatos reluzentes. Embora seus olhos brilhassem de alegria quando os cães vieram pulando para recebê-la, mal ousou tocá-los, com medo de que se esfregassem em suas roupas esplêndidas. Beijou-me delicadamente. Eu estava coberta de farinha, fazendo o bolo de Natal, e não teria sido conveniente me abraçar. Depois procurou Heathcliff com os olhos. O sr. e a sra. Earnshaw observaram ansiosamente o encontro, pensando que isso lhes permitiria avaliar, até certo ponto, que esperança tinham de conseguir separar os dois amigos.

A princípio, foi difícil encontrar Heathcliff. Se antes da ausência de Catherine ele era descuidado e negligenciado, desde então ficara dez vezes pior. Ninguém, a não ser eu, lhe fazia sequer a gentileza de chamá-lo de menino sujo e mandar que se lavasse uma vez por semana. E crianças daquela idade raramente sentem um prazer natural em água e sabão. Por isso, sem falar nas roupas, que já tinham três meses de serviço na lama e na poeira, e no cabelo espesso e despenteado, seu rosto e suas mãos estavam tristemente encobertos de sujeira. Não era de admirar que se escondesse atrás do banco de encosto ao ver entrar em casa uma donzela tão radiante e graciosa, em vez de uma companheira tão desgrenhada quanto ele, como esperava. — Heathcliff não está aqui? — perguntou ela, tirando as luvas e mostrando dedos que a falta de

trabalho e a vida dentro de casa haviam deixado maravilhosamente brancos.

— Heathcliff, pode aparecer — chamou o sr. Hindley, divertindo-se com o embaraço do menino e satisfeito por ver que ele seria obrigado a se apresentar como um pequeno malandro de aspecto repulsivo. — Pode vir dar as boas-vindas à srta. Catherine, como os outros criados.

Cathy, avistando o amigo em seu esconderijo, voou para abraçá-lo. Em um segundo, deu-lhe sete ou oito beijos no rosto. Então parou, recuou e caiu na risada, exclamando: — Ora, como você está escuro e zangado! E como... Como está engraçado e sombrio! Mas é porque estou acostumada a Edgar e Isabella Linton. Então, Heathcliff, você se esqueceu de mim?

Ela tinha algum motivo para perguntar, pois a vergonha e o orgulho lançavam uma sombra dupla sobre o rosto dele e o mantinham imóvel.

— Dê a mão a ela, Heathcliff — disse o sr. Earnshaw, condescendente. — De vez em quando, isso é permitido.

— Não vou — respondeu o menino, encontrando enfim a voz. — Não vou ficar parado para rirem de mim. Não vou suportar isso!

E teria rompido o círculo, mas a srta. Cathy tornou a segurá-lo.

— Não quis rir de você — disse ela. — Não consegui evitar. Heathcliff, pelo menos aperte minha mão! Por que está emburrado? É só que você estava estranho. Se lavar o rosto e pentear o cabelo, fica tudo bem. Mas está tão sujo!

Olhou, preocupada, para os dedos escuros que segurava entre os seus e também para o vestido, que temia não ter ganhado nenhum enfeite com o contato com a roupa dele.

— Não precisava ter encostado em mim! — respondeu ele, seguindo seu olhar e puxando a mão. — Vou ficar tão sujo quanto quiser. Gosto de ficar sujo e vou ficar sujo!

Dito isso, disparou para fora da sala, para divertimento do patrão e da patroa e grande aflição de Catherine, que não compreendia como suas observações poderiam ter provocado tamanha demonstração de mau humor.

Depois de fazer o papel de criada de quarto da recém-chegada, pôr meus bolos no forno e alegrar a sala e a cozinha com grandes fogueiras dignas da véspera de Natal, preparei-me para sentar e me divertir cantando canções natalinas, sozinha. Não dei importância às afirmações de Joseph de que as melodias alegres que eu escolhera quase se confundiam com canções profanas. Ele se retirara para rezar em particular no quarto, e o sr. e a sra. Earnshaw prendiam a atenção da senhorita com várias pequenas lembranças vistosas que haviam comprado para ela presentear os pequenos Linton, em agradecimento à bondade deles. Tinham convidado os dois para passar o dia seguinte no Morro dos Ventos Uivantes, e o convite fora aceito com uma condição: a sra. Linton pedira que seus queridos fossem mantidos cuidadosamente afastados daquele "menino malcriado que dizia palavrões".

Nessas circunstâncias, fiquei sozinha. Sentia o aroma rico das especiarias aquecendo e admirava os utensílios brilhantes da cozinha, o relógio polido e enfeitado de azevinho, as canecas de prata alinhadas numa bandeja, prontas para receber a cerveja quente com especiarias da ceia. Acima de tudo, admirava a limpeza impecável do objeto de meus cuidados especiais: o chão esfregado e bem varrido. Dei a cada coisa o devido aplauso em pensamento. Então me lembrei de como o velho Earnshaw costumava entrar quando tudo estava arrumado, chamar-me de moça esperta e me pôr um xelim na mão como presente de Natal. Daí passei a pensar no carinho dele por Heathcliff e no medo de que o menino fosse negligenciado depois que a morte o levasse. Isso me levou naturalmente a considerar a situação atual do pobre rapaz, e, em vez de

cantar, comecei a chorar. Logo me ocorreu, porém, que faria mais sentido tentar reparar algumas das injustiças sofridas por ele do que derramar lágrimas sobre elas. Levantei e fui procurá-lo no pátio. Não estava longe. Encontrei-o no estábulo, alisando o pelo lustroso do pônei novo e alimentando os outros animais, como de costume.

— Depressa, Heathcliff! — disse eu. — A cozinha está tão confortável, e Joseph está lá em cima. Venha logo e deixe que eu o arrume antes de a srta. Cathy aparecer. Depois vocês podem ficar juntos, com a lareira inteira só para vocês, e conversar bastante até a hora de dormir.

Ele continuou a tarefa sem virar a cabeça para mim.

— Venha. Você vem? — insisti. — Há um bolinho para cada um de vocês, quase o suficiente. E vou precisar de meia hora para arrumá-lo.

Esperei cinco minutos, mas, sem receber resposta, o deixei. Catherine ceou com o irmão e a cunhada. Joseph e eu dividimos uma refeição pouco amigável, temperada com censuras de um lado e respostas insolentes do outro. O bolo e o queijo de Heathcliff ficaram na mesa a noite inteira, para as fadas. Ele conseguiu continuar trabalhando até as nove e depois marchou, mudo e sombrio, para o quarto. Cathy ficou acordada até tarde, pois tinha um mundo de coisas a ordenar para a recepção dos novos amigos. Veio à cozinha uma vez para falar com o antigo, mas ele já tinha saído. Ficou apenas para perguntar o que havia com ele e depois voltou. De manhã, ele se levantou cedo e, como era feriado, levou seu mau humor para a charneca. Só reapareceu depois que a família partiu para a igreja. O jejum e a reflexão pareciam tê-lo posto em melhor disposição. Ficou algum tempo à minha volta e, depois de reunir coragem, exclamou de repente: — Nelly, deixe-me apresentável. Vou ser bom.

— Já era hora, Heathcliff — disse eu. — Você magoou Catherine. Imagino que ela esteja arrependida de ter voltado para casa! Parece que você tem inveja porque dão mais valor a ela do que a você.

A ideia de sentir inveja de Catherine era incompreensível para ele, mas a de magoá-la entendeu muito bem.

— Ela disse que ficou magoada? — perguntou, muito sério.

— Chorou quando contei que você tinha saído outra vez esta manhã.

— Pois eu chorei ontem à noite — respondeu. — E tinha mais motivo para chorar do que ela.

— Sim. Tinha o motivo de ir para a cama com o coração orgulhoso e o estômago vazio — disse eu. — Pessoas orgulhosas fabricam grandes tristezas para si mesmas. Mas, se está envergonhado de sua suscetibilidade, precisa pedir perdão, veja bem, quando ela chegar. Vá até ela, ofereça-lhe um beijo e diga... Você sabe melhor do que eu o que dizer. Só faça isso de coração, não como se achasse que o vestido bonito a transformou numa estranha. Agora, embora eu tenha de preparar o jantar, vou arranjar um tempo para deixá-lo tão bonito que Edgar Linton pareça uma boneca perto de você. E é isso mesmo que ele parece. Você é mais novo, mas aposto que é mais alto e tem o dobro da largura dos ombros. Poderia derrubá-lo num instante. Não sente que poderia?

O rosto de Heathcliff se iluminou por um momento, depois tornou a se fechar, e ele suspirou.

— Mas, Nelly, mesmo que eu o derrubasse vinte vezes, isso não o faria menos bonito nem a mim mais bonito. Queria ter cabelos claros e pele branca, me vestir e me comportar tão bem quanto ele e ter a chance de ser tão rico quanto ele vai ser!

— E chamar a mamãe chorando a cada instante — acrescentei —, e tremer se um rapaz do campo erguesse o punho contra você, e ficar em casa o dia inteiro por causa de uma chuvinha. Ah, Heathcliff, que

pobreza de espírito! Venha ao espelho, e vou mostrar o que deveria desejar. Vê estas duas linhas entre os olhos? Estas sobrancelhas espessas que, em vez de subirem num arco, descem no meio? E este par de diabinhos negros, tão enterrados, que nunca abrem suas janelas com coragem, mas ficam espreitando e brilhando por baixo delas, como espiões do demônio? Deseje e aprenda a desfazer essas rugas de mau humor, a levantar as pálpebras com franqueza, a transformar os diabinhos em anjos confiantes e inocentes, que não suspeitam nem duvidam de nada e sempre veem amigos onde não têm certeza de haver inimigos. Não fique com a expressão de um vira-lata feroz que parece saber que merece os pontapés que recebe e, mesmo assim, odeia o mundo inteiro, além de quem o chuta, pelo que sofre.

— Em outras palavras, devo desejar os grandes olhos azuis e a testa lisa de Edgar Linton — respondeu. — Eu desejo. E isso não vai me ajudar a tê-los.

— Um bom coração ajuda a ter um rosto bonito, meu rapaz — continuei —, mesmo que você fosse inteiramente negro. E um coração ruim transforma o rosto mais bonito em algo pior do que feio. Agora que acabamos de lavar, pentear e emburrar, diga se não se acha bastante bonito. Pois eu acho. Você parece um príncipe disfarçado. Quem sabe seu pai não era o imperador da China, e sua mãe, uma rainha indiana, cada um capaz de comprar o Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange juntos com a renda de uma semana? E você foi raptado por marinheiros perversos e trazido para a Inglaterra. Se eu estivesse no seu lugar, imaginaria uma origem grandiosa. Pensar em quem eu era me daria coragem e dignidade para suportar as opressões de um pequeno fazendeiro!

Continuei tagarelando assim, e aos poucos Heathcliff perdeu a carranca e começou a parecer bastante agradável, quando, de repente, nossa conversa foi interrompida por um ruído surdo de rodas subindo

a estrada e entrando no pátio. Ele correu para a janela, e eu, para a porta, bem a tempo de ver os dois Linton descerem da carruagem da família, quase soterrados em capas e peles, e os Earnshaw apearem dos cavalos. No inverno, muitas vezes iam à igreja montados. Catherine pegou uma mão de cada criança, levou-as para dentro e as colocou diante do fogo, que logo devolveu cor aos rostos pálidos.

Incentivei meu companheiro a se apressar agora e mostrar seu bom humor, e ele obedeceu de boa vontade. Mas o azar quis que, quando abriu de um lado a porta que saía da cozinha, Hindley a abrisse do outro. Encontraram-se, e o patrão, irritado ao vê-lo limpo e alegre, ou talvez ansioso por cumprir a promessa à sra. Linton, o empurrou para trás com um golpe brusco e mandou Joseph, com raiva, "manter o sujeito fora da sala e levá-lo para o sótão até o jantar acabar. Se ficar um minuto sozinho com as tortas e as frutas, vai enfiar os dedos nelas e roubar tudo".

— Não, senhor — não pude deixar de responder. — Ele não vai tocar em nada, não ele. E suponho que tenha direito à sua parte das guloseimas, assim como nós.

— Vai ter sua parte da minha mão se eu o pegar aqui embaixo antes de escurecer — gritou Hindley. — Suma, vagabundo! O quê? Está querendo bancar o janota? Espere até eu pegar esses cachos elegantes. Vai ver se não os deixo um pouco mais compridos!

— Já estão compridos o suficiente — observou o jovem Linton, espiando da porta. — É de admirar que não lhe deem dor de cabeça. Parece a crina de um potro caindo sobre os olhos!

Arriscou o comentário sem nenhuma intenção de insultar. Mas a natureza violenta de Heathcliff não estava preparada para suportar nem a aparência de impertinência vinda de alguém que, já então, ele parecia odiar como rival. Agarrou uma terrina de purê quente de maçã, a primeira coisa ao alcance da mão, e a arremessou em cheio no rosto e no pescoço de quem falara. Este começou imediatamente um lamento que

trouxe Isabella e Catherine correndo. O sr. Earnshaw agarrou o culpado na mesma hora e o levou para o quarto, onde, sem dúvida, aplicou um remédio brutal para esfriar o acesso de raiva, pois voltou vermelho e sem fôlego. Peguei o pano de prato e esfreguei, com alguma maldade, o nariz e a boca de Edgar, afirmando que era bem-feito por se meter onde não devia. A irmã começou a chorar, querendo ir para casa. Cathy ficou ali, atônita, corando por todos.

— Você não devia ter falado com ele! — censurou ela o jovem Linton. — Ele estava de mau humor, e agora você estragou a visita. E ele vai apanhar. Odeio que batam nele! Não consigo jantar. Por que falou com ele, Edgar?

— Não falei — soluçou o menino, escapando das minhas mãos e terminando o resto da limpeza com seu lenço de cambraia. — Prometi à mamãe que não diria uma palavra a ele, e não disse.

— Bem, não chore — respondeu Catherine, com desprezo. — Você não morreu. Não provoque mais confusão. Meu irmão está vindo. Fique quieto! Silêncio, Isabella! Alguém machucou você?

— Pronto, pronto, crianças! Para seus lugares! — exclamou Hindley, entrando apressado. — Aquele bruto me fez passar um bom calor. Da próxima vez, jovem Edgar, faça justiça com os próprios punhos. Isso abre o apetite!

O pequeno grupo recuperou o equilíbrio diante do banquete perfumado. Estavam famintos depois do passeio e foram facilmente consolados, pois nenhum mal verdadeiro lhes acontecera. O sr. Earnshaw trinchou e serviu pratos generosos, e a patroa os animou com uma conversa viva. Eu esperava atrás de sua cadeira e sofri ao ver Catherine, de olhos secos e ar indiferente, começar a cortar a asa de ganso diante dela. "Uma criança sem coração", pensei. "Como esquece depressa o sofrimento do antigo companheiro de brincadeiras! Nunca a teria imaginado tão egoísta." Ela levou um pedaço aos lábios e depois

tornou a pousá-lo. As faces coraram, e as lágrimas transbordaram. Deixou o garfo escorregar para o chão e mergulhou depressa sob a toalha para esconder a emoção. Não a julguei insensível por muito tempo, pois percebi que passou o dia inteiro no purgatório, ansiando por uma oportunidade de ficar sozinha ou de visitar Heathcliff, que o patrão trancara, como descobri quando tentei levar-lhe, às escondidas, um prato de comida.

À noite, tivemos dança. Cathy pediu que ele fosse libertado então, já que Isabella Linton não tinha par. As súplicas foram inúteis, e eu fui designada para preencher a falta. A animação da dança afastou toda a tristeza, e nosso prazer aumentou com a chegada dos músicos de Gimmerton, um grupo de quinze: trompete, trombone, clarinetes, fagotes, trompas e uma viola baixo, além dos cantores. Todo Natal percorriam as casas respeitáveis e recebiam contribuições, e nós considerávamos ouvi-los uma diversão de primeira ordem. Depois das canções natalinas habituais, pedimos canções e peças corais. A sra. Earnshaw adorava música, por isso eles tocaram e cantaram bastante.

Catherine também gostava, mas disse que o som era mais doce no alto da escada e subiu no escuro. Fui atrás. Fecharam a porta da sala lá embaixo sem notar nossa ausência, de tão cheia de gente que estava. Ela não parou no patamar: subiu mais, até o sótão onde Heathcliff estava preso, e o chamou. Por algum tempo, ele se recusou obstinadamente a responder. Ela insistiu e acabou convencendo-o a conversar através das tábuas. Deixei os pobrezinhos em paz até achar que as canções estavam prestes a terminar e os cantores receberiam alguma coisa para comer e beber. Então subi pela escada de mão para avisá-la. Em vez de encontrá-la do lado de fora, ouvi sua voz lá dentro. A macaquinha passara pela claraboia de um sótão, atravessara o telhado e entrara pela claraboia do outro. Tive enorme dificuldade em convencê-la a sair. Quando veio, Heathcliff veio junto, e ela insistiu em que eu o levasse para a cozinha,

pois meu colega de trabalho tinha ido à casa de um vizinho para se afastar da nossa "salmodia do diabo", como lhe agradava chamá-la. Disse aos dois que não pretendia de modo algum incentivar suas travessuras. Mas, como o prisioneiro não comia desde o jantar da véspera, fecharia os olhos à desobediência ao sr. Hindley daquela vez. Ele desceu. Pus um banquinho junto ao fogo e lhe ofereci uma porção de coisas boas, mas ele estava indisposto e comeu pouco. Minhas tentativas de animá-lo foram inúteis. Apoiou os dois cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos e permaneceu mergulhado numa reflexão silenciosa. Quando perguntei no que pensava, respondeu com seriedade: — Estou tentando decidir como vou fazer Hindley pagar. Não me importa quanto tempo precise esperar, desde que consiga no fim. Espero que ele não morra antes de mim!

— Tenha vergonha, Heathcliff! — disse eu. — Cabe a Deus castigar os maus. Nós devemos aprender a perdoar.

— Não. Deus não vai ter a satisfação que eu vou ter — respondeu. — Só queria saber o melhor jeito! Deixe-me quieto, que eu planejo. Enquanto penso nisso, não sinto dor.

Mas, sr. Lockwood, esqueço que essas histórias não podem divertir o senhor. Fico aborrecida de ter me deixado falar tanto, com seu mingau frio e o senhor cochilando, querendo ir para a cama! Eu poderia ter contado a história de Heathcliff, tudo o que precisa ouvir, em meia dúzia de palavras.

Interrompendo-se assim, a governanta se levantou e começou a guardar a costura. Mas eu me sentia incapaz de sair de perto do fogo e estava muito longe de cochilar. — Fique sentada, sra. Dean — exclamei. — Fique mais meia hora. Fez muito bem em contar a história com calma.

É assim que gosto, e precisa terminá-la do mesmo jeito. Interesso-me, mais ou menos, por cada pessoa que mencionou.

— O relógio está para bater onze, senhor.

— Não importa. Não estou acostumado a me deitar nas horas longas da noite. Uma ou duas da manhã já é cedo o suficiente para quem fica na cama até as dez.

— Não devia ficar na cama até as dez. A melhor parte da manhã já passou muito antes disso. Quem não fez metade do trabalho do dia até as dez corre o risco de deixar a outra metade sem fazer.

— Mesmo assim, sra. Dean, retome sua cadeira, porque amanhã pretendo estender a noite até depois do meio-dia. Prevejo para mim, no mínimo, um resfriado persistente.

— Espero que não, senhor. Bem, precisa me permitir saltar uns três anos. Nesse período, a sra. Earnshaw...

— Não, não permito nada disso! Conhece aquele estado de espírito em que, se estivesse sozinha, sentada, com a gata lambendo o filhote no tapete à sua frente, observaria a operação com tanta atenção que ficaria seriamente aborrecida se a gata deixasse de limpar uma orelha?

— Um estado de espírito terrivelmente preguiçoso, eu diria.

— Pelo contrário, cansativamente ativo. É o meu, neste momento. Portanto, continue com todos os detalhes. Percebo que as pessoas desta região ganham, em comparação com as das cidades, o valor que uma aranha numa masmorra tem diante de uma aranha numa casa de campo, para os respectivos moradores. E, no entanto, esse interesse maior não se deve inteiramente à situação de quem observa. Elas realmente vivem de maneira mais intensa, mais dentro de si, menos na superfície, na mudança e nas frivolidades externas. Aqui eu quase consigo imaginar possível um amor para a vida inteira, e eu era um descrente convicto de qualquer amor que durasse um ano. Uma situação se parece com pôr um homem faminto diante de um único prato, no qual pode concentrar

todo o apetite e ao qual pode fazer justiça. A outra, com apresentá-lo a uma mesa preparada por cozinheiros franceses: talvez extraia do conjunto tanto prazer quanto antes, mas cada parte não passa de um átomo em sua consideração e em sua lembrança.

— Ah! Aqui somos iguais aos de qualquer outro lugar, quando nos conhecem — observou a sra. Dean, um pouco perplexa com meu discurso.

— Desculpe — respondi —, mas a senhora, minha boa amiga, é uma prova notável contra essa afirmação. Exceto por alguns regionalismos sem importância, não traz nenhuma marca das maneiras que estou acostumado a considerar próprias de sua classe. Tenho certeza de que pensou muito mais do que a maioria dos criados costuma pensar. Foi obrigada a cultivar suas faculdades de reflexão por falta de ocasiões para desperdiçar a vida com pequenas tolices.

A sra. Dean riu.

— Certamente me considero uma pessoa equilibrada e sensata — disse. — Não exatamente por viver entre colinas e ver o mesmo grupo de rostos e a mesma sequência de acontecimentos de um ano a outro, mas porque passei por uma disciplina dura, que me ensinou sabedoria. E também li mais do que o senhor imagina, sr. Lockwood. Não poderia abrir um livro nesta biblioteca que eu não tenha olhado e do qual não tenha tirado alguma coisa, a menos que seja daquela fileira de grego e latim ou daquela de francês. E esses sei distinguir uns dos outros. É o máximo que se pode esperar da filha de um pobre. Mas, se devo continuar minha história como uma verdadeira faladeira, é melhor seguir. Em vez de saltar três anos, vou me contentar em passar ao verão seguinte, o verão de 1778, há quase vinte e três anos.

Capítulo VIII

Na manhã de um belo dia de junho, nasceu meu primeiro lindo bebezinho de criação, o último da antiga linhagem dos Earnshaw. Estávamos ocupados com o feno num campo distante quando a moça que costumava trazer nosso café da manhã veio correndo pelo prado e subiu o caminho uma hora antes do habitual, me chamando enquanto corria.

— Ah, que bebê maravilhoso! — disse, sem fôlego. — O menino mais lindo que já respirou! Mas o médico diz que a patroa vai morrer. Diz que está com tuberculose há muitos meses. Eu o ouvi contar ao sr. Hindley. Agora ela não tem mais nada que a segure e vai morrer antes do inverno. Você precisa voltar para casa imediatamente. Vai cuidar dele, Nelly: dar leite com açúcar e tomar conta dele de dia e de noite. Queria estar no seu lugar, porque ele vai ser todo seu quando a patroa não estiver mais aqui!

— Mas ela está muito doente? — perguntei, largando o ancinho e amarrando a touca.

— Acho que sim, mas parece estar tão bem — respondeu a moça. — E fala como se pensasse em viver para vê-lo homem feito. Está fora de si de tanta alegria, de tão lindo que ele é! Se eu fosse ela, tenho certeza de que não morreria. Só de olhar para ele ficaria boa, apesar de Kenneth. Fiquei furiosa com ele. A sra. Archer trouxe o anjinho lá para baixo, para o patrão, na sala. O rosto dele mal começara a se iluminar quando aquele velho agourento avançou e disse: "Earnshaw, é uma bênção que sua esposa tenha sido poupada para lhe deixar este filho. Quando ela chegou, tive certeza de que não a teríamos por muito tempo. Agora preciso lhe dizer que o inverno provavelmente vai acabar com ela. Não

se desespere nem se preocupe demais: não há o que fazer. Além disso, deveria ter tido mais juízo do que escolher uma moça tão frágil!"

— E o que o patrão respondeu? — perguntei.

— Acho que praguejou. Mas não prestei atenção nele, estava me esticando para ver o bebê. — E recomeçou a descrevê-lo, extasiada. Tão animada quanto ela, voltei depressa para casa, ansiosa por também admirá-lo, embora estivesse muito triste por Hindley. No coração dele só havia lugar para dois ídolos: a esposa e ele mesmo. Era louco pelos dois e adorava um deles. Eu não conseguia imaginar como suportaria a perda.

Quando chegamos ao Morro dos Ventos Uivantes, lá estava ele à porta principal. Ao entrar, perguntei: — Como está o bebê?

— Quase pronto para sair correndo, Nell! — respondeu, assumindo um sorriso alegre.

— E a patroa? — arrisquei perguntar. — O médico diz que ela...

— O médico que se dane! — interrompeu, ficando vermelho. — Frances está perfeitamente bem. Na semana que vem, a esta hora, estará inteiramente boa. Vai subir? Diga a ela que vou, se prometer não falar. Saí porque ela não calava a boca, e precisa calar. Diga que o sr. Kenneth mandou ficar quieta.

Levei o recado à sra. Earnshaw. Ela parecia num estado de animação volúvel e respondeu, alegre: — Mal falei uma palavra, Ellen, e ele já saiu duas vezes chorando. Bem, diga que prometo não falar. Mas isso não me obriga a não rir dele!

Pobre alma! Até uma semana antes de morrer, aquele coração alegre não a abandonou. E o marido insistia obstinadamente, ou melhor, furiosamente, em afirmar que a saúde dela melhorava a cada dia. Quando Kenneth o avisou de que seus remédios eram inúteis naquela fase da doença e que não precisava lhe causar mais despesas continuando as visitas, ele retrucou: — Sei que não precisa! Ela está boa. Não quer

mais seus cuidados! Nunca teve tuberculose. Foi uma febre, e já passou. O pulso dela agora está tão lento quanto o meu, e o rosto, tão fresco.

Contava a mesma história à esposa, e ela parecia acreditar. Mas certa noite, enquanto estava apoiada no ombro dele e dizia que achava que conseguiria se levantar no dia seguinte, veio um acesso de tosse, muito leve. Ele a ergueu nos braços. Ela passou as duas mãos em torno do pescoço dele, seu rosto mudou, e estava morta.

Como a moça previra, o pequeno Hareton ficou inteiramente sob meus cuidados. Desde que o visse saudável e nunca o ouvisse chorar, o sr. Earnshaw estava satisfeito no que dizia respeito ao filho. Quanto a si mesmo, caiu no desespero. Sua dor era daquele tipo que não lamenta. Não chorava nem rezava; amaldiçoava e desafiava. Insultava Deus e os homens e se entregava a uma vida de excessos sem freio. Os criados não suportaram por muito tempo sua conduta tirânica e maldosa. Joseph e eu fomos os únicos a ficar. Eu não tinha coragem de abandonar a criança a meu cargo. Além disso, como o senhor sabe, fora irmã de leite de Hindley e desculpava seu comportamento com mais facilidade do que uma pessoa de fora. Joseph ficou para tiranizar os arrendatários e os trabalhadores, e porque sua vocação era estar onde houvesse bastante maldade para censurar.

Os maus hábitos e as más companhias do patrão formavam um belo exemplo para Catherine e Heathcliff. O tratamento que dava a este último bastaria para transformar um santo em demônio. E, de fato, naquela época parecia que o rapaz era possuído por alguma coisa diabólica. Deliciava-se em ver Hindley se degradar além de qualquer salvação e se destacava a cada dia mais por um mau humor selvagem e pela ferocidade. Não conseguiria contar nem metade do inferno que era nossa casa. O cura deixou de visitar, e por fim nenhuma pessoa decente se aproximava de nós, a menos que as visitas de Edgar Linton à srta. Cathy fossem uma exceção. Aos quinze anos, ela era a rainha da região.

Não tinha rival. E que criatura altiva e obstinada se tornou! Confesso que deixei de gostar dela depois da infância e a irritava com frequência tentando diminuir sua arrogância. Ela, porém, nunca criou aversão por mim. Tinha uma constância admirável nos antigos afetos. Até Heathcliff conservava inalterado seu lugar no coração dela, e o jovem Linton, apesar de toda a sua superioridade, tinha dificuldade em causar uma impressão igualmente profunda. Ele foi meu falecido patrão. É o retrato dele que está sobre a lareira. Antes ficava de um lado, e o da esposa, do outro. Mas o dela foi retirado. Caso contrário, o senhor poderia ter uma ideia de como ela era. Consegue enxergar aquele?

A sra. Dean ergueu a vela, e distingui um rosto de traços suaves, muito parecido com o da jovem do Morro, mas de expressão mais pensativa e amável. Era uma imagem doce. Os cabelos longos e claros se encaracolavam de leve nas têmporas, os olhos eram grandes e sérios, a figura, quase graciosa demais. Não me surpreendi que Catherine Earnshaw pudesse esquecer o primeiro amigo por um homem assim. Surpreendi-me muito que ele, com um espírito correspondente à aparência, pudesse se apaixonar pela Catherine Earnshaw que eu imaginava.

— Um retrato muito agradável — observei à governanta. — É parecido?

— Sim — respondeu. — Mas ele ficava mais bonito quando estava animado. Essa era sua expressão de todos os dias. Em geral, faltava-lhe vivacidade.

Catherine mantivera a amizade com os Linton desde as cinco semanas que passara entre eles. Como não tinha nenhuma tentação de mostrar seu lado grosseiro na companhia deles e tinha o bom senso de se envergonhar de ser rude onde encontrava tão invariável cortesia, enganou sem querer a velha senhora e o velho cavalheiro com sua cordialidade engenhosa. Conquistou a admiração de Isabella e o coração

e a alma do irmão. Essas conquistas a lisonjearam desde o início, pois era cheia de ambição, e a levaram a adotar um caráter duplo, sem a intenção exata de enganar ninguém. No lugar onde ouvia Heathcliff ser chamado de "jovem rufião vulgar" e "pior que um animal", tomava cuidado para não agir como ele. Mas, em casa, tinha pouca vontade de praticar uma polidez de que só zombariam ou de refrear uma natureza indisciplinada quando isso não lhe traria reconhecimento nem elogio.

O sr. Edgar raramente reunia coragem para visitar abertamente o Morro dos Ventos Uivantes. Tinha pavor da reputação de Earnshaw e recuava diante da possibilidade de encontrá-lo. Mesmo assim, sempre era recebido com nossas melhores tentativas de cortesia. O próprio patrão evitava ofendê-lo, sabendo por que vinha, e, se não conseguia ser gentil, ficava longe. Acho que a presença de Edgar ali desagradava a Catherine. Ela não era calculista, nunca bancava a coquete, e evidentemente não queria que os dois amigos se encontrassem. Quando Heathcliff expressava desprezo por Linton na presença dele, ela não podia concordar tanto quanto fazia em sua ausência. E, quando Linton demonstrava repugnância e antipatia por Heathcliff, ela não ousava tratar esses sentimentos com indiferença, como se depreciar seu companheiro de brincadeiras pouco lhe importasse. Ri muitas vezes de suas perplexidades e de seus sofrimentos silenciosos, que ela tentava inutilmente esconder de minha zombaria. Isso parece maldade, mas ela era tão orgulhosa que se tornava realmente impossível ter pena de suas aflições enquanto não fosse castigada até aprender um pouco mais de humildade. Por fim, acabou se decidindo a confessar e a confiar em mim. Não havia outra alma que pudesse transformar em conselheira.

Certa tarde, o sr. Hindley saiu de casa, e Heathcliff tomou a liberdade de se conceder uma folga por causa disso. Acho que então já tinha dezesseis anos. Sem ter feições ruins nem falta de inteligência, conseguia transmitir uma impressão de repulsividade interior e exterior

da qual sua aparência atual não conserva vestígio. Em primeiro lugar, àquela altura já perdera o benefício da educação inicial. O trabalho duro e contínuo, começado cedo e terminado tarde, extinguira qualquer curiosidade que um dia tivesse pela busca do conhecimento e qualquer gosto por livros ou estudo. O sentimento infantil de superioridade, incutido nele pelos favores do velho sr. Earnshaw, havia desaparecido. Lutou muito para se manter à altura de Catherine nos estudos e cedeu com um pesar profundo, embora silencioso. Mas cedeu por completo. E, quando percebeu que necessariamente cairia abaixo de seu nível anterior, ninguém conseguiu convencê-lo a dar um passo para subir. Então a aparência acompanhou a deterioração intelectual: adquiriu um andar curvado e uma expressão ignóbil. O temperamento naturalmente reservado se exagerou num excesso quase idiota de mau humor insociável. E ele parecia sentir um prazer sombrio em despertar a aversão, em vez da estima, das poucas pessoas que conhecia.

Catherine e ele continuavam companheiros constantes nas horas em que o trabalho lhe dava descanso. Mas ele deixara de expressar em palavras o carinho por ela e recuava, desconfiado e zangado, diante de suas carícias de moça, como se soubesse que não poderia haver prazer em dedicar-lhe aquelas demonstrações de afeto. Na ocasião que mencionei, entrou na sala para anunciar que não faria nada, enquanto eu ajudava a srta. Cathy a arrumar o vestido. Ela não contava que lhe desse na cabeça ficar ocioso. Imaginando que teria a casa inteira para si, conseguira, de algum modo, avisar o sr. Edgar da ausência do irmão e se preparava para recebê-lo.

— Cathy, está ocupada esta tarde? — perguntou Heathcliff. — Vai a algum lugar?

— Não, está chovendo — respondeu ela.

— Então por que está com esse vestido de seda? — perguntou. — Espero que não venha ninguém aqui.

— Não que eu saiba — gaguejou a senhorita. — Mas você devia estar no campo agora, Heathcliff. Já faz uma hora que passou a hora do jantar. Pensei que tivesse ido.

— Hindley não nos livra muitas vezes de sua presença maldita — observou o rapaz. — Hoje não vou trabalhar mais. Vou ficar com você.

— Ah, mas Joseph vai contar — sugeriu ela. — É melhor ir!

— Joseph está carregando cal do outro lado dos Rochedos de Penistone. Vai levar até escurecer e nunca ficará sabendo.

Dito isso, foi vagarosamente até o fogo e se sentou. Catherine refletiu por um instante, de sobrancelhas franzidas. Percebeu que precisava preparar o terreno para uma intromissão. — Isabella e Edgar Linton falaram em nos visitar esta tarde — disse, depois de um minuto de silêncio. — Como está chovendo, acho difícil que venham. Mas podem vir, e, se vierem, você corre o risco de levar uma bronca à toa.

— Mande Ellen dizer que está ocupada, Cathy — insistiu ele. — Não me ponha para fora por causa desses seus amigos tolos e desprezíveis! Às vezes, estou a ponto de reclamar que eles... Mas não vou...

— Que eles o quê? — exclamou Catherine, olhando para ele com uma expressão perturbada. — Ah, Nelly! — acrescentou, irritada, arrancando a cabeça de minhas mãos. — Você penteou meu cabelo até acabar com todos os cachos! Chega, deixe-me em paz. Do que está a ponto de reclamar, Heathcliff?

— De nada. Só olhe o calendário naquela parede. — Apontou para uma folha emoldurada perto da janela e continuou: — As cruzes são as noites que passou com os Linton; os pontos, as que passou comigo. Está vendo? Marquei todos os dias.

— Sim. Que bobagem! Como se eu prestasse atenção nisso — respondeu Catherine, num tom impaciente. — E que sentido tem isso?

— Mostrar que eu presto atenção — disse Heathcliff.

— E eu deveria ficar sempre sentada com você? — perguntou ela, cada vez mais irritada. — O que ganho com isso? Sobre o que você conversa? Pelo que diz para me divertir, ou pelo que faz, tanto poderia ser mudo ou um bebê!

— Você nunca me disse antes que eu falava pouco ou que não gostava da minha companhia, Cathy! — exclamou Heathcliff, muito agitado.

— Não é companhia nenhuma quando a pessoa não sabe nada e não diz nada — murmurou ela.

O companheiro se levantou, mas não teve tempo de expressar mais seus sentimentos. Ouviram-se cascos de cavalo nas lajes e, depois de uma batida suave, o jovem Linton entrou, com o rosto radiante de alegria pelo chamado inesperado que recebera. Sem dúvida, Catherine percebeu a diferença entre os amigos quando um entrou e o outro saiu. O contraste se parecia com o que se vê ao trocar uma região desolada de colinas e carvão por um belo vale fértil. A voz e o cumprimento de Edgar eram tão diferentes quanto sua aparência. Falava baixo, com doçura, e pronunciava as palavras como o senhor: de um jeito menos áspero do que o nosso aqui, mais suave.

— Não cheguei cedo demais, cheguei? — perguntou, lançando um olhar para mim. Eu começara a limpar a prataria e a arrumar umas gavetas na extremidade do aparador.

— Não — respondeu Catherine. — O que está fazendo aí, Nelly?

— Meu trabalho, senhorita — respondi. (O sr. Hindley me dera ordens de ficar como terceira pessoa em qualquer visita particular que Linton resolvesse fazer.)

Ela veio para trás de mim e sussurrou, zangada: — Pegue seus panos e suma. Quando há visitas em casa, os criados não começam a esfregar e limpar justamente a sala onde elas estão!

— Agora que o patrão saiu, é uma boa oportunidade — respondi em voz alta. — Ele detesta que eu fique mexendo nessas coisas em sua presença. Tenho certeza de que o sr. Edgar vai me desculpar.

— Eu detesto que fique mexendo nessas coisas na minha presença! — exclamou a jovem, imperiosa, sem dar tempo ao visitante de falar. Ainda não recuperara a calma depois da pequena discussão com Heathcliff.

— Lamento, srta. Catherine — respondi. E continuei meu trabalho com dedicação.

Supondo que Edgar não pudesse vê-la, ela arrancou o pano de minha mão e me deu um beliscão muito maldoso no braço, apertando e torcendo por um bom tempo. Já disse que eu não gostava dela e até apreciava ferir sua vaidade de vez em quando. Além disso, ela me machucou muito. Por isso, ergui-me de um salto de onde estava ajoelhada e gritei: — Ah, senhorita, isso é uma maldade! Não tem o direito de me beliscar, e não vou aceitar!

— Não encostei em você, sua mentirosa! — gritou, com os dedos ansiosos por repetir o gesto e as orelhas vermelhas de raiva. Nunca conseguia esconder sua fúria: ela sempre lhe incendiava o rosto inteiro.

— E o que é isto, então? — retruquei, mostrando uma marca roxa inequívoca para desmenti-la.

Ela bateu o pé, hesitou por um instante e depois, irresistivelmente impelida pelo espírito perverso que tinha dentro de si, deu-me um tapa no rosto. Uma pancada ardida que encheu meus dois olhos de lágrimas.

— Catherine, querida! Catherine! — interveio Linton, profundamente chocado com a dupla falta cometida por seu ídolo: mentira e violência.

— Saia da sala, Ellen! — repetiu ela, tremendo inteira.

O pequeno Hareton, que me seguia por toda parte e estava sentado no chão perto de mim, começou a chorar também ao ver minhas

lágrimas. Entre soluços, reclamou da "tia Cathy malvada", atraindo a fúria dela sobre sua pobre cabeça. Catherine o agarrou pelos ombros e o sacudiu até a criança ficar lívida. Edgar, sem pensar, segurou as mãos dela para libertá-lo. Num instante, uma delas se soltou, e o jovem espantado a sentiu aplicada na própria orelha, de um jeito impossível de confundir com brincadeira. Recuou, consternado. Peguei Hareton no colo e fui com ele para a cozinha, deixando aberta a porta de comunicação, pois estava curiosa para ver como resolveriam o desacordo. O visitante insultado foi até o lugar onde deixara o chapéu, pálido e com os lábios trêmulos.

"Isso mesmo!", pensei. "Entenda o aviso e vá embora! É uma bondade deixar que veja um pouco do verdadeiro temperamento dela."

— Aonde vai? — perguntou Catherine, avançando para a porta.

Ele se desviou e tentou passar.

— Você não pode ir! — exclamou ela, com energia.

— Posso e vou! — respondeu, em voz baixa.

— Não — insistiu ela, agarrando a maçaneta. — Ainda não, Edgar Linton. Sente-se. Não vai me deixar nesse estado de ânimo. Eu ficaria infeliz a noite inteira, e não vou ficar infeliz por sua causa!

— Posso ficar depois de você me bater? — perguntou Linton.

Catherine ficou muda.

— Você me fez sentir medo e vergonha de você — continuou ele. — Não volto mais aqui!

Os olhos dela começaram a brilhar, e as pálpebras, a piscar.

— E você mentiu de propósito! — disse ele.

— Não menti! — exclamou, recuperando a voz. — Não fiz nada de propósito. Pois vá, se quiser! Vá embora! E agora vou chorar. Vou chorar até passar mal!

Caiu de joelhos junto a uma cadeira e começou a chorar de verdade. Edgar manteve sua decisão até o pátio. Ali se demorou. Resolvi encorajá-lo.

— A senhorita é terrivelmente caprichosa, senhor — chamei. — Tão ruim quanto qualquer criança estragada por mimos. É melhor montar e ir para casa, ou ela vai adoecer só para nos afligir.

Aquela criatura de coração mole olhou de lado pela janela. Tinha tanta capacidade de partir quanto um gato de deixar um rato meio morto ou um pássaro meio comido. "Ah", pensei, "não há salvação para ele. Está condenado e corre ao encontro do próprio destino!" E foi isso mesmo: virou-se de repente, entrou outra vez às pressas e fechou a porta atrás de si. Quando fui lá algum tempo depois para avisar que Earnshaw voltara bêbado como um louco, pronto para pôr a casa abaixo sobre nossas cabeças (seu estado de espírito habitual naquela condição), vi que a briga só produzira uma intimidade maior. Rompera as defesas da timidez juvenil e permitira que abandonassem o disfarce da amizade e se confessassem apaixonados.

A notícia da chegada do sr. Hindley levou Linton depressa ao cavalo e Catherine ao quarto. Fui esconder o pequeno Hareton e retirar os chumbos da espingarda de caça do patrão. Ele gostava de brincar com ela em sua excitação insana, pondo em risco a vida de qualquer pessoa que o provocasse ou simplesmente chamasse demais sua atenção. Eu tivera a ideia de retirar a munição para que causasse menos estrago caso chegasse a disparar a arma.

Capítulo IX

Ele entrou vociferando pragas terríveis de ouvir e me pegou no ato de esconder seu filho no armário da cozinha. Hareton tinha um saudável pavor de encontrar tanto o carinho de fera quanto a fúria de louco do pai. Num caso, corria o risco de ser apertado e beijado até morrer; no outro, de ser atirado ao fogo ou contra a parede. Por isso, o pobrezinho ficava perfeitamente quieto onde quer que eu o pusesse.

— Pronto, finalmente descobri! — gritou Hindley, puxando-me para trás pela pele da nuca como a um cachorro. — Pelo céu e pelo inferno, vocês combinaram matar essa criança! Agora sei por que ele nunca está no meu caminho. Mas, com a ajuda de Satanás, vou fazer você engolir a faca de trinchar, Nelly! Não precisa rir. Acabei de enfiar Kenneth de cabeça para baixo no pântano do Cavalo Negro, e dois são a mesma coisa que um. Quero matar alguns de vocês. Não vou ter descanso até conseguir!

— Mas não gosto da faca de trinchar, sr. Hindley — respondi. — Ela andou cortando arenque defumado. Prefiro um tiro, se o senhor não se importa.

— Você prefere ir para o inferno! — disse ele. — E é para lá que vai. Nenhuma lei na Inglaterra pode impedir um homem de manter sua casa decente, e a minha está abominável! Abra a boca.

Tinha a faca na mão e enfiou a ponta entre meus dentes. De minha parte, porém, nunca tive muito medo de seus desvarios. Cuspi e afirmei que o gosto era detestável. Não a engoliria de jeito nenhum.

— Ah! — disse, soltando-me. — Estou vendo que aquele monstrinho horrível não é Hareton. Peço desculpas, Nell. Se for, merece ser esfolado vivo por não correr para me receber e por gritar

como se eu fosse um duende. Filhote desnaturado, venha cá! Vou ensinar você a enganar um pai bondoso e iludido. Não acha que o menino ficaria mais bonito com as orelhas cortadas? Isso deixa um cachorro mais feroz, e gosto de coisas ferozes. Pegue uma tesoura. Algo feroz e bem-aparado! Além disso, é uma afetação infernal, uma vaidade diabólica, ter tanto apego às orelhas. Já somos burros o bastante sem elas. Quieto, criança, quieto! Ora, é meu queridinho! Calma, enxugue os olhos. Assim é que é. Dê-me um beijo. O quê? Não quer? Beije-me, Hareton! Maldito seja, beije-me! Por Deus, como se eu fosse criar um monstro desses! Tão certo quanto estou vivo, vou quebrar o pescoço desse pirralho.

O pobre Hareton berrava e esperneava nos braços do pai com toda a força. Seus gritos dobraram quando Hindley o levou escada acima e o ergueu por cima do corrimão. Gritei que ele provocaria convulsões na criança de tanto assustá-la e corri para resgatá-la. Quando cheguei perto, Hindley se inclinou sobre a balaustrada para escutar um ruído lá embaixo, quase esquecendo o que tinha nas mãos. — Quem é? — perguntou, ouvindo alguém se aproximar do pé da escada. Também me inclinei para fazer sinal a Heathcliff, cujos passos reconheci, de que não avançasse. No instante em que meus olhos deixaram Hareton, ele deu um salto repentino, livrou-se do aperto descuidado que o segurava e caiu.

Mal houve tempo de sentir o choque do horror antes de vermos que o pobrezinho estava salvo. Heathcliff chegou embaixo exatamente no momento crítico. Por um impulso natural, interrompeu a queda e, depois de pôr a criança de pé, ergueu os olhos para descobrir o responsável pelo acidente. Um avarento que vendesse por cinco xelins um bilhete premiado de loteria e descobrisse no dia seguinte que perdera cinco mil libras no negócio não mostraria um rosto mais desolado do que o dele ao ver a figura do sr. Earnshaw lá em cima. Sua expressão

dizia, com mais clareza do que palavras, a angústia intensa de ter se tornado o instrumento que frustrava sua própria vingança. Se estivesse escuro, imagino que teria tentado corrigir o erro esmagando o crânio de Hareton nos degraus. Mas tínhamos testemunhado o salvamento, e logo eu estava lá embaixo, com meu precioso protegido apertado contra o peito. Hindley desceu mais devagar, sóbrio e envergonhado.

— A culpa é sua, Ellen — disse. — Devia tê-lo mantido fora de vista. Devia tê-lo tirado de mim! Ele se machucou em algum lugar?

— Machucou! — exclamei, furiosa. — Se não morreu, vai ficar idiota! Ah, é de admirar que a mãe não se levante do túmulo para ver como o senhor o trata. É pior do que um pagão, tratando assim seu próprio sangue!

Ele tentou tocar na criança, que, ao se ver comigo, logo foi dissipando o terror em soluços. Mas, ao primeiro dedo que o pai pousou nele, voltou a gritar mais alto do que antes e a se debater como se fosse entrar em convulsão.

— Não vai encostar nele! — continuei. — Ele odeia o senhor. Todos odeiam. Essa é a verdade! Que família feliz o senhor tem! E a que belo estado chegou!

— Vou chegar a um mais bonito ainda, Nelly — riu o homem desorientado, recuperando a dureza. — Por enquanto, suma daqui com ele. E escute, Heathcliff: você também trate de ficar longe do meu alcance e dos meus ouvidos. Não pretendo matá-lo esta noite, a menos, talvez, que ponha fogo na casa. Mas isso depende da minha vontade.

Enquanto falava, pegou uma garrafa de conhaque no aparador e despejou um pouco num copo.

— Não, não faça isso! — supliquei. — Sr. Hindley, preste atenção ao aviso. Tenha pena deste menino infeliz, se não se importa consigo mesmo!

— Qualquer pessoa cuidará dele melhor do que eu — respondeu.

— Tenha pena da própria alma! — disse eu, tentando arrancar o copo de sua mão.

— Eu, não! Pelo contrário, terei grande prazer em mandá-la para a perdição, para castigar seu Criador — exclamou o blasfemo. — À sua completa condenação!

Bebeu a aguardente e nos mandou sair, impaciente, encerrando a ordem com uma série de pragas horríveis, ruins demais para repetir ou lembrar.

— É uma pena que não consiga se matar de beber — observou Heathcliff quando a porta se fechou, devolvendo num murmúrio um eco das maldições. — Está fazendo todo o possível, mas sua constituição resiste. O sr. Kenneth diz que apostaria a própria égua que ele viverá mais do que qualquer homem deste lado de Gimmerton e irá para o túmulo como um pecador de cabelos brancos, a menos que alguma feliz ocorrência fora do comum lhe aconteça.

Fui para a cozinha e me sentei para embalar meu cordeirinho até ele dormir. Pensei que Heathcliff tivesse atravessado o cômodo e ido para o celeiro. Depois soube que só fora até o outro lado do banco de encosto, onde se jogara num assento junto à parede, longe do fogo, e permanecera em silêncio.

Eu balançava Hareton no colo e cantarolava uma canção que começava assim:

> Era noite alta, e os pequenos choravam,
> A mãe, sob a terra, aquele choro escutava,

quando a srta. Cathy, que ouvira a confusão de seu quarto, pôs a cabeça para dentro e sussurrou: — Está sozinha, Nelly?

— Sim, senhorita — respondi.

Ela entrou e se aproximou do fogo. Como imaginei que fosse dizer alguma coisa, ergui os olhos. Seu rosto parecia perturbado e ansioso. Os

lábios estavam entreabertos, como se pretendesse falar, e ela puxou o ar, mas ele saiu num suspiro, em vez de numa frase. Retomei minha canção, sem ter esquecido seu comportamento recente.

— Onde está Heathcliff? — perguntou, interrompendo-me.

— Trabalhando no estábulo — respondi.

Ele não me contradisse. Talvez tivesse adormecido. Houve outra longa pausa, durante a qual percebi uma ou duas gotas caindo do rosto de Catherine nas lajes. "Está arrependida da conduta vergonhosa?", perguntei a mim mesma. "Seria novidade. Mas que chegue ao assunto como quiser. Não vou ajudá-la!" Não, ela se preocupava pouco com qualquer coisa além dos próprios assuntos.

— Ah, meu Deus! — exclamou por fim. — Estou muito infeliz!

— Que pena — observei. — A senhorita é difícil de agradar. Tantos amigos e tão poucas preocupações, e não consegue ficar contente!

— Nelly, você guarda um segredo para mim? — continuou, ajoelhando-se ao meu lado e erguendo para meu rosto os olhos encantadores, com aquele olhar capaz de desarmar o mau humor mesmo quando temos todo o direito do mundo de alimentá-lo.

— Vale a pena guardar? — perguntei, menos áspera.

— Sim. E ele me preocupa, e preciso contar! Quero saber o que devo fazer. Hoje Edgar Linton me pediu em casamento, e eu lhe dei uma resposta. Agora, antes de dizer se aceitei ou recusei, quero que você diga qual deveria ter sido a resposta.

— Francamente, srta. Catherine, como posso saber? — respondi. — Certamente, considerando o espetáculo que deu na frente dele esta tarde, eu poderia dizer que seria sensato recusar. Se ele fez o pedido depois daquilo, deve ser irremediavelmente estúpido ou um tolo muito aventureiro.

— Se falar assim, não conto mais nada — retrucou, levantando-se, irritada. — Eu aceitei, Nelly. Diga depressa se fiz mal!

— Aceitou! Então de que adianta discutir? Deu sua palavra e não pode voltar atrás.

— Mas diga se eu deveria ter feito isso! Diga! — exclamou, num tom irritado, esfregando as mãos e franzindo a testa.

— Há muitas coisas a considerar antes de responder devidamente a essa pergunta — disse eu, sentenciosa. — Antes de tudo: ama o sr. Edgar?

— Quem poderia não amar? Claro que amo — respondeu.

Então a submeti ao seguinte catecismo, que, para uma moça de vinte e dois anos, não era mal pensado.

— Por que o ama, srta. Cathy?

— Que bobagem! Amo, e isso basta.

— De jeito nenhum. Precisa dizer por quê.

— Bem, porque é bonito e é agradável estar com ele.

— Ruim — foi meu comentário.

— E porque é jovem e alegre.

— Continua ruim.

— E porque ele me ama.

— Indiferente, vindo nessa posição.

— E ele vai ser rico, e vou gostar de ser a mulher mais importante da vizinhança, e vou ter orgulho de um marido assim.

— A pior de todas. E agora diga como o ama.

— Como todo mundo ama. Você é boba, Nelly.

— Nem um pouco. Responda.

— Amo o chão sob os pés dele, o ar sobre sua cabeça, tudo o que toca e cada palavra que diz. Amo todos os seus olhares, todas as suas ações, amo-o inteiro, completamente. Pronto!

— E por quê?

— Ah, você está fazendo piada disso! É muita maldade. Para mim não é brincadeira! — disse a jovem, fechando o rosto e virando-se para o fogo.

— Estou muito longe de brincar, srta. Catherine — respondi. — A senhorita ama o sr. Edgar porque ele é bonito, jovem, alegre, rico e a ama. A última razão, porém, não conta: provavelmente o amaria sem ela e, mesmo com ela, não o amaria se ele não tivesse os quatro primeiros atrativos.

— Não, claro que não. Só teria pena dele. Talvez o odiasse, se fosse feio e grosseiro.

— Mas há vários outros jovens bonitos e ricos no mundo, talvez mais bonitos e mais ricos do que ele. O que a impediria de amá-los?

— Se existem, não estão no meu caminho. Nunca vi ninguém como Edgar.

— Pode vir a ver. E ele não será sempre bonito e jovem, nem talvez sempre rico.

— Agora é, e só tenho de lidar com o presente. Gostaria que você falasse com sensatez.

— Bem, isso resolve tudo. Se só tem de lidar com o presente, case-se com o sr. Linton.

— Não quero sua permissão para isso. Vou me casar com ele. Mas você ainda não disse se estou certa.

— Inteiramente certa, se é certo casar pensando só no presente. Agora vamos ouvir o motivo de tanta infelicidade. Seu irmão vai ficar satisfeito. O pai e a mãe dele não se oporão, imagino. A senhorita vai sair de uma casa desordeira e sem conforto para outra rica e respeitável. Ama Edgar, e Edgar a ama. Tudo parece fácil e tranquilo. Onde está o obstáculo?

— Aqui! E aqui! — respondeu Catherine, batendo uma mão na testa e a outra no peito. — Onde quer que a alma viva. Na alma e no coração, tenho certeza de que estou errada!

— É muito estranho. Não consigo entender.

— Esse é o meu segredo. Mas, se não zombar de mim, vou explicar. Não consigo dizer com clareza, mas vou fazer você sentir um pouco do que sinto.

Sentou-se ao meu lado outra vez. Seu rosto ficou mais triste e sério, e as mãos unidas tremiam.

— Nelly, você nunca tem sonhos estranhos? — perguntou de repente, depois de alguns minutos de reflexão.

— Sim, de vez em quando — respondi.

— Eu também. Tive sonhos na vida que ficaram comigo para sempre e mudaram minhas ideias. Atravessaram todo o meu ser, como vinho na água, e alteraram a cor dos meus pensamentos. Este é um deles. Vou contar, mas tome cuidado para não sorrir de nenhuma parte.

— Ah, não, srta. Catherine! — exclamei. — Já temos tristeza suficiente sem chamar fantasmas e visões para nos perturbar. Vamos, anime-se, seja você mesma! Olhe o pequeno Hareton. Ele não está sonhando com nada sombrio. Como sorri docemente enquanto dorme!

— Sim. E como o pai dele pragueja docemente em sua solidão! Imagino que você se lembre de quando ele era igual a essa criaturinha rechonchuda, quase tão jovem e inocente. Mas, Nelly, vou obrigar você a ouvir. Não é comprido, e não consigo ficar alegre esta noite.

— Não vou ouvir! Não vou ouvir! — repeti depressa.

Naquela época eu era supersticiosa com sonhos, e ainda sou. Catherine tinha uma sombra incomum no rosto, e temi ouvir alguma coisa de que pudesse tirar uma profecia e prever uma catástrofe terrível. Ela ficou aborrecida, mas não continuou. Pouco depois, recomeçou, aparentemente mudando de assunto:

— Se eu estivesse no céu, Nelly, seria extremamente infeliz.

— Porque não está preparada para ir para lá — respondi. — Todos os pecadores seriam infelizes no céu.

— Mas não é por isso. Uma vez sonhei que estava lá.

— Já disse que não vou ouvir seus sonhos, srta. Catherine! Vou para a cama — interrompi outra vez.

Ela riu e me segurou, pois fiz menção de deixar a cadeira.

— Não é nada! — exclamou. — Eu só ia dizer que o céu não parecia ser minha casa. E chorei tanto para voltar à terra que meu coração se partiu. Os anjos ficaram tão zangados que me atiraram no meio da charneca, no alto do Morro dos Ventos Uivantes, onde acordei soluçando de alegria. Isso serve para explicar meu segredo tão bem quanto o outro sonho. Não tenho mais razão para me casar com Edgar Linton do que para estar no céu. E, se aquele homem perverso ali dentro não tivesse rebaixado tanto Heathcliff, eu nem teria pensado nisso. Casar com Heathcliff agora me degradaria. Por isso, ele nunca vai saber o quanto o amo. E não é por ser bonito, Nelly, mas porque ele é mais eu do que eu mesma. Seja do que for que nossas almas são feitas, a dele e a minha são iguais. E a de Linton é tão diferente quanto um raio de luar de um relâmpago, ou a geada do fogo.

Antes que esse discurso terminasse, percebi a presença de Heathcliff. Ao notar um leve movimento, virei a cabeça e o vi se levantar do banco e sair sem ruído. Escutara até ouvir Catherine dizer que se degradaria ao casar com ele. Depois não ficou para ouvir mais nada. Minha companheira, sentada no chão, não podia notar sua presença nem sua partida por causa do encosto do banco. Mas eu me sobressaltei e pedi que se calasse!

— Por quê? — perguntou, olhando nervosamente em volta.

— Joseph chegou — respondi, ouvindo oportunamente o ruído das rodas de sua carroça na estrada. — E Heathcliff vai entrar com ele. Não tenho certeza de que ele não estivesse à porta agora mesmo.

— Ah, da porta ele não poderia me ouvir! — disse ela. — Dê-me Hareton enquanto prepara a ceia. Quando estiver pronta, convide-me para comer com vocês. Quero enganar minha consciência inquieta e me convencer de que Heathcliff não tem ideia dessas coisas. Não tem, tem? Ele não sabe o que é estar apaixonado!

— Não vejo motivo para que não saiba tão bem quanto a senhorita — respondi. — E, se escolheu a senhorita, será a criatura mais infeliz que já nasceu! Assim que se tornar a sra. Linton, ele perde a amiga, o amor, tudo! Já pensou em como vai suportar a separação e em como ele vai suportar ficar inteiramente abandonado no mundo? Porque, srta. Catherine...

— Ele inteiramente abandonado? Nós separados? — exclamou, com um acento de indignação. — Quem vai nos separar, me diga? Terá o destino de Mílon! Enquanto eu viver, Ellen, nenhuma criatura mortal conseguirá. Todos os Linton da face da terra poderiam se dissolver no nada antes de eu consentir em abandonar Heathcliff. Ah, não é isso que pretendo! Não é isso que quero dizer! Eu não seria a sra. Linton se esse fosse o preço exigido! Ele será para mim o mesmo que foi a vida inteira. Edgar precisa se livrar dessa antipatia e, pelo menos, tolerá-lo. Vai fazer isso quando souber meus verdadeiros sentimentos por ele. Nelly, agora vejo que você me acha uma egoísta miserável. Mas nunca lhe ocorreu que, se Heathcliff e eu nos casássemos, seríamos mendigos? Enquanto, se eu me casar com Linton, poderei ajudar Heathcliff a subir na vida e tirá-lo do poder de meu irmão.

— Com o dinheiro de seu marido, srta. Catherine? — perguntei. — Vai descobrir que ele não é tão maleável quanto imagina. E, embora eu

não seja a melhor juíza, acho que esse é o pior motivo que deu até agora para se tornar esposa do jovem Linton.

— Não é — retrucou. — É o melhor! Os outros eram para satisfazer meus caprichos e também por Edgar, para satisfazê-lo. Este é por alguém que reúne em sua pessoa meus sentimentos por Edgar e por mim mesma. Não consigo explicar. Mas certamente você e todo mundo têm a noção de que existe, ou deveria existir, uma existência nossa além de nós mesmos. Para que eu teria sido criada, se estivesse inteiramente contida aqui? Meus grandes sofrimentos neste mundo foram os sofrimentos de Heathcliff, e acompanhei e senti cada um desde o começo. O grande pensamento da minha vida é ele. Se tudo o mais desaparecesse e ele ficasse, eu ainda continuaria a existir. Se tudo o mais permanecesse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria um imenso desconhecido, e eu não me sentiria parte dele. Meu amor por Linton é como a folhagem da floresta: o tempo vai mudá-lo, sei muito bem, como o inverno muda as árvores. Meu amor por Heathcliff se parece com as rochas eternas lá embaixo: uma fonte de pouco prazer visível, mas necessária. Nelly, eu sou Heathcliff! Ele está sempre, sempre em meus pensamentos. Não como um prazer, assim como eu mesma nem sempre sou um prazer para mim, mas como meu próprio ser. Então não fale mais em nossa separação. É impraticável, e...

Ela parou e escondeu o rosto nas dobras do meu vestido. Mas puxei o tecido com força, afastando-o. Eu já perdera a paciência com aquela insensatez!

— Se consigo encontrar algum sentido nessas bobagens, senhorita — disse —, é apenas o de que não conhece os deveres que assume ao se casar. Ou então é uma moça perversa e sem princípios. Mas não me incomode com mais segredos. Não prometo guardá-los.

— Vai guardar este? — perguntou, ansiosa.

— Não, não prometo — repeti.

Ela ia insistir, mas a entrada de Joseph encerrou nossa conversa. Catherine se mudou para um canto e ficou com Hareton no colo enquanto eu preparava a ceia. Quando a comida ficou pronta, meu colega e eu começamos a discutir sobre quem levaria uma porção ao sr. Hindley. Só resolvemos quando tudo já estava quase frio. Concordamos em deixá-lo pedir, se quisesse, pois tínhamos um medo especial de entrar em sua presença depois que passava algum tempo sozinho.

— E por que aquele inútil ainda num voltou do campo a esta hora? O que tá fazendo, aquele grande preguiçoso? — perguntou o velho, procurando Heathcliff com os olhos.

— Vou chamá-lo — respondi. — Sem dúvida está no celeiro.

Fui e chamei, mas não obtive resposta. Ao voltar, sussurrei a Catherine que tinha certeza de que ele ouvira boa parte do que ela dissera. Contei que o vira sair da cozinha justamente quando ela reclamava da maneira como o irmão o tratava. Ela se levantou num grande susto, largou Hareton no banco e correu para procurar o amigo pessoalmente, sem parar para considerar por que estava tão agitada ou como suas palavras o teriam afetado. Demorou tanto que Joseph propôs não esperarmos mais. Supôs, com malícia, que os dois se mantinham afastados para evitar sua bênção demorada. Eram "ruins o bastante pra qualquer falta de respeito", afirmou. Naquela noite, acrescentou por eles uma oração especial à súplica habitual de quinze minutos antes da refeição. Teria emendado outra no fim dos agradecimentos se a jovem patroa não o tivesse interrompido, ordenando com urgência que descesse a estrada, encontrasse Heathcliff onde quer que ele tivesse ido vagar e o fizesse voltar imediatamente!

— Quero falar com ele, e preciso falar antes de subir — disse. — E o portão está aberto. Ele está em algum lugar de onde não consegue ouvir, porque não respondeu, embora eu tenha gritado do alto do curral o mais alto que pude.

Joseph protestou a princípio, mas ela estava decidida demais para aceitar oposição. Por fim, ele pôs o chapéu na cabeça e saiu resmungando. Enquanto isso, Catherine andava de um lado para o outro, exclamando: — Onde estará? Onde pode estar? O que eu disse, Nelly? Esqueci. Ficou magoado com meu mau humor desta tarde? Ah, diga o que falei para magoá-lo! Queria tanto que ele viesse. Queria tanto!

— Que alvoroço por nada! — exclamei, embora também estivesse um pouco inquieta. — Que pouca coisa para assustar a senhorita! Certamente não há motivo para tanto alarme porque Heathcliff saiu para caminhar pela charneca ao luar, ou porque está deitado no palheiro, emburrado demais para falar conosco. Aposto que está escondido lá. Vai ver se não o tiro de lá!

Saí para procurar outra vez. O resultado foi decepcionante, assim como o da busca de Joseph.

— Aquele rapaz fica pior a cada dia! — observou ele ao entrar. — Deixou o portão escancarado, e o pônei da senhorita pisoteou duas faixas de plantação e atravessou tudo chapinhando até o pasto! De qualquer jeito, amanhã o patrão vai fazer um inferno, e vai fazer bem. Ele é a própria paciência com essas criaturas desleixadas e imprestáveis. A própria paciência! Mas num vai ser sempre assim. Vocês vão ver, todos vocês! Num podem tirar o homem do juízo à toa!

— Encontrou Heathcliff, seu burro? — interrompeu Catherine. — Foi procurá-lo, como mandei?

— Era melhor eu procurar o cavalo — respondeu. — Tinha mais sentido. Mas num posso procurar cavalo nem gente numa noite dessas, escura como a chaminé! E Heathcliff num é de vir quando eu assobio. Talvez com a senhorita ele fique menos duro de ouvido!

Era uma noite muito escura para o verão. As nuvens pareciam prestes a soltar trovões, e eu disse que seria melhor todos nos sentarmos: a chuva que se aproximava certamente o traria de volta sem mais

trabalho. Catherine, porém, não se deixava persuadir à tranquilidade. Continuou andando do portão à porta, da porta ao portão, numa agitação que não permitia descanso. Por fim, instalou-se de um lado do muro, perto da estrada. Indiferente aos meus protestos, ao ronco do trovão e às gotas grandes que começavam a cair ao seu redor, ficou ali, chamando de tempos em tempos, depois escutando e, depois, chorando abertamente. Num bom acesso de choro desesperado, superava Hareton ou qualquer outra criança.

Por volta da meia-noite, enquanto continuávamos acordados, a tempestade caiu sobre o Morro com toda a fúria. Havia vento violento e trovões, e um ou outro partiu uma árvore na esquina da casa. Um galho imenso caiu sobre o telhado e derrubou parte da chaminé leste, lançando uma chuva barulhenta de pedras e fuligem no fogo da cozinha. Pensamos que um raio tivesse caído no meio de nós. Joseph se atirou de joelhos, implorando ao Senhor que se lembrasse dos patriarcas Noé e Ló e, como nos tempos antigos, poupasse os justos enquanto castigava os ímpios. Também senti que aquilo devia ser um julgamento sobre nós. Na minha cabeça, o Jonas era o sr. Earnshaw. Sacudi a maçaneta de sua toca para descobrir se ainda estava vivo. Ele respondeu de maneira bastante audível, num tom que fez meu companheiro clamar, ainda mais alto do que antes, que deveria haver uma grande distinção entre santos como ele e pecadores como seu patrão. Mas o tumulto passou em vinte minutos, deixando-nos a todos ilesos, com exceção de Cathy, que ficou completamente encharcada por sua obstinação em recusar abrigo. Permanecera sem touca nem xale, recolhendo com os cabelos e as roupas toda a água que podia. Entrou e se deitou no banco, ensopada como estava, virando o rosto para o encosto e cobrindo-o com as mãos.

— Ora, senhorita! — exclamei, tocando seu ombro. — Não está decidida a morrer, está? Sabe que horas são? Meia-noite e meia. Vamos, vamos para a cama! Não adianta continuar esperando aquele menino

tolo. Deve ter ido a Gimmerton e agora vai ficar por lá. Imagina que não esperaríamos até tão tarde. Pelo menos, imagina que só o sr. Hindley estaria acordado, e prefere evitar que o patrão abra a porta.

— Não, não, ele num tá em Gimmerton — disse Joseph. — Num me admiraria se estivesse no fundo de um buraco no pântano. Essa visitação num veio por nada. E é bom a senhorita se cuidar: pode ser a próxima. Graças ao Céu por tudo! Tudo contribui pro bem dos escolhidos, separados do lixo! A senhorita sabe o que dizem as Escrituras. — E começou a citar várias passagens, indicando os capítulos e versículos em que poderíamos encontrá-las.

Depois de pedir em vão à moça teimosa que se levantasse e tirasse a roupa molhada, deixei-o pregando e a ela tremendo de frio. Fui para a cama com o pequeno Hareton, que dormia tão profundamente como se todos ao seu redor também estivessem dormindo. Ainda ouvi Joseph ler por algum tempo. Depois distingui seus passos lentos na escada e adormeci.

Ao descer um pouco mais tarde do que de costume, vi, pelos raios de sol que atravessavam as frestas das venezianas, que a srta. Catherine continuava sentada perto da lareira. A porta da sala também estava entreaberta, e a luz entrava pelas janelas descobertas. Hindley saíra de seu cômodo e estava junto ao fogo da cozinha, abatido e sonolento.

— O que há com você, Cathy? — dizia quando entrei. — Parece tão triste quanto um filhote afogado. Por que está tão úmida e pálida, criança?

— Peguei chuva — respondeu, a contragosto. — E estou com frio. Só isso.

— Ah, ela é malcriada! — exclamei, percebendo que o patrão estava razoavelmente sóbrio. — Ficou ensopada na chuva de ontem à noite e passou a noite inteira sentada aí. Não consegui fazê-la se mexer.

O sr. Earnshaw nos olhou, surpreso. — A noite inteira? — repetiu. — O que a manteve acordada? Não foi medo dos trovões, certamente. Acabaram há horas.

Nenhuma de nós queria mencionar a ausência de Heathcliff enquanto fosse possível escondê-la. Respondi, portanto, que não sabia como ela pusera na cabeça ficar acordada. E ela não disse nada. A manhã estava fresca e limpa. Abri a janela, e logo o cômodo se encheu dos aromas doces do jardim. Mas Catherine me chamou, irritada: — Ellen, feche a janela. Estou morrendo de frio! — E seus dentes batiam enquanto se encolhia mais perto das brasas quase apagadas.

— Está doente — disse Hindley, pegando seu pulso. — Suponho que seja por isso que não quis ir para a cama. Maldição! Não quero mais doença para me incomodar nesta casa. O que foi fazer na chuva?

— Correr atrás dos rapazes, como sempre! — grasnou Joseph, aproveitando nossa hesitação para meter sua língua maldosa. — Se eu fosse o senhor, patrão, batia a porta na cara de todos eles, ricos e pobres! Num tem um dia em que o senhor sai que aquele gato do Linton num venha se esgueirando pra cá. E a srta. Nelly, essa é uma bela moça! Fica na cozinha vigiando sua chegada. Quando o senhor entra por uma porta, ele sai pela outra. Depois nossa grande dama vai namorar por sua conta! Belo comportamento, ficar rondando pelos campos depois da meia-noite com aquele diabo sujo e medonho de cigano, Heathcliff! Pensam que sou cego, mas num sou. Nada disso! Vi o jovem Linton chegando e saindo, e vi você (voltando-se para mim), sua bruxa desleixada e inútil, dar um salto e correr pra sala assim que ouviu o cavalo do patrão subindo a estrada.

— Silêncio, bisbilhoteiro! — exclamou Catherine. — Nada de insolência diante de mim! Edgar Linton apareceu ontem por acaso, Hindley. E fui eu quem o mandou embora, porque sabia que você não gostaria de encontrá-lo no estado em que estava.

— Está mentindo, Cathy, sem dúvida — respondeu o irmão. — E é uma idiota completa! Mas deixe Linton de lado por enquanto. Diga: não esteve com Heathcliff ontem à noite? Fale a verdade. Não precisa ter medo de prejudicá-lo. Embora eu o odeie tanto quanto antes, ele me prestou um favor há pouco que vai me fazer ter escrúpulos em quebrar seu pescoço. Para evitar isso, vou mandá-lo embora ainda esta manhã. E, depois que sair, aconselho todos vocês a tomarem cuidado. Vou ter ainda mais mau humor para descontar em vocês.

— Não vi Heathcliff ontem à noite — respondeu Catherine, começando a soluçar amargamente. — E, se você o expulsar, vou com ele. Mas talvez nunca tenha a oportunidade. Talvez ele tenha ido embora. — Então se entregou a uma dor incontrolável, e o restante das palavras se tornou incompreensível.

Hindley despejou sobre ela uma torrente de insultos desdenhosos e mandou que fosse imediatamente para o quarto, ou teria um motivo verdadeiro para chorar! Fiz com que obedecesse. Nunca esquecerei a cena que deu quando chegamos ao quarto: fiquei aterrorizada. Pensei que estivesse enlouquecendo e pedi a Joseph que corresse para buscar o médico. Era o começo de um delírio. O sr. Kenneth, assim que a viu, declarou que estava perigosamente doente. Tinha febre. Fez uma sangria e me mandou alimentá-la com soro de leite e mingau ralo de água, cuidando para que não se atirasse da escada ou da janela. Depois foi embora, pois tinha muito a fazer na paróquia, onde duas ou três milhas eram a distância comum entre uma casa e outra.

Embora eu não possa dizer que fui uma enfermeira delicada, e Joseph e o patrão não fossem melhores, e embora nossa paciente fosse tão cansativa e teimosa quanto uma paciente pode ser, ela atravessou a doença. A velha sra. Linton, é verdade, nos visitou várias vezes, pôs as coisas em ordem, ralhou e deu ordens a todos nós. Quando Catherine entrou em convalescença, insistiu em levá-la para Thrushcross Grange,

alívio pelo qual ficamos muito agradecidos. Mas a pobre senhora teve motivo para se arrepender de sua bondade: ela e o marido pegaram a febre e morreram com poucos dias de diferença.

Nossa jovem voltou mais atrevida, mais exaltada e mais arrogante do que nunca. Não se soubera nada de Heathcliff desde a noite da tempestade. Um dia, tive a infelicidade, depois de ela me provocar muito, de lhe atribuir a culpa pelo desaparecimento dele, culpa que realmente lhe cabia, como sabia muito bem. A partir daí, durante vários meses, deixou de se comunicar comigo a não ser como com uma simples criada. Joseph também caiu em desgraça. Ele insistia em dizer o que pensava e em lhe dar lições como se ainda fosse uma menina. Ela, porém, se considerava mulher feita e nossa patroa e julgava que a doença recente lhe dava direito a um tratamento cheio de consideração. Além disso, o médico dissera que não suportaria ser muito contrariada, que era preciso deixá-la fazer o que quisesse. Aos olhos dela, qualquer pessoa que ousasse se opor e contradizê-la cometia nada menos que um assassinato. Mantinha distância do sr. Earnshaw e dos companheiros dele. Orientado por Kenneth e pelas ameaças sérias de um ataque que muitas vezes acompanhavam os acessos de raiva dela, o irmão permitia tudo o que ela exigisse e geralmente evitava provocar seu temperamento explosivo. Era até indulgente demais com seus caprichos, não por afeto, mas por orgulho. Desejava intensamente vê-la trazer honra à família por meio de uma união com os Linton. Desde que o deixasse em paz, ela podia nos pisotear como escravos: pouco lhe importava! Edgar Linton, como tantos antes e tantos depois dele, estava cegamente apaixonado. Acreditou ser o homem mais feliz do mundo no dia em que a levou à capela de Gimmerton, três anos depois da morte do pai.

Muito contra minha vontade, fui persuadida a deixar o Morro dos Ventos Uivantes e acompanhá-la para cá. O pequeno Hareton tinha quase cinco anos, e eu acabara de começar a lhe ensinar as letras. Nossa

separação foi triste, mas as lágrimas de Catherine tiveram mais força do que as nossas. Quando me recusei a ir e ela viu que suas súplicas não me moviam, foi se lamentar ao marido e ao irmão. O primeiro me ofereceu um salário generoso, e o segundo mandou que eu arrumasse minhas coisas. Não queria mulheres na casa, disse, agora que não havia uma patroa. Quanto a Hareton, o cura se encarregaria dele, mais adiante. Assim, só me restou uma escolha: fazer o que mandavam. Disse ao patrão que se livrava de todas as pessoas decentes apenas para correr um pouco mais depressa para a ruína. Beijei Hareton, despedi-me, e desde então ele se tornou um estranho. É muito esquisito pensar nisso, mas não tenho dúvida de que se esqueceu completamente de Ellen Dean, de que um dia foi mais do que o mundo inteiro para ela, e ela para ele!

Nesse ponto da história, a governanta olhou por acaso para o relógio sobre a lareira e ficou espantada ao ver o ponteiro dos minutos marcar uma e meia. Não quis ouvir falar em ficar nem mais um segundo. Na verdade, eu mesmo me sentia bastante disposto a adiar a continuação do relato. Agora que ela desapareceu para descansar e que meditei por mais uma ou duas horas, vou reunir coragem para fazer o mesmo, apesar do torpor doloroso da cabeça e dos membros.

Capítulo X

Que bela introdução à vida de eremita! Quatro semanas de tortura, revirando-me na cama, doente! Ah, esses ventos gelados, esse céu amargo do norte, essas estradas intransitáveis e esses médicos do interior que nunca chegam! E essa falta

de rostos humanos! E, pior que tudo, a terrível declaração de Kenneth de que eu não devia esperar sair de casa antes da primavera!

O sr. Heathcliff acaba de me honrar com uma visita. Há uns sete dias, mandou-me um par de galos-silvestres, os últimos da temporada. Canalha! Ele não está inteiramente isento de culpa pela minha doença, e bem que eu tive vontade de lhe dizer isso. Mas, ai de mim, como ofender um homem tão caridoso a ponto de passar uma boa hora sentado à minha cabeceira, conversando sobre outra coisa que não fossem pílulas e poções, emplastros e sanguessugas? Agora estou passando por um intervalo bastante tranquilo. Estou fraco demais para ler, mas sinto que alguma coisa interessante me faria bem. Por que não chamar a sra. Dean para terminar sua história? Ainda me lembro dos principais acontecimentos até onde ela chegou. Sim: lembro que seu herói fugira e passara três anos sem dar notícias, e que a heroína estava casada. Vou tocar a campainha: ela ficará encantada ao me encontrar capaz de conversar com bom humor. A sra. Dean veio.

— Faltam vinte minutos para o seu remédio, senhor — começou.

— Fora, fora com ele! — respondi. — O que eu quero é...

— O médico disse que o senhor deve suspender os pós.

— Com todo o prazer! Não me interrompa. Venha sentar aqui. Tire os dedos desse exército amargo de frascos. Pegue o tricô no bolso... isso... Agora continue a história do sr. Heathcliff, de onde parou até o dia de hoje. Ele terminou os estudos no continente e voltou um cavalheiro? Ou conseguiu uma vaga de bolsista numa universidade? Ou fugiu para a América e ganhou honrarias derramando o sangue de sua pátria adotiva? Ou fez fortuna mais depressa, assaltando nas estradas inglesas?

— Pode ter experimentado um pouco de todas essas profissões, sr. Lockwood, mas não posso garantir nenhuma. Já disse que não sei como ganhou dinheiro, e também não sei como conseguiu tirar a própria inteligência daquela ignorância selvagem em que estava mergulhada.

Mas, com sua licença, vou continuar do meu jeito, se o senhor acha que isso vai distraí-lo sem cansar. Está se sentindo melhor esta manhã?

— Muito.

— É uma boa notícia.

Levei a srta. Catherine e a mim mesma para Thrushcross Grange; e, contrariando minhas expectativas de maneira muito agradável, ela se comportou infinitamente melhor do que eu ousava esperar. Parecia quase exagerada em seu amor pelo sr. Linton, e até à irmã dele demonstrava bastante carinho. É verdade que ambos faziam de tudo pelo conforto dela. Não era o espinho que se curvava às madressilvas, mas as madressilvas que abraçavam o espinho. Não havia concessões de parte a parte: uma permanecia ereta, os outros cediam. E quem consegue ser desagradável e mal-humorado quando não encontra oposição nem indiferença? Observei que o sr. Edgar tinha um medo profundo de contrariá-la. Escondia isso dela. Mas, se me ouvia responder com rispidez ou via qualquer outro criado fechar a cara diante de alguma ordem autoritária dela, demonstrava sua aflição com um olhar de desagrado que nunca surgia quando se tratava dele mesmo. Muitas vezes me repreendeu severamente pela minha insolência, e dizia que uma facada não poderia causar dor pior do que a que ele sofria ao ver sua esposa aborrecida. Para não magoar um patrão bondoso, aprendi a não me ofender com tanta facilidade. E, durante seis meses, a pólvora foi tão inofensiva quanto areia, porque nenhum fogo se aproximou para fazê-la explodir. De vez em quando, Catherine passava por períodos de tristeza e silêncio: o marido os respeitava com um silêncio compreensivo, atribuindo-os a uma mudança em seu organismo provocada pela doença perigosa que tivera, já que antes ela nunca sofrera de abatimento. Quando o sol voltava, ele respondia com o

mesmo brilho. Creio que posso afirmar que os dois viviam uma felicidade profunda e cada vez maior.

Acabou. Bem, no fim das contas, todos precisamos cuidar de nós mesmos; os mansos e generosos só são egoístas de maneira mais justa que os autoritários. E tudo acabou quando as circunstâncias fizeram cada um perceber que seu interesse não era a principal preocupação nos pensamentos do outro. Numa noite amena de setembro, eu voltava do jardim com um cesto pesado de maçãs que acabara de colher. Já escurecia, e a lua espiava por cima do muro alto do pátio, criando sombras indefinidas nos cantos das muitas saliências do prédio. Pousei meu fardo nos degraus junto à porta da cozinha e parei para descansar, respirando mais um pouco daquele ar suave e doce. Estava de olhos na lua e de costas para a entrada quando ouvi uma voz atrás de mim dizer: "Nelly, é você?"

Era uma voz grave, de entonação estranha. Ainda assim, havia alguma coisa na maneira de dizer meu nome que soava familiar. Vireime para descobrir quem falava, assustada: as portas estavam fechadas, e eu não vira ninguém ao me aproximar dos degraus. Alguma coisa se moveu no alpendre e, chegando mais perto, distingui um homem alto, de roupas escuras, rosto moreno e cabelos negros. Estava encostado na lateral, com os dedos no trinco, como se pretendesse abrir a porta. "Quem pode ser?", pensei. "O sr. Earnshaw? Ah, não! A voz não tem nada a ver com a dele."

— Estou esperando aqui há uma hora — continuou ele, enquanto eu o encarava. — E durante todo esse tempo não se ouviu um ruído, como se estivesse tudo morto. Não tive coragem de entrar. Você não me reconhece? Olhe bem, não sou nenhum desconhecido!

Um raio de luz lhe iluminou as feições: as faces amareladas, em parte cobertas por suíças negras; as sobrancelhas carregadas, os olhos fundos e singulares. Reconheci os olhos.

— O quê! — exclamei, sem saber se aquela visita pertencia mesmo a este mundo, erguendo as mãos de espanto. — O quê! Você voltou? É mesmo você? É?

— Sim, Heathcliff — respondeu, desviando os olhos de mim para as janelas, que refletiam dezenas de luas brilhantes, mas não mostravam luz alguma lá dentro. — Eles estão em casa? Onde ela está? Nelly, você não está contente! Não precisa ficar tão perturbada. Ela está aqui? Fale! Quero dizer uma palavra a ela... à sua patroa. Vá dizer que uma pessoa de Gimmerton deseja vê-la.

— Como ela vai receber isso? — exclamei. — O que vai fazer? A surpresa me deixou atordoada... ela vai perder a cabeça! E você é Heathcliff! Mas como mudou! Não, não consigo entender. Você foi soldado?

— Vá dar meu recado — interrompeu ele, impaciente. — Estou no inferno enquanto você não for!

Ele levantou o trinco, e eu entrei. Mas, ao chegar à sala onde estavam o sr. e a sra. Linton, não consegui me convencer a ir adiante. Por fim, resolvi usar como pretexto a pergunta sobre acender as velas e abri a porta.

Estavam sentados juntos a uma janela cujas folhas, abertas, se apoiavam na parede e deixavam ver, além das árvores do jardim e do parque verde e selvagem, o vale de Gimmerton, com uma longa faixa de neblina que serpenteava quase até sua parte mais alta (pois, pouco depois da capela, como o senhor talvez tenha notado, o canal que vem dos pântanos se junta a um riacho que acompanha a curva do vale). O Morro dos Ventos Uivantes se erguia acima daquela névoa prateada, mas nossa antiga casa não era visível: fica um pouco abaixo, do outro lado. A sala, seus ocupantes e a paisagem que contemplavam pareciam maravilhosamente tranquilos. Eu recuava, relutante em cumprir minha missão, e, depois de fazer a pergunta sobre as velas, já ia embora sem

dizer nada, quando a consciência da minha tolice me obrigou a voltar e murmurar: "Uma pessoa de Gimmerton deseja vê-la, senhora."

— O que ele quer? — perguntou a sra. Linton.

— Não perguntei — respondi.

— Bem, feche as cortinas, Nelly — disse ela. — E traga o chá. Volto já.

Ela saiu da sala, e o sr. Edgar perguntou, sem grande interesse, quem era.

— Alguém que a patroa não está esperando — respondi. — Aquele Heathcliff... o senhor se lembra dele... que morava com o sr. Earnshaw.

— O quê! O cigano? O rapaz da lavoura? — exclamou. — Por que você não disse isso a Catherine?

— Psiu! O senhor não deve chamá-lo assim, patrão — falei. — Ela ficaria muito magoada se ouvisse. Quase morreu de tristeza quando ele fugiu. Imagino que essa volta seja uma festa para ela.

O sr. Linton foi até uma janela do outro lado da sala, que dava para o pátio. Abriu-a e se inclinou para fora. Suponho que os dois estivessem lá embaixo, porque ele exclamou depressa: "Não fique aí, meu amor! Traga a pessoa para dentro, se for alguém importante." Logo ouvi o estalo do trinco, e Catherine subiu voando, sem fôlego e fora de si, agitada demais para demonstrar alegria. Na verdade, pela expressão dela, o senhor teria antes imaginado alguma calamidade terrível.

— Ah, Edgar, Edgar! — disse, ofegante, atirando os braços em volta do pescoço dele. — Ah, Edgar, querido! Heathcliff voltou... voltou mesmo! — E apertou o abraço com força.

— Está bem, está bem — exclamou o marido, irritado. — Não precisa me estrangular por isso! Ele nunca me pareceu um tesouro tão maravilhoso. Não há motivo para esse desvario!

— Sei que você não gostava dele — respondeu ela, contendo um pouco a intensidade de sua alegria. — Mas, por mim, agora vocês precisam ser amigos. Posso dizer a ele que suba?

— Aqui? — perguntou ele. — Para a sala?

— Onde mais? — perguntou ela.

Ele pareceu contrariado e sugeriu que a cozinha seria um lugar mais adequado para o visitante. A sra. Linton o olhou com uma expressão engraçada: meio zangada, meio divertida com aqueles escrúpulos.

— Não — acrescentou depois de um instante. — Não posso ficar sentada na cozinha. Ponha duas mesas aqui, Ellen: uma para seu patrão e a srta. Isabella, que são gente de posição; a outra para Heathcliff e para mim, que somos de classe inferior. Assim fica bom, querido? Ou devo mandar acender uma lareira em outro lugar? Nesse caso, dê as ordens. Vou correr lá embaixo para garantir meu convidado. Tenho medo de que essa alegria seja grande demais para ser verdade!

Ia disparar outra vez, mas Edgar a deteve.

— Diga a ele que suba — falou, dirigindo-se a mim. — E, Catherine, tente ficar contente sem fazer papel de ridícula. Não é preciso que a casa inteira assista a você recebendo como um irmão um criado que fugiu.

Desci e encontrei Heathcliff no alpendre, evidentemente à espera de um convite para entrar. Ele me acompanhou sem gastar palavras, e eu o conduzi até o patrão e a patroa, cujos rostos corados denunciavam uma conversa acalorada. Mas o rosto dela se acendeu por outro sentimento quando o amigo surgiu à porta: correu até ele, segurou suas duas mãos e o levou até Linton. Depois pegou os dedos relutantes de Linton e os apertou contra os dele. Agora que a luz da lareira e das velas o revelava por inteiro, fiquei ainda mais espantada com a transformação de Heathcliff. Tornara-se um homem alto, atlético e bem-proporcionado, ao lado de quem meu patrão parecia quase franzino e adolescente. A postura ereta sugeria que tivesse servido no exército. Seu rosto parecia

muito mais velho que o do sr. Linton, tanto pela expressão quanto pela firmeza dos traços. Revelava inteligência e não guardava vestígio da antiga degradação. Uma ferocidade apenas meio civilizada ainda se escondia nas sobrancelhas baixas e nos olhos cheios de um fogo negro, mas estava contida; e suas maneiras eram até dignas, inteiramente livres da antiga rudeza, embora austeras demais para terem graça. A surpresa do meu patrão igualava ou superava a minha: por um minuto, ficou sem saber como se dirigir ao rapaz da lavoura, como o chamara. Heathcliff soltou a mão delicada dele e ficou olhando-o friamente, à espera de que resolvesse falar.

— Sente-se, senhor — disse ele por fim. — A sra. Linton, em lembrança dos velhos tempos, quer que eu o receba com cordialidade. E, naturalmente, fico satisfeito sempre que alguma coisa a faz feliz.

— Eu também — respondeu Heathcliff. — Sobretudo quando tenho alguma participação nisso. Ficarei uma ou duas horas com prazer.

Sentou-se de frente para Catherine, que não tirava os olhos dele, como se temesse vê-lo desaparecer caso desviasse o olhar. Ele não levantava os seus para ela com tanta frequência: bastava-lhe uma rápida olhada de vez em quando. Mas, a cada vez, seus olhos devolviam com maior confiança a alegria indisfarçada que bebiam nos dela. Os dois estavam absorvidos demais na felicidade do reencontro para sentir constrangimento. O mesmo não acontecia com o sr. Edgar: empalideceu de puro aborrecimento, um sentimento que chegou ao auge quando a esposa se levantou, atravessou o tapete, tornou a segurar as mãos de Heathcliff e riu como alguém fora de si.

— Amanhã vou achar que foi um sonho! — exclamou. — Não vou conseguir acreditar que voltei a ver você, a tocar em você, a conversar com você. E, no entanto, Heathcliff, seu cruel! Você não merece esta recepção. Ficar longe, sem dar notícias, por três anos, e nem pensar em mim!

— Pensei um pouco mais do que você pensou em mim — murmurou ele. — Faz pouco tempo que soube do seu casamento, Cathy; e, enquanto esperava lá embaixo, no pátio, imaginei este plano: ver seu rosto uma única vez, talvez um olhar de surpresa e uma alegria fingida; depois acertar minhas contas com Hindley; e então me antecipar à justiça, executando a sentença contra mim mesmo. Sua acolhida tirou essas ideias da minha cabeça, mas cuidado para não me receber de outro jeito na próxima vez! Não, você não vai me expulsar outra vez. Ficou mesmo triste por mim, ficou? Bem, tinha motivo. Travei uma luta amarga com a vida desde a última vez em que ouvi sua voz, e você precisa me perdoar, porque lutei só por você!

— Catherine, se não quisermos tomar chá frio, por favor, venha à mesa — interrompeu Linton, esforçando-se para conservar o tom habitual e uma medida adequada de cortesia. — O sr. Heathcliff terá uma longa caminhada, seja onde for que vá se hospedar esta noite, e eu estou com sede.

Ela tomou seu lugar diante da urna de chá, e a srta. Isabella veio, chamada pela campainha. Depois de aproximar as cadeiras, saí da sala. A refeição mal durou dez minutos. A xícara de Catherine nem chegou a ser servida: ela não conseguia comer nem beber. Edgar derramara chá no pires e mal engolira um gole. Naquela noite, o convidado não prolongou a visita por mais de uma hora. Quando saiu, perguntei se ia para Gimmerton.

— Não, para o Morro dos Ventos Uivantes — respondeu. — O sr. Earnshaw me convidou quando passei lá esta manhã.

O sr. Earnshaw o convidara! E ele visitara o sr. Earnshaw! Depois que se foi, fiquei remoendo dolorosamente aquela frase. Será que estava se tornando um pouco hipócrita e voltara à região para fazer mal às escondidas? Era o que eu me perguntava: no fundo do coração, tinha o pressentimento de que teria sido melhor se ele continuasse longe.

Por volta do meio da noite, fui despertada do primeiro sono pela sra. Linton, que entrou de mansinho no meu quarto, sentou-se à beira da cama e puxou meus cabelos para me acordar.

— Não consigo descansar, Ellen — disse, à guisa de desculpa. — E preciso de uma criatura viva que me faça companhia nesta felicidade! Edgar está emburrado porque estou contente com uma coisa que não interessa a ele: só abre a boca para dizer bobagens malcriadas, e afirmou que eu era cruel e egoísta por querer conversar quando ele estava tão indisposto e sonolento. Sempre dá um jeito de ficar doente diante da menor contrariedade! Fiz uns poucos elogios a Heathcliff, e ele, de dor de cabeça ou de uma pontada de inveja, começou a chorar. Então me levantei e o deixei sozinho.

— De que adianta elogiar Heathcliff para ele? — respondi. — Quando meninos, os dois não se suportavam, e Heathcliff detestaria ouvir elogios a ele do mesmo jeito. É da natureza humana. Deixe o sr. Linton em paz nesse assunto, a menos que queira uma briga declarada entre os dois.

— Mas isso não mostra uma fraqueza enorme? — continuou ela. — Eu não tenho inveja: nunca me sinto ofendida com o brilho dos cabelos louros de Isabella, com a brancura da pele dela, com sua elegância delicada ou com o carinho que toda a família lhe dedica. Até você, Nelly, quando às vezes discutimos, toma imediatamente o partido de Isabella, e eu cedo como uma mãe boba: chamo-a de querida e faço agrados até ela ficar de bom humor. Seu irmão gosta de nos ver amigas, e isso me deixa contente. Mas os dois são muito parecidos: duas crianças mimadas, que imaginam que o mundo foi feito para lhes servir. E, embora eu faça as vontades dos dois, acho que uma boa correção lhes faria muito bem.

— A senhora está enganada, sra. Linton — respondi. — São eles que fazem suas vontades: eu sei o que aconteceria se não fizessem. A senhora

pode muito bem tolerar os caprichos passageiros deles, já que vivem tentando adivinhar todos os seus desejos. Mas talvez um dia se desentendam por alguma coisa igualmente importante para os dois lados, e então aqueles que chama de fracos podem ser tão teimosos quanto a senhora.

— E aí vamos lutar até a morte, não é, Nelly? — respondeu ela, rindo. — Não! Eu lhe digo que confio tanto no amor de Linton que acredito que poderia matá-lo, e ele não desejaria revidar.

Aconselhei-a a dar ainda mais valor a ele por esse amor.

— Eu dou — respondeu. — Mas ele não precisa ficar choramingando por bobagens. É infantil. E, em vez de se derreter em lágrimas porque eu disse que Heathcliff agora merece a estima de qualquer pessoa, e que até o primeiro cavalheiro do país se honraria em ser seu amigo, ele devia ter dito isso por mim e ficado feliz por solidariedade. Precisa se acostumar com ele, e seria bom que gostasse dele também: considerando todos os motivos que Heathcliff tem para não gostar dele, tenho certeza de que Heathcliff se comportou admiravelmente!

— O que a senhora acha de ele ir para o Morro dos Ventos Uivantes? — perguntei. — Pelo visto, regenerou-se em todos os aspectos: um verdadeiro cristão, estendendo a mão fraterna a todos os seus inimigos!

— Ele explicou — respondeu. — Fiquei tão admirada quanto você. Disse que foi lá para lhe pedir notícias minhas, supondo que você ainda morasse na casa. Joseph avisou Hindley, que saiu e começou a perguntar o que ele andara fazendo e como vivera e, por fim, o convidou a entrar. Havia algumas pessoas jogando cartas, e Heathcliff se juntou a elas. Meu irmão perdeu algum dinheiro para ele e, percebendo que estava bem abastecido, pediu que voltasse à noite, e ele aceitou. Hindley é imprudente demais para escolher suas companhias com cuidado: nem se dá ao trabalho de pensar nos motivos que teria para desconfiar de

alguém a quem fez tanto mal. Mas Heathcliff afirma que sua principal razão para retomar contato com o antigo perseguidor é o desejo de se instalar a uma distância da Grange que possa percorrer a pé, além do apego à casa onde moramos juntos; e também a esperança de que eu tenha mais oportunidades de vê-lo lá do que teria se ele se estabelecesse em Gimmerton. Pretende oferecer uma boa quantia para se hospedar no Morro, e, sem dúvida, a cobiça do meu irmão o levará a aceitar: sempre foi ganancioso, embora jogue fora com uma mão o que agarra com a outra.

— Um belo lugar para um rapaz se instalar! — comentei. — A senhora não teme as consequências, sra. Linton?

— Para o meu amigo, não — respondeu. — Sua cabeça firme vai protegê-lo do perigo. Um pouco por Hindley: mas, moralmente, ele não pode ficar pior do que já está, e eu estou entre ele e qualquer violência física. O que aconteceu esta noite me reconciliou com Deus e com a humanidade! Eu tinha me revoltado furiosamente contra a Providência. Ah, sofri uma tristeza muito, muito amarga, Nelly! Se aquela criatura soubesse o quanto foi amarga, teria vergonha de estragar seu fim com implicâncias bobas. Foi por bondade com ele que suportei tudo sozinha: se tivesse expressado a agonia que tantas vezes senti, ele teria aprendido a desejar o alívio tão ardentemente quanto eu. Mas acabou, e não vou me vingar de sua tolice. Daqui em diante posso suportar qualquer coisa! Se o ser mais miserável do mundo me desse uma bofetada, eu não só ofereceria a outra face como ainda pediria perdão por tê-lo provocado. E, para provar, vou fazer as pazes com Edgar agora mesmo. Boa noite! Sou um anjo!

Saiu com essa convicção satisfeita de si mesma, e o sucesso de sua resolução, devidamente cumprida, ficou evidente na manhã seguinte. O sr. Linton não só abandonara o mau humor (embora seu ânimo ainda parecesse abatido pela exuberante vivacidade de Catherine), como não

fez objeção a que ela levasse Isabella ao Morro dos Ventos Uivantes naquela tarde. Em troca, ela o recompensou com um verão tão cheio de doçura e carinho que a casa se tornou um paraíso durante vários dias, e patrão e criados aproveitaram aquela luz do sol que nunca se apagava.

Heathcliff — devo dizer sr. Heathcliff daqui em diante — usou com cautela, no início, a liberdade de visitar Thrushcross Grange: parecia calcular até onde o dono toleraria sua intromissão. Catherine também achou prudente moderar as demonstrações de alegria ao recebê-lo, e, aos poucos, ele conquistou o direito de ser esperado. Conservava boa parte da reserva que o distinguira na infância, e isso ajudava a conter quaisquer manifestações de sentimento que pudessem causar espanto. A inquietação do meu patrão se acalmou, e novas circunstâncias a desviaram, por algum tempo, para outro rumo.

Sua nova preocupação nasceu do infortúnio inesperado de Isabella Linton demonstrar uma atração repentina e irresistível pelo hóspede tolerado. Ela era, então, uma moça encantadora de dezoito anos, infantil nas maneiras, embora tivesse inteligência viva, sentimentos intensos e um temperamento igualmente forte quando irritada. O irmão, que a amava ternamente, ficou horrorizado com aquela preferência extravagante. Deixando de lado a degradação de uma união com um homem sem nome de família e a possibilidade de que sua propriedade, na falta de herdeiros homens, passasse às mãos de semelhante pessoa, ele tinha discernimento para compreender o caráter de Heathcliff: sabia que, embora a aparência tivesse mudado, sua natureza era imutável e permanecia a mesma. E temia essa natureza: ela o repugnava. A ideia de entregar Isabella aos seus cuidados o fazia recuar, cheio de pressentimentos. Teria recuado ainda mais se soubesse que a paixão dela surgira sem estímulo e se dirigia a alguém em quem não despertava nenhum sentimento correspondente, pois, assim que descobriu sua existência, atribuiu a culpa a uma trama deliberada de Heathcliff.

Todos nós já vínhamos notando, havia algum tempo, que a srta. Linton andava inquieta e abatida por algum motivo. Ficou mal-humorada e cansativa, respondendo com rispidez a Catherine e provocando-a sem parar, com risco iminente de esgotar sua limitada paciência. Nós a desculpávamos até certo ponto, alegando problemas de saúde: estava emagrecendo e perdendo a cor diante dos nossos olhos. Mas um dia, em que se mostrou especialmente caprichosa, recusando o café da manhã, reclamando que os criados não faziam o que mandava, que a dona da casa não a deixava ser nada ali e Edgar a negligenciava, que pegara um resfriado porque deixavam as portas abertas e que tínhamos deixado o fogo da sala apagar de propósito para irritá-la, além de uma centena de acusações ainda mais fúteis, a sra. Linton ordenou terminantemente que fosse para a cama e, depois de lhe dar uma boa reprimenda, ameaçou chamar o médico. A menção a Kenneth a fez declarar imediatamente que sua saúde estava perfeita e que só a dureza de Catherine a deixava infeliz.

— Como pode dizer que sou dura, sua mimadinha malcriada? — exclamou a patroa, espantada com aquela afirmação absurda. — Você está perdendo o juízo. Quando fui dura com você? Diga!

— Ontem — soluçou Isabella. — E agora!

— Ontem! — disse a cunhada. — Em que ocasião?

— No nosso passeio pela charneca: você me disse que fosse passear onde quisesse, enquanto continuava andando com o sr. Heathcliff!

— E isso é o que você chama de dureza? — disse Catherine, rindo. — Não estava insinuando que sua companhia era dispensável; para nós tanto fazia se você ficava ou não. Só pensei que a conversa de Heathcliff não teria nada de interessante para você.

— Ah, não — chorou a moça. — Você queria que eu fosse embora porque sabia que eu gostava de estar ali!

— Ela está em seu juízo? — perguntou a sra. Linton, voltando-se para mim. — Vou repetir nossa conversa palavra por palavra, Isabella, e você me mostra que encanto ela poderia ter para você.

— A conversa não me importa — respondeu. — Eu queria estar com...

— Com quem? — perguntou Catherine, ao vê-la hesitar em terminar a frase.

— Com ele! E não vou aceitar que me mandem embora o tempo todo! — continuou, inflamando-se. — Você é o cão na manjedoura, Cathy, e quer que só você seja amada!

— Você é uma macaquinha insolente! — exclamou a sra. Linton, surpresa. — Mas não vou acreditar nessa idiotice! É impossível que você queira a admiração de Heathcliff, que ache agradável uma pessoa como ele! Espero ter entendido errado, Isabella.

— Não entendeu — disse a jovem apaixonada. — Eu o amo mais do que você jamais amou Edgar, e ele poderia me amar se você deixasse!

— Então eu não queria estar no seu lugar nem por um reino! — declarou Catherine, enfática, e pareceu sincera. — Nelly, ajude-me a convencê-la de sua loucura. Diga a ela como Heathcliff é: uma criatura indomada, sem refinamento, sem cultura; um deserto árido de tojo e pedra. Aconselhar você a entregar seu coração a ele seria como soltar aquele canarinho no parque num dia de inverno! É uma ignorância deplorável sobre o caráter dele, menina, e nada mais, que põe esse sonho na sua cabeça. Por favor, não imagine que ele esconde profundezas de bondade e afeto sob uma aparência severa! Ele não é um diamante bruto, um rústico que guarda uma pérola como uma ostra: é um homem feroz, impiedoso, um lobo. Nunca digo a ele: "Deixe este ou aquele inimigo em paz, porque seria mesquinho ou cruel fazer mal a eles"; digo: "Deixe-os em paz porque eu detestaria vê-los maltratados". E ele esmagaria você como um ovo de pardal, Isabella, se a considerasse

um peso incômodo. Sei que não conseguiria amar uma Linton; e, ainda assim, seria perfeitamente capaz de se casar com sua fortuna e com a herança que espera receber: a avareza está se tornando seu pecado dominante. Esse é o retrato que faço dele. E sou sua amiga, tanto que, se ele tivesse pensado seriamente em conquistar você, talvez eu tivesse ficado calada e a deixado cair na armadilha.

A srta. Linton encarou a cunhada com indignação.

— Que vergonha! Que vergonha! — repetiu, furiosa. — Você é pior que vinte inimigos, sua amiga venenosa!

— Ah, então não acredita em mim? — perguntou Catherine. — Acha que estou falando por puro egoísmo e maldade?

— Tenho certeza — retrucou Isabella. — E você me dá arrepios!

— Muito bem! — exclamou a outra. — Descubra por si mesma, já que é assim: encerrei o assunto e me dou por vencida pela sua insolência atrevida.

— E sou eu que tenho de sofrer pelo egoísmo dela! — soluçou Isabella quando a sra. Linton saiu da sala. — Tudo, tudo está contra mim: ela destruiu meu único consolo. Mas estava mentindo, não estava? O sr. Heathcliff não é um demônio: tem uma alma honrada e fiel, ou como poderia se lembrar dela?

— Tire-o da cabeça, senhorita — respondi. — Ele é uma ave de mau agouro, não é companheiro para a senhora. A sra. Linton usou palavras fortes, mas não posso contradizê-la. Ela conhece o coração dele melhor do que eu ou qualquer outra pessoa, e nunca o pintaria pior do que é. Gente honesta não esconde o que faz. Como ele tem vivido? Como ficou rico? Por que está hospedado no Morro dos Ventos Uivantes, na casa de um homem que detesta? Dizem que o sr. Earnshaw está cada vez pior desde que ele chegou. Vivem passando as noites acordados juntos, e Hindley tem tomado dinheiro emprestado dando as terras em garantia e não faz outra coisa além de jogar e beber. Ouvi isso há apenas uma

semana. Foi Joseph quem me contou, quando o encontrei em Gimmerton. "Nelly", disse ele, "daqui a pouco vai ter inquérito por morte lá em casa. Um deles quase perdeu um dedo tentando impedir o outro de se esfaquear feito um bezerro. É o patrão, sabe, que tá doido pra comparecer no grande tribunal. Num tem medo de juiz nenhum, nem de Paulo, nem de Pedro, nem de João, nem de Mateus, nem de nenhum deles! Ele até gosta... tá ansioso pra mostrar aquela cara de pau diante deles! E aquele belo rapaz, Heathcliff, sabe, é uma peça rara. Sabe arreganhar os dentes e rir de uma graça do diabo melhor que ninguém. Ele nunca conta nada da vida bonita que leva com a gente, quando vem na Grange? Pois é assim: levanta quando o sol se põe; dados, conhaque, janelas fechadas e luz de vela até meio-dia do dia seguinte; depois o idiota vai pro quarto praguejando e esbravejando, fazendo gente decente tapar os ouvidos de tanta vergonha; e o velhaco, ah, esse conta o dinheiro, come, dorme e vai pra casa do vizinho prosear com a mulher. Claro que conta pra dona Catherine como o ouro do pai dela corre pro bolso dele, e como o filho do pai dela galopa pela estrada larga, enquanto ele voa na frente pra abrir as porteiras!" Agora, srta. Linton, Joseph é um velho patife, mas não é mentiroso; e, se o que conta sobre a conduta de Heathcliff é verdade, a senhora nunca desejaria um marido desses, desejaria?

— Você está de conluio com os outros, Ellen! — respondeu. — Não vou ouvir suas calúnias. Quanta maldade deve haver em você, para querer me convencer de que não existe felicidade no mundo!

Se, deixada em paz, ela teria superado aquela fantasia ou continuado a alimentá-la para sempre, não sei dizer: teve pouco tempo para refletir. No dia seguinte, havia uma reunião de magistrados na cidade vizinha, e meu patrão era obrigado a comparecer; o sr. Heathcliff, sabendo de sua ausência, veio um pouco mais cedo do que de costume. Catherine e Isabella estavam sentadas na biblioteca, em silêncio, mas hostis uma à

outra: a segunda, alarmada com sua recente indiscrição e com a revelação dos sentimentos secretos que fizera num acesso passageiro de paixão; a primeira, depois de pensar melhor, realmente ofendida com a companheira e, se ainda ria de seu atrevimento, disposta a fazer com que não tivesse motivo para rir. Catherine riu ao ver Heathcliff passar pela janela. Eu varria a lareira e notei um sorriso malicioso em seus lábios. Isabella, absorvida nos pensamentos ou num livro, ficou onde estava até a porta se abrir. Então já era tarde para tentar uma fuga, que teria empreendido de bom grado se fosse possível.

— Entre, isso mesmo! — exclamou a patroa, alegremente, puxando uma cadeira para perto do fogo. — Aqui estão duas pessoas que precisam muito de uma terceira para derreter o gelo entre elas, e você é justamente quem nós duas escolheríamos. Heathcliff, tenho orgulho de lhe apresentar, enfim, alguém que o adora mais do que eu. Espero que se sinta lisonjeado. Não, não é Nelly, não olhe para ela! Minha pobre cunhadinha está com o coração despedaçado só de contemplar sua beleza física e moral. Está em suas mãos tornar-se irmão de Edgar! Não, não, Isabella, você não vai fugir — continuou, detendo, com uma brincadeira fingida, a moça aturdida, que se levantara indignada. — Estávamos brigando como duas gatas por sua causa, Heathcliff, e fui francamente derrotada nas declarações de devoção e admiração. E ainda me informaram que, se eu tivesse a educação de sair do caminho, minha rival, como faz questão de se considerar, dispararia uma flecha na sua alma, prendendo você para sempre e lançando minha imagem no esquecimento eterno!

— Catherine! — disse Isabella, reunindo toda a sua dignidade e recusando-se a lutar contra o aperto que a prendia. — Eu agradeceria se você se limitasse à verdade e não me difamasse, nem de brincadeira! Sr. Heathcliff, tenha a bondade de pedir a esta sua amiga que me solte: ela

se esquece de que nós dois não somos íntimos, e o que a diverte me causa um sofrimento que não consigo expressar.

Como o visitante não respondeu, limitando-se a sentar e parecendo absolutamente indiferente aos sentimentos que ela nutria por ele, Isabella se virou e sussurrou à sua torturadora um apelo veemente para que a soltasse.

— De jeito nenhum! — respondeu a sra. Linton. — Não vou ser chamada outra vez de cão na manjedoura. Você fica aqui, pronto! Heathcliff, por que não demonstra satisfação com essa boa notícia? Isabella jura que o amor de Edgar por mim não é nada perto do que ela sente por você. Tenho certeza de que disse alguma coisa assim; não disse, Ellen? E está em jejum desde o passeio de anteontem, de tristeza e raiva porque eu a afastei da sua companhia, imaginando que não lhe fosse agradável.

— Acho que você está mentindo sobre ela — disse Heathcliff, virando a cadeira de frente para as duas. — Neste momento, pelo menos, ela quer se livrar da minha companhia!

E encarou fixamente a pessoa de quem falavam, como se olhasse um animal estranho e repulsivo: uma centopeia das Índias, por exemplo, que a curiosidade nos leva a examinar apesar da aversão que provoca. A pobrezinha não suportou aquilo. Ficou branca e vermelha em rápida sucessão e, com lágrimas penduradas nos cílios, empregou toda a força de seus dedinhos para soltar o aperto firme de Catherine. Percebendo que, assim que levantava um dedo do braço, outro se fechava sobre ele, e que não conseguia afastar todos ao mesmo tempo, começou a usar as unhas, e a ponta delas logo enfeitou a mão de quem a prendia com meias-luas vermelhas.

— Que tigresa! — exclamou a sra. Linton, soltando-a e sacudindo a mão de dor. — Vá embora, pelo amor de Deus, e esconda essa cara de megera! Que tolice mostrar essas garras a ele. Não imagina as conclusões

que vai tirar? Veja, Heathcliff! São armas capazes de fazer estrago... tome cuidado com os olhos.

— Eu as arrancaria dos dedos dela se alguma vez me ameaçassem — respondeu ele, brutalmente, depois que a porta se fechou. — Mas por que atormentou a criatura desse jeito, Cathy? Você não estava dizendo a verdade, estava?

— Garanto que estava — respondeu ela. — Faz várias semanas que está morrendo por você, e esta manhã delirou a seu respeito e despejou uma torrente de insultos porque descrevi seus defeitos com clareza, para tentar diminuir a adoração dela. Mas não dê mais atenção a isso: eu quis castigar seu atrevimento, só isso. Gosto demais dela, meu caro Heathcliff, para deixar você simplesmente agarrá-la e devorá-la.

— E eu gosto de menos dela para tentar — disse ele —, a não ser de uma maneira bem monstruosa. Você ouviria coisas estranhas se eu morasse sozinho com aquela carinha de cera sentimental: a mais comum seria pintar sua brancura com as cores do arco-íris e transformar aqueles olhos azuis em olhos roxos a cada um ou dois dias. São detestavelmente parecidos com os de Linton.

— Deliciosamente! — observou Catherine. — São olhos de pomba... de anjo!

— Ela é herdeira do irmão, não é? — perguntou ele, depois de um breve silêncio.

— Eu ficaria triste se tivesse de pensar assim — respondeu a companheira. — Meia dúzia de sobrinhos vai apagar esse direito, se Deus quiser! Tire isso da cabeça por enquanto: você tem uma tendência grande demais a cobiçar os bens do próximo; lembre-se de que os bens desse próximo são meus.

— Se fossem meus, não deixariam de ser seus — disse Heathcliff. — Mas, embora Isabella Linton seja tola, não chega a ser louca; enfim, vamos encerrar o assunto, como você aconselha.

Encerraram-no na conversa, e Catherine, provavelmente, também no pensamento. Quanto ao outro, eu tinha certeza de que voltou ao assunto muitas vezes ao longo da noite. Vi-o sorrir sozinho (arreganhar os dentes, melhor dizendo) e mergulhar em reflexões sinistras sempre que a sra. Linton precisava sair da sala.

Decidi observar seus movimentos. Meu coração se inclinava invariavelmente para o lado do patrão, de preferência ao de Catherine. Com razão, eu pensava, pois ele era bondoso, confiante e honrado; e ela... não se podia dizer que fosse o contrário, mas parecia se permitir uma liberdade tão grande que eu tinha pouca fé em seus princípios e ainda menos simpatia por seus sentimentos. Queria que acontecesse alguma coisa capaz de livrar discretamente tanto o Morro dos Ventos Uivantes quanto a Grange do sr. Heathcliff, deixando-nos como éramos antes de sua chegada. Suas visitas eram um pesadelo constante para mim e, eu suspeitava, para o meu patrão também. Sua presença no Morro me causava uma opressão impossível de explicar. Sentia que Deus abandonara a ovelha desgarrada de lá aos seus próprios caminhos de perdição, enquanto uma fera maligna rondava entre ela e o rebanho, esperando a hora de saltar e destruí-la.

Capítulo XI

Às vezes, enquanto pensava nessas coisas sozinha, eu me levantava tomada por um medo repentino e punha o chapéu para ir ver como estavam todos na fazenda. Convencia minha consciência de que era meu dever avisá-lo sobre o que as pessoas diziam a respeito de sua conduta. Depois me lembrava de seus maus hábitos arraigados e, sem esperança de ajudá-lo, recuava diante da ideia

de voltar àquela casa sombria, duvidando se suportaria que ele me tomasse ao pé da letra.

Certa vez, fiz um desvio numa ida a Gimmerton e passei pelo velho portão. Foi mais ou menos na época a que minha história chegou: uma tarde clara de geada, com a terra descoberta e a estrada dura e seca. Cheguei a uma pedra junto ao ponto em que a estrada se bifurca para a charneca, à esquerda: um pilar tosco de arenito, com as letras W. H. gravadas no lado norte, G. no leste e T. G. no sudoeste. Serve de indicação para a Grange, o Morro e o povoado. O sol iluminava de amarelo seu topo cinzento, fazendo-me lembrar do verão; e, não sei por quê, de repente uma onda de sensações da infância invadiu meu coração. Vinte anos antes, aquele era um lugar favorito meu e de Hindley. Fiquei olhando por muito tempo o bloco gasto pelo tempo e, ao me abaixar, vi perto da base um buraco ainda cheio de conchas de caracóis e pedrinhas, que gostávamos de guardar ali com outras coisas menos duráveis. Então, tão nítido quanto a realidade, pareceu-me ver meu antigo companheiro de brincadeiras sentado na relva seca: a cabeça escura e quadrada inclinada para a frente, a mãozinha escavando a terra com um pedaço de ardósia. "Pobre Hindley!", exclamei sem querer. Levei um susto: por um instante, meus olhos me enganaram a ponto de acreditar que a criança levantava o rosto e me olhava diretamente! A imagem desapareceu num piscar de olhos, mas senti logo um desejo irresistível de ir ao Morro. A superstição me empurrava a obedecer àquele impulso: e se ele estivesse morto?, pensei. Ou prestes a morrer! E se aquilo fosse um sinal de morte? Quanto mais me aproximava da casa, mais me agitava; e, quando a avistei, tremia dos pés à cabeça. A aparição chegara antes de mim: estava olhando através do portão. Foi meu primeiro pensamento ao ver um menino de cabelos emaranhados e olhos castanhos encostando o rosto corado nas grades. Pensando

melhor, concluí que devia ser Hareton, meu Hareton, não muito diferente de quando eu o deixara, dez meses antes.

— Deus abençoe você, meu querido! — exclamei, esquecendo na mesma hora meus medos tolos. — Hareton, é a Nelly! Nelly, sua ama.

Ele recuou para fora do alcance dos meus braços e pegou uma pedra grande.

— Vim ver seu pai, Hareton — acrescentei, percebendo pelo gesto que, se Nelly ainda existia em sua memória, ele não a reconhecia em mim.

Ergueu o projétil para atirá-lo. Comecei a lhe falar com doçura, mas não consegui deter sua mão: a pedra atingiu meu chapéu e, em seguida, dos lábios ainda incertos do pequeno, saiu uma série de palavrões que, entendesse ele ou não, foram ditos com uma ênfase bem treinada, deformando suas feições de bebê numa expressão chocante de maldade. Pode ter certeza de que aquilo me entristeceu mais do que me irritou. Quase chorando, tirei uma laranja do bolso e a ofereci para conquistá-lo. Ele hesitou e depois a arrancou da minha mão, como se imaginasse que eu pretendia apenas tentá-lo e decepcioná-lo. Mostrei outra, mantendo-a fora de seu alcance.

— Quem lhe ensinou essas palavras bonitas, meu pequeno? — perguntei. — O cura?

— O cura que se dane, e você também! Me dá isso — respondeu.

— Diga onde aprendeu, e eu dou — falei. — Quem é seu professor?

— Papai diabo — respondeu.

— E o que você aprende com papai? — continuei.

Ele saltou para alcançar a fruta, e eu a ergui mais alto. "O que ele ensina a você?", perguntei.

— Nada — disse —, só a sair do caminho dele. Papai não me aguenta porque eu xingo ele.

— Ah! E é o diabo que ensina você a xingar papai? — observei.

— É... não — respondeu, arrastando as palavras.

— Quem, então?

— Heathcliff.

Perguntei se gostava do sr. Heathcliff.

— Gosto! — respondeu de novo.

Quando tentei saber por quê, só consegui arrancar estas frases: "Sei não. Ele devolve pro papai o que papai faz comigo... xinga papai porque ele me xinga. Diz que eu tenho que fazer o que eu quiser."

— E o cura não ensina você a ler e escrever? — continuei.

— Não. Me disseram que o cura ia ter os dentes de... enfiados naquela garganta de... se botasse os pés aqui. Heathcliff prometeu!

Pus a laranja na mão dele e pedi que avisasse ao pai que uma mulher chamada Nelly Dean o esperava junto ao portão do jardim para conversar. Ele subiu pelo caminho e entrou na casa. Mas, em vez de Hindley, foi Heathcliff quem apareceu nos degraus da porta. Virei-me imediatamente e corri pela estrada o mais depressa que pude, sem parar até chegar à pedra de sinalização, tão assustada quanto se tivesse invocado um duende. Isso não tem muita relação com o caso da srta. Isabella, a não ser porque reforçou minha decisão de ficar alerta e fazer tudo o que pudesse para impedir que aquela má influência se espalhasse pela Grange, mesmo que eu provocasse uma tempestade doméstica ao contrariar a sra. Linton.

Na próxima vez em que Heathcliff veio, minha jovem senhorita estava por acaso dando comida a uns pombos no pátio. Fazia três dias que não dirigia uma palavra à cunhada, mas também abandonara suas queixas irritantes, o que nos trouxe um grande alívio. Eu sabia que Heathcliff não tinha o hábito de conceder à srta. Linton uma única gentileza desnecessária. Dessa vez, assim que a viu, sua primeira precaução foi examinar toda a fachada da casa. Eu estava junto à janela da cozinha, mas saí de vista. Ele atravessou então o pátio até ela e disse

alguma coisa. Isabella pareceu constrangida e com vontade de ir embora; para impedi-la, ele pôs a mão em seu braço. Ela virou o rosto: pelo jeito, ele fez alguma pergunta à qual não queria responder. Houve outra olhada rápida para a casa e, julgando-se a salvo de olhares, o canalha teve a insolência de abraçá-la.

— Judas! Traidor! — exclamei. — Então também é hipócrita? Um mentiroso de caso pensado!

— Quem, Nelly? — disse a voz de Catherine ao meu lado. Eu estivera tão concentrada nos dois lá fora que não percebera sua entrada.

— Seu amigo imprestável! — respondi, exaltada. — Aquele patife dissimulado ali. Ah, ele nos viu... está entrando! Será que vai ter a cara de inventar uma desculpa convincente para cortejar a senhorita, depois de dizer à senhora que a detestava?

A sra. Linton viu Isabella se desvencilhar e correr para o jardim, e um minuto depois Heathcliff abriu a porta. Não consegui conter inteiramente minha indignação, mas Catherine exigiu silêncio com raiva e ameaçou me expulsar da cozinha se eu ousasse ser tão presunçosa a ponto de meter minha língua insolente no assunto.

— Ouvindo você, qualquer um pensaria que é a dona da casa! — exclamou. — Precisa aprender qual é seu lugar! Heathcliff, o que está fazendo, criando essa confusão? Eu disse que deixasse Isabella em paz! Peço que a deixe, a menos que esteja cansado de ser recebido aqui e queira que Linton tranque as portas para você!

— Deus o livre de tentar! — respondeu o vilão sombrio. Eu o detestava naquele momento. — Que Deus o conserve manso e paciente! A cada dia tenho mais vontade de mandá-lo para o céu!

— Silêncio! — disse Catherine, fechando a porta interna. — Não me irrite. Por que ignorou meu pedido? Foi ela que procurou você de propósito?

— O que isso tem a ver com você? — rosnou ele. — Tenho o direito de beijá-la, se ela quiser, e você não tem o direito de impedir. Não sou seu marido: não precisa ter ciúme de mim!

— Não tenho ciúme de você — respondeu a patroa. — Tenho ciúme por você. Desamarre essa cara: não vai me olhar assim! Se gosta de Isabella, pode se casar com ela. Mas gosta? Diga a verdade, Heathcliff! Está vendo? Não responde. Tenho certeza de que não gosta.

— E o sr. Linton aprovaria o casamento da irmã com esse homem? — perguntei.

— O sr. Linton teria de aprovar — respondeu minha patroa, decidida.

— Ele pode se poupar do trabalho — disse Heathcliff. — Eu me sairia muito bem sem sua aprovação. E, quanto a você, Catherine, quero dizer algumas palavras agora que entramos no assunto. Quero que saiba que entendo muito bem como me tratou: de um jeito infernal... infernal! Está ouvindo? E, se gosta de imaginar que não percebo, é uma tola; e, se pensa que pode me consolar com palavras doces, é uma idiota; e, se imagina que vou sofrer sem me vingar, vou convencê-la do contrário muito em breve! Enquanto isso, obrigado por me contar o segredo da sua cunhada: juro que vou tirar dele o maior proveito possível. E você saia do caminho!

— Que nova faceta do seu caráter é esta? — exclamou a sra. Linton, espantada. — Eu o tratei de um jeito infernal... e você vai se vingar! Como vai se vingar, seu bruto ingrato? Como foi que o tratei de um jeito infernal?

— Não procuro vingança contra você — respondeu Heathcliff, com menos violência. — Não é esse o plano. O tirano esmaga os escravos, e eles não se voltam contra ele: esmagam quem está abaixo deles. Pode me torturar até a morte para se divertir, só me permita um pouco de diversão no mesmo estilo e evite os insultos tanto quanto

conseguir. Depois de demolir meu palácio, não erga uma cabana e fique admirando satisfeita a própria caridade por me dar aquilo como casa. Se eu imaginasse que você realmente quer que eu me case com Isabella, cortaria a minha garganta!

— Ah, o problema é que não estou com ciúme, é isso? — exclamou Catherine. — Pois bem, não vou tornar a lhe oferecer uma esposa: é tão ruim quanto oferecer uma alma perdida a Satanás. Sua felicidade, como a dele, está em causar sofrimento. Você está provando isso. Edgar se recuperou do mau humor que teve quando você chegou, e eu começo a me sentir segura e tranquila; e você, inquieto ao nos ver em paz, parece decidido a provocar uma briga. Brigue com Edgar, se quiser, Heathcliff, e engane a irmã dele: terá encontrado exatamente o meio mais eficaz de se vingar de mim.

A conversa parou. A sra. Linton se sentou junto ao fogo, corada e sombria. O espírito que a servia estava se tornando indomável: ela não conseguia nem expulsá-lo nem controlá-lo. Ele ficou diante da lareira, de braços cruzados, remoendo seus pensamentos malignos. Foi assim que os deixei para procurar o patrão, que se perguntava o que prendia Catherine lá embaixo por tanto tempo.

— Ellen — disse ele quando entrei —, você viu sua patroa?

— Sim, está na cozinha, senhor — respondi. — Muito aborrecida com o comportamento do sr. Heathcliff; e, para dizer a verdade, acho que já é hora de estabelecer outras condições para essas visitas. Ser tolerante demais faz mal, e agora as coisas chegaram a este ponto... — E contei a cena no pátio e, até onde ousei, toda a discussão que se seguiu. Achei que isso não prejudicaria muito a sra. Linton, a menos que ela mesma se prejudicasse depois, assumindo a defesa do convidado. Edgar Linton teve dificuldade em me ouvir até o fim. Suas primeiras palavras mostraram que não considerava a esposa isenta de culpa.

— Isso é insuportável! — exclamou. — É uma vergonha que ela o reconheça como amigo e me imponha sua companhia! Chame dois homens no vestíbulo, Ellen. Catherine não vai perder mais tempo discutindo com aquele rufião vulgar: já fiz suas vontades o bastante.

Desceu e, mandando os criados esperarem no corredor, foi para a cozinha, seguido por mim. Seus ocupantes tinham retomado a discussão furiosa: pelo menos a sra. Linton o repreendia com vigor renovado; Heathcliff fora para a janela e mantinha a cabeça baixa, aparentemente um tanto intimidado pelas censuras violentas dela. Ele viu o patrão primeiro e fez um gesto rápido para que ela se calasse. Catherine obedeceu de imediato ao perceber o motivo do aviso.

— O que significa isto? — perguntou Linton a ela. — Que ideia de decência você tem para continuar aqui depois do que esse canalha lhe disse? Suponho que, por ele falar assim normalmente, você não dê importância: está acostumada com sua baixeza e talvez imagine que eu também possa me acostumar!

— Você ficou ouvindo atrás da porta, Edgar? — perguntou a patroa, num tom especialmente calculado para provocar o marido, misturando indiferença e desprezo pela irritação dele. Heathcliff, que levantara os olhos à fala anterior, deu uma risada de escárnio ao ouvir a resposta, aparentemente de propósito para atrair a atenção do sr. Linton. Conseguiu, mas Edgar não pretendia diverti-lo com grandes explosões de fúria.

— Até agora tenho sido tolerante com o senhor — disse, tranquilo. — Não por desconhecer seu caráter miserável e degradado, mas porque o considerava apenas em parte responsável por ele; e, como Catherine desejava manter sua amizade, concordei... tolamente. Sua presença é um veneno moral capaz de contaminar a pessoa mais virtuosa: por isso, e para evitar consequências piores, proíbo sua entrada nesta casa daqui

em diante e exijo que saia imediatamente. Se demorar três minutos, sua saída será forçada e vergonhosa.

Heathcliff mediu a altura e a largura de quem falava com um olhar cheio de desprezo.

— Cathy, esse seu cordeiro ameaça como um touro! — disse. — Corre o risco de rachar o crânio contra meus punhos. Por Deus, sr. Linton! Lamento profundamente que o senhor nem valha o esforço de ser derrubado!

Meu patrão olhou para o corredor e fez sinal para eu chamar os homens: não tinha intenção de se arriscar num confronto pessoal. Obedeci ao gesto, mas a sra. Linton, desconfiada, veio atrás. Quando tentei chamá-los, ela me puxou de volta, bateu a porta e a trancou.

— Jogo limpo! — disse, respondendo ao olhar de surpresa furiosa do marido. — Se não tem coragem de atacá-lo, peça desculpas ou aceite apanhar. Isso vai curá-lo de fingir uma valentia que não tem. Não, eu engulo a chave antes de deixar você pegá-la! Que bela recompensa pela minha bondade com os dois! Depois de tolerar sem parar a fraqueza de um e a maldade do outro, recebo em agradecimento duas provas de ingratidão cega, de uma estupidez absurda! Edgar, eu estava defendendo você e os seus, e espero que Heathcliff lhe dê uma surra de deixá-lo doente, por ousar pensar mal de mim!

Não foi preciso uma surra para produzir esse efeito no patrão. Ele tentou arrancar a chave da mão de Catherine e, para garantir que não conseguisse, ela a atirou na parte mais quente da lareira. O sr. Edgar foi então tomado por um tremor nervoso, e seu rosto ficou mortalmente pálido. Não conseguiria conter aquela emoção excessiva nem que sua vida dependesse disso: angústia e humilhação o dominaram por completo. Apoiou-se no encosto de uma cadeira e cobriu o rosto.

— Ah, céus! Antigamente isso lhe renderia o título de cavaleiro! — exclamou a sra. Linton. — Estamos vencidos! Estamos vencidos!

Heathcliff teria tanta vontade de levantar um dedo contra você quanto o rei teria de marchar com seu exército contra uma colônia de ratos. Anime-se! Ninguém vai machucá-lo! Você não é um cordeiro: é um filhotinho de lebre que ainda mama.

— Desejo-lhe muita felicidade com esse covarde que tem leite nas veias, Cathy! — disse o amigo. — Meus parabéns pelo seu gosto. E foi essa coisa babona e trêmula que você preferiu a mim! Eu não lhe daria um soco, mas lhe daria um pontapé com grande satisfação. Ele está chorando ou vai desmaiar de medo?

O sujeito se aproximou e empurrou a cadeira em que Linton se apoiava. Melhor teria feito se mantivesse distância: meu patrão se aprumou num salto e lhe acertou em cheio a garganta com um golpe que teria derrubado um homem mais fraco. Heathcliff ficou sem ar por um minuto e, enquanto engasgava, o sr. Linton saiu pela porta dos fundos para o pátio e deu a volta até a entrada principal.

— Pronto! Acabaram suas visitas aqui — exclamou Catherine. — Vá embora agora: ele vai voltar com duas pistolas e meia dúzia de ajudantes. Se ouviu mesmo nossa conversa, é claro que nunca vai perdoar você. Você me prejudicou muito, Heathcliff! Mas vá... depressa! Prefiro ver Edgar encurralado a ver você.

— Acha que vou embora com esse golpe queimando na garganta? — trovejou ele. — Pelo inferno, não! Antes de atravessar essa porta, esmago as costelas dele como uma avelã podre! Se não o derrubar agora, vou acabar matando-o algum dia; portanto, se dá valor à vida dele, deixe que eu o alcance!

— Ele não vem — intervim, inventando uma pequena mentira. — São o cocheiro e os dois jardineiros. Você certamente não vai esperar que eles o joguem na estrada! Cada um tem um porrete, e o patrão provavelmente vai assistir da janela da sala para ter certeza de que cumpram suas ordens.

Os jardineiros e o cocheiro estavam lá, mas Linton vinha com eles. Já tinham entrado no pátio. Pensando melhor, Heathcliff resolveu evitar uma luta com três empregados: agarrou o atiçador, arrebentou a fechadura da porta interna e escapou no momento em que eles entravam com passos pesados.

A sra. Linton, muito agitada, mandou que eu a acompanhasse ao andar de cima. Não sabia da minha participação na confusão, e eu fazia questão de mantê-la nessa ignorância.

— Estou quase enlouquecendo, Nelly! — exclamou, atirando-se no sofá. — Mil martelos de ferreiro estão batendo na minha cabeça! Diga a Isabella que não se aproxime de mim: toda essa confusão é culpa dela; e, se ela ou qualquer outra pessoa aumentar minha raiva agora, vou perder o controle. E, Nelly, diga a Edgar, se o vir de novo esta noite, que corro o risco de ficar seriamente doente. Tomara que seja verdade. Ele me assustou e me magoou de um jeito horrível! Quero assustá-lo. Além disso, ele pode vir e começar uma série de acusações ou queixas. Tenho certeza de que eu devolveria tudo, e Deus sabe onde iríamos parar! Você faz isso, minha boa Nelly? Sabe muito bem que não tenho culpa nenhuma neste caso. O que deu nele para ficar escutando? Heathcliff disse coisas revoltantes depois que você saiu, mas eu logo o teria feito desistir de Isabella, e o resto não significava nada. Agora deu tudo errado, por causa dessa vontade idiota de ouvir os outros falarem mal de si mesmo, que persegue certas pessoas como um demônio! Se Edgar não tivesse ouvido nossa conversa, não teria sofrido nada com ela. Francamente, quando começou a falar comigo naquele tom injustificado de desagrado, depois de eu ter repreendido Heathcliff em sua defesa até ficar rouca, pouco me importava o que fizessem um ao outro, sobretudo porque senti que, terminasse a cena como terminasse, todos ficaríamos separados por Deus sabe quanto tempo! Pois bem, se não posso conservar Heathcliff como amigo, se Edgar vai ser mesquinho

e ciumento, tentarei partir o coração dos dois, partindo o meu. Será uma maneira rápida de acabar com tudo, quando me levarem ao extremo! Mas é um recurso reservado ao último extremo. Eu não surpreenderia Linton com isso. Até agora, ele teve a prudência de evitar me provocar. Você precisa mostrar o perigo de abandonar essa conduta e lembrar que meu temperamento, quando se inflama, chega perto da loucura. Gostaria que tirasse essa apatia do rosto e parecesse um pouco mais preocupada comigo.

A impassibilidade com que recebi aquelas instruções era, sem dúvida, um tanto exasperante, porque ela as dava com toda a sinceridade. Mas eu acreditava que uma pessoa capaz de planejar antecipadamente como tirar proveito de seus acessos de fúria também seria capaz, com um esforço de vontade, de se controlar razoavelmente bem, mesmo durante um deles. E eu não queria "assustar" o marido, como ela dizia, e multiplicar suas aflições para satisfazer o egoísmo dela. Por isso não disse nada quando encontrei o patrão a caminho da sala, mas tomei a liberdade de voltar para escutar se os dois retomariam a discussão. Ele foi o primeiro a falar.

— Fique onde está, Catherine — disse, sem raiva na voz, mas com um desalento profundamente triste. — Não vou ficar. Não vim brigar nem fazer as pazes, só quero saber se, depois do que aconteceu esta noite, você pretende continuar sua intimidade com...

— Ah, pelo amor de Deus! — interrompeu a patroa, batendo o pé. — Pelo amor de Deus, não vamos falar mais disso agora! Seu sangue frio não entra em febre: suas veias estão cheias de água gelada; mas as minhas estão fervendo, e ver tanta frieza faz meu sangue saltar.

— Para se livrar de mim, responda à minha pergunta — insistiu o sr. Linton. — Precisa responder, e essa violência não me assusta. Descobri que você pode ser tão impassível quanto qualquer pessoa, quando quer. Daqui em diante, vai abrir mão de Heathcliff ou de mim? É impossível

ser minha amiga e dele ao mesmo tempo, e exijo saber qual dos dois você escolhe.

— Eu exijo que me deixem em paz! — exclamou Catherine, furiosa. — Exijo! Não vê que mal consigo ficar em pé? Edgar, você... você... saia daqui!

Tocou a campainha até o cordão arrebentar com um estalo, e entrei sem pressa. Era de pôr à prova a paciência de um santo, aquela fúria tão absurda e perversa! Lá estava ela, batendo a cabeça no braço do sofá e rangendo os dentes com tanta força que parecia prestes a reduzi-los a lascas. O sr. Linton a olhava, tomado de súbito remorso e medo. Mandou que eu buscasse água. Ela não tinha fôlego para falar. Trouxe um copo cheio e, como não quis beber, borrifei seu rosto. Em poucos segundos, esticou o corpo, ficou rígida e revirou os olhos, enquanto as faces, ao mesmo tempo brancas e lívidas, assumiam uma aparência de morte. Linton parecia aterrorizado.

— Não há absolutamente nada de errado — sussurrei. Não queria que ele cedesse, embora, no fundo, eu também não conseguisse deixar de sentir medo.

— Há sangue nos lábios dela! — disse ele, estremecendo.

— Não dê importância! — respondi, seca. E lhe contei que, antes de ele chegar, ela resolvera ter um ataque de loucura. Imprudentemente, falei alto, e Catherine ouviu: levantou-se num salto, com os cabelos voando sobre os ombros, os olhos faiscando e os músculos do pescoço e dos braços saltando de maneira assustadora. Preparei-me para sair dali com alguns ossos quebrados, no mínimo; mas ela apenas olhou ao redor com fúria por um instante e correu para fora da sala. O patrão mandou que eu a seguisse. Fui até a porta do quarto, onde ela me impediu de continuar, trancando-a na minha cara.

Como na manhã seguinte não deu sinal de que desceria para o café, fui perguntar se queria que lhe levassem alguma coisa. "Não!",

respondeu, categórica. A mesma pergunta foi feita na hora do jantar e do chá, e outra vez no dia seguinte, sempre com a mesma resposta. O sr. Linton, por sua vez, passava o tempo na biblioteca e não perguntava o que a esposa estava fazendo. Ele e Isabella tiveram uma conversa de uma hora, durante a qual tentou arrancar dela alguma manifestação do horror apropriado às investidas de Heathcliff. Mas não conseguiu extrair nada de suas respostas evasivas e foi obrigado a encerrar o interrogatório sem resultado satisfatório. Acrescentou, porém, uma advertência solene: se ela fosse louca o bastante para encorajar aquele pretendente indigno, todos os laços de parentesco entre os dois estariam rompidos.

Capítulo XII

Enquanto a srta. Linton vagava desanimada pelo parque e pelo jardim, sempre em silêncio e quase sempre chorando; enquanto seu irmão se trancava entre livros que nunca abria, consumindo-se, eu imaginava, na vaga expectativa constante de que Catherine, arrependida de sua conduta, viesse espontaneamente pedir perdão e buscar uma reconciliação; e enquanto ela persistia no jejum, provavelmente supondo que, a cada refeição, Edgar mal conseguia engolir de tanta saudade e só o orgulho o impedia de correr para se atirar aos seus pés, eu cuidava dos meus afazeres domésticos, convencida de que havia apenas uma alma sensata dentro das paredes da Grange, e que ela habitava meu corpo. Não desperdiçava consolos com a senhorita nem argumentos com a patroa, e tampouco dava muita atenção aos suspiros do patrão, que ansiava por ouvir o nome da esposa, já que não podia ouvir sua voz. Decidi que, por mim, eles se resolveriam como bem

entendessem. E, embora fosse um processo cansativamente lento, por fim comecei a me alegrar com um primeiro sinal de progresso: pelo menos foi o que pensei de início.

No terceiro dia, a sra. Linton destrancou a porta e, tendo acabado com a água da jarra e da garrafa, pediu que as enchessem de novo e lhe trouxessem uma tigela de mingau ralo, pois acreditava estar morrendo. Considerei aquilo uma fala destinada aos ouvidos de Edgar. Não acreditei em nada disso, portanto guardei para mim e levei chá com torradas sem manteiga. Ela comeu e bebeu com avidez e depois caiu outra vez sobre o travesseiro, apertando as mãos e gemendo. "Ah, vou morrer", exclamou, "já que ninguém se importa comigo. Queria não ter comido aquilo." Então, muito tempo depois, ouvi-a murmurar: "Não, não vou morrer... ele ficaria contente... não me ama nem um pouco... nunca sentiria minha falta!"

— Deseja alguma coisa, senhora? — perguntei, ainda mantendo a calma por fora, apesar do rosto cadavérico e dos modos estranhos e exagerados dela.

— O que aquela criatura apática está fazendo? — perguntou, afastando do rosto emagrecido os cabelos grossos e embaraçados. — Caiu em letargia ou morreu?

— Nenhuma das duas coisas — respondi —, se está falando do sr. Linton. Acho que está razoavelmente bem, embora os estudos o ocupem mais do que deveriam: vive entre os livros, já que não tem outra companhia.

Eu não teria falado assim se soubesse de seu verdadeiro estado, mas não conseguia abandonar a ideia de que parte daquela perturbação era fingimento.

— Entre os livros! — exclamou, atônita. — E eu morrendo! À beira do túmulo! Meu Deus! Ele sabe como estou diferente? — continuou, encarando seu reflexo num espelho pendurado na parede em frente. —

Aquela é Catherine Linton? Ele imagina que estou fazendo birra... brincando, talvez. Você não pode avisá-lo de que é horrivelmente sério? Nelly, se não for tarde demais, assim que eu souber o que ele sente, vou escolher entre duas coisas: ou morrer de fome de uma vez (o que não seria castigo nenhum, a menos que ele tivesse coração), ou me recuperar e ir embora daqui. Está dizendo a verdade sobre ele? Cuidado. Ele é mesmo tão absolutamente indiferente à minha vida?

— Ora, senhora — respondi —, o patrão não faz ideia de que a senhora esteja transtornada; e, naturalmente, não teme que se deixe morrer de fome.

— Acha que não? Não pode dizer a ele que vou? — retrucou. — Convença-o! Diga por sua conta: diga que tem certeza de que vou!

— Não, a senhora se esquece, sra. Linton — observei —, de que comeu com bastante apetite esta noite, e amanhã vai sentir os bons efeitos.

— Se eu tivesse certeza de que isso o mataria — interrompeu —, me mataria imediatamente! Nestas três noites terríveis, não fechei os olhos... e, ah, como fui atormentada! Fui assombrada, Nelly! Mas começo a achar que você não gosta de mim. Que estranho! Eu pensava que, por mais que todos se odiassem e se desprezassem, não poderiam deixar de me amar. E todos viraram meus inimigos em poucas horas. Viraram, tenho certeza: as pessoas daqui. Que tristeza encontrar a morte cercada desses rostos frios! Isabella, aterrorizada e tomada de repulsa, com medo de entrar no quarto, porque seria tão horrível ver Catherine partir. E Edgar, solene ao lado da cama, esperando tudo acabar; depois, agradecendo a Deus por devolver a paz à sua casa e voltando aos livros! Em nome de tudo o que tem sentimentos, o que ele tem a ver com livros, quando eu estou morrendo?

Ela não suportava a ideia que eu lhe pusera na cabeça da resignação filosófica do sr. Linton. Revirando-se na cama, levou sua confusão febril

até a loucura e rasgou o travesseiro com os dentes. Depois se ergueu, ardendo inteira, e pediu que eu abrisse a janela. Estávamos no meio do inverno, o vento soprava forte do nordeste, e eu me opus. Tanto as expressões que atravessavam seu rosto quanto as mudanças de humor começaram a me alarmar terrivelmente e me trouxeram à lembrança sua doença anterior e a recomendação do médico de que não a contrariassem. Um minuto antes estava violenta; agora, apoiada num braço e sem notar minha recusa em obedecer, parecia se divertir como uma criança, arrancando penas dos rasgos que acabara de fazer e arrumando-as no lençol conforme as diferentes espécies. Sua mente se desviara para outras associações.

— Esta é de peru — murmurava para si. — E esta, de pato selvagem; e esta, de pombo. Ah, puseram penas de pombo nos travesseiros... não admira que eu não conseguisse morrer! Preciso me lembrar de jogá-lo no chão quando me deitar. E aqui tem uma de galo da charneca; e esta... eu reconheceria entre mil... é de abibe. Que ave bonita, dando voltas sobre nossas cabeças no meio da charneca. Queria chegar ao ninho, porque as nuvens já tocavam as elevações e ela sentia a chuva chegando. Esta pena foi apanhada na urze, a ave não foi abatida: vimos o ninho no inverno, cheio de esqueletinhos. Heathcliff pôs uma armadilha por cima, e os pais não se atreveram a chegar perto. Depois disso, fiz com que prometesse nunca mais atirar num abibe, e ele não atirou. Sim, aqui tem mais! Ele matou meus abibes, Nelly? Alguma delas está vermelha? Deixe-me ver.

— Pare com essa brincadeira de criança! — interrompi, puxando o travesseiro e virando os rasgos para o colchão, pois ela tirava o recheio aos punhados. — Deite e feche os olhos: está delirando. Olhe a bagunça! A penugem está voando como neve.

Andei de um lado para o outro, recolhendo-a.

— Eu vejo uma velha em você, Nelly — continuou ela, como num sonho. — Você tem cabelos grisalhos e ombros curvados. Esta cama é a caverna das fadas debaixo dos Rochedos de Penistone, e você está recolhendo flechas de duendes para ferir nossas novilhas, fingindo, enquanto estou por perto, que são apenas tufos de lã. É nisso que vai se transformar daqui a cinquenta anos: sei que ainda não é assim. Não estou delirando. Você está enganada, ou eu acreditaria que você é mesmo aquela velha mirrada, e que estou debaixo dos Rochedos de Penistone; mas sei que é noite, e há duas velas na mesa fazendo o armário preto brilhar como azeviche.

— O armário preto? Onde? — perguntei. — Está falando dormindo!

— Encostado na parede, como sempre — respondeu. — Está mesmo estranho... vejo um rosto nele!

— Não há armário nenhum no quarto, e nunca houve — disse eu, voltando a me sentar e prendendo a cortina da cama para poder observá-la.

— Você não vê aquele rosto? — perguntou, olhando fixamente para o espelho.

E, por mais que eu dissesse, não consegui fazê-la entender que era o próprio rosto. Então me levantei e cobri o espelho com um xale.

— Ainda está ali atrás! — continuou, aflita. — E se mexeu. Quem é? Espero que não saia quando você for embora! Ah, Nelly, o quarto está assombrado! Tenho medo de ficar sozinha!

Peguei sua mão e pedi que se acalmasse, pois uma sequência de calafrios sacudia seu corpo, e ela insistia em forçar os olhos na direção do espelho.

— Não há ninguém aqui! — insisti. — Era a senhora, sra. Linton: ainda há pouco sabia disso.

— Eu! — disse, ofegante. — E o relógio está batendo meia-noite! Então é verdade! Que horror!

Seus dedos agarraram as cobertas e as puxaram sobre os olhos. Tentei ir de mansinho até a porta para chamar o marido, mas um grito agudo me fez voltar: o xale caíra da moldura.

— Ora, o que houve? — exclamei. — Quem é a covarde agora? Acorde! Aquilo é o espelho, sra. Linton: é a senhora que está vendo nele, e eu também estou ali ao seu lado.

Trêmula e aturdida, ela me segurou com força, mas o horror foi desaparecendo de seu rosto, e a palidez deu lugar a um rubor de vergonha.

— Ah, meu Deus! Pensei que estivesse em casa — suspirou. — Pensei que estivesse deitada no meu quarto, no Morro dos Ventos Uivantes. Como estou fraca, minha cabeça se confundiu, e gritei sem perceber. Não diga nada, mas fique comigo. Tenho medo de dormir: meus sonhos me apavoram.

— Um bom sono lhe faria bem, senhora — respondi. — E espero que esse sofrimento a impeça de tentar passar fome outra vez.

— Ah, se eu estivesse na minha cama, na velha casa! — continuou ela, amargamente, torcendo as mãos. — E aquele vento soando nos pinheiros junto à janela. Deixe-me senti-lo... ele vem direto da charneca... deixe-me respirar só um pouco!

Para acalmá-la, deixei a janela entreaberta por alguns segundos. Uma rajada gelada entrou; fechei-a e voltei ao meu lugar. Ela agora estava imóvel, com o rosto banhado em lágrimas. O esgotamento do corpo submetera inteiramente seu espírito: nossa impetuosa Catherine não passava de uma criança chorosa.

— Há quanto tempo me tranquei aqui? — perguntou, de repente mais animada.

— Foi na segunda-feira à noite — respondi. — E agora é quinta à noite, ou melhor, sexta de madrugada.

— O quê! Da mesma semana? — exclamou. — Só esse pouquinho de tempo?

— Tempo suficiente para viver só de água fria e mau humor — observei.

— Pois me parece que foram horas intermináveis — murmurou, em dúvida. — Deve ser mais. Lembro que estava na sala depois da briga deles, e Edgar me provocava cruelmente, e eu corri desesperada para este quarto. Assim que tranquei a porta, uma escuridão absoluta me dominou, e caí no chão. Não consegui explicar a Edgar a certeza que sentia de que teria um ataque ou enlouqueceria de vez se ele continuasse a me atormentar! Não tinha controle da língua nem da cabeça, e talvez ele não tenha percebido minha agonia: ela mal me deixou juízo suficiente para tentar fugir dele e de sua voz. Antes de me recuperar o bastante para ver e ouvir, já começava a amanhecer. E, Nelly, vou contar o que pensei, e o que não parava de voltar, de voltar, até me fazer temer pela razão. Ali deitada, com a cabeça encostada naquele pé de mesa e os olhos distinguindo vagamente o quadrado cinzento da janela, pensei que estava fechada na cama de painéis de carvalho lá de casa, e meu coração doía por alguma grande tristeza de que, acabando de acordar, eu não conseguia me lembrar. Fiquei pensando, me atormentando para descobrir o que podia ser, e, de um jeito muito estranho, os últimos sete anos da minha vida se apagaram por completo! Eu não me lembrava sequer de que tinham existido. Era uma criança; meu pai acabara de ser enterrado, e minha tristeza vinha da separação que Hindley impusera entre mim e Heathcliff. Eu estava deitada sozinha pela primeira vez e, acordando de um cochilo sombrio depois de uma noite de choro, levantei a mão para afastar os painéis: ela bateu no tampo da mesa! Passei-a pelo tapete, e então a memória voltou de golpe: a angústia

anterior foi engolida por um acesso de desespero. Não sei dizer por que me senti tão terrivelmente infeliz. Deve ter sido uma perturbação passageira, porque mal havia motivo. Mas imagine que, aos doze anos, eu tivesse sido arrancada do Morro, de tudo o que conhecera na infância e de quem era tudo para mim, como Heathcliff era naquela época, e transformada de repente na sra. Linton, dona de Thrushcross Grange e esposa de um estranho: exilada e expulsa para sempre de tudo o que fora meu mundo. Talvez assim você tenha um vislumbre do abismo em que me arrastei! Pode balançar a cabeça à vontade, Nelly, você ajudou a me perturbar! Devia ter falado com Edgar, devia mesmo, e obrigado ele a me deixar em paz! Ah, estou queimando! Queria estar lá fora! Queria voltar a ser menina, meio selvagem, forte e livre, e rir das ofensas, em vez de enlouquecer por causa delas! Por que mudei tanto? Por que meu sangue entra num tumulto infernal por algumas palavras? Tenho certeza de que voltaria a ser eu mesma se pudesse estar entre as urzes daqueles morros. Abra a janela outra vez, bem aberta: prenda-a! Depressa, por que não se mexe?

— Porque não vou deixar a senhora morrer de frio — respondi.

— Não vai me dar uma chance de viver, é o que quer dizer — retrucou, sombria. — Mas ainda não estou indefesa: eu mesma vou abrir.

E, escorregando para fora da cama antes que eu pudesse impedi-la, atravessou o quarto com passos muito inseguros, escancarou a janela e se inclinou para fora, indiferente ao ar gelado que lhe cortava os ombros como uma faca. Supliquei e, por fim, tentei obrigá-la a se afastar. Mas logo percebi que sua força delirante superava muito a minha (de que estava delirando, convenci-me por seus atos e desvarios seguintes). Não havia lua, e tudo lá embaixo estava mergulhado numa escuridão enevoada: não brilhava uma luz em casa alguma, perto ou longe; todas tinham sido apagadas havia muito tempo. E as do Morro dos Ventos

Uivantes nunca eram visíveis dali. Ainda assim, ela afirmava enxergar seu brilho.

— Olhe! — exclamou, ansiosa. — Aquele é meu quarto, com a vela acesa e as árvores balançando na frente; e a outra vela está no sótão de Joseph. Joseph fica acordado até tarde, não fica? Está esperando eu voltar para casa para poder trancar o portão. Pois vai esperar mais um pouco. É uma viagem difícil, e o coração vai triste; e precisamos passar pela igreja de Gimmerton para fazer esse caminho! Muitas vezes enfrentamos seus fantasmas juntos e desafiamos um ao outro a ficar entre as sepulturas e chamá-los. Mas, Heathcliff, se eu desafiar você agora, vai ter coragem? Se vier, eu o prendo comigo. Não vou ficar deitada ali sozinha: podem me enterrar a doze pés de profundidade e derrubar a igreja por cima de mim, mas não vou descansar enquanto você não estiver comigo. Nunca!

Fez uma pausa e continuou com um sorriso estranho: "Ele está pensando... prefere que eu vá até ele! Então encontre um caminho! Não pelo cemitério. Como você demora! Conforme-se: sempre foi você que me seguiu!"

Percebendo que era inútil argumentar contra sua loucura, eu tentava pensar em como alcançar alguma coisa para cobri-la sem soltá-la (pois não confiava em deixá-la sozinha junto à janela escancarada) quando, para minha consternação, ouvi o ruído da maçaneta, e o sr. Linton entrou. Só então saíra da biblioteca. Ao passar pelo corredor, ouvira nossa conversa e, por curiosidade ou medo, viera descobrir o que significava àquela hora da madrugada.

— Ah, senhor! — exclamei, interrompendo a exclamação que lhe subia aos lábios diante da cena e do ar gelado do quarto. — Minha pobre patroa está doente, e é mais forte do que eu: não consigo controlá-la de jeito nenhum. Por favor, venha convencê-la a voltar para a cama.

Esqueça sua raiva, porque é difícil levá-la por qualquer caminho que não seja o dela.

— Catherine está doente? — perguntou, correndo até nós. — Feche a janela, Ellen! Catherine! Mas...

Calou-se. O aspecto consumido da sra. Linton o deixou sem palavras, e ele só conseguia olhar dela para mim, numa surpresa horrorizada.

— Ela ficou aqui se afligindo — continuei —, quase sem comer, e nunca se queixou: não deixou nenhum de nós entrar até esta noite, por isso não pudemos informar o senhor de seu estado, porque também não sabíamos; mas não é nada.

Senti que minhas explicações saíam desajeitadas, e o patrão franziu a testa. "Não é nada, Ellen Dean?", disse, severo. "Você vai explicar melhor por que me deixou sem saber disso!" E tomou a esposa nos braços e a olhou com angústia.

A princípio, ela não deu nenhum sinal de reconhecê-lo: ele era invisível ao seu olhar ausente. O delírio, porém, não era contínuo. Depois de tirar os olhos da escuridão lá fora, aos poucos concentrou a atenção nele e descobriu quem a segurava.

— Ah! Você veio, Edgar Linton? — disse, com uma animação raivosa. — Você é uma dessas coisas que sempre aparecem quando menos se quer, e nunca quando são necessárias! Imagino que agora teremos muitas lamentações... estou vendo que sim... mas elas não podem me impedir de chegar àquela casa estreita lá fora, meu lugar de descanso, para onde vou antes que a primavera termine! É ali: não entre os Lintons, veja bem, debaixo do teto da capela, mas ao ar livre, com uma lápide; e você pode escolher se vai para junto deles ou se vem para mim!

— Catherine, o que você fez? — começou o patrão. — Já não significo nada para você? Ama aquele miserável Heath...

— Cale-se! — gritou a sra. Linton. — Cale-se agora! Se disser esse nome, acabo com tudo imediatamente, saltando pela janela! Pode ficar com o que está tocando neste momento, mas minha alma estará no alto daquele morro antes que você ponha as mãos em mim outra vez. Não preciso de você, Edgar: já passei disso. Volte aos seus livros. Fico contente que tenha um consolo, porque tudo o que tinha em mim acabou.

— Ela está delirando, senhor — intervim. — Falou coisas sem sentido a noite inteira; mas, com sossego e cuidados adequados, vai melhorar. Daqui em diante, precisamos ter cuidado para não aborrecê-la.

— Não quero mais conselhos seus — respondeu o sr. Linton. — Você conhecia o temperamento da sua patroa e me incentivou a atormentá-la. E não me deu sequer uma indicação de como ela passou estes três dias! Foi desumano! Meses de doença não causariam uma mudança dessas!

Comecei a me defender, achando injusto levar a culpa pelos caprichos perversos de outra pessoa. "Eu sabia que a sra. Linton era teimosa e autoritária", exclamei, "mas não sabia que o senhor queria alimentar seu temperamento violento! Não sabia que, para agradá-la, eu deveria fechar os olhos ao sr. Heathcliff. Cumpri meu dever de criada fiel ao contar ao senhor, e recebi a recompensa de uma criada fiel! Pois bem, isso vai me ensinar a ter cuidado na próxima vez. Na próxima vez, o senhor poderá descobrir as coisas sozinho!"

— Na próxima vez em que vier me contar uma história, Ellen Dean, estará despedida — respondeu.

— Então o senhor prefere não saber de nada, sr. Linton? — perguntei. — Heathcliff tem sua permissão para vir cortejar a senhorita e aproveitar todas as suas ausências para aparecer aqui, só para envenenar a patroa contra o senhor?

Por mais confusa que estivesse, Catherine percebeu depressa o sentido da nossa conversa.

— Ah! Nelly me traiu! — exclamou, furiosa. — Nelly é minha inimiga secreta. Sua bruxa! Então você realmente procura flechas de duendes para nos ferir! Solte-me, e vou fazê-la se arrepender! Vou fazê-la desmentir tudo aos gritos!

Uma fúria de louca se acendeu em seus olhos, e ela lutou desesperadamente para se libertar dos braços de Linton. Não tive vontade nenhuma de esperar pelo resultado e, decidida a procurar ajuda médica por minha conta, saí do quarto.

Ao passar pelo jardim em direção à estrada, num ponto em que havia um gancho para rédeas cravado no muro, vi alguma coisa branca se mover de maneira irregular, evidentemente por uma força que não era a do vento. Apesar da pressa, parei para examinar, para não ficar depois com a imaginação convencida de que vira uma criatura do outro mundo. Minha surpresa e perplexidade foram enormes ao descobrir, mais pelo tato do que pela visão, a cadelinha spaniel da srta. Isabella, Fanny, pendurada por um lenço e quase no último suspiro. Soltei-a depressa e a passei para dentro do jardim. Eu a vira seguir a dona escada acima quando ela fora se deitar, e me perguntei como teria chegado ali e que pessoa maldosa a tratara daquele jeito. Enquanto desatava o nó do gancho, pareceu-me ouvir repetidas vezes o bater de cascos de cavalos galopando a certa distância; mas havia tanta coisa ocupando meus pensamentos que mal dei atenção àquilo, embora fosse um som estranho naquele lugar às duas da madrugada.

Por sorte, o sr. Kenneth estava justamente saindo de casa para visitar um doente no povoado quando cheguei à rua, e meu relato da doença de Catherine Linton o levou a voltar comigo imediatamente. Era um homem simples e rude, e não hesitou em expressar suas dúvidas de que

ela sobrevivesse àquele segundo ataque, a menos que obedecesse melhor às suas ordens do que fizera antes.

— Nelly Dean — disse —, não consigo deixar de pensar que há outro motivo para isso. O que aconteceu na Grange? Ouvimos histórias estranhas por aqui. Uma moça forte e saudável como Catherine não adoece por uma bobagem, e gente assim também não deveria adoecer. Dá trabalho tirá-los de febres e coisas desse tipo. Como começou?

— O patrão vai explicar — respondi. — Mas o senhor conhece o temperamento violento dos Earnshaw, e a sra. Linton supera todos eles. Posso dizer o seguinte: começou com uma briga. Em meio a uma tempestade de raiva, ela teve uma espécie de ataque. Pelo menos é o que conta, porque saiu correndo no auge da discussão e se trancou. Depois se recusou a comer, e agora ora delira, ora fica como que sonhando: reconhece quem está por perto, mas tem a cabeça cheia de todo tipo de ideias estranhas e ilusões.

— O sr. Linton vai sentir? — perguntou Kenneth.

— Sentir? O coração dele vai se partir se acontecer alguma coisa! — respondi. — Não o assuste mais do que o necessário.

— Bem, eu o avisei para tomar cuidado — disse meu companheiro —, e agora ele terá de aguentar as consequências de ignorar meu aviso! Não tem andado muito próximo do sr. Heathcliff ultimamente?

— Heathcliff visita a Grange com frequência — respondi —, mas mais porque a patroa o conhece desde menino do que porque o patrão gosta de sua companhia. No momento, está dispensado do trabalho de nos visitar, por causa de certas pretensões atrevidas em relação à srta. Linton que deixou transparecer. Acho difícil que volte a ser recebido.

— E a srta. Linton o trata com frieza? — foi a pergunta seguinte do médico.

— Ela não me faz confidências — respondi, sem vontade de continuar no assunto.

— Não, ela é dissimulada — comentou, balançando a cabeça. — Sabe guardar os próprios segredos! Mas é uma perfeita tolinha. Sei de fonte segura que ontem à noite (e que bela noite estava!) ela e Heathcliff passaram mais de duas horas andando no bosque atrás da casa de vocês, e ele insistiu para que não voltasse para dentro, mas montasse no cavalo e fugisse com ele! Quem me contou disse que ela só conseguiu fazê-lo esperar dando sua palavra de honra de que estaria pronta no próximo encontro. Quando seria, ele não ouviu; mas diga ao sr. Linton que fique atento!

A notícia me encheu de novos temores. Deixei Kenneth para trás e fiz correndo a maior parte do caminho de volta. A cadelinha ainda gania no jardim. Parei um minuto para abrir o portão, mas, em vez de ir até a porta da casa, ela correu de um lado para o outro farejando a relva, e teria escapado para a estrada se eu não a tivesse pegado e levado comigo. Ao subir ao quarto de Isabella, minhas suspeitas se confirmaram: estava vazio. Se eu tivesse chegado algumas horas antes, a doença da sra. Linton talvez tivesse impedido aquele passo imprudente. Mas o que fazer agora? Havia uma pequena possibilidade de alcançá-los, se saíssemos imediatamente em sua perseguição. Eu, porém, não podia ir, e não ousava acordar toda a casa e provocar uma confusão, muito menos revelar o caso ao patrão, absorvido como estava em sua desgraça atual, sem coração disponível para uma segunda dor! Não vi outra saída além de calar a boca e deixar os acontecimentos seguirem seu curso; e, quando Kenneth chegou, fui anunciá-lo com um rosto que mal conseguia recompor. Catherine dormia um sono agitado: o marido conseguira acalmar o excesso de fúria e agora se inclinava sobre seu travesseiro, acompanhando cada sombra e cada mudança das feições dolorosamente expressivas.

Depois de examiná-la pessoalmente, o médico lhe falou com esperança de uma recuperação favorável, desde que pudéssemos manter

ao redor dela uma tranquilidade perfeita e constante. A mim, indicou que o perigo maior não era a morte, mas a perda permanente da razão.

Não fechei os olhos naquela noite, nem o sr. Linton: na verdade, nem fomos para a cama. E os criados todos se levantaram muito antes do horário habitual, andando pela casa com passos furtivos e trocando sussurros quando se encontravam durante os afazeres. Todos estavam em atividade, menos a srta. Isabella, e começaram a comentar como dormia profundamente. O irmão também perguntou se já se levantara e pareceu impaciente por sua presença, magoado por ela demonstrar tão pouca preocupação com a cunhada. Eu tremia de medo de que me mandasse chamá-la, mas fui poupada da dor de ser a primeira a anunciar a fuga. Uma das criadas, uma moça irrefletida que saíra cedo para uma tarefa em Gimmerton, subiu correndo, sem fôlego e de boca aberta, e entrou de repente no quarto, gritando: "Ai, meu Deus, meu Deus! O que mais vai acontecer? Patrão, patrão, nossa senhorita..."

— Pare com esse barulho! — exclamei depressa, furiosa com aquela gritaria.

— Fale mais baixo, Mary. O que houve? — disse o sr. Linton. — O que aconteceu com sua senhorita?

— Foi embora, foi embora! Aquele Heathcliff fugiu com ela! — disse a moça, ofegante.

— Não é verdade! — exclamou Linton, levantando-se agitado. — Não pode ser. Como pôs essa ideia na cabeça? Ellen Dean, vá procurá-la. É inacreditável: não pode ser.

Enquanto falava, conduziu a criada até a porta e repetiu a exigência de saber em que se baseava para afirmar aquilo.

— É que encontrei na estrada o rapaz que busca leite aqui — gaguejou ela —, e ele perguntou se não estávamos com problemas na Grange. Pensei que falava da doença da patroa e respondi que sim. Aí ele disse: "Acho que já mandaram alguém atrás deles, não é?". Eu fiquei

olhando. Ele percebeu que eu não sabia de nada e contou que um cavalheiro e uma dama pararam para prender a ferradura de um cavalo numa oficina de ferreiro, a duas milhas de Gimmerton, pouco depois da meia-noite! E que a filha do ferreiro se levantou para espiar quem eram: reconheceu os dois na hora. Viu que o homem (era Heathcliff, tinha certeza; além disso, ninguém podia confundi-lo) pôs um soberano na mão do pai dela como pagamento. A dama tinha uma capa em volta do rosto, mas pediu um pouco de água, e, quando bebeu, a capa caiu para trás, e ela a viu muito bem. Heathcliff segurava as duas rédeas quando seguiram caminho, afastando-se do povoado e indo tão depressa quanto as estradas ruins permitiam. A moça não disse nada ao pai, mas contou tudo por Gimmerton esta manhã.

Corri para dar uma olhada no quarto de Isabella, só por formalidade, e, ao voltar, confirmei a declaração da criada. O sr. Linton retomara seu lugar ao lado da cama. Quando entrei, ergueu os olhos, leu o significado do meu olhar perplexo e voltou a baixá-los, sem dar ordem alguma nem dizer uma palavra.

— Devemos tomar alguma providência para alcançá-la e trazê-la de volta? — perguntei. — O que fazemos?

— Ela foi por vontade própria — respondeu o patrão. — Tinha o direito de ir, se era o que queria. Não me incomode mais com esse assunto. Daqui em diante, é minha irmã apenas de nome: não porque eu a tenha renegado, mas porque ela me renegou.

E foi tudo o que disse a respeito: não fez mais nenhuma pergunta nem voltou a mencioná-la, a não ser para mandar que eu enviasse seus pertences para a nova casa, fosse onde fosse, assim que soubesse o endereço.

Capítulo XIII

Os fugitivos permaneceram ausentes por dois meses. Nesses dois meses, a sra. Linton enfrentou e venceu o pior abalo do que chamaram de febre cerebral. Nenhuma mãe poderia ter cuidado de um filho único com mais dedicação do que Edgar cuidou dela. Dia e noite ele a vigiava, suportando com paciência todos os incômodos que nervos irritados e uma razão abalada podiam causar. E, embora Kenneth observasse que aquilo que ele arrancasse do túmulo só recompensaria seus cuidados tornando-se fonte constante de preocupação futura (que, na verdade, sua saúde e suas forças estavam sendo sacrificadas para preservar uma simples ruína humana), sua gratidão e sua alegria não conheceram limites quando a vida de Catherine foi declarada fora de perigo. Hora após hora, ficava sentado ao lado dela, acompanhando a volta gradual da saúde do corpo e alimentando suas esperanças otimistas demais com a ilusão de que a mente também recuperaria o equilíbrio e ela logo voltaria a ser inteiramente quem era antes.

A primeira vez que saiu do quarto foi no começo do mês de março seguinte. De manhã, o sr. Linton pusera sobre seu travesseiro um punhado de açafrões dourados. Seus olhos, havia muito estranhos a qualquer lampejo de prazer, os encontraram ao despertar e brilharam de alegria enquanto ela os juntava com avidez.

— Estas são as primeiras flores do Morro — exclamou. — Fazem-me lembrar dos ventos suaves do degelo, do sol quente e da neve quase derretida. Edgar, não está soprando um vento sul? A neve não está quase toda acabada?

— Aqui embaixo a neve já acabou de todo, querida — respondeu o marido. — Só vejo duas manchas brancas em toda a extensão das

charnecas: o céu está azul, as cotovias cantam, e os riachos e córregos estão todos cheios até a borda. Catherine, nesta época da primavera passada, eu ansiava por ter você debaixo deste teto. Agora, queria que estivesse uma ou duas milhas acima, naqueles morros: o ar sopra tão doce que sinto que a curaria.

— Só estarei lá mais uma vez — disse a doente. — E então você vai me deixar, e eu ficarei para sempre. Na próxima primavera, vai voltar a desejar que eu esteja debaixo deste teto, e vai olhar para trás e pensar que era feliz hoje.

Linton a cobriu das carícias mais ternas e tentou animá-la com as palavras mais amorosas, mas ela, olhando vagamente para as flores, deixou as lágrimas se acumularem nos cílios e escorrerem pelas faces, sem se importar. Sabíamos que realmente estava melhor e, por isso, concluímos que boa parte daquele desânimo vinha do longo confinamento num só lugar, e que uma mudança de ambiente poderia aliviá-lo em parte. O patrão mandou que eu acendesse a lareira da sala, abandonada havia muitas semanas, e colocasse uma poltrona ao sol, perto da janela. Depois a trouxe para baixo, e ela ficou sentada por muito tempo, aproveitando o calor agradável e, como esperávamos, reanimada pelos objetos à sua volta, que, embora familiares, estavam livres das associações sombrias que envolviam seu odiado quarto de doente. Ao anoitecer, parecia muito esgotada, mas nenhum argumento a convencia a voltar àquele aposento, e tive de preparar o sofá da sala como cama, até que outro quarto pudesse ficar pronto. Para evitar o cansaço de subir e descer escadas, arrumamos este em que o senhor está deitado agora, no mesmo andar da sala, e logo ela teve forças para ir de um ao outro apoiada no braço de Edgar. Ah, pensei comigo, com tantos cuidados, talvez se recupere. E havia um motivo duplo para desejarmos isso, pois da existência dela dependia a de outra pessoa: alimentávamos a esperança de que, em pouco tempo, o nascimento de um herdeiro

alegrasse o coração do sr. Linton e protegesse suas terras das garras de um estranho.

Devo mencionar que Isabella enviou ao irmão, umas seis semanas depois da partida, um bilhete curto anunciando seu casamento com Heathcliff. Parecia seco e frio, mas, no pé da página, havia, rabiscado a lápis, um pedido de desculpas pouco claro e uma súplica para que ele se lembrasse dela com carinho e aceitasse uma reconciliação, caso sua conduta o tivesse ofendido. Afirmava que não pudera agir de outra forma e que, feito o que fizera, já não tinha poder para desfazê-lo. Creio que Linton não respondeu. Duas semanas depois, recebi uma carta longa, que achei estranha por vir da pena de uma noiva recém-saída da lua de mel. Vou lê-la, porque ainda a guardo. Qualquer relíquia dos mortos é preciosa, se os estimamos em vida.

❦ ❦ ❦

Querida Ellen (assim começa), cheguei ontem à noite ao Morro dos Ventos Uivantes e soube, pela primeira vez, que Catherine esteve, e ainda está, muito doente. Suponho que não deva escrever a ela, e meu irmão está zangado ou aflito demais para responder ao que lhe mandei. Mesmo assim, preciso escrever a alguém, e a única escolha que me resta é você.

Diga a Edgar que eu daria o mundo para ver seu rosto outra vez, que meu coração voltou a Thrushcross Grange vinte e quatro horas depois que a deixei, e lá está neste momento, cheio de sentimentos calorosos por ele e por Catherine! *Mas não posso segui-lo* (estas palavras estão sublinhadas): não precisam me esperar, e podem tirar as conclusões que quiserem, cuidando, porém, de não atribuir nada à fraqueza da minha vontade ou à falta de afeto.

O restante da carta é só para você. Quero fazer duas perguntas. A primeira é esta: como conseguiu conservar os sentimentos comuns da

natureza humana enquanto morava aqui? Não consigo reconhecer nenhum sentimento que as pessoas ao meu redor compartilhem comigo.

A segunda pergunta me interessa muito; é esta: o sr. Heathcliff é um homem? Se for, está louco? E, se não for, é um demônio? Não vou contar meus motivos para perguntar isso, mas imploro que explique, se puder, com o que me casei. Isto é, quando vier me visitar. E precisa vir, Ellen, muito em breve. Não escreva: venha e traga alguma coisa de Edgar.

Agora você vai saber como fui recebida na minha nova casa, pois sou levada a imaginar que o Morro será isso. Se me demoro em assuntos como a falta de conforto material, é para me distrair: essas coisas nunca ocupam meus pensamentos, a não ser no momento em que sinto sua falta. Eu riria e dançaria de alegria se descobrisse que a ausência delas é o total das minhas misérias, e que o resto não passa de um sonho monstruoso!

O sol se pôs atrás da Granja quando entramos na charneca, e por isso calculei que fossem seis horas. Meu companheiro parou por meia hora para examinar o parque, os jardins e, provavelmente, a própria casa, tanto quanto conseguia. Assim, já estava escuro quando desmontamos no pátio calçado da fazenda, e seu antigo colega de serviço, Joseph, saiu para nos receber à luz de uma vela de sebo. Fez isso com uma cortesia que muito o honrou. Seu primeiro gesto foi erguer a luz à altura do meu rosto, apertar os olhos com malícia, projetar o lábio inferior e virar as costas. Depois pegou os dois cavalos e os levou para a estrebaria, reaparecendo para trancar o portão de fora, como se morássemos num castelo antigo.

Heathcliff ficou para falar com ele, e eu entrei na cozinha: um buraco sujo e desarrumado. Aposto que você não a reconheceria, de tão mudada que está desde que deixou de estar sob seus cuidados. Perto do

fogo havia uma criança com ar de rufião, de membros fortes e roupa imunda, com alguma coisa de Catherine nos olhos e em torno da boca.

"Este é o sobrinho de Edgar perante a lei", pensei, "e, de certo modo, o meu. Preciso apertar sua mão e... sim... preciso beijá-lo. É bom estabelecer uma boa relação desde o começo."

Aproximei-me e, tentando segurar seu punho gordinho, perguntei: — Como vai, meu querido?

Ele respondeu num jargão que não compreendi.

— Nós dois vamos ser amigos, Hareton? — foi minha tentativa seguinte de conversa.

Um palavrão e a ameaça de soltar Throttler em cima de mim se eu não "sumisse dali" recompensaram minha persistência.

— Ei, Throttler, rapaz! — sussurrou o pequeno miserável, acordando um buldogue mestiço de sua toca num canto. — Agora, vai embora? — perguntou, autoritário.

O amor à vida me levou a obedecer; passei a soleira para esperar que os outros entrassem. O sr. Heathcliff não estava em parte alguma, e Joseph, que segui até a estrebaria, pedindo que me acompanhasse para dentro, depois de me encarar e resmungar sozinho, torceu o nariz e respondeu: — Mim! Mim! Mim! Algum cristão já ouviu coisa parecida? Essa fala toda mastigada, cheia de melindres! Como é que vou saber o que a senhora diz?

— Eu disse que quero que venha comigo para dentro da casa! — gritei, pensando que fosse surdo, mas profundamente desgostosa com sua grosseria.

— Eu, não! Tenho outra coisa pra fazer — respondeu, continuando o serviço. Enquanto isso, movia os maxilares compridos e examinava meu vestido e meu rosto (o primeiro fino demais, mas o segundo, tenho certeza, tão triste quanto ele poderia desejar) com soberano desprezo.

Dei a volta pelo pátio e passei por um portãozinho até outra porta, onde tomei a liberdade de bater, na esperança de que aparecesse algum criado mais civilizado. Depois de uma breve espera, ela foi aberta por um homem alto e descarnado, sem lenço no pescoço e, no resto, extremamente desleixado. Suas feições se perdiam numa massa de cabelos desgrenhados que caíam sobre os ombros, e seus olhos também eram como os de uma Catherine fantasmagórica, com toda a beleza aniquilada.

— O que quer aqui? — perguntou, sombrio. — Quem é você?

— Meu nome era Isabella Linton — respondi. — O senhor já me viu antes. Casei-me há pouco com o sr. Heathcliff, e ele me trouxe para cá, suponho que com sua permissão.

— Então ele voltou? — perguntou o eremita, com um olhar de lobo faminto.

— Sim, acabamos de chegar — respondi. — Mas ele me deixou junto à porta da cozinha, e, quando tentei entrar, seu menino fez de sentinela e me espantou com a ajuda de um buldogue.

— Ainda bem que o vilão infernal cumpriu a palavra! — rosnou meu futuro anfitrião, perscrutando a escuridão atrás de mim na expectativa de descobrir Heathcliff. Então se entregou a um monólogo de maldições e ameaças sobre o que teria feito se o "demônio" o tivesse enganado.

Arrependi-me de ter tentado aquela segunda entrada e quase me inclinei a escapar antes que ele terminasse de praguejar. Mas, antes que pudesse executar a intenção, ele mandou que eu entrasse, fechou a porta e tornou a trancá-la. Havia um grande fogo, e essa era toda a luz do aposento enorme, cujo piso adquirira um cinza uniforme, e os pratos de estanho, antes tão brilhantes, que atraíam meu olhar quando eu era menina, participavam da mesma obscuridade, criada pelo embaçamento e pela poeira. Perguntei se podia chamar a criada para que

me levasse a um quarto! O sr. Earnshaw não se dignou a responder. Andava de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, aparentemente esquecido de todo da minha presença, e sua distração era tão profunda, e todo o seu aspecto tão misantrópico, que não tive coragem de perturbá-lo outra vez.

Você não vai se surpreender, Ellen, por eu me sentir particularmente desolada, sentada junto àquela lareira inóspita, em situação pior que a solidão, lembrando que a quatro milhas dali estava meu lar encantador, com as únicas pessoas que eu amava no mundo; e tanto faria se fosse o Atlântico a nos separar, em vez daquelas quatro milhas: eu não podia atravessá-las! Perguntei a mim mesma: onde buscar consolo? E (cuide de não contar isso a Edgar nem a Catherine) acima de todas as outras dores, uma se erguia soberana: o desespero de não encontrar ninguém que pudesse ou quisesse ser meu aliado contra Heathcliff! Eu procurara abrigo no Morro dos Ventos Uivantes quase com satisfação, porque esse arranjo me livrava de morar sozinha com ele. Mas ele conhecia as pessoas entre as quais íamos viver e não temia sua interferência.

Fiquei sentada pensando por um tempo doloroso: o relógio bateu oito, depois nove, e meu companheiro continuava andando de um lado para o outro, com a cabeça caída sobre o peito, em perfeito silêncio, a não ser quando um gemido ou uma exclamação amarga lhe escapava de vez em quando. Eu apurava o ouvido para detectar alguma voz de mulher na casa e preenchia o intervalo com arrependimentos desvairados e previsões sombrias, que, por fim, se fizeram audíveis em suspiros e lágrimas impossíveis de conter. Não percebi como minha dor estava exposta até que Earnshaw parou diante de mim em sua caminhada ritmada e me lançou um olhar de surpresa recém-despertada. Aproveitando a atenção recuperada, exclamei: — Estou cansada da viagem e quero ir para a cama! Onde está a criada? Diga onde posso encontrá-la, já que ela não vem até mim!

— Não temos criada — respondeu. — Você vai ter de se servir sozinha!

— Então onde devo dormir? — solucei. Já estava além de qualquer respeito por mim mesma, esmagada pelo cansaço e pela infelicidade.

— Joseph vai lhe mostrar o quarto de Heathcliff — disse ele. — Abra aquela porta: ele está lá.

Eu ia obedecer, mas ele me deteve de repente e acrescentou, no tom mais estranho: — Faça o favor de girar a chave e passar o ferrolho. Não se esqueça!

— Está bem! — respondi. — Mas por quê, sr. Earnshaw? — Não me agradava a ideia de me trancar deliberadamente com Heathcliff.

— Veja isto! — respondeu, tirando do colete uma pistola de construção curiosa, com uma faca de mola, de dois gumes, presa ao cano. — É uma grande tentação para um homem desesperado, não é? Não consigo resistir a subir com isto todas as noites e experimentar a porta dele. Se um dia a encontrar aberta, ele está liquidado. Faço isso invariavelmente, mesmo que, um minuto antes, tenha recordado uma centena de motivos que deveriam me conter: é algum demônio que me incita a frustrar meus próprios planos matando-o. A gente luta contra esse demônio, por amor, enquanto pode; quando chegar a hora, nem todos os anjos do céu o salvarão!

Examinei a arma com curiosidade. Uma ideia horrível me ocorreu: como eu seria poderosa se possuísse um instrumento daqueles! Tirei-a da mão dele e toquei a lâmina. Ele pareceu espantado com a expressão que meu rosto assumiu por um breve segundo: não era horror, era cobiça. Arrancou a pistola de volta, com ciúme, fechou a faca e tornou a escondê-la.

— Não me importo se você contar a ele — disse. — Ponha-o de guarda e fique vigiando por ele. Vejo que sabe em que termos estamos: o perigo que ele corre não a choca.

— O que Heathcliff fez ao senhor? — perguntei. — Em que o prejudicou, para justificar esse ódio terrível? Não seria mais sensato mandá-lo deixar a casa?

— Não! — trovejou Earnshaw. — Se ele se oferecer para me deixar, é um homem morto: convença-o a tentar, e você será uma assassina! Devo perder tudo, sem uma chance de recuperação? Hareton há de ser um mendigo? Ah, maldição! Vou ter tudo de volta, e vou ficar com o ouro dele também; depois, com seu sangue; e o inferno ficará com sua alma! Vai ficar dez vezes mais negro com esse hóspede do que jamais foi!

Você me falou, Ellen, dos hábitos do seu antigo patrão. Ele está claramente à beira da loucura: pelo menos estava ontem à noite. Eu estremecia por estar perto dele e achava o mau humor grosseiro do criado comparativamente agradável. Ele recomeçou então sua caminhada sombria, e eu levantei o trinco e escapei para a cozinha. Joseph estava inclinado sobre o fogo, espiando uma panela grande que balançava acima dele, e uma tigela de madeira com farinha de aveia estava no banco de encosto, ali perto. O conteúdo da panela começou a ferver, e ele se virou para enfiar a mão na tigela. Imaginei que aquele preparo provavelmente seria nossa ceia e, como estava com fome, decidi que ficaria comestível. Então, gritando com aspereza "Eu faço o mingau!", tirei a tigela do alcance dele e comecei a tirar o chapéu e a roupa de montaria. — O sr. Earnshaw — continuei — mandou que eu me servisse sozinha: vou fazer isso. Não pretendo bancar a dama entre vocês, por medo de morrer de fome.

— Bom Deus! — resmungou ele, sentando-se e alisando as meias caneladas do joelho ao tornozelo. — Se vai ter mandos novos... justo agora que me acostumei com dois patrões, se tenho de ter uma patroa em cima da minha cabeça, então é hora de mudar de casa. Nunca pensei que ia ver o dia de deixar este lugar velho... mas me parece que está perto!

Não dei atenção àquela lamentação: pus-me a trabalhar com presteza, suspirando ao lembrar de uma época em que tudo aquilo teria sido pura diversão, mas logo me vi obrigada a expulsar a lembrança. Recordar a felicidade passada me torturava, e, quanto maior o perigo de invocar seu fantasma, mais depressa a colher girava e mais rápido os punhados de farinha caíam na água. Joseph observava meu jeito de cozinhar com indignação crescente.

— Olha aí! — exclamou. — Hareton, hoje de noite você num vai tomar seu mingau: vai ser só caroço do tamanho do meu punho. Olha aí, de novo! Se eu fosse a senhora, jogava a tigela e tudo! Pronto, tire essa gosma, e aí acaba de uma vez. Bum, bum! É uma misericórdia o fundo num ter arrebentado!

Admito que era uma papa um tanto grosseira quando despejada nas tigelas. Tinham separado quatro, e trouxeram da leiteria uma jarra de um galão de leite fresco, que Hareton agarrou e começou a beber e a derramar pela borda larga. Protestei e pedi que ele tomasse o seu numa caneca, afirmando que não conseguiria provar um líquido tratado com tanta sujeira. O velho cínico resolveu se ofender profundamente com aquele melindre, garantindo repetidas vezes que "o menino era tão bom" quanto eu, "e tão limpo também", e perguntando-se como eu podia dar-me ares tão cheios de mim. Enquanto isso, o pequeno rufião continuava a sugar e me olhava de baixo para cima com desafio, babando dentro da jarra.

— Vou cear em outro cômodo — disse. — Não há aqui um lugar a que chamem sala de visitas?

— Sala de visitas! — repetiu, debochado. — Sala de visitas! Não, num temos sala de visitas nenhuma. Se num gosta da nossa companhia, tem a do patrão; e, se num gosta do patrão, tem a nossa.

— Então vou subir — respondi. — Mostre-me um quarto.

Pus minha tigela numa bandeja e fui buscar mais leite eu mesma. Resmungando muito, o sujeito se levantou e foi na frente na subida: subimos até os sótãos, e de vez em quando ele abria uma porta para espiar os aposentos por onde passávamos.

— Aqui tem um cômodo — disse por fim, escancarando uma tábua torta presa por dobradiças. — Serve bem pra comer um pouco de mingau. Tem um saco de grão ali no canto, até que limpo. Se tem medo de sujar sua bela roupa de seda, estenda o lenço por cima.

O "cômodo" era uma espécie de depósito de trastes, com cheiro forte de malte e grãos. Vários sacos desses produtos se empilhavam ao redor, deixando no meio um espaço largo e vazio.

— Ora, homem! — exclamei, virando-me para ele com raiva. — Isto não é lugar para dormir. Quero ver meu quarto.

— Quarto! — repetiu, zombeteiro. — A senhora vai ver todos os quartos que tem. Aquele ali é o meu.

Apontou para o segundo sótão, que só diferia do primeiro por ter as paredes mais nuas e, numa ponta, uma cama grande e baixa, sem cortinas, com uma colcha cor de anil.

— O que eu quero com o seu? — retruquei. — Suponho que o sr. Heathcliff não se aloje no alto da casa, não é?

— Ah! É o do patrão Heathcliff que a senhora quer? — exclamou, como se fizesse uma nova descoberta. — Num podia ter dito logo? Aí eu tinha avisado, sem todo esse trabalho, que esse é justamente o único que num pode ver: ele deixa sempre trancado, e ninguém mexe lá além dele mesmo.

— Vocês têm uma bela casa, Joseph — não consegui deixar de observar —, e moradores agradáveis; e acho que a essência concentrada de toda a loucura do mundo se instalou no meu cérebro no dia em que uni meu destino ao deles! Mas isso não vem ao caso agora: há outros

quartos. Pelo amor de Deus, ande depressa e deixe que eu me acomode em algum lugar!

Ele não respondeu ao apelo; apenas desceu com passo pesado e obstinado os degraus de madeira e parou diante de um aposento que, pela parada e pela qualidade superior dos móveis, imaginei ser o melhor. Havia um tapete (bom, mas com o desenho apagado pela poeira), uma lareira enfeitada com recortes de papel que caíam aos pedaços, uma bela cama de carvalho com amplas cortinas carmesins, de tecido bastante caro e feitio moderno. Mas era evidente que tinham sido maltratadas: as sanefas pendiam em festões, arrancadas das argolas, e o varão de ferro que as sustentava estava curvado em arco de um lado, fazendo o tecido arrastar pelo chão. As cadeiras também estavam danificadas, muitas delas seriamente, e marcas profundas deformavam os painéis das paredes. Eu tentava reunir coragem para entrar e tomar posse quando meu idiota de guia anunciou: — Este aqui é o do patrão. — Àquela altura, minha ceia estava fria, meu apetite desaparecera e minha paciência se esgotara. Exigi que me dessem imediatamente um lugar de refúgio e um meio de repousar.

— Onde diabos? — começou o velho religioso. — Que o Senhor nos abençoe! Que o Senhor nos perdoe! Pros infernos, aonde é que a senhora quer ir, sua criatura mimada e cansativa, sua imprestável? Já viu tudo, menos o quartinho do Hareton. Num tem outro buraco pra se deitar nesta casa!

Fiquei tão irritada que atirei a bandeja com tudo no chão. Depois me sentei no alto da escada, escondi o rosto nas mãos e chorei.

— Ora! Ora! — exclamou Joseph. — Muito bem, srta. Cathy! Muito bem, srta. Cathy! Pois o patrão vai é tropeçar nesses cacos, e aí vamos ouvir uma coisa; vamos ouvir como é que vai ser. Louca imprestável! Merece passar fome daqui até o Natal, jogando os preciosos dons de Deus debaixo dos pés nessas suas fúrias medonhas! Mas muito

me engano se mostrar esse gênio por muito tempo. Acha que Heathcliff vai aguentar esses modos bonitos? Só queria que ele pegasse a senhora numa dessas. Só queria mesmo.

E assim foi descendo e ralhando até sua toca lá embaixo, levando a vela, e eu fiquei no escuro. O período de reflexão que se seguiu a essa atitude tola me obrigou a admitir a necessidade de sufocar o orgulho, engolir a raiva e me mexer para remover seus efeitos. Logo apareceu uma ajuda inesperada na figura de Throttler, que agora reconheci como um filho do nosso velho Skulker: passara a infância na Granja e fora dado por meu pai ao sr. Hindley. Acho que me reconheceu: encostou o focinho no meu em cumprimento e depois se apressou a devorar o mingau, enquanto eu tateava de degrau em degrau, recolhendo os cacos de louça e enxugando com meu lenço os respingos de leite do corrimão. Mal tínhamos terminado nosso trabalho quando ouvi os passos de Earnshaw no corredor. Meu ajudante encolheu o rabo e se apertou contra a parede, e eu me esgueirei pela porta mais próxima. A tentativa do cão de evitá-lo não deu certo, como deduzi pelo barulho de uma correria escada abaixo e por um ganido prolongado e lastimoso. Tive mais sorte: ele passou, entrou no quarto e fechou a porta. Logo depois, Joseph subiu com Hareton para pô-lo na cama. Eu me abrigara no quarto de Hareton, e o velho, ao me ver, disse: — Agora acho que tem lugar na sala pra senhora e pro seu orgulho. Está vazia; pode ficar toda pra senhora e pra Ele, que sempre faz o terceiro em companhia ruim dessas!

Aproveitei com gosto a indicação e, no instante em que me deixei cair numa cadeira junto ao fogo, cochilei e dormi. Meu sono foi profundo e doce, embora tenha acabado cedo demais. O sr. Heathcliff me acordou: acabara de chegar e perguntou, à sua maneira amorosa, o que eu estava fazendo ali. Expliquei o motivo de ficar acordada até tão tarde: ele tinha a chave do nosso quarto no bolso. O adjetivo *nosso* o

ofendeu mortalmente. Jurou que o quarto não era, nem jamais seria, meu; e que ele... mas não vou repetir suas palavras nem descrever seu comportamento habitual: ele é engenhoso e incansável em buscar conquistar meu horror! Às vezes, eu o contemplo com um espanto tão intenso que ele amortece meu medo. Ainda assim, garanto que um tigre ou uma serpente venenosa não poderiam despertar em mim um terror igual ao que ele desperta. Contou-me da doença de Catherine e acusou meu irmão de causá-la, prometendo que eu seria a procuradora de Edgar no sofrimento até que pudesse pôr as mãos nele.

Eu o odeio... sou infeliz... fui uma tola! Cuidado para não deixar escapar uma palavra disso a ninguém na Granja. Vou esperar você todos os dias. Não me decepcione! Isabella.

Capítulo XIV

Assim que terminei de ler a carta, fui falar com o patrão e informei que a irmã chegara ao Morro e me escrevera expressando sua tristeza pela situação da sra. Linton e seu desejo ardente de vê-lo, com o pedido de que ele lhe mandasse, por meu intermédio e o mais depressa possível, algum sinal de perdão.

— Perdão! — disse Linton. — Não tenho nada a perdoar, Ellen. Pode ir ao Morro dos Ventos Uivantes esta tarde, se quiser, e dizer que não estou zangado, mas lamento tê-la perdido, sobretudo porque não consigo acreditar que será feliz. Está fora de questão, porém, eu ir visitá-la: estamos separados para sempre; e, se ela realmente quiser me fazer uma gentileza, que convença o vilão com quem se casou a deixar esta região.

— E o senhor não quer escrever um bilhetinho para ela? — perguntei, suplicante.

— Não — respondeu. — É desnecessário. Meu contato com a família de Heathcliff será tão escasso quanto o dele com a minha. Não existirá!

A frieza do sr. Edgar me entristeceu profundamente, e, durante todo o caminho desde a Granja, quebrei a cabeça tentando descobrir como pôr mais calor em suas palavras ao repeti-las e como suavizar sua recusa de escrever sequer algumas linhas para consolar Isabella. Imagino que ela me esperasse desde a manhã: vi-a olhando pela janela de treliça quando subi pelo caminho calçado do jardim e fiz um sinal com a cabeça, mas ela recuou, como se temesse ser vista. Entrei sem bater. Nunca houve cena tão triste e sombria quanto a que oferecia aquela casa, antes tão alegre! Devo confessar que, se estivesse no lugar da moça, ao menos teria varrido a lareira e tirado o pó das mesas com um pano. Mas ela já participava do espírito geral de abandono que a cercava. Seu rosto bonito estava pálido e sem vida. Os cabelos, sem cachos, pendiam em mechas lisas de um lado e, de outro, estavam enrolados sem cuidado ao redor da cabeça. Provavelmente não tocara no vestido desde a noite anterior. Hindley não estava lá. O sr. Heathcliff estava sentado a uma mesa, examinando alguns papéis em sua carteira, mas se levantou quando apareci, perguntou como eu estava, com bastante cordialidade, e me ofereceu uma cadeira. Era a única coisa ali que parecia decente, e achei que nunca estivera com tão boa aparência. As circunstâncias tinham alterado tanto suas posições que um estranho certamente o tomaria por um cavalheiro de nascimento e criação, e a esposa, por uma perfeita desleixada! Ela veio depressa me cumprimentar e estendeu a mão para receber a carta esperada. Balancei a cabeça. Não quis entender o sinal, mas me seguiu até o aparador, onde fui deixar o chapéu, e insistiu em voz baixa para que lhe entregasse imediatamente o que trouxera.

Heathcliff adivinhou o significado de suas manobras e disse: — Se trouxe alguma coisa para Isabella (e sem dúvida trouxe, Nelly), entregue a ela. Não precisa fazer segredo: nós não temos segredos um para o outro.

— Ah, não trouxe nada — respondi, achando melhor dizer a verdade de uma vez. — Meu patrão mandou dizer à irmã que não deve esperar uma carta nem uma visita dele por enquanto. Manda seu carinho, senhora, seus votos de felicidade e seu perdão pela tristeza que lhe causou, mas acha que, daqui em diante, sua casa e esta devem interromper as relações, porque nada poderia resultar de mantê-las.

Os lábios da sra. Heathcliff tremeram ligeiramente, e ela voltou a se sentar junto à janela. O marido se postou diante da lareira, perto de mim, e começou a fazer perguntas sobre Catherine. Contei o que achei conveniente sobre a doença, e, com um interrogatório minucioso, ele arrancou de mim a maior parte dos fatos ligados à sua origem. Censurei-a, como merecia, por ter provocado tudo aquilo, e terminei expressando a esperança de que ele seguisse o exemplo do sr. Linton e evitasse, no futuro, qualquer interferência em sua família, para o bem ou para o mal.

— A sra. Linton está começando a se recuperar agora — disse. — Nunca mais será como antes, mas sua vida foi poupada; e, se realmente gosta dela, evitará cruzar seu caminho outra vez. Mais que isso: irá embora de vez desta região. E, para que não lamente, vou lhe dizer que Catherine Linton é hoje tão diferente da sua antiga amiga Catherine Earnshaw quanto aquela moça é diferente de mim. A aparência mudou muito, e o caráter ainda mais. E a pessoa que, por necessidade, for obrigada a lhe fazer companhia só conseguirá conservar seu afeto daqui em diante pela lembrança do que ela foi, pela simples humanidade e por um senso de dever!

— É perfeitamente possível — observou Heathcliff, esforçando-se para parecer calmo. — É perfeitamente possível que seu patrão só tenha

a simples humanidade e o senso de dever a que recorrer. Mas você imagina que vou deixar Catherine entregue ao dever e à humanidade dele? E consegue comparar meus sentimentos por Catherine aos dele? Antes de você sair desta casa, preciso arrancar uma promessa: vai me conseguir um encontro com ela. Concorde ou recuse, eu vou vê-la! O que diz?

— Digo, sr. Heathcliff — respondi —, que não deve: e nunca o fará por meu intermédio. Outro confronto entre o senhor e o patrão acabaria de matá-la.

— Com sua ajuda, isso pode ser evitado — continuou ele. — E, se houver perigo de acontecer, se ele for responsável por acrescentar mais uma única aflição à vida dela, creio que terei justificativa para chegar aos extremos! Gostaria que você tivesse sinceridade suficiente para me dizer se Catherine sofreria muito com a perda dele: o medo de que sofra é o que me contém. E aí está a diferença entre nossos sentimentos: se ele estivesse no meu lugar e eu no dele, mesmo que eu o odiasse com um ódio que transformasse minha vida em fel, nunca teria levantado a mão contra ele. Pode fazer essa cara de incredulidade, se quiser! Nunca o teria banido da companhia dela enquanto ela a desejasse. No instante em que o afeto dela acabasse, eu arrancaria seu coração e beberia seu sangue! Mas até lá (se não acredita, é porque não me conhece), até lá eu morreria aos poucos antes de tocar num só fio de cabelo da cabeça dele!

— E, no entanto — interrompi —, o senhor não tem escrúpulos em destruir todas as esperanças de uma recuperação completa, impondo-se à lembrança dela agora, quando ela quase o esqueceu, e envolvendo-a num novo tumulto de discórdia e sofrimento.

— Você supõe que ela quase me esqueceu? — perguntou. — Ah, Nelly! Sabe que não! Sabe tão bem quanto eu que, para cada pensamento que dedica a Linton, dedica mil a mim! No período mais miserável da minha vida, tive uma ideia dessas: ela me assombrou

quando voltei à região, no verão passado. Mas só uma declaração da própria Catherine poderia me fazer admitir de novo essa ideia horrível. E então Linton não seria nada, nem Hindley, nem todos os sonhos que já sonhei. Duas palavras resumiriam meu futuro: morte e inferno. Existir depois de perdê-la seria o inferno. Mas fui um tolo por imaginar, por um momento, que ela valorizava mais o afeto de Edgar Linton do que o meu. Se ele amasse com todas as forças daquele ser insignificante, não conseguiria amar em oitenta anos tanto quanto eu num dia. E Catherine tem um coração tão profundo quanto o meu: seria tão fácil conter o mar naquele bebedouro de cavalos quanto ele monopolizar todo o amor dela. Ora! Ela mal o tem por mais querido do que seu cão ou seu cavalo. Não há nele o que é preciso para ser amado como eu: como ela pode amar nele o que ele não tem?

— Catherine e Edgar se amam tanto quanto duas pessoas podem se amar — exclamou Isabella, com uma vivacidade repentina. — Ninguém tem o direito de falar assim, e não vou ouvir meu irmão ser rebaixado em silêncio!

— Seu irmão também gosta muitíssimo de você, não é? — observou Heathcliff, com desprezo. — Larga você à deriva no mundo com uma presteza surpreendente.

— Ele não sabe o que estou sofrendo — respondeu. — Não contei isso a ele.

— Então andou contando alguma coisa: escreveu para ele, não escreveu?

— Escrevi para dizer que estava casada: você viu o bilhete.

— E nada depois?

— Não.

— Minha senhorita está visivelmente pior desde que mudou de condição — comentei. — Evidentemente, falta o amor de alguém no caso dela. De quem, posso imaginar, mas talvez não deva dizer.

— Eu diria que é o dela mesma — disse Heathcliff. — Está degenerando numa desleixada completa! Cansou-se de tentar me agradar extraordinariamente cedo. Você mal acreditaria, mas, logo no dia seguinte ao casamento, já chorava querendo voltar para casa. Enfim, vai se adaptar tanto melhor a esta casa por não ser exigente demais, e eu cuidarei para que não me envergonhe andando por aí.

— Bem, senhor — respondi —, espero que leve em conta que a sra. Heathcliff está acostumada a receber cuidados e a ser servida, e que foi criada como filha única, a quem todos estavam prontos para atender. Precisa lhe dar uma criada para manter as coisas em ordem ao redor dela, e precisa tratá-la com bondade. Seja qual for sua opinião sobre o sr. Edgar, não pode duvidar de que ela é capaz de afetos profundos. Caso contrário, não teria abandonado a elegância, o conforto e os amigos de sua antiga casa para se instalar, satisfeita, num deserto como este, com o senhor.

— Ela os abandonou sob uma ilusão — respondeu ele —, vendo em mim um herói de romance e esperando favores sem limite da minha devoção de cavaleiro. Mal consigo considerá-la uma criatura racional, tamanha a obstinação com que construiu uma ideia fabulosa do meu caráter e agiu de acordo com as falsas impressões que cultivava. Mas, enfim, acho que está começando a me conhecer: já não vejo os sorrisos e as caretas idiotas que me irritavam no começo, nem aquela incapacidade absurda de perceber que eu falava sério quando lhe dava minha opinião sobre sua paixão e sobre ela mesma. Foi um esforço maravilhoso de perspicácia descobrir que eu não a amava. Por algum tempo, acreditei que lição nenhuma conseguiria ensinar isso a ela! E, ainda assim, aprendeu mal, pois esta manhã anunciou, como se fosse uma notícia terrível, que eu realmente conseguira fazê-la me odiar! Um verdadeiro trabalho de Hércules, garanto! Se foi conseguido, tenho motivos para dar graças. Posso confiar na sua declaração, Isabella? Tem

certeza de que me odeia? Se eu a deixar em paz por meio dia, não virá outra vez suspirar e me fazer agrados? Imagino que ela preferisse que eu tivesse parecido todo ternura diante de você: ver a verdade exposta fere sua vaidade. Mas não me importo que saibam que a paixão foi inteiramente de um lado só, e nunca lhe contei uma mentira a respeito. Ela não pode me acusar de ter demonstrado a menor doçura enganosa. A primeira coisa que me viu fazer ao sair da Granja foi enforcar sua cadelinha; e, quando implorou por ela, minhas primeiras palavras foram o desejo de enforcar todos os seres que lhe pertencessem, com uma exceção: talvez tenha tomado essa exceção por ela mesma. Mas nenhuma brutalidade a repugnou: suponho que tenha uma admiração inata por isso, desde que sua preciosa pessoa esteja a salvo de qualquer ferimento! Agora, não foi o cúmulo do absurdo, da mais pura idiotice, aquela cadela lamentável, servil e mesquinha sonhar que eu poderia amá-la? Diga ao seu patrão, Nelly, que nunca, em toda a minha vida, encontrei uma coisa tão abjeta quanto ela. Ela chega a desonrar o nome Linton. E às vezes afrouxei, por pura falta de invenção, nas minhas experiências para ver quanto ela consegue aguentar e ainda voltar rastejando, vergonhosamente submissa! Mas diga também a ele que tranquilize seu coração de irmão e de magistrado: mantenho-me rigorosamente dentro dos limites da lei. Até agora, evitei lhe dar o menor direito de pedir uma separação, e, além disso, ela não agradeceria a ninguém por nos separar. Se quisesse ir embora, poderia: o incômodo de sua presença supera o prazer que se pode tirar de atormentá-la!

— Sr. Heathcliff — disse eu —, essa é a conversa de um louco. Sua esposa provavelmente está convencida de que o senhor é louco e, por isso, o suportou até agora. Mas, já que diz que ela pode ir, sem dúvida vai aproveitar a permissão. A senhora não está tão enfeitiçada, está, a ponto de ficar com ele por vontade própria?

— Cuidado, Ellen! — respondeu Isabella, com os olhos brilhando de raiva. A expressão deles não deixava dúvida sobre o completo sucesso dos esforços do marido para se fazer detestar. — Não acredite numa única palavra do que ele diz. É um demônio mentiroso! Um monstro, não um ser humano! Já me disseram antes que podia deixá-lo, e fiz a tentativa, mas não me atrevo a repetir! Só prometa, Ellen, que não vai mencionar uma sílaba dessa conversa infame ao meu irmão nem a Catherine. Seja o que for que finja, ele quer levar Edgar ao desespero: diz que se casou comigo de propósito para obter poder sobre ele, e não vai obter... eu morro primeiro! Só espero, só rezo para que esqueça sua prudência diabólica e me mate! O único prazer que consigo imaginar é morrer ou vê-lo morto!

— Pronto, basta por enquanto! — disse Heathcliff. — Se for chamada a um tribunal, vai se lembrar dessas palavras, Nelly! E olhe bem para esse rosto: ela está perto do ponto que me convém. Não, Isabella, agora você não tem condições de ser sua própria guardiã; e eu, como seu protetor legal, devo mantê-la sob minha guarda, por mais desagradável que seja essa obrigação. Suba: tenho uma coisa para dizer a Ellen Dean em particular. Não é por aí: para cima, estou dizendo! Ora, o caminho para cima é este, criança!

Agarrou-a e a empurrou para fora da sala, e voltou resmungando: — Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais os vermes se contorcem, mais anseio por esmagar suas entranhas! É uma dentição moral, e eu tritura com energia tanto maior quanto mais a dor aumenta.

— O senhor entende o que significa a palavra piedade? — perguntei, apressando-me a pegar o chapéu. — Já sentiu um toque dela na vida?

— Largue isso! — interrompeu, percebendo minha intenção de partir. — Você ainda não vai embora. Venha cá agora, Nelly: preciso convencê-la ou obrigá-la a me ajudar a cumprir minha decisão de ver

Catherine, e sem demora. Juro que não pretendo fazer mal: não quero causar nenhuma perturbação, nem irritar ou insultar o sr. Linton. Só quero ouvir da boca dela como está e por que adoeceu, e perguntar se há alguma coisa que eu possa fazer que lhe seja útil. Ontem à noite passei seis horas no jardim da Granja, e vou voltar lá hoje, e vou rondar aquele lugar todas as noites e todos os dias, até encontrar uma oportunidade de entrar. Se Edgar Linton me encontrar, não hesitarei em derrubá-lo e lhe dar o suficiente para garantir que fique quieto enquanto eu estiver lá. Se os criados tentarem me impedir, vou afugentá-los ameaçando-os com estas pistolas. Mas não seria melhor evitar que eu entrasse em contato com eles ou com o patrão? E você poderia fazer isso tão facilmente. Eu a avisaria quando chegasse, e então você me deixaria entrar sem ser visto, assim que ela estivesse sozinha, e ficaria de vigia até eu sair, com a consciência perfeitamente tranquila: estaria impedindo uma desgraça.

Protestei contra desempenhar aquele papel de traidora na casa do meu empregador. Além disso, insisti na crueldade e no egoísmo de destruir a tranquilidade da sra. Linton para satisfação própria. — A ocorrência mais comum a assusta dolorosamente — disse. — Ela é toda nervos e não suportaria a surpresa, tenho certeza. Não insista, senhor! Caso contrário, serei obrigada a informar meu patrão sobre seus planos, e ele tomará providências para proteger a casa e seus moradores de intrusões tão injustificáveis!

— Nesse caso, vou tomar providências para prender você, mulher! — exclamou Heathcliff. — Não sairá do Morro dos Ventos Uivantes até amanhã de manhã. É uma bobagem afirmar que Catherine não suportaria me ver; e, quanto a surpreendê-la, não desejo isso: você precisa prepará-la, perguntar se posso ir. Diz que ela nunca menciona meu nome e que nunca o mencionam a ela. A quem deveria falar de mim, se sou um assunto proibido na casa? Ela acha que vocês são todos espiões do marido. Ah, não tenho dúvida de que está no inferno no

meio de vocês! Adivinho pelo silêncio dela, tanto quanto por qualquer outra coisa, o que ela sente. Você diz que costuma ficar inquieta e parecer ansiosa: isso é prova de tranquilidade? Fala que a mente dela está perturbada. Como diabos poderia ser diferente, naquele isolamento terrível? E aquela criatura insípida e insignificante cuidando dela por dever e humanidade! Por pena e caridade! Tanto faria plantar um carvalho num vaso de flores e esperar que vicejasse quanto imaginar que vai devolver-lhe o vigor no solo raso dos seus cuidados! Vamos resolver isso de uma vez: você vai ficar aqui, e eu vou abrir caminho até Catherine passando por cima de Linton e de seu lacaio? Ou vai ser minha amiga, como foi até agora, e fazer o que peço? Decida! Porque não há motivo para eu me demorar mais um minuto, se você insistir nessa teimosia maldosa!

Bem, sr. Lockwood, discuti, reclamei e recusei categoricamente umas cinquenta vezes, mas, no fim, ele me forçou a um acordo. Comprometi-me a levar uma carta dele à patroa e, se ela consentisse, prometi avisá-lo da próxima ausência de Linton, quando poderia vir e entrar como conseguisse: eu não estaria presente, e meus colegas de serviço também ficariam fora do caminho. Foi certo ou errado? Temo que tenha sido errado, embora conveniente. Achei que, cedendo, evitava outra explosão, e pensei também que isso poderia provocar uma crise favorável na doença mental de Catherine. Depois me lembrei da repreensão severa do sr. Edgar por eu levar histórias, e tentei acalmar todas as inquietações a respeito afirmando, com frequentes repetições, que aquela traição de confiança, se merecia nome tão duro, seria a última. Ainda assim, minha volta para casa foi mais triste que a ida, e tive muitos receios antes de conseguir me convencer a pôr a carta na mão da sra. Linton.

Mas aí está Kenneth; vou descer e contar a ele como o senhor está melhor. Minha história é custosa, como dizemos por aqui, e ainda vai servir para passar outra manhã.

Custosa e sombria!, refleti enquanto a boa mulher descia para receber o médico. E não exatamente do tipo que eu teria escolhido para me distrair. Mas não importa! Vou extrair remédios benéficos das ervas amargas da sra. Dean. E, antes de mais nada, devo tomar cuidado com o fascínio escondido nos olhos brilhantes de Catherine Heathcliff. Eu me meteria numa curiosa situação se entregasse o coração àquela jovem, e a filha acabasse sendo uma segunda edição da mãe.

Capítulo XV

Mais uma semana se passou, e estou tantos dias mais perto da saúde e da primavera! Já ouvi toda a história do meu vizinho, em várias sessões, conforme a governanta conseguia tirar algum tempo de ocupações mais importantes. Vou continuá-la nas palavras dela, apenas um pouco condensada. No conjunto, ela é uma narradora bastante competente, e não creio que eu pudesse melhorar seu estilo.

Naquela noite, disse ela, na noite da minha visita ao Morro, eu sabia, tão bem quanto se o visse, que o sr. Heathcliff rondava a casa, e evitei sair, porque ainda levava sua carta no bolso e não queria mais ameaças nem

importunações. Decidira não entregá-la até que meu patrão saísse, pois não conseguia imaginar como Catherine reagiria ao recebê-la. O resultado foi que a carta só chegou às mãos dela depois de três dias. O quarto dia era domingo, e levei-a ao quarto depois que a família saiu para a igreja. Um criado ficara comigo para cuidar da casa, e geralmente tínhamos o costume de trancar as portas durante as horas do culto. Mas, naquela ocasião, o tempo estava tão quente e agradável que as deixei escancaradas. E, para cumprir meu compromisso, sabendo quem viria, disse ao meu companheiro que a patroa estava com muita vontade de comer laranjas e que ele precisava correr ao povoado para buscar algumas, que seriam pagas no dia seguinte. Ele saiu, e eu subi.

A sra. Linton estava sentada, como de costume, no vão da janela aberta, com um vestido branco folgado e um xale leve sobre os ombros. Parte de seus cabelos longos e fartos fora cortada no início da doença, e agora ela os usava simplesmente penteados, com as mechas naturais caindo sobre as têmporas e o pescoço. Sua aparência mudara, como eu dissera a Heathcliff, mas, quando estava calma, havia naquela mudança uma beleza que parecia não pertencer a este mundo. O brilho dos olhos dera lugar a uma suavidade sonhadora e melancólica. Eles já não davam a impressão de olhar para os objetos ao redor: pareciam sempre fixos além, muito além, o senhor diria que fora deste mundo. Além disso, a palidez do rosto (cujo aspecto consumido desaparecera à medida que recuperava carnes) e a expressão peculiar provocada por seu estado mental, embora lembrassem dolorosamente suas causas, aumentavam a comovente atenção que ela despertava. E (invariavelmente para mim, eu sei, e, creio, para qualquer pessoa que a visse) contradiziam as provas mais concretas de convalescença e a marcavam como alguém destinada a definhar.

Um livro estava aberto no peitoril diante dela, e o vento quase imperceptível agitava suas páginas de vez em quando. Acredito que

Linton o pusera ali, pois ela nunca tentava se distrair com leitura ou com ocupação de qualquer espécie, e ele passava muitas horas tentando atrair sua atenção para algum assunto que antes a divertia. Ela percebia sua intenção e, nos momentos de melhor humor, suportava serenamente os esforços, demonstrando sua inutilidade apenas ao reprimir, aqui e ali, um suspiro cansado, até detê-lo com os sorrisos e beijos mais tristes. Em outras ocasiões, virava-se impaciente e escondia o rosto nas mãos, ou até o afastava com raiva, e então ele tinha o cuidado de deixá-la em paz, pois tinha certeza de que não fazia bem algum.

Os sinos da capela de Gimmerton ainda tocavam, e o fluxo cheio e suave do riacho no vale chegava aos ouvidos como um consolo. Era um doce substituto para o murmúrio ainda ausente da folhagem de verão, que abafava aquela música ao redor da Granja quando as árvores estavam cobertas de folhas. No Morro dos Ventos Uivantes, ela sempre se ouvia em dias tranquilos depois de um grande degelo ou de uma temporada de chuvas contínuas. E era no Morro dos Ventos Uivantes que Catherine pensava enquanto escutava: isto é, se de fato pensava ou escutava alguma coisa. Mas tinha aquele olhar vago e distante de que falei, que não demonstrava reconhecer o mundo material nem pela audição nem pela visão.

— Há uma carta para a senhora, sra. Linton — disse, colocando-a delicadamente numa das mãos que descansavam em seu joelho. — Precisa ler agora, porque exige uma resposta. Quer que eu rompa o lacre? — Sim — respondeu, sem mudar a direção do olhar. Abri: era muito curta. — Agora — continuei —, leia. — Ela retirou a mão e deixou a carta cair. Pus de novo em seu colo e fiquei de pé, esperando até que lhe aprouvesse baixar os olhos, mas esse movimento demorou tanto que, por fim, voltei a falar: — Quer que eu leia, senhora? É do sr. Heathcliff.

Houve um sobressalto, um lampejo perturbado de lembrança e um esforço para organizar as ideias. Ela ergueu a carta e pareceu lê-la, e, ao chegar à assinatura, suspirou. Ainda assim, percebi que não compreendera seu conteúdo, pois, quando pedi sua resposta, apenas apontou para o nome e me olhou com uma ansiedade triste e interrogativa.

— Bem, ele quer vê-la — disse eu, adivinhando sua necessidade de uma intérprete. — A esta altura, está no jardim, impaciente para saber que resposta vou levar.

Enquanto falava, vi um cão grande, deitado na relva ensolarada lá embaixo, erguer as orelhas como se fosse latir e depois baixá-las, anunciando, com um abanar do rabo, que se aproximava alguém que ele não considerava estranho. A sra. Linton se inclinou para a frente e escutou prendendo a respiração. Um minuto depois, passos atravessaram o vestíbulo: a casa aberta era uma tentação forte demais para que Heathcliff resistisse a entrar. Provavelmente supôs que eu estivesse disposta a fugir da promessa e resolveu confiar na própria audácia. Catherine encarava a entrada do quarto com uma ansiedade tensa. Ele não encontrou o aposento certo de imediato. Ela fez sinal para que eu o deixasse entrar, mas ele o descobriu antes que eu chegasse à porta e, em um ou dois passos, estava ao lado dela, apertando-a nos braços.

Durante uns cinco minutos, não falou nem afrouxou o abraço, e nesse tempo deu mais beijos do que, imagino, já dera em toda a vida. Mas fora a patroa quem o beijara primeiro, e vi claramente que ele mal suportava, de pura agonia, olhar para o rosto dela! Desde o instante em que a viu, foi atingido pela mesma certeza que eu tivera: não havia ali esperança de uma recuperação final; ela estava condenada, ia morrer com certeza.

— Ah, Cathy! Ah, minha vida! Como vou suportar isso? — foi a primeira frase que pronunciou, num tom que não tentava esconder o desespero. E agora a olhava com tanta intensidade que pensei que a própria intensidade daquele olhar faria seus olhos se encherem de lágrimas. Mas eles ardiam de angústia, sem se desfazer em pranto.

— O que foi agora? — disse Catherine, recostando-se e devolvendo o olhar com a testa de repente sombria. Seu humor era uma simples veleta ao sabor de caprichos que mudavam sem parar. — Você e Edgar partiram meu coração, Heathcliff! E os dois vêm lamentar o feito para mim, como se fossem vocês os dignos de pena! Não vou ter pena de vocês, não eu. Você me matou... e prosperou com isso, parece-me. Como você está forte! Quantos anos pretende viver depois que eu me for?

Heathcliff se ajoelhara sobre um joelho para abraçá-la. Tentou se levantar, mas ela agarrou seus cabelos e o manteve abaixado.

— Queria poder segurar você — continuou, amargamente — até que nós dois estivéssemos mortos! Não me importaria com o que você sofresse. Não me importo nada com seu sofrimento. Por que você não haveria de sofrer? Eu sofro! Vai me esquecer? Vai ser feliz quando eu estiver debaixo da terra? Daqui a vinte anos vai dizer: "Aquela é a sepultura de Catherine Earnshaw. Eu a amei há muito tempo e fui infeliz ao perdê-la, mas isso passou. Amei muitas outras desde então: meus filhos me são mais queridos do que ela era; e, na hora da morte, não vou me alegrar por ir encontrá-la: vou lamentar ter de deixá-los!"? Vai dizer isso, Heathcliff?

— Não me torture até me deixar tão louco quanto você — exclamou ele, arrancando a cabeça das mãos dela e rangendo os dentes.

Para um observador sereno, os dois formavam um quadro estranho e assustador. Bem podia Catherine considerar que o céu seria uma terra de exílio para ela, a menos que, com o corpo mortal, abandonasse

também seu caráter moral. Seu rosto, naquele momento, tinha uma vindicatividade selvagem na face branca, nos lábios sem sangue e nos olhos cintilantes, e ela retinha, entre os dedos fechados, uma porção dos cabelos que agarrara. Quanto ao companheiro, ao se erguer com uma das mãos, segurara o braço dela com a outra, e sua reserva de delicadeza era tão insuficiente para as exigências do estado da doente que, quando a soltou, vi quatro marcas distintas azuladas na pele sem cor.

— Está possuída por um demônio — continuou ele, feroz —, para falar assim comigo quando está morrendo? Já pensou que todas essas palavras vão ficar gravadas a fogo na minha memória, corroendo cada vez mais fundo, eternamente, depois que você me deixar? Sabe que mente ao dizer que eu a matei; e, Catherine, sabe que eu só poderia esquecer você tanto quanto esquecer minha própria existência! Não basta ao seu egoísmo infernal que, enquanto você estiver em paz, eu me contorça nos tormentos do inferno?

— Não vou estar em paz — gemeu Catherine, trazida de volta à consciência de sua fraqueza física pelo pulsar violento e irregular do coração, que, naquele excesso de agitação, batia de maneira visível e audível. Não disse mais nada até o paroxismo passar. Depois continuou, com mais ternura:

— Não desejo a você um tormento maior que o meu, Heathcliff. Só quero que nunca nos separemos; e, se alguma palavra minha fizer você sofrer no futuro, pense que eu sinto o mesmo sofrimento debaixo da terra e, por minha causa, me perdoe! Venha cá e se ajoelhe outra vez! Você nunca me fez mal na vida. Não, se guardar raiva, será pior de lembrar do que minhas palavras duras! Não quer vir aqui outra vez? Venha!

Heathcliff foi para trás da cadeira e se inclinou sobre ela, mas não o bastante para que visse seu rosto, lívido de emoção. Catherine se virou para olhá-lo. Ele não permitiu: girou de repente e foi até a lareira, onde

ficou em silêncio, de costas para nós. O olhar da sra. Linton o seguiu, desconfiado: cada movimento despertava nela um novo sentimento. Depois de uma pausa e de contemplá-lo por um longo tempo, voltou a falar, dirigindo-se a mim num tom de decepção indignada:

— Ah, está vendo, Nelly? Ele não cederia nem por um instante para me manter fora do túmulo. É assim que sou amada! Pois bem, não importa. Aquele não é o meu Heathcliff. Ainda vou amar o meu e levá-lo comigo: ele está na minha alma. E — acrescentou, pensativa —, afinal, o que mais me atormenta é esta prisão em ruínas. Estou cansada de ficar encerrada aqui. Anseio por escapar para aquele mundo glorioso e permanecer lá para sempre: não vê-lo de modo vago através das lágrimas, nem desejá-lo por trás das paredes de um coração dolorido, mas estar realmente com ele, dentro dele. Nelly, você acha que é melhor e mais afortunada do que eu, com toda a sua saúde e força; tem pena de mim. Muito em breve isso vai mudar. Eu vou ter pena de você. Estarei incomparavelmente além e acima de todos vocês. Admira-me que ele não queira ficar perto de mim! — continuou, falando consigo mesma. — Pensei que quisesse. Heathcliff, querido! Não devia ficar emburrado agora. Venha para perto de mim, Heathcliff.

Na ansiedade, ela se levantou, apoiando-se no braço da cadeira. Diante daquele apelo sincero, ele se voltou para ela, com um ar de desespero absoluto. Seus olhos, arregalados e úmidos, lançaram-lhe enfim um brilho feroz, e seu peito arfava convulsivamente. Ficaram separados por um instante, e depois mal vi como se encontraram, mas Catherine deu um salto, ele a apanhou, e os dois se fecharam num abraço do qual pensei que minha patroa nunca sairia viva. De fato, aos meus olhos, ela pareceu perder os sentidos imediatamente. Ele se atirou no assento mais próximo e, quando me aproximei depressa para verificar se ela havia desmaiado, mostrou-me os dentes e espumou como um cão raivoso, apertando-a contra si com um ciúme voraz. Não me

sentia na companhia de uma criatura da minha espécie: parecia que ele não compreenderia, mesmo que eu falasse. Então me afastei e fiquei calada, profundamente perplexa.

Logo um movimento de Catherine me aliviou um pouco: ergueu a mão para enlaçar o pescoço dele e encostar sua face na dele enquanto ele a segurava. Ele, por sua vez, cobrindo-a de carícias frenéticas, disse desvairado:

— Agora você me ensina como foi cruel... cruel e falsa. Por que me desprezou? Por que traiu seu próprio coração, Cathy? Não tenho uma palavra de consolo. Você merece isso. Matou a si mesma. Sim, pode me beijar e chorar, pode arrancar meus beijos e minhas lágrimas: eles vão arruinar você, vão condená-la. Você me amava... então que direito tinha de me deixar? Que direito... responda... por causa daquela fantasia mesquinha que sentia por Linton? Porque nem a miséria, nem a degradação, nem a morte, nem nada do que Deus ou Satanás pudessem infligir nos teria separado, e você, por vontade própria, fez isso. Eu não parti seu coração: você o partiu; e, ao parti-lo, partiu o meu também. Pior para mim que sou forte. Acha que quero viver? Que espécie de vida será quando você... Ah, Deus! Você gostaria de viver com sua alma no túmulo?

— Deixe-me em paz. Deixe-me em paz — soluçou Catherine. — Se fiz mal, estou morrendo por isso. Basta! Você também me deixou, mas não vou censurá-lo! Eu o perdoo. Perdoe-me!

— É difícil perdoar, e olhar para esses olhos, e sentir essas mãos consumidas — respondeu ele. — Beije-me de novo, e não me deixe ver seus olhos! Perdoo o que fez comigo. Amo quem me mata... mas quem mata você! Como posso?

Ficaram em silêncio, com os rostos escondidos um no outro e banhados pelas lágrimas um do outro. Ao menos suponho que o choro

fosse dos dois lados, pois parecia que Heathcliff era capaz de chorar numa grande ocasião como aquela.

Enquanto isso, eu me sentia cada vez mais desconfortável, pois a tarde avançava depressa, o homem que eu mandara sair voltou de sua incumbência, e pude distinguir, ao brilho do sol poente vale acima, uma multidão se adensando diante do alpendre da capela de Gimmerton.

— O culto acabou — anunciei. — Meu patrão estará aqui em meia hora.

Heathcliff gemeu uma maldição e apertou Catherine mais contra si: ela não se moveu.

Pouco depois, vi um grupo de criados subindo pela estrada em direção à ala da cozinha. O sr. Linton vinha não muito atrás. Ele mesmo abriu o portão e subiu devagar, provavelmente aproveitando a bela tarde, cujo ar era tão suave quanto o de verão.

— Agora ele chegou — exclamei. — Pelo amor de Deus, desça depressa! Não vai encontrar ninguém na escada da frente. Vá logo, e fique entre as árvores até ele entrar de vez.

— Preciso ir, Cathy — disse Heathcliff, tentando se desprender dos braços da companheira. — Mas, se eu estiver vivo, vou vê-la de novo antes que durma. Não vou me afastar cinco jardas da sua janela.

— Você não pode ir! — respondeu, segurando-o com toda a firmeza que suas forças permitiam. — Não vai, estou dizendo.

— Por uma hora — implorou ele, com fervor.

— Nem por um minuto — respondeu ela.

— Preciso... Linton vai subir agora mesmo — insistiu o intruso, alarmado.

Ia se levantar e, com o movimento, soltar os dedos dela; mas ela se agarrou com força, ofegante, com uma determinação louca no rosto.

— Não! — gritou. — Ah, não, não vá. É a última vez! Edgar não vai nos machucar. Heathcliff, vou morrer! Vou morrer!

— Maldito idiota! Lá vem ele — exclamou Heathcliff, afundando de volta no assento. — Calma, meu amor! Calma, calma, Catherine! Eu fico. Se ele me desse um tiro assim, eu expiraria com uma bênção nos lábios.

E lá estavam os dois agarrados outra vez. Ouvi meu patrão subir a escada, e o suor frio escorria pela minha testa. Eu estava horrorizada.

— Vai dar ouvidos aos delírios dela? — perguntei, exaltada. — Ela não sabe o que diz. Vai destruí-la porque ela não tem juízo para se defender? Levante-se! Poderia estar livre num instante. Essa é a ação mais diabólica que já cometeu. Estamos todos perdidos: patrão, patroa e criada.

Torci as mãos e gritei, e o sr. Linton apressou o passo ao ouvir o barulho. Em meio à minha agitação, senti um alívio sincero ao perceber que os braços de Catherine haviam caído frouxos e sua cabeça pendia.

"Desmaiou ou morreu", pensei. "Tanto melhor. Muito melhor que esteja morta do que continuar sendo um peso e uma fonte de sofrimento para todos ao redor."

Edgar lançou-se para o hóspede não convidado, branco de espanto e raiva. Não sei o que pretendia fazer. Mas o outro impediu de imediato qualquer manifestação ao colocar em seus braços aquele corpo que parecia sem vida.

— Olhe para ela! — disse. — A menos que seja um demônio, ajude-a primeiro; depois poderá falar comigo!

Foi para a sala e se sentou. O sr. Linton me chamou e, com grande dificuldade, depois de recorrer a muitos meios, conseguimos fazê-la recobrar os sentidos. Mas estava inteiramente confusa, suspirava, gemia e não reconhecia ninguém. Na aflição pela esposa, Edgar se esqueceu do amigo odiado. Eu não. Na primeira oportunidade, fui até ele e implorei que partisse, afirmando que Catherine estava melhor e que, pela manhã, eu lhe diria como passara a noite.

— Não me recuso a sair da casa — respondeu —, mas vou ficar no jardim. E, Nelly, trate de cumprir sua palavra amanhã. Estarei debaixo daqueles lariços. Não se esqueça! Ou farei outra visita, esteja Linton em casa ou não.

Lançou uma olhada rápida pela porta entreaberta do quarto e, constatando que o que eu dissera parecia verdade, livrou a casa de sua presença funesta.

Capítulo XVI

Por volta da meia-noite, nasceu a Catherine que o senhor viu no Morro dos Ventos Uivantes: uma criança miúda, de sete meses. Duas horas depois, a mãe morreu, sem jamais recuperar consciência suficiente para sentir falta de Heathcliff ou reconhecer Edgar. O desespero dele com a perda é um assunto doloroso demais para nos demorarmos nele. Seus efeitos posteriores mostraram quão fundo a tristeza se instalou. Aos meus olhos, agravava muito a situação o fato de ele ter ficado sem herdeiro. Lamentei isso ao olhar a órfã frágil e, em pensamento, censurei o velho Linton por ter destinado a propriedade à própria filha, em vez de à filha de seu filho (o que não passava de uma preferência natural). Aquela criança não foi bem-vinda, pobrezinha! Poderia ter chorado até morrer sem que ninguém se importasse nem um pouco, naquelas primeiras horas de vida. Compensamos depois a negligência, mas seu começo foi tão desamparado quanto seu fim provavelmente será.

A manhã seguinte, clara e alegre lá fora, entrou suavizada pelas venezianas do quarto silencioso e envolveu a cama e quem nela jazia numa luz suave e terna. Edgar Linton tinha a cabeça apoiada no

travesseiro e os olhos fechados. Suas feições jovens e belas pareciam quase tão mortas quanto as da figura ao lado, e quase tão imóveis; mas o silêncio dele era o da angústia exausta, e o dela, o da paz perfeita. A testa lisa, as pálpebras fechadas, os lábios com a expressão de um sorriso: nenhum anjo do céu poderia parecer mais belo do que ela. E eu compartilhava a calma infinita em que ela repousava. Minha mente nunca esteve num estado mais santo do que enquanto contemplava aquela imagem serena do descanso divino. Instintivamente, repeti as palavras que ela pronunciara poucas horas antes: "Incomparavelmente além e acima de todos nós! Esteja ainda na terra ou já no céu, seu espírito está em casa com Deus!"

Não sei se é uma particularidade minha, mas raramente deixo de me sentir feliz ao velar num quarto de morte, desde que nenhum enlutado desvairado ou desesperado divida comigo a tarefa. Vejo um repouso que nem a terra nem o inferno podem quebrar e sinto a certeza de um além sem fim e sem sombras, a Eternidade em que entraram, onde a vida é ilimitada em sua duração, o amor em sua comunhão, e a alegria em sua plenitude. Naquela ocasião, percebi quanto egoísmo existe até num amor como o do sr. Linton, que lamentava tanto a bendita libertação de Catherine! Sem dúvida, depois da existência caprichosa e impaciente que levara, alguém poderia duvidar de que ela merecesse, enfim, um porto de paz. Poderia duvidar em momentos de reflexão fria, mas não ali, diante de seu cadáver. Ele afirmava sua própria tranquilidade, que parecia garantir igual sossego a quem antes o habitara.

O senhor acredita que pessoas assim são felizes no outro mundo? Eu daria muito para saber.

Recusei-me a responder à pergunta da sra. Dean, que me pareceu pouco ortodoxa. Ela continuou:

Olhando para a trajetória de Catherine Linton, temo que não tenhamos o direito de pensar que sim; mas vamos deixá-la com seu Criador.

O patrão parecia adormecido e, pouco depois do nascer do sol, arrisquei sair do quarto e escapar para o ar puro e revigorante. Os criados pensaram que eu saíra para sacudir a sonolência da longa vigília; na verdade, meu principal motivo era ver o sr. Heathcliff. Se permanecera entre os lariços a noite inteira, não teria ouvido nada da agitação na Granja, a menos, talvez, que tivesse escutado o galope do mensageiro a caminho de Gimmerton. Se chegara mais perto, provavelmente percebera, pelas luzes que iam e vinham e pelo abrir e fechar das portas externas, que alguma coisa não estava bem lá dentro. Eu queria encontrá-lo, mas tinha medo. Sentia que a notícia terrível precisava ser dada e ansiava por acabar logo com aquilo, mas não sabia como fazer. Ele estava lá, ou melhor, algumas jardas adiante no parque, encostado num velho freixo, sem chapéu, com os cabelos ensopados pelo orvalho que se acumulara nos ramos em botão e caía em gotas ao redor. Estava naquela posição havia muito tempo, pois vi um casal de melros passando e repassando a menos de três pés dele, ocupados em construir o ninho, sem dar à sua proximidade mais atenção do que dariam a um pedaço de madeira. Voaram quando me aproximei, e ele ergueu os olhos e falou: — Ela morreu! — disse ele. — Não esperei você para saber disso. Guarde o lenço... não venha choramingar na minha frente. Malditos sejam todos vocês! Ela não quer suas lágrimas!

Eu chorava tanto por ele quanto por ela: às vezes sentimos pena de criaturas que não a sentem nem por si mesmas nem pelos outros. Quando olhei seu rosto pela primeira vez, percebi que já sabia da catástrofe, e tive a ideia tola de que seu coração se rendera e ele rezava, porque seus lábios se moviam e seus olhos estavam voltados para o chão.

— Sim, ela morreu! — respondi, contendo os soluços e enxugando as faces. — Foi para o céu, espero, onde todos poderemos encontrá-la se aceitarmos a lição e abandonarmos nossos maus caminhos para seguir o bem!

— Então ela aceitou a lição? — perguntou Heathcliff, tentando um sorriso de escárnio. — Morreu como uma santa? Vamos, conte o que realmente aconteceu. Como foi que...?

Tentou pronunciar o nome, mas não conseguiu. Apertando os lábios, travou uma luta silenciosa com sua agonia interior, enquanto desafiava minha compaixão com um olhar feroz e inabalável. — Como ela morreu? — retomou por fim, contente, apesar de toda a sua dureza, por ter um apoio atrás de si, pois, depois daquela luta, tremia contra a vontade até a ponta dos dedos.

"Pobre infeliz!", pensei. "Você tem coração e nervos como os outros seres humanos! Por que se empenha em escondê-los? Seu orgulho não pode cegar Deus! Você o provoca a retorcê-los até lhe arrancar um grito de humilhação."

— Tranquila como um cordeiro! — respondi em voz alta. — Soltou um suspiro e se espreguiçou como uma criança que desperta um pouco e volta a dormir. Cinco minutos depois, senti uma leve pulsação no coração dela, e nada mais!

— E... ela chegou a falar de mim? — perguntou, hesitante, como se temesse que a resposta trouxesse detalhes que não suportaria ouvir.

— Não recuperou os sentidos: não reconheceu ninguém desde que o senhor a deixou — respondi. — Está deitada com um sorriso doce no rosto, e seus últimos pensamentos voltaram aos dias felizes de outrora. A vida dela terminou num sonho suave... que desperte com a mesma suavidade no outro mundo!

— Que desperte em tormento! — gritou ele, com uma violência terrível, batendo o pé e gemendo num acesso repentino de paixão

incontrolável. — Pois ela é mentirosa até o fim! Onde está? Não ali... não no céu... não deixou de existir... onde? Ah! Você disse que não se importava com meu sofrimento! E eu faço uma única oração, vou repeti-la até minha língua endurecer: Catherine Earnshaw, que você não descanse enquanto eu estiver vivo! Disse que eu a matei... então me assombre! Os assassinados assombram seus assassinos, acredito nisso. Sei que fantasmas já vagaram pela terra. Fique comigo sempre... assuma qualquer forma... enlouqueça-me! Só não me deixe neste abismo onde não consigo encontrar você! Ah, Deus! Não há palavras! Não posso viver sem minha vida! Não posso viver sem minha alma!

Bateu a cabeça contra o tronco nodoso e, erguendo os olhos, uivou, não como um homem, mas como uma fera selvagem torturada até a morte com facas e lanças. Vi várias manchas de sangue na casca da árvore, e sua mão e sua testa também estavam manchadas. Provavelmente a cena a que assistia repetia outras ocorridas durante a noite. Aquilo quase não despertou minha compaixão: aterrorizou-me. Ainda assim, relutei em deixá-lo naquele estado. Mas, assim que se recompôs o bastante para perceber que eu o observava, trovejou uma ordem para que fosse embora, e obedeci. Acalmá-lo ou consolá-lo estava além das minhas capacidades!

O enterro da sra. Linton foi marcado para a sexta-feira seguinte à sua morte. Até lá, o caixão permaneceu aberto na grande sala de visitas, coberto de flores e folhas perfumadas. Linton passava ali os dias e as noites, um guardião sem sono; e, fato que só eu conhecia, Heathcliff passava pelo menos as noites do lado de fora, igualmente alheio ao descanso. Não me comunicava com ele, mas sabia de sua intenção de entrar, se pudesse. Na terça-feira, pouco depois de escurecer, quando meu patrão foi obrigado pelo puro cansaço a se retirar por duas horas, fui abrir uma das janelas: a persistência de Heathcliff me levou a lhe dar a oportunidade de se despedir uma última vez da imagem apagada de

seu ídolo. Ele não deixou de aproveitar a ocasião, de modo cauteloso e breve, cauteloso demais para denunciar sua presença com o menor ruído. Na verdade, eu não teria descoberto que estivera ali se não fosse pelo tecido desarrumado ao redor do rosto da morta e por um cacho de cabelo claro que vi no chão, preso com um fio de prata. Ao examiná-lo, constatei que fora tirado de um medalhão pendurado no pescoço de Catherine. Heathcliff abrira a joia e jogara fora seu conteúdo, substituindo-o por uma mecha negra dos próprios cabelos. Entrelacei as duas e as guardei juntas.

O sr. Earnshaw, naturalmente, foi convidado a acompanhar os restos da irmã até a sepultura; não mandou desculpa, mas também não apareceu. Assim, além do marido, o cortejo era composto apenas de arrendatários e criados. Isabella não foi convidada.

Para surpresa dos moradores do povoado, Catherine não foi enterrada na capela, debaixo do monumento esculpido dos Lintons, nem junto aos túmulos de seus próprios parentes, do lado de fora. A sepultura foi aberta numa encosta verde, num canto do cemitério, onde o muro é tão baixo que a urze e os pés de mirtilo vindos da charneca o transpuseram, e a terra de turfa quase o encobre. Hoje o marido repousa no mesmo lugar, e cada um tem uma lápide simples à cabeceira e um bloco liso de pedra cinzenta aos pés, marcando as sepulturas.

Capítulo XVII

Aquela sexta-feira foi o último dia bonito que tivemos por um mês. À noite, o tempo virou: o vento mudou do sul para o nordeste e trouxe primeiro chuva, depois granizo e neve. Na manhã seguinte, mal se podia imaginar que tivéramos três semanas de

verão: as prímulas e os açafrões estavam escondidos sob montes de neve, as cotovias se calaram, e as folhas novas das árvores mais precoces estavam queimadas e negras. E como aquele dia se arrastou, triste, frio e sombrio! Meu patrão ficou no quarto. Eu tomei conta da sala solitária, transformando-a em quarto de bebê, e lá estava eu, sentada com aquela bonequinha chorosa no colo, embalando-a de um lado para o outro e observando os flocos que continuavam a se amontoar na janela sem cortinas, quando a porta se abriu e alguém entrou, sem fôlego e rindo! Por um minuto, minha raiva foi maior que a surpresa. Pensei que fosse uma das criadas e exclamei: — Pare com isso! Como ousa vir aqui com essas leviandades? O que o sr. Linton diria se a ouvisse?

— Desculpe! — respondeu uma voz conhecida. — Mas sei que Edgar está na cama, e não consigo me conter.

A pessoa avançou então para a lareira, ofegando e segurando o lado do corpo.

— Corri o caminho inteiro desde o Morro dos Ventos Uivantes! — continuou, depois de uma pausa. — Exceto nos trechos em que voei. Não saberia contar quantas vezes caí. Ah, meu corpo inteiro dói! Não se assuste! Vou explicar assim que puder. Só tenha a bondade de sair um instante, mandar preparar a carruagem para me levar a Gimmerton e pedir a uma criada que procure algumas roupas no meu armário.

A intrusa era a sra. Heathcliff. Certamente sua situação não parecia dar motivo para riso: os cabelos escorriam sobre os ombros, pingando neve e água, e ela usava o vestido de moça que costumava vestir, mais adequado à idade do que à sua condição: decotado, com mangas curtas, sem nada na cabeça nem no pescoço. O vestido era de seda leve e grudava no corpo, encharcado, e os pés estavam protegidos apenas por sapatilhas finas. Acrescente a isso um corte fundo debaixo de uma orelha, que só não sangrava abundantemente por causa do frio, um rosto branco, arranhado e machucado, e um corpo que mal se sustentava de cansaço,

e o senhor pode imaginar que meu susto inicial pouco diminuiu quando tive tempo de examiná-la.

— Minha querida senhorita — exclamei —, não vou a lugar nenhum nem ouvirei nada antes que tire toda essa roupa e vista coisas secas. E certamente não irá a Gimmerton esta noite, portanto não há necessidade de mandar preparar a carruagem.

— Certamente irei — disse ela. — A pé ou de carruagem. Mas não me oponho a me vestir decentemente. E... ah, veja como está escorrendo pelo pescoço agora! O fogo faz arder mesmo.

Insistiu para que eu cumprisse suas ordens antes de me deixar tocá-la. Só depois de avisar o cocheiro para se preparar e pôr uma criada a separar as roupas necessárias consegui permissão para fazer um curativo e ajudá-la a se trocar.

— Agora, Ellen — disse, quando terminei e ela estava sentada numa poltrona junto à lareira, com uma xícara de chá à frente —, sente-se de frente para mim e leve embora a filha da pobre Catherine: não gosto de vê-la! Não pense que me importo pouco com Catherine por ter me comportado tão tolamente ao entrar: também chorei, e amargamente; sim, mais do que qualquer outra pessoa tem motivo para chorar. Nós nos separamos sem fazer as pazes, você se lembra, e nunca vou me perdoar. Mas, apesar de tudo, não ia compartilhar o sofrimento dele... daquele animal bruto! Ah, me dê o atiçador! Esta é a última coisa dele que tenho comigo. — Tirou a aliança de ouro do dedo anular e a jogou no chão. — Vou esmagá-la! — continuou, golpeando-a com uma raiva infantil. — E depois vou queimá-la! — E pegou o objeto maltratado e o atirou entre as brasas. — Pronto! Ele que compre outra, se me conseguir de volta. Seria capaz de vir me buscar só para atormentar Edgar. Não me atrevo a ficar, com medo de que essa ideia entre naquela cabeça perversa! E, além disso, Edgar não tem sido bondoso, tem? Não vou implorar sua ajuda nem lhe trazer mais problemas. A necessidade me obrigou a

buscar abrigo aqui; mas, se não tivesse sabido que ele estava recolhido, teria parado na cozinha, lavado o rosto, me aquecido, pedido que você trouxesse o que eu precisava e partido de novo para qualquer lugar fora do alcance do meu maldito... daquele demônio encarnado! Ah, ele estava tão furioso! Se tivesse me apanhado! Pena que Earnshaw não tenha força para enfrentá-lo: eu não teria fugido antes de vê-lo quase destruído, se Hindley fosse capaz de fazer isso!

— Bem, não fale tão depressa, senhorita! — interrompi. — Vai desarrumar o lenço que amarrei em volta do rosto e fazer o corte sangrar de novo. Beba seu chá, recupere o fôlego e pare de rir: o riso está muito fora de lugar debaixo deste teto e na sua condição!

— Uma verdade inegável — respondeu. — Escute essa criança! Não para de chorar. Mande-a para longe dos meus ouvidos por uma hora. Não vou ficar mais do que isso.

Toquei a campainha e a entreguei aos cuidados de uma criada. Depois perguntei o que a levara a fugir do Morro dos Ventos Uivantes naquele estado tão estranho e para onde pretendia ir, já que se recusava a ficar conosco.

— Eu deveria e gostaria de ficar — respondeu —, para animar Edgar e cuidar da criança, por dois motivos, e porque a Granja é meu verdadeiro lar. Mas estou dizendo que ele não deixaria! Acha que suportaria me ver gorda e alegre? Que suportaria pensar que estávamos tranquilos sem resolver envenenar nosso sossego? Agora tenho a satisfação de saber com certeza que ele me detesta a ponto de minha presença ao alcance de seus olhos ou ouvidos o incomodar de verdade. Percebo que, quando apareço, os músculos do rosto dele se contraem involuntariamente numa expressão de ódio, em parte porque sabe dos bons motivos que tenho para sentir isso por ele, em parte por uma aversão que já existia. É forte o bastante para me dar quase certeza de que não me perseguiria pela Inglaterra, se eu conseguisse uma fuga bem-

sucedida. Por isso preciso ir para bem longe. Já me curei daquele desejo inicial de que ele me matasse: prefiro que mate a si mesmo! Ele apagou meu amor por completo, e por isso estou em paz. Ainda me lembro de como o amei e consigo imaginar vagamente que poderia continuar amando, se... não, não! Mesmo que me adorasse, a natureza diabólica dele teria se revelado de algum modo. Catherine tinha um gosto terrivelmente pervertido para estimá-lo tanto, conhecendo-o tão bem. Monstro! Quem dera pudesse ser apagado da criação e da minha memória!

— Calma, calma! Ele é um ser humano — disse eu. — Tenha mais caridade: ainda há homens piores do que ele!

— Ele não é um ser humano — retrucou — e não tem direito à minha caridade. Dei-lhe meu coração, e ele o apertou até matá-lo e o atirou de volta para mim. As pessoas sentem com o coração, Ellen, e, já que ele destruiu o meu, não tenho como sentir nada por ele. E não sentiria, mesmo que gemesse daqui até o dia da morte e chorasse lágrimas de sangue por Catherine! Não, não sentiria mesmo! — Nesse ponto, Isabella começou a chorar, mas logo limpou as lágrimas dos cílios e recomeçou: — Você perguntou o que finalmente me levou a fugir? Fui obrigada a tentar porque consegui elevar sua raiva acima de sua maldade. Arrancar os nervos com tenazes em brasa exige mais sangue-frio do que dar um golpe na cabeça. Ficou exaltado a ponto de esquecer a prudência diabólica de que se gabava e passou à violência assassina. Senti prazer por conseguir enfurecê-lo. Esse prazer despertou meu instinto de conservação, então escapei de verdade; e, se algum dia eu cair de novo nas mãos dele, que se vingue exemplarmente.

— Ontem, como você sabe, o sr. Earnshaw deveria ter ido ao enterro. Manteve-se sóbrio para isso... razoavelmente sóbrio: não foi se deitar enlouquecido às seis para levantar bêbado ao meio-dia. Por consequência, acordou num desânimo suicida, tão disposto a ir à igreja

quanto a um baile. Em vez disso, sentou-se junto ao fogo e bebeu gim ou conhaque aos copos cheios.

— Heathcliff... estremeço ao dizer o nome!... tem sido um estranho na casa desde domingo passado até hoje. Se os anjos o alimentaram ou seus parentes lá de baixo, não sei dizer, mas faz quase uma semana que não come conosco. Só vinha para casa ao amanhecer e subia ao quarto, trancando-se, como se alguém sonhasse em desejar sua companhia! Lá ficava rezando como um metodista. Só que a divindade a quem implorava não passava de pó e cinza sem sentidos, e Deus, quando mencionado, era curiosamente confundido com seu próprio pai das trevas! Depois de concluir aquelas preciosas orações (que geralmente duravam até ficar rouco e a voz se estrangular na garganta), saía de novo, sempre direto para a Granja! Admiro-me de que Edgar não tenha chamado um guarda para prendê-lo! Quanto a mim, por mais triste que estivesse por Catherine, era impossível não considerar um feriado aquele período de libertação de uma opressão degradante.

— Recuperei ânimo suficiente para ouvir os sermões eternos de Joseph sem chorar e andar pela casa menos como uma ladra assustada do que antes. Você não imaginaria que eu pudesse chorar por qualquer coisa que Joseph dissesse, mas ele e Hareton são companheiros detestáveis. Prefiro ficar com Hindley e ouvir suas conversas horríveis a ficar com "o patrãozinho" e seu defensor fiel, aquele velho odioso! Quando Heathcliff está em casa, muitas vezes sou obrigada a buscar a cozinha e a companhia deles, ou passar fome nos quartos úmidos e desabitados. Quando não está, como aconteceu esta semana, instalo uma mesa e uma cadeira num canto junto à lareira da sala e não me importo com o que o sr. Earnshaw esteja fazendo, e ele também não interfere no que faço. Agora está mais quieto do que costumava, se ninguém o provoca: mais sombrio e abatido, menos furioso. Joseph afirma ter certeza de que ele mudou, que o Senhor tocou seu coração e

que está salvo "como que através do fogo". Tenho dificuldade em encontrar sinais dessa mudança favorável, mas isso não é da minha conta.

— Ontem à noite, fiquei no meu canto lendo uns livros velhos até quase meia-noite. Parecia tão triste subir, com a neve furiosa soprando lá fora e meus pensamentos voltando sem parar ao cemitério e à sepultura recém-aberta! Mal ousava levantar os olhos da página, porque aquela cena melancólica tomava imediatamente seu lugar. Hindley estava sentado de frente para mim, com a cabeça apoiada na mão, talvez pensando na mesma coisa. Parara de beber antes de perder a razão e não se mexia nem falava havia duas ou três horas. Não havia som na casa além do gemido do vento, que sacudia as janelas de vez em quando, do leve crepitar das brasas e do estalo da minha espevitadeira ao aparar, de tempos em tempos, o pavio comprido da vela. Hareton e Joseph provavelmente dormiam profundamente. Era muito, muito triste, e eu suspirava enquanto lia, porque parecia que toda a alegria desaparecera do mundo para nunca mais voltar.

— Por fim, o silêncio doloroso foi quebrado pelo ruído do trinco da cozinha: Heathcliff voltara de sua vigília mais cedo que o habitual, suponho que por causa da tempestade repentina. Aquela entrada estava trancada, e ouvimos seus passos dando a volta para entrar pela outra. Levantei-me com uma expressão irreprimível do que sentia nos lábios, o que fez meu companheiro, que olhava fixamente para a porta, virar-se para mim.

— "Vou deixá-lo lá fora por cinco minutos", exclamou. "Você não se opõe?"

— "Não; por mim, pode deixá-lo fora a noite inteira", respondi. "Faça isso! Passe a chave e os ferrolhos."

— Earnshaw fez isso antes que o hóspede chegasse à frente da casa. Depois veio e trouxe a cadeira para o outro lado da minha mesa,

inclinou-se sobre ela e procurou nos meus olhos alguma correspondência ao ódio ardente que brilhava nos seus. Como parecia e se sentia um assassino, não encontrou exatamente isso; mas descobriu o bastante para se animar a falar.

— "Você e eu", disse, "temos uma grande conta para acertar com o homem lá fora! Se nenhum dos dois fosse covarde, poderíamos nos unir para acertá-la. Você é tão fraca quanto seu irmão? Está disposta a suportar até o fim, sem tentar uma única vez retribuir?"

— "Já estou cansada de suportar", respondi, "e ficaria satisfeita com uma vingança que não se voltasse contra mim; mas traição e violência são lanças com ponta dos dois lados: ferem quem as usa mais do que seus inimigos."

— "Traição e violência são uma justa recompensa para traição e violência!", gritou Hindley. "Sra. Heathcliff, não vou pedir que faça nada, só que fique sentada e calada. Diga: consegue? Tenho certeza de que sentiria tanto prazer quanto eu em ver a existência desse demônio chegar ao fim. Ele vai causar sua morte se você não for mais astuta do que ele, e vai causar minha ruína. Maldito vilão infernal! Bate à porta como se já fosse o dono daqui! Prometa ficar calada, e, antes que aquele relógio bata (faltam três minutos para uma hora), você será uma mulher livre!"

— Tirou do peito a arma que descrevi na carta e ia abaixar a chama da vela. Mas eu a afastei e agarrei seu braço.

— "Não vou ficar calada!", disse. "Não pode tocar nele. Deixe a porta fechada e fique quieto!"

— "Não! Tomei minha decisão e, por Deus, vou executá-la!", gritou aquele ser desesperado. "Vou lhe fazer um favor contra a sua vontade e dar justiça a Hareton! E não precisa se preocupar em me proteger: Catherine morreu. Ninguém vivo lamentaria minha morte nem sentiria

vergonha de mim se eu cortasse a garganta neste minuto. E já é hora de acabar!"

— Tanto faria lutar com um urso ou tentar convencer um louco. O único recurso que me restava era correr até uma janela e avisar a vítima pretendida sobre o destino que a esperava.

— "É melhor procurar abrigo em outro lugar esta noite!", exclamei, num tom um tanto triunfante. "O sr. Earnshaw pretende atirar em você se insistir em tentar entrar."

— "É melhor você abrir a porta, sua...", respondeu, dirigindo-se a mim com algum termo elegante que não me interessa repetir.

— "Não vou me meter no assunto", retruquei. "Entre e leve um tiro, se quiser. Cumpri meu dever."

— Fechei a janela e voltei ao meu lugar junto ao fogo, pois não tinha hipocrisia suficiente para fingir preocupação com o perigo que o ameaçava. Earnshaw me xingou furiosamente, afirmando que eu ainda amava o canalha e me chamando de todo tipo de nome pela baixeza que demonstrava. E eu, no íntimo (e minha consciência nunca me censurou), pensei que seria uma bênção para ele se Heathcliff acabasse com seu sofrimento, e uma bênção para mim se ele mandasse Heathcliff para o lugar que lhe cabia! Enquanto alimentava essas reflexões, um golpe de Heathcliff derrubou no chão a janela atrás de mim, e seu rosto escuro apareceu na abertura como uma maldição. As barras eram próximas demais para deixar seus ombros passar, e eu sorri, exultante com a segurança que imaginava ter. Seus cabelos e suas roupas estavam brancos de neve, e os dentes afiados de canibal, expostos pelo frio e pela raiva, brilhavam na escuridão.

— "Isabella, deixe-me entrar, ou vou fazer você se arrepender!", rosnou, como diria Joseph.

— "Não posso cometer um assassinato", respondi. "O sr. Hindley está de guarda com uma faca e uma pistola carregada."

— "Deixe-me entrar pela porta da cozinha", disse.

— "Hindley chegaria lá antes de mim", respondi. "E que amor fraco é o seu, que não suporta uma nevada! Tivemos paz em nossas camas enquanto a lua de verão brilhava, mas basta voltar uma rajada de inverno para você correr em busca de abrigo! Heathcliff, se eu fosse você, iria me deitar sobre a sepultura dela e morrer como um cão fiel. Certamente não vale mais a pena viver neste mundo, vale? Você me fez entender claramente que Catherine era toda a alegria da sua vida: não consigo imaginar como pensa em sobreviver à perda dela."

— "Ele está aí, está?", exclamou meu companheiro, correndo para a abertura. "Se conseguir pôr o braço para fora, posso acertá-lo!"

— Temo, Ellen, que você me considere realmente perversa; mas não sabe de tudo, portanto não julgue. Eu não teria ajudado nem incentivado uma tentativa contra a vida nem mesmo daquele homem, por nada no mundo. Desejar que ele morresse, isso eu precisava. Por isso fiquei terrivelmente decepcionada e paralisada de medo das consequências de minhas provocações quando ele se atirou sobre a arma de Earnshaw e a arrancou de sua mão.

— A pistola disparou, e a faca, ao se fechar de volta, atingiu o pulso do dono. Heathcliff a puxou com toda a força, rasgando a carne no caminho, e a enfiou no bolso ainda pingando sangue. Depois pegou uma pedra, derrubou a divisória entre duas janelas e saltou para dentro. Seu adversário caíra sem sentidos pela dor excessiva e pela perda de sangue, que jorrava de uma artéria ou de uma veia grande. O rufião o chutou, pisoteou e bateu várias vezes sua cabeça contra as lajes, enquanto me segurava com uma das mãos para impedir que chamasse Joseph. Exerceu um domínio sobre-humano ao se conter para não acabar de vez com ele; mas, ficando sem fôlego, desistiu por fim e arrastou o corpo aparentemente sem vida até o banco de encosto. Ali rasgou a manga do casaco de Earnshaw e enfaixou o ferimento com uma

brutalidade grosseira, cuspindo e praguejando durante o procedimento com a mesma energia com que antes chutara. Assim que me vi livre, corri para buscar o velho criado. Ele foi entendendo aos poucos meu relato apressado e desceu correndo, ofegante, saltando os degraus de dois em dois.

— "Mas que é que há agora? Que é que há agora?"

— "O que há é isto", trovejou Heathcliff: "seu patrão está louco e, se durar mais um mês, vou interná-lo num hospício. E como diabos você resolveu me trancar lá fora, seu cão desdentado? Não fique aí resmungando e mastigando palavras. Vamos, não vou cuidar dele. Lave essa coisa; e cuidado com as faíscas da vela... mais da metade disso é conhaque!"

— "Então andou tentando matar ele?", exclamou Joseph, erguendo as mãos e os olhos, horrorizado. "Nunca na vida eu vi uma coisa dessas! Que o Senhor..."

— Heathcliff o empurrou, fazendo-o cair de joelhos no meio do sangue, e atirou uma toalha para ele; mas, em vez de secar o chão, Joseph juntou as mãos e começou uma oração que me fez rir por suas expressões estranhas. Eu estava num estado de espírito em que nada me chocava. Na verdade, estava tão desvairadamente indiferente quanto certos criminosos ao pé da forca.

— "Ah, tinha me esquecido de você", disse o tirano. "Você vai fazer isso. De joelhos! Então conspira com ele contra mim, sua víbora? Pronto, esse é um trabalho digno de você!"

— Sacudiu-me até meus dentes baterem e me jogou ao lado de Joseph, que terminou suas súplicas sem se abalar e depois se levantou, jurando que iria imediatamente à Granja. O sr. Linton era magistrado e, mesmo que tivesse cinquenta esposas mortas, precisava investigar aquilo. Foi tão obstinado que Heathcliff achou conveniente me obrigar a repetir o que acontecera. Ficou de pé sobre mim, respirando pesado de

maldade, enquanto eu relatava os fatos com relutância, respondendo às suas perguntas. Deu muito trabalho convencer o velho de que Heathcliff não fora o agressor, sobretudo com minhas respostas tão difíceis de arrancar. Mas o sr. Earnshaw logo o convenceu de que ainda estava vivo. Joseph se apressou a lhe dar uma dose de bebida forte e, com essa ajuda, o patrão logo recuperou os movimentos e a consciência. Heathcliff, sabendo que o adversário ignorava o tratamento recebido enquanto estava inconsciente, disse que ele delirava de bêbado e declarou que não levaria mais em conta sua conduta atroz, mas o aconselhou a ir para a cama. Para minha alegria, nos deixou depois de dar esse conselho sensato, e Hindley se estendeu nas pedras diante da lareira. Fui para meu quarto, espantada por ter escapado tão facilmente.

— Hoje de manhã, quando desci, meia hora antes do meio-dia, o sr. Earnshaw estava sentado junto ao fogo, terrivelmente indisposto. Seu gênio maligno, quase tão magro e cadavérico quanto ele, apoiava-se na lareira. Nenhum dos dois parecia disposto a jantar e, depois de esperar até tudo esfriar na mesa, comecei sozinha. Nada me impedia de comer com apetite, e senti certa satisfação e superioridade quando, de vez em quando, olhava meus companheiros silenciosos e desfrutava do conforto de uma consciência tranquila. Depois de terminar, tomei a liberdade incomum de me aproximar do fogo, contornar a cadeira de Earnshaw e me ajoelhar no canto ao lado dele.

— Heathcliff não olhou na minha direção, e ergui os olhos para contemplar suas feições quase com a mesma confiança que teria se fossem de pedra. Sua testa, que antes eu achara tão viril e agora acho tão diabólica, estava coberta por uma nuvem pesada. Os olhos de basilisco estavam quase apagados pela falta de sono e talvez pelo choro, pois os cílios estavam molhados; os lábios, sem o sorriso feroz de desprezo, permaneciam cerrados numa expressão de tristeza indizível. Se fosse outra pessoa, eu teria coberto o rosto diante de tamanha dor. No caso

dele, senti satisfação; e, por mais indigno que seja insultar um inimigo caído, não pude perder a oportunidade de cravar uma seta. Sua fraqueza era o único momento em que eu podia saborear o prazer de pagar o mal com o mal.

— Que vergonha, senhorita! — interrompi. — Até parece que nunca abriu uma Bíblia na vida. Se Deus aflige seus inimigos, isso certamente deveria lhe bastar. É mesquinho e presunçoso acrescentar sua tortura à dele!

— Em geral, concordo que seria, Ellen — continuou —, mas que sofrimento imposto a Heathcliff poderia me satisfazer se eu não tivesse parte nele? Preferiria que sofresse menos, desde que eu pudesse causar o sofrimento e ele soubesse que a causa era eu. Ah, devo tanto a ele! Só sob uma condição posso esperar perdoá-lo: se puder cobrar olho por olho, dente por dente, devolver uma agonia por cada agonia, reduzi-lo ao meu nível. Já que foi o primeiro a ferir, que seja o primeiro a implorar perdão; e então... então, Ellen, talvez eu lhe mostrasse alguma generosidade. Mas é absolutamente impossível que eu consiga me vingar, por isso não posso perdoá-lo. Hindley queria água. Entreguei-lhe um copo e perguntei como estava.

— "Não tão mal quanto eu gostaria", respondeu. "Mas, tirando o braço, cada pedaço do meu corpo dói como se eu tivesse lutado com uma legião de diabretes!"

— "Sim, não é de admirar", comentei. "Catherine costumava se gabar de estar entre o senhor e qualquer violência física: queria dizer que certas pessoas não o machucariam por medo de ofendê-la. Ainda bem que os mortos não se levantam de verdade da sepultura, ou ontem à noite ela poderia ter presenciado uma cena repulsiva! Seu peito e seus ombros não estão cheios de cortes e hematomas?"

— "Não sei dizer", respondeu. "Mas o que quer dizer? Ele ousou me bater quando eu estava caído?"

— "Pisoteou, chutou e bateu o senhor contra o chão", sussurrei. "E ficou com água na boca de vontade de rasgá-lo com os dentes, porque só é meio homem... nem isso... e o resto é demônio."

— O sr. Earnshaw levantou os olhos, como eu, para o rosto do nosso inimigo comum, que, absorvido na própria angústia, parecia alheio a tudo ao redor. Quanto mais tempo ficava ali, mais claramente suas feições revelavam a escuridão dos pensamentos.

— "Ah, se Deus me desse forças para estrangulá-lo na minha última agonia, eu iria para o inferno com alegria!", gemeu o homem impaciente, contorcendo-se para levantar e caindo de volta em desespero, convencido de sua incapacidade de lutar.

— "Não, basta que já tenha matado uma de vocês", observei em voz alta. "Na Granja, todos sabem que sua irmã estaria viva se não fosse pelo sr. Heathcliff. Afinal, é preferível ser odiado por ele a ser amado. Quando lembro como éramos felizes, como Catherine era feliz antes de ele chegar, dá vontade de amaldiçoar aquele dia."

— Provavelmente Heathcliff percebeu mais a verdade do que foi dito do que a intenção de quem o dizia. Vi que sua atenção despertara, pois dos olhos choviam lágrimas sobre as cinzas, e ele respirava em suspiros sufocados. Encarei-o de frente e ri com desprezo. Aquelas janelas turvas do inferno faiscaram por um instante na minha direção; mas o demônio que costumava espiar por elas estava tão apagado e afogado que não tive medo de arriscar outra risada de escárnio.

— "Levante-se e saia da minha vista", disse o enlutado.

— Pelo menos imaginei que fossem essas as palavras, pois sua voz mal se compreendia.

— "Peço desculpas", respondi. "Mas eu também amava Catherine, e seu irmão precisa de cuidados, que vou oferecer por ela. Agora que morreu, vejo Catherine em Hindley: ele tem exatamente os olhos dela,

se você não tivesse tentado arrancá-los e os deixado pretos e vermelhos; e também...”

— “Levante-se, sua idiota miserável, antes que eu a pisoteie até a morte!”, gritou, fazendo um movimento que me levou a fazer outro.

— “Mas, pensando bem”, continuei, pronta para fugir, “se a pobre Catherine tivesse confiado em você e assumido o título ridículo, desprezível e degradante de sra. Heathcliff, logo teria ficado num estado parecido! Ela não teria suportado em silêncio seu comportamento abominável: seu ódio e seu nojo teriam encontrado voz.”

— O encosto do banco e o corpo de Earnshaw estavam entre nós. Por isso, em vez de tentar me alcançar, ele agarrou uma faca de jantar da mesa e a atirou na minha cabeça. Atingiu-me debaixo da orelha e interrompeu a frase que eu dizia; mas, arrancando-a, saltei para a porta e disparei outra frase, que espero ter penetrado um pouco mais fundo do que seu projétil. A última coisa que vi foi ele avançar furiosamente e ser detido pelo abraço do anfitrião, e os dois caíram agarrados diante da lareira. Ao fugir pela cozinha, mandei Joseph correr até o patrão; derrubei Hareton, que estava na porta enforcando uma ninhada de cachorrinhos no encosto de uma cadeira; e, tão abençoada quanto uma alma que escapou do purgatório, pulei, saltei e voei pela estrada íngreme. Depois abandonei suas curvas e disparei direto pela charneca, rolando por barrancos e atravessando pântanos, precipitando-me, na verdade, na direção da luz salvadora da Granja. E prefiro mil vezes ser condenada a morar para sempre nas regiões infernais a passar sequer mais uma noite debaixo do teto do Morro dos Ventos Uivantes.

Isabella parou de falar e tomou um gole de chá. Depois se levantou, pediu que eu lhe pusesse o chapéu e um grande xale que eu trouxera e, sem dar ouvidos aos meus pedidos para ficar mais uma hora, subiu numa cadeira, beijou os retratos de Edgar e Catherine, deu-me um beijo semelhante e desceu até a carruagem, acompanhada de Fanny, que gania

loucamente de alegria por recuperar a dona. Partiu para nunca mais voltar à região; mas, quando as coisas se acalmaram, ela e meu patrão passaram a trocar cartas regularmente. Creio que sua nova residência ficava no sul, perto de Londres. Ali nasceu seu filho, alguns meses depois da fuga. Foi batizado Linton e, desde o início, ela o descreveu como uma criança doentia e irritadiça.

Um dia, o sr. Heathcliff me encontrou no povoado e perguntou onde ela morava. Recusei-me a dizer. Ele observou que não tinha importância, contanto que ela não pensasse em voltar para a casa do irmão: não ficaria com Edgar, mesmo que, para impedir isso, ele próprio tivesse de mantê-la consigo. Embora eu não desse informações, descobriu por outros criados tanto o lugar em que ela morava quanto a existência da criança. Ainda assim, não a importunou. Suponho que ela pudesse agradecer à aversão dele por essa contenção. Muitas vezes perguntava sobre o menino quando me via, e, ao ouvir o nome, sorriu sombriamente e comentou: — Querem que eu o odeie também, é isso?

— Acho que não querem que o senhor saiba coisa alguma sobre ele — respondi.

— Mas vou tê-lo — disse — quando quiser. Podem contar com isso!

Por sorte, a mãe morreu antes que esse momento chegasse, cerca de treze anos depois da morte de Catherine, quando Linton tinha doze anos ou pouco mais.

No dia seguinte à visita inesperada de Isabella, não tive oportunidade de conversar com meu patrão: ele evitava qualquer conversa e não estava em condições de discutir nada. Quando consegui fazê-lo me ouvir, percebi que o agradava saber que a irmã deixara o marido, a quem detestava com uma intensidade que a doçura de seu temperamento mal parecia permitir. Sua aversão era tão profunda e sensível que evitava qualquer lugar onde pudesse ver Heathcliff ou ouvir falar dele. Isso, somado à tristeza, o transformou num eremita

completo: abandonou o cargo de magistrado, deixou até de ir à igreja, evitou o povoado em todas as ocasiões e passou a viver inteiramente recolhido nos limites de seu parque e de suas terras. Só variava essa rotina com caminhadas solitárias pelas charnecas e visitas ao túmulo da esposa, em geral ao entardecer ou de manhã cedo, antes que outros caminhantes saíssem. Mas era bom demais para permanecer completamente infeliz por muito tempo. Não pediu que a alma de Catherine o assombrasse. O tempo trouxe resignação e uma melancolia mais doce que a alegria comum. Recordava-a com um amor ardente e terno e com uma esperança voltada para o mundo melhor, para onde não duvidava que ela tivesse ido.

E também tinha consolos e afetos terrenos. Como eu disse, durante alguns dias pareceu indiferente à pequena sucessora da morta. Essa frieza derreteu tão depressa quanto neve em abril e, antes que a criaturinha balbuciasse uma palavra ou desse um passo vacilante, já empunhava o cetro de uma déspota em seu coração. Recebeu o nome Catherine, mas ele nunca a chamava pelo nome completo, assim como nunca abreviara o da primeira Catherine, provavelmente porque Heathcliff tinha o hábito de fazê-lo. A pequena era sempre Cathy: para ele, isso a distinguia da mãe e, ao mesmo tempo, a ligava a ela; e seu apego vinha muito mais da relação da menina com a mãe do que do fato de ser sua própria filha.

Eu costumava compará-lo a Hindley Earnshaw e me esforçava para explicar satisfatoriamente por que se comportavam de maneiras tão opostas em circunstâncias semelhantes. Ambos tinham sido maridos amorosos e ambos eram apegados aos filhos, e eu não entendia por que não tinham seguido o mesmo caminho, para o bem ou para o mal. Mas, pensava comigo, Hindley, que parecia ter a cabeça mais firme, mostrou-se tristemente o homem pior e mais fraco. Quando seu navio bateu contra as rochas, o capitão abandonou o posto, e a tripulação, em vez de

tentar salvá-lo, se lançou à desordem e à confusão, deixando a embarcação infeliz sem esperança. Linton, pelo contrário, demonstrou a verdadeira coragem de uma alma leal e fiel: confiou em Deus, e Deus o consolou. Um teve esperança, o outro se desesperou. Escolheram seus destinos e foram justamente condenados a suportá-los. Mas o senhor não vai querer ouvir minhas lições de moral, sr. Lockwood; pode julgar tudo isso tão bem quanto eu: pelo menos vai achar que pode, o que dá no mesmo. O fim de Earnshaw foi o que se podia esperar. Veio logo depois do da irmã: mal houve seis meses de intervalo. Na Granja, nunca recebemos um relato muito preciso de seu estado nos dias anteriores. Tudo o que soube foi quando fui ajudar nos preparativos do enterro. O sr. Kenneth veio anunciar o acontecimento ao meu patrão.

— Bem, Nelly — disse, entrando a cavalo no pátio certa manhã, cedo demais para não me alarmar com um pressentimento imediato de más notícias —, agora é a nossa vez de vestir luto, a sua e a minha. Quem você acha que nos deixou desta vez?

— Quem? — perguntei, agitada.

— Ora, adivinhe! — respondeu, desmontando e pendurando a rédea num gancho junto à porta. — E pegue a ponta do avental: tenho certeza de que vai precisar.

— Não pode ser o sr. Heathcliff! — exclamei.

— O quê! Teria lágrimas para ele? — perguntou o médico. — Não, Heathcliff é um rapaz resistente: está com ótima aparência hoje. Acabei de vê-lo. Está recuperando peso depressa desde que perdeu sua caramétade.

— Então quem é, sr. Kenneth? — repeti, impaciente.

— Hindley Earnshaw! Seu velho amigo Hindley — respondeu — e meu companheiro de maldades, embora há muito tempo andasse desregrado demais para mim. Pronto! Eu disse que íamos tirar água desses olhos. Mas anime-se! Morreu fiel ao próprio caráter: bêbado

como um lorde. Pobre rapaz! Também sinto muito. Não se pode deixar de sentir falta de um velho companheiro, embora ele tivesse os piores hábitos que um homem pode imaginar e tenha me feito muitas patifarias. Parece que mal tinha vinte e sete anos, a sua idade: quem diria que nasceram no mesmo ano?

Confesso que esse golpe me atingiu mais do que a morte da sra. Linton: antigas lembranças ainda cercavam meu coração. Sentei-me no alpendre e chorei como por um parente de sangue, pedindo ao sr. Kenneth que chamasse outro criado para anunciá-lo ao patrão. Não conseguia deixar de pensar na pergunta: "Será que agiram honestamente com ele?". Fizesse o que fizesse, aquela ideia me incomodava. Era tão cansativamente persistente que resolvi pedir licença para ir ao Morro dos Ventos Uivantes e ajudar nos últimos cuidados ao morto. O sr. Linton relutou muito em consentir, mas falei com eloquência da solidão em que ele jazia e disse que meu antigo patrão e irmão de criação tinha tanto direito aos meus serviços quanto ele. Além disso, lembrei que o pequeno Hareton era sobrinho de sua esposa e que, na ausência de parentes mais próximos, cabia a ele agir como tutor, e que devia e precisava investigar a situação da propriedade e examinar os negócios do cunhado. Não estava em condições de cuidar desses assuntos naquele momento, mas mandou que eu falasse com seu advogado e, por fim, me permitiu ir. Seu advogado também fora o de Earnshaw: passei no povoado e pedi que me acompanhasse. Ele balançou a cabeça e aconselhou que deixássemos Heathcliff em paz, afirmando que, se toda a verdade viesse à tona, Hareton se revelaria pouco mais que um mendigo.

— O pai morreu endividado — disse. — A propriedade inteira está hipotecada, e a única chance do herdeiro natural é ter oportunidade de despertar algum interesse no coração do credor, para que ele se incline a tratá-lo com brandura.

Quando cheguei ao Morro, expliquei que viera garantir que tudo fosse feito com decência, e Joseph, que parecia bastante aflito, mostrou satisfação com minha presença. O sr. Heathcliff disse que não via necessidade de mim, mas que eu podia ficar e cuidar dos preparativos do enterro, se quisesse.

— A rigor — comentou —, o corpo daquele idiota devia ser enterrado numa encruzilhada, sem cerimônia de espécie alguma. Ontem à tarde, saí de perto dele por acaso durante dez minutos; nesse intervalo, trancou as duas portas da casa para me impedir de entrar e passou a noite bebendo deliberadamente até morrer! Arrombamos hoje de manhã porque o ouvimos resfolegar como um cavalo, e lá estava, estendido no banco: nem arrancar sua pele e seu couro cabeludo o teria acordado. Mandei chamar Kenneth, e ele veio, mas só depois que o animal virou carniça: estava morto, frio e rígido. Portanto, há de concordar que não adiantava fazer mais alvoroço por causa dele!

O velho criado confirmou a declaração, mas resmungou:

— Antes tivesse ido ele mesmo buscar o doutor! Eu cuidava do patrão melhor do que ele... e o patrão num estava morto quando eu saí, nada disso!

Insisti em que o enterro fosse respeitável. O sr. Heathcliff disse que eu podia fazer à minha maneira também nesse ponto. Só queria que lembrasse que todo o dinheiro sairia do bolso dele. Mantinha uma atitude dura e indiferente, sem demonstrar alegria nem tristeza. Se expressava alguma coisa, era a satisfação insensível de quem concluiu com sucesso um trabalho difícil. Uma vez, de fato, vi algo parecido com exultação em seu rosto: justamente quando levavam o caixão para fora da casa. Teve a hipocrisia de representar um enlutado, e, antes de seguir com Hareton, ergueu a criança infeliz, colocou-a sobre a mesa e murmurou com um prazer peculiar: — Agora, meu belo rapaz, você é meu! E vamos ver se uma árvore não cresce tão torta quanto outra

quando o mesmo vento a entorta! — A criaturinha inocente ficou contente com aquelas palavras: brincou com as suíças de Heathcliff e acariciou seu rosto. Mas adivinhei o significado e observei, seca: — Esse menino precisa voltar comigo para Thrushcross Grange, senhor. Não há nada no mundo que lhe pertença menos do que ele!

— É Linton quem diz isso? — perguntou.

— Naturalmente. Mandou que eu o levasse — respondi.

— Bem — disse o canalha —, não vamos discutir o assunto agora; mas estou com vontade de experimentar criar uma criança. Portanto, avise ao seu patrão que, se tentar levar esta, vou ter de substituí-la pela minha. Não prometo deixar Hareton ir sem contestar; mas certamente farei o outro vir! Não se esqueça de dizer a ele.

A insinuação bastou para nos atar as mãos. Repeti seu conteúdo quando voltei, e Edgar Linton, que já demonstrara pouco interesse de início, não falou mais em interferir. Não sei se, mesmo com toda a disposição, teria conseguido fazer alguma coisa útil.

O hóspede agora era o dono do Morro dos Ventos Uivantes: manteve a posse com firmeza e provou ao advogado (que, por sua vez, provou ao sr. Linton) que Earnshaw hipotecara cada jarda de suas terras para conseguir dinheiro com que alimentar seu vício em jogo, e que ele, Heathcliff, era o credor hipotecário. Assim, Hareton, que hoje deveria ser o primeiro cavalheiro da região, foi reduzido à dependência completa do inimigo inveterado de seu pai. Vive na própria casa como criado, sem a vantagem de receber salário, inteiramente incapaz de reparar sua situação por não ter amigos e por ignorar que sofreu uma injustiça.

Capítulo XVIII

Os doze anos que se seguiram àquele período sombrio, continuou a sra. Dean, foram os mais felizes da minha vida. Minhas maiores preocupações durante esse tempo vieram das pequenas doenças da nossa senhorita, que ela teve de enfrentar como todas as crianças, ricas ou pobres. No mais, depois dos primeiros seis meses, cresceu como um lariço, e, antes que a urze florescesse pela segunda vez sobre as cinzas da sra. Linton, já andava e também falava, à sua maneira. Era a criatura mais encantadora que já trouxe luz a uma casa desolada: uma verdadeira beleza, com os belos olhos escuros dos Earnshaw, mas a pele clara, os traços delicados e os cabelos louros encaracolados dos Lintons. Tinha um espírito vivo, embora não rude, moderado por um coração sensível e excessivamente ardoroso em seus afetos. Essa capacidade de se apegar intensamente me lembrava a mãe. Ainda assim, não era parecida com ela: podia ser suave e mansa como uma pomba, tinha uma voz delicada e uma expressão pensativa. Sua raiva nunca era furiosa, e seu amor nunca era feroz, mas profundo e terno. É preciso reconhecer, porém, que tinha defeitos que contrabalançavam suas qualidades. Uma tendência ao atrevimento era um deles, e também uma vontade teimosa, que as crianças mimadas invariavelmente adquirem, sejam de bom ou mau temperamento. Se algum criado a aborrecia, a resposta era sempre: "Vou contar ao papai!". E, se ele a repreendia, mesmo que só com um olhar, parecia o fim do mundo. Não creio que jamais lhe tenha dito uma palavra dura. Assumiu inteiramente sua educação e a transformou numa diversão. Por sorte, a curiosidade e a inteligência rápida faziam dela uma boa aluna: aprendia depressa, com entusiasmo, e honrava seus ensinamentos.

Até chegar aos treze anos, nunca saíra sozinha dos limites do parque. Em raras ocasiões, o sr. Linton a levava consigo uma milha ou pouco mais além deles, mas não a confiava a ninguém. Gimmerton era para ela um nome sem forma, e a capela, a única construção de que se aproximara ou em que entrara, fora sua própria casa. O Morro dos Ventos Uivantes e o sr. Heathcliff não existiam para ela: era uma reclusa completa e, aparentemente, perfeitamente satisfeita. Às vezes, é verdade, ao contemplar a paisagem da janela de seu quarto, perguntava:

— Ellen, quanto tempo falta para eu poder andar até o alto daqueles morros? O que será que tem do outro lado? É o mar?

— Não, srta. Cathy — eu respondia. — Mais morros, iguais a esses.

— E como são aquelas rochas douradas quando a gente fica debaixo delas? — perguntou certa vez.

A descida abrupta dos Rochedos de Penistone atraía especialmente sua atenção, sobretudo quando o sol poente iluminava as rochas e os pontos mais altos, enquanto todo o resto da paisagem ficava na sombra. Expliquei que eram massas de pedra nua, com tão pouca terra nas fendas que mal alimentava uma árvore raquítica.

— E por que continuam brilhando tanto tempo depois que já anoiteceu aqui? — insistiu.

— Porque ficam muito mais alto do que nós — respondi. — Você não conseguiria subir: são altos e íngremes demais. No inverno, a geada sempre chega lá antes de chegar aqui, e, mesmo bem adiantado o verão, já encontrei neve debaixo daquela concavidade escura do lado nordeste!

— Ah, então você já foi lá! — exclamou, alegre. — Eu também posso ir quando for mulher. Papai já foi, Ellen?

— Papai lhe diria, senhorita — respondi depressa —, que não valem o trabalho da visita. As charnecas por onde passeia com ele são muito mais agradáveis, e o parque de Thrushcross é o lugar mais bonito do mundo.

— Mas eu conheço o parque, e não conheço aquelas pedras — murmurou para si. — E adoraria olhar ao redor lá do alto daquele ponto mais alto. Meu pequeno pônei Minny vai me levar algum dia.

Uma das criadas mencionou a Caverna das Fadas, e isso a deixou inteiramente obcecada com a vontade de realizar o projeto. Insistiu com o sr. Linton, que prometeu que ela faria a viagem quando fosse mais velha. Mas a srta. Catherine media a idade em meses, e a pergunta constante era: "Agora já tenho idade para ir aos Rochedos de Penistone?". A estrada até lá passava muito perto do Morro dos Ventos Uivantes. Edgar não tinha coragem de passar por ali, por isso a resposta era, com a mesma constância: "Ainda não, meu amor, ainda não".

Eu disse que a sra. Heathcliff viveu mais de doze anos depois de deixar o marido. A família tinha uma constituição delicada: nem ela nem Edgar possuíam a saúde corada que geralmente se encontra nesta região. Não sei ao certo qual foi sua última doença. Imagino que os dois tenham morrido da mesma coisa, uma espécie de febre lenta no início, mas incurável, que consumia a vida rapidamente no final. Ela escreveu ao irmão para informar o provável desfecho de uma indisposição que já durava quatro meses e implorou que fosse vê-la, se possível: tinha muito a resolver, queria se despedir dele e entregar Linton em segurança às suas mãos. Esperava que o menino pudesse ficar com o tio como ficara com ela; queria acreditar que o pai não desejava assumir o peso de seu sustento ou de sua educação. Meu patrão não hesitou um instante em atender ao pedido: relutante como era em sair de casa por motivos comuns, correu para responder àquele chamado. Deixou Catherine sob minha vigilância especial, repetindo a ordem de que ela não saísse do parque, nem mesmo acompanhada por mim. Não imaginava que pudesse sair sozinha.

Ficou fora três semanas. Nos primeiros dois dias, a menina sob meus cuidados permaneceu sentada num canto da biblioteca, triste demais

para ler ou brincar. Naquele estado quieto, dava-me pouco trabalho; mas depois veio um período de tédio impaciente e irritadiço, e, como eu estava ocupada demais, e já me achava velha demais para correr de um lado para o outro a fim de distraí-la, inventei uma maneira de ela se entreter sozinha. Mandava-a fazer viagens pelos terrenos da propriedade, ora a pé, ora de pônei, e, quando voltava, oferecia-lhe uma audiência paciente para todas as aventuras reais e imaginárias.

O verão brilhava em pleno esplendor, e ela tomou tanto gosto por aqueles passeios solitários que muitas vezes arranjava um jeito de ficar fora desde o café da manhã até o chá. Depois, passava as noites contando suas histórias fantasiosas. Eu não temia que ultrapassasse os limites, porque os portões geralmente ficavam trancados e achava que ela dificilmente se aventuraria sozinha para fora, mesmo se estivessem escancarados. Infelizmente, minha confiança se revelou mal colocada. Uma manhã, às oito horas, Catherine veio me dizer que naquele dia era um mercador árabe prestes a atravessar o deserto com sua caravana e que eu precisava lhe dar muitas provisões para si e para os animais: um cavalo e três camelos, representados por um grande cão de caça e dois pointers. Reuni uma boa quantidade de guloseimas e pendurei o cesto num dos lados da sela. Ela montou, alegre como uma fada, protegida do sol de julho pelo chapéu de abas largas e pelo véu de gaze, e saiu a trote, rindo alegremente de meus conselhos cautelosos para não galopar e voltar cedo. A travessa não apareceu na hora do chá. Um dos viajantes, o cão de caça, velho e amante do conforto, voltou; mas nem Cathy, nem o pônei, nem os dois pointers eram visíveis em direção alguma. Mandei pessoas por um caminho e por outro e, por fim, saí eu mesma à sua procura. Havia um trabalhador consertando uma cerca ao redor de um bosque, no limite da propriedade. Perguntei se vira nossa senhorita.

— Vi de manhã — respondeu. — Pediu que eu cortasse uma vara de aveleira para ela; depois fez o pônei saltar aquela cerca viva ali, onde é mais baixa, e saiu a galope até sumir de vista.

O senhor pode imaginar o que senti ao ouvir aquilo. Pensei imediatamente que devia ter ido aos Rochedos de Penistone. "O que será dela?", exclamei, passando pela abertura que o homem consertava e seguindo direto para a estrada. Caminhei como se disputasse uma aposta, milha após milha, até que uma curva pôs o Morro à vista; mas não vi sinal de Catherine, perto nem longe. Os Rochedos ficam cerca de uma milha e meia além da propriedade do sr. Heathcliff, e ela fica a quatro da Granja, de modo que comecei a temer que anoitecesse antes de chegar. "E se ela tiver escorregado ao escalar as pedras", pensei, "e morrido ou quebrado algum osso?" Minha ansiedade era realmente dolorosa. Por isso, a princípio, senti um alívio delicioso ao passar apressada pela fazenda e ver Charlie, o mais feroz dos pointers, deitado debaixo de uma janela, com a cabeça inchada e uma orelha sangrando. Abri o portãozinho e corri até a porta, batendo com força para que me deixassem entrar. Atendeu uma mulher que eu conhecia, antiga moradora de Gimmerton: trabalhava ali desde a morte do sr. Earnshaw.

— Ah — disse —, veio buscar sua senhorita! Não se assuste. Está aqui, em segurança; mas fico contente por não ser o patrão.

— Então ele não está em casa? — perguntei, ofegante, sem fôlego pela caminhada rápida e pelo medo.

— Não, não — respondeu. — Ele e Joseph saíram, e acho que só voltam daqui a uma hora ou mais. Entre e descanse um pouco.

Entrei e vi minha ovelhinha desgarrada sentada diante da lareira, balançando-se numa cadeirinha que fora da mãe quando criança. Seu chapéu estava pendurado na parede, e ela parecia inteiramente à vontade, rindo e conversando, no melhor humor imaginável, com Hareton (agora um rapaz grande e forte de dezoito anos), que a olhava

com bastante curiosidade e espanto, entendendo muito pouco daquela sucessão fluente de observações e perguntas que sua língua não parava de despejar.

— Muito bem, senhorita! — exclamei, escondendo minha alegria atrás de uma cara zangada. — Este foi seu último passeio até papai voltar. Não vou confiar em você nem para passar da porta, sua menina muito, muito levada!

— Ah, Ellen! — exclamou, alegre, levantando-se de um salto e correndo para mim. — Vou ter uma bela história para contar esta noite. Então você me descobriu! Já esteve aqui alguma vez na vida?

— Ponha o chapéu e vamos para casa agora — respondi. — Estou muito magoada com você, srta. Cathy: fez uma coisa muito errada! Não adianta fazer bico nem chorar. Isso não compensa o trabalho que tive, percorrendo a região atrás de você. Pensar que o sr. Linton me recomendou tanto que a mantivesse em casa, e você escapou desse jeito! Mostra que é uma raposinha astuta, e ninguém mais vai confiar em você.

— O que foi que eu fiz? — soluçou ela, contendo-se de imediato. — Papai não me deu ordem nenhuma: não vai me repreender, Ellen. Ele nunca fica zangado como você!

— Vamos, vamos! — repeti. — Vou amarrar a fita. Agora, sem birra. Que vergonha! Treze anos e se comportando como um bebê!

Essa exclamação foi provocada por ela empurrar o chapéu da cabeça e recuar até a lareira, para fora do meu alcance.

— Ora — disse a criada —, não seja dura com a menina, sra. Dean. Nós a fizemos ficar: ela queria continuar o passeio, com medo de que a senhora se preocupasse. Hareton se ofereceu para ir com ela, e achei que devia: o caminho pelos morros é agreste.

Durante a discussão, Hareton ficou de mãos nos bolsos, constrangido demais para falar, embora parecesse não gostar da minha intromissão.

— Quanto tempo vou ter de esperar? — continuei, ignorando a interferência da mulher. — Vai escurecer em dez minutos. Onde está o pônei, srta. Cathy? E onde está Phoenix? Vou deixá-la aqui se não se apressar; escolha.

— O pônei está no pátio — respondeu —, e Phoenix está preso lá. Foi mordido, e Charlie também. Eu ia contar tudo, mas você está de mau humor e não merece ouvir.

Peguei o chapéu e me aproximei para colocá-lo de novo; mas, percebendo que os moradores da casa estavam do seu lado, ela começou a saltitar pela sala. Quando fui atrás, correu como um rato por cima, por baixo e por trás dos móveis, tornando ridículo persegui-la. Hareton e a mulher riram, ela se juntou a eles e ficou ainda mais atrevida, até que exclamei, muito irritada: — Bem, srta. Cathy, se soubesse de quem é esta casa, teria bastante vontade de sair daqui.

— É do seu pai, não é? — perguntou ela a Hareton.

— Não — respondeu ele, baixando os olhos e corando, encabulado.

Não conseguia sustentar o olhar dela, embora os olhos dos dois fossem iguais.

— De quem, então? Do seu patrão? — perguntou.

Ele ficou ainda mais vermelho, por outro sentimento, murmurou um palavrão e virou as costas.

— Quem é o patrão dele? — continuou a menina cansativa, voltando-se para mim. — Ele falou em "nossa casa" e "nosso pessoal". Pensei que fosse filho do dono. E nunca me chamou de senhorita: devia ter chamado, não devia, se é criado?

Hareton ficou sombrio como uma nuvem de tempestade diante daquela fala infantil. Sacudi minha pequena interrogadora em silêncio e, por fim, consegui prepará-la para sair.

— Agora vá buscar meu pônei — disse ela ao parente que desconhecia, como falaria a um dos rapazes da estrebaria da Granja. —

E pode vir comigo. Quero ver onde o caçador fantasma aparece no pântano e ouvir sobre as "fadazinhas", como você chama; mas depressa! O que houve? Vá buscar meu pônei, estou dizendo.

— Prefiro ver você no inferno a ser seu criado! — rosnou o rapaz.

— Prefere me ver onde? — perguntou Catherine, surpresa.

— No inferno, sua bruxa atrevida! — respondeu ele.

— Está vendo, srta. Cathy? Arranjou uma bela companhia — intervim. — Que palavras bonitas para dizer a uma jovem! Por favor, não comece a discutir com ele. Vamos buscar Minny nós mesmas e ir embora.

— Mas, Ellen — exclamou ela, olhando fixamente, espantada —, como ele se atreve a falar assim comigo? Não deveriam obrigá-lo a fazer o que peço? Seu malvado, vou contar ao papai o que disse. Pronto!

Hareton não pareceu sentir a ameaça, e os olhos dela se encheram de lágrimas de indignação. — Você, traga o pônei — exclamou, virando-se para a mulher — e solte meu cão agora mesmo!

— Devagar, senhorita — respondeu a criada. — Não perde nada sendo educada. Embora o sr. Hareton não seja filho do patrão, é seu primo; e eu nunca fui contratada para servir a senhorita.

— Ele, meu primo! — exclamou Cathy, com uma risada de desprezo.

— É, sim — respondeu a mulher que a repreendera.

— Ah, Ellen! Não deixe que digam essas coisas — continuou, muito aflita. — Papai foi buscar meu primo em Londres. Meu primo é filho de um cavalheiro. Que o meu... — Parou e caiu em pranto, transtornada só com a ideia de parentesco com um rústico daqueles.

— Calma, calma! — sussurrei. — As pessoas podem ter muitos primos, e de todo tipo, srta. Cathy, sem valer menos por isso. Só não precisam conviver com eles se forem desagradáveis e maus.

— Ele não é... não é meu primo, Ellen! — continuou, encontrando novos motivos de tristeza ao pensar e se atirando nos meus braços para fugir da ideia.

Fiquei muito aborrecida com ela e com a criada por suas revelações mútuas. Não duvidava de que a notícia da chegada próxima de Linton, dada pela menina, seria transmitida ao sr. Heathcliff, e tinha igual certeza de que o primeiro pensamento de Catherine, quando o pai voltasse, seria pedir explicações sobre a afirmação da criada a respeito daquele parente de educação rude. Hareton, recuperando-se da ofensa de ter sido tomado por criado, pareceu se comover com a aflição dela. Depois de levar o pônei até a porta, pegou no canil um belo filhote de terrier de pernas tortas e o pôs nas mãos de Cathy para agradá-la, dizendo que se calasse, pois não quisera fazer mal. Interrompendo as lamentações, ela o examinou com um olhar de espanto e horror e depois recomeçou a chorar.

Mal consegui conter um sorriso diante daquela antipatia pelo pobre rapaz, que era um jovem bem-proporcionado, atlético, de feições bonitas, forte e saudável, mas vestido de acordo com suas ocupações diárias de trabalhar na fazenda e vagar pelas charnecas atrás de coelhos e outras caças. Ainda assim, achei que podia perceber em seu rosto uma inteligência com qualidades melhores do que o pai jamais tivera. Coisas boas perdidas, é verdade, num matagal de ervas daninhas, cujo crescimento vigoroso sufocava os brotos abandonados; mas, mesmo assim, sinais de um solo rico, capaz de produzir colheitas abundantes em circunstâncias diferentes e favoráveis. Acredito que o sr. Heathcliff não o maltratara fisicamente, graças à sua natureza destemida, que não oferecia tentação para esse tipo de opressão: não tinha aquela sensibilidade tímida que, aos olhos de Heathcliff, teria dado sabor aos maus-tratos. Ele parecia ter concentrado sua maldade em transformá-lo num bruto: nunca o ensinaram a ler ou escrever, nunca o repreenderam

por um mau hábito que não incomodasse seu guardião, nunca o conduziram um único passo em direção à virtude nem o protegeram do vício com um só ensinamento. Pelo que ouvi, Joseph contribuiu muito para sua degradação, por um favoritismo mesquinho que o levava a bajular e mimar o menino por ser o chefe da antiga família. E, assim como costumava acusar Catherine Earnshaw e Heathcliff, quando crianças, de esgotarem a paciência do patrão e obrigá-lo a buscar consolo na bebida com o que chamava de seus "modos abomináveis", agora punha todo o peso dos defeitos de Hareton nos ombros do usurpador de sua propriedade. Se o rapaz praguejava, não o corrigia, por mais condenável que fosse sua conduta. Aparentemente, Joseph sentia satisfação em vê-lo chegar aos piores extremos: admitia que o jovem estava arruinado, que sua alma fora abandonada à perdição; mas então pensava que Heathcliff teria de responder por isso. O sangue de Hareton seria cobrado de suas mãos, e esse pensamento lhe trazia um consolo imenso. Joseph incutira nele o orgulho do nome e da linhagem. Se ousasse, teria alimentado o ódio entre ele e o atual dono do Morro, mas seu medo desse dono chegava à superstição, e ele limitava seus sentimentos a insinuações murmuradas e maldições em particular. Não pretendo conhecer intimamente o modo de vida do Morro dos Ventos Uivantes naquela época: falo apenas do que ouvi, pois vi pouco. Os moradores do povoado afirmavam que o sr. Heathcliff era avarento e um senhorio cruel e duro com seus arrendatários; mas a casa recuperara por dentro o antigo aspecto confortável sob a administração de uma mulher, e as cenas de desordem comuns no tempo de Hindley já não aconteciam entre suas paredes. O patrão era sombrio demais para buscar a companhia de qualquer pessoa, boa ou má. E continua sendo.

Mas isso não faz minha história avançar. A srta. Cathy recusou o terrier oferecido como sinal de paz e exigiu seus próprios cães, Charlie e Phoenix. Eles vieram mancando e de cabeça baixa, e partimos para casa,

todos de muito mau humor. Não consegui arrancar da minha senhorita como passara o dia, a não ser que, como eu imaginara, o objetivo de sua peregrinação eram os Rochedos de Penistone. Chegara sem incidentes ao portão da fazenda, quando Hareton saía acompanhado de alguns cães, que atacaram sua comitiva. Houve uma boa batalha antes que os donos conseguissem separá-los, e foi assim que se conheceram. Catherine disse a Hareton quem era e para onde ia, pedindo que mostrasse o caminho, e por fim o convenceu a acompanhá-la. Ele lhe revelou os mistérios da Caverna das Fadas e de mais vinte lugares curiosos. Mas, como eu caíra em desgraça, não fui agraciada com uma descrição das coisas interessantes que vira. Pude perceber, porém, que seu guia a encantara até ela ferir os sentimentos dele ao tratá-lo como criado, e depois a governanta de Heathcliff feriu os dela ao dizer que ele era seu primo. E as palavras dele ficaram doendo em seu coração: ela, que era sempre "meu amor", "querida", "rainha" e "anjo" para todos na Granja, ser insultada de modo tão chocante por um estranho! Não conseguia compreender, e tive muito trabalho para arrancar a promessa de que não levaria a queixa ao pai. Expliquei como ele desaprovava todos os moradores do Morro e quanto ficaria triste ao saber que ela estivera lá; mas insisti sobretudo no fato de que, se revelasse minha negligência no cumprimento das ordens, talvez ele ficasse tão zangado que eu tivesse de ir embora. Cathy não suportava essa possibilidade: deu sua palavra e a cumpriu por mim. Afinal, era uma menina doce.

Capítulo XIX

Uma carta com bordas pretas anunciou o dia da volta do meu patrão. Isabella morrera, e ele escreveu pedindo que eu providenciasse roupas de luto para a filha e preparasse um quarto e tudo o mais de que seu jovem sobrinho precisaria. Catherine ficou louca de alegria com a ideia de receber o pai de volta e alimentou as expectativas mais otimistas sobre as inúmeras qualidades de seu primo "de verdade". Chegou a noite em que eram esperados. Desde cedo, ela estivera ocupada organizando seus pequenos assuntos; agora, vestida com o novo vestido preto (pobrezinha! a morte da tia não lhe causava nenhuma tristeza definida), obrigou-me, de tanto insistir, a descer com ela pelos terrenos da propriedade para ir ao encontro deles.

— Linton é só seis meses mais novo do que eu — tagarelava enquanto caminhávamos sem pressa pelas elevações e depressões da relva coberta de musgo, à sombra das árvores. — Como vai ser bom tê-lo como companheiro de brincadeiras! Tia Isabella mandou ao papai uma mecha linda dos cabelos dele. Era mais clara que os meus, mais da cor do linho, e tão fina quanto. Guardo-a com muito cuidado numa caixinha de vidro, e muitas vezes pensei em como seria bom conhecer o dono. Ah, estou tão feliz! E papai, meu querido, querido papai! Venha, Ellen, vamos correr! Venha, corra!

Ela correu, voltou e correu de novo muitas vezes antes que meus passos comedidos chegassem ao portão. Então se sentou no barranco gramado ao lado do caminho e tentou esperar com paciência, mas era impossível: não conseguia ficar quieta um minuto.

— Como demoram! — exclamou. — Ah, estou vendo poeira na estrada... estão chegando! Não! Quando vão chegar? Não podemos ir

um pouquinho adiante? Meia milha, Ellen, só meia milha? Diga que sim, até aquele grupo de bétulas na curva!

Recusei com firmeza. Por fim, sua ansiedade terminou: a carruagem de viagem apareceu. A srta. Cathy deu um grito e estendeu os braços assim que viu o rosto do pai à janela. Ele desceu quase tão ansioso quanto ela, e passou um bom tempo antes que os dois pensassem em qualquer outra pessoa. Enquanto trocavam carícias, espiei dentro da carruagem para ver Linton. Dormia num canto, enrolado numa capa quente forrada de pele, como se fosse inverno. Era um menino pálido, delicado, de ar efeminado, que poderia passar por irmão mais novo do meu patrão, tamanha a semelhança. Mas havia em seu aspecto uma irritação doentia que Edgar Linton nunca tivera. Este me viu olhando e, depois de apertar minha mão, aconselhou-me a fechar a porta e deixá-lo em paz, pois a viagem o cansara. Cathy queria muito dar uma olhada, mas o pai a chamou, e os dois seguiram juntos pelo parque, enquanto eu me adiantava para preparar os criados.

— Agora, querida — disse o sr. Linton à filha, quando pararam ao pé dos degraus da entrada —, seu primo não é tão forte nem tão alegre quanto você, e perdeu a mãe há pouquíssimo tempo, lembre-se. Portanto, não espere que ele saia logo correndo e brincando com você. E não o canse falando demais: deixe-o quieto pelo menos esta noite, está bem?

— Sim, sim, papai — respondeu Catherine. — Mas quero tanto vê-lo, e ele ainda nem olhou pela janela!

A carruagem parou; o adormecido foi acordado, e o tio o ergueu e o pôs no chão.

— Esta é sua prima Cathy, Linton — disse, juntando as mãozinhas dos dois. — Ela já gosta de você. Trate de não entristecê-la chorando esta noite. Tente se animar: a viagem acabou, e agora só precisa descansar e se divertir como quiser.

— Então me deixe ir para a cama — respondeu o menino, esquivando-se do cumprimento de Catherine e levando os dedos aos olhos para enxugar as lágrimas que começavam.

— Vamos, vamos, seja bonzinho — sussurrei, conduzindo-o para dentro. — Vai fazê-la chorar também. Veja como ela sente pena de você!

Não sei se era pena dele, mas a prima assumiu uma expressão tão triste quanto a sua e voltou para junto do pai. Os três entraram e subiram à biblioteca, onde o chá estava pronto. Tirei o gorro e a capa de Linton e o acomodei numa cadeira junto à mesa, mas mal se sentou, começou a chorar de novo. Meu patrão perguntou qual era o problema.

— Não consigo ficar sentado numa cadeira — soluçou o menino.

— Então vá para o sofá, e Ellen levará seu chá — respondeu o tio, paciente.

Fiquei convencida de que sua paciência fora muito posta à prova durante a viagem pelo sobrinho doentio e irritadiço. Linton se arrastou devagar até o sofá e se deitou. Cathy levou um banquinho e sua xícara para perto dele. A princípio ficou em silêncio, mas isso não podia durar: decidira mimar o priminho, como fazia questão de considerá-lo, e começou a acariciar seus cachos, beijar sua face e lhe oferecer chá no pires, como a um bebê. Isso o agradou, pois pouco diferia de um: enxugou os olhos e se iluminou com um sorriso fraco.

— Ah, ele vai ficar muito bem — disse o patrão para mim, depois de observá-los por um minuto. — Muito bem, se pudermos ficar com ele, Ellen. A companhia de uma criança de sua idade logo vai lhe dar novo ânimo, e, de tanto desejar ser forte, ganhará forças.

"Sim, se pudermos ficar com ele!", pensei; e fui tomada por dolorosos receios de que havia pouca esperança disso. E então me perguntei: como aquele menino frágil viveria no Morro dos Ventos Uivantes? Entre o pai e Hareton, que companheiros de brincadeira e professores teria! Nossas dúvidas logo se resolveram, ainda antes do que

eu esperava. Eu acabara de levar as crianças para cima depois do chá e de ver Linton adormecer (ele não permitira que eu o deixasse antes disso). Tinha descido e estava junto à mesa do vestíbulo, acendendo uma vela de quarto para o sr. Edgar, quando uma criada saiu da cozinha e avisou que Joseph, o criado do sr. Heathcliff, estava à porta e queria falar com o patrão.

— Vou perguntar primeiro o que ele quer — disse, muito apreensiva. — Bela hora para incomodar as pessoas, logo que voltaram de uma viagem longa. Acho que o patrão não pode recebê-lo.

Enquanto eu falava, Joseph atravessara a cozinha e agora se apresentava no vestíbulo. Usava a roupa de domingo e a expressão mais azeda e santarrona que possuía. Com o chapéu numa mão e a bengala na outra, começou a limpar os sapatos no capacho.

— Boa noite, Joseph — disse friamente. — Que assunto o traz aqui esta noite?

— É com o patrão Linton que eu preciso falar — respondeu, fazendo um gesto desdenhoso para que eu saísse do caminho.

— O sr. Linton vai se deitar. Se não tem nada de especial para dizer, tenho certeza de que ele não vai ouvi-lo agora — continuei. — É melhor se sentar ali e me confiar o recado.

— Qual que é o quarto dele? — insistiu o sujeito, examinando a fileira de portas fechadas.

Percebi que estava decidido a recusar minha mediação. Por isso, com muita relutância, subi à biblioteca e anunciei o visitante inoportuno, aconselhando que o mandasse voltar no dia seguinte. O sr. Linton não teve tempo de me autorizar a fazer isso, pois Joseph subiu logo atrás de mim e, entrando sem cerimônia, plantou-se do outro lado da mesa, com os dois punhos apoiados na cabeça da bengala. Começou num tom elevado, como se já esperasse oposição:

— Heathcliff me mandou buscar o menino dele, e eu num posso voltar sem ele.

Edgar Linton ficou em silêncio por um minuto; uma expressão de tristeza profunda escureceu suas feições. Teria sentido pena da criança por ela mesma, mas, lembrando as esperanças e os medos de Isabella, seus desejos ansiosos pelo filho e a maneira como o confiara aos seus cuidados, sofria amargamente com a perspectiva de entregá-lo e procurava no coração um meio de evitar isso. Nenhum plano surgiu: a simples demonstração de que desejava ficar com o menino tornaria ainda mais categórico quem o reclamava. Só restava cedê-lo. Mesmo assim, não iria arrancá-lo do sono.

— Diga ao sr. Heathcliff — respondeu calmamente — que seu filho irá ao Morro dos Ventos Uivantes amanhã. Está na cama, cansado demais para fazer o trajeto agora. Pode dizer também que a mãe de Linton desejava que ele permanecesse sob minha tutela e que, no momento, sua saúde está muito frágil.

— Não! — disse Joseph, batendo a bengala no chão e assumindo um ar autoritário. — Não! Isso num vale nada. Heathcliff num faz caso da mãe, nem do senhor; mas vai ter o menino dele, e eu tenho de levar ele. Pronto, agora já sabe!

— Esta noite, não vai! — respondeu Linton, decidido. — Desça imediatamente e repita ao seu patrão o que eu disse. Ellen, acompanhe-o. Vá...

E, ajudando o velho indignado com um puxão no braço, livrou o aposento de sua presença e fechou a porta.

— Muito bem! — gritou Joseph, enquanto se afastava devagar. — Amanhã ele mesmo vem, e aí ponha ele pra fora, se tiver coragem!

Capítulo XX

Para evitar o risco de que a ameaça se cumprisse, o sr. Linton me encarregou de levar o menino cedo para a casa do pai, no pônei de Catherine, e disse: "Como agora não teremos influência alguma sobre seu destino, para o bem ou para o mal, não conte à minha filha para onde ele foi: os dois não poderão mais conviver, e é melhor que ela ignore sua proximidade, para não ficar inquieta e ansiosa por visitar o Morro. Diga apenas que o pai o mandou buscar de repente e que ele foi obrigado a nos deixar."

Linton relutou muito em sair da cama às cinco horas e ficou espantado ao saber que precisava se preparar para mais uma viagem. Suavizei a notícia dizendo que iria passar algum tempo com o pai, o sr. Heathcliff, que desejava tanto vê-lo que não quisera adiar o prazer até que ele se recuperasse da viagem recente.

— Meu pai! — exclamou, numa perplexidade estranha. — Mamãe nunca me disse que eu tinha pai. Onde ele mora? Prefiro ficar com meu tio.

— Mora a pouca distância da Granja — respondi —, logo depois daqueles morros. Não é tão longe: quando estiver forte, poderá vir andando até aqui. E deveria ficar contente por ir para casa e vê-lo. Precisa tentar amá-lo como amava sua mãe, e assim ele também vai amar você.

— Mas por que nunca ouvi falar dele antes? — perguntou Linton. — Por que ele e mamãe não moravam juntos como as outras pessoas?

— Os negócios o prendiam no norte — respondi —, e a saúde da sua mãe exigia que ela morasse no sul.

— E por que mamãe não falava dele comigo? — insistiu o menino. — Falava muito do meu tio, e aprendi a gostar dele há muito tempo. Como vou amar papai? Não o conheço.

— Ah, todas as crianças amam os pais — disse. — Talvez sua mãe pensasse que, se falasse muito dele, você teria vontade de ir morar com ele. Vamos nos apressar. Um passeio cedo numa manhã tão bonita é muito melhor do que mais uma hora de sono.

— Ela vai conosco? — perguntou. — A menina que vi ontem?

— Agora, não — respondi.

— E meu tio? — continuou.

— Não, eu vou acompanhar você — disse.

Linton caiu de volta no travesseiro e mergulhou em pensamentos.

— Não vou sem meu tio — exclamou por fim. — Não sei para onde quer me levar.

Tentei convencê-lo de que era feio demonstrar resistência em conhecer o pai. Ainda assim, ele se recusou obstinadamente a começar a se vestir, e tive de chamar meu patrão para me ajudar a tirá-lo da cama com persuasão. Por fim, conseguimos fazer o pobrezinho partir, com várias garantias enganosas de que ficaria pouco tempo fora, de que o sr. Edgar e Cathy iriam visitá-lo e outras promessas igualmente sem fundamento, que inventei e repeti de tempos em tempos durante todo o caminho. Depois de algum tempo, o ar puro com perfume de urze, o sol brilhante e o meio-galope suave de Minny aliviaram seu desânimo. Começou a perguntar sobre a nova casa e seus moradores com mais interesse e vivacidade.

— O Morro dos Ventos Uivantes é tão agradável quanto Thrushcross Grange? — perguntou, virando-se para olhar uma última vez o vale, de onde subia uma névoa leve que formava uma nuvem de lã na borda do azul.

— Não fica tão escondido entre árvores — respondi — e não é tão grande, mas oferece uma bela vista de toda a paisagem ao redor, e o ar é mais saudável para você, mais fresco e seco. Talvez ache a construção velha e escura no começo, embora seja uma casa respeitável, a segunda melhor da região. E poderá fazer passeios muito agradáveis nas charnecas. Hareton Earnshaw, o outro primo da srta. Cathy e, de certo modo, seu também, vai mostrar todos os lugares mais bonitos. Nos dias de tempo bom, pode levar um livro e fazer de uma baixada verde sua sala de estudos. E, de vez em quando, seu tio talvez se junte a você num passeio, pois costuma caminhar pelos morros.

— E como é meu pai? — perguntou. — É tão jovem e bonito quanto meu tio?

— É tão jovem quanto ele — respondi —, mas tem cabelos e olhos negros e parece mais severo; também é mais alto e mais corpulento. Talvez não pareça tão gentil e bondoso de início, porque esse não é o jeito dele. Mas lembre-se: seja franco e cordial com ele, e naturalmente ele vai gostar de você mais do que qualquer tio, porque você é filho dele.

— Cabelos e olhos negros! — refletiu Linton. — Não consigo imaginá-lo. Então não sou parecido com ele, sou?

— Não muito — respondi. "Nem um pouco", pensei, examinando com pesar a pele branca e o corpo franzino do meu companheiro, e seus grandes olhos lânguidos, os olhos da mãe, mas sem um vestígio da vivacidade brilhante dela, a menos que uma irritação doentia os acendesse por um momento.

— Que estranho ele nunca ter vindo visitar mamãe e a mim! — murmurou. — Já me viu alguma vez? Se viu, eu devia ser um bebê. Não me lembro de nada sobre ele!

— Ora, jovem Linton — disse eu —, trezentas milhas é uma distância grande, e dez anos parecem ter uma duração muito diferente para um adulto e para você. É provável que o sr. Heathcliff planejasse ir

de um verão para o outro, mas nunca encontrasse uma boa oportunidade; agora é tarde demais. Não o incomode com perguntas sobre o assunto: só vai perturbá-lo sem necessidade.

O menino ficou inteiramente ocupado com suas reflexões pelo resto do caminho, até pararmos diante do portão do jardim da fazenda. Observei seu rosto para captar as primeiras impressões. Examinou com atenção solene a fachada esculpida e as janelas baixas de gelosia, os pés de groselha espalhados e os abetos tortos; depois balançou a cabeça. No íntimo, desaprovava por completo o exterior da nova morada. Mas teve o bom senso de adiar as queixas: talvez o interior compensasse. Antes que desmontasse, fui abrir a porta. Eram seis e meia. A família acabara de tomar o café da manhã, e a criada recolhia as coisas e limpava a mesa. Joseph estava de pé junto à cadeira do patrão, contando alguma história sobre um cavalo manco, e Hareton se preparava para ir ao campo de feno.

— Olá, Nelly! — disse o sr. Heathcliff ao me ver. — Temi que precisasse descer e buscar minha propriedade eu mesmo. Então trouxe? Vamos ver o que podemos fazer com ela.

Levantou-se e foi até a porta a passos largos, e Hareton e Joseph o seguiram, de boca aberta de curiosidade. O pobre Linton passou um olhar assustado pelos três rostos.

— Pois é certo — disse Joseph, depois de um exame sério —, ele trocou com o senhor, patrão, e essa aí é a filha dele!

Depois de encarar o filho até deixá-lo trêmulo de confusão, Heathcliff soltou uma risada de desprezo.

— Deus! Que beleza! Que criatura linda e encantadora! — exclamou. — Será que criaram isso com lesmas e leite azedo, Nelly? Ah, que minha alma seja condenada! É pior do que eu esperava, e o diabo sabe que eu não estava otimista!

Pedi à criança trêmula e aturdida que desmontasse e entrasse. Ele não compreendia inteiramente o sentido das palavras do pai, nem se eram dirigidas a ele. Na verdade, ainda não tinha certeza de que aquele estranho sombrio e zombeteiro fosse seu pai. Mas se agarrou a mim com um medo crescente, e, quando o sr. Heathcliff se sentou e mandou que "viesse até ele", escondeu o rosto no meu ombro e chorou.

— Ora, ora! — disse Heathcliff, estendendo a mão e puxando-o com brutalidade para entre seus joelhos; depois ergueu sua cabeça pelo queixo. — Nada dessas bobagens! Não vamos machucar você, Linton... é esse seu nome, não é? Você é inteiramente filho da sua mãe! Onde está minha parte em você, pintinho chorão?

Tirou o gorro do menino e afastou os cachos fartos e muito claros, apalpou seus braços finos e seus dedinhos. Durante o exame, Linton parou de chorar e ergueu os grandes olhos azuis para inspecionar quem o inspecionava.

— Você me conhece? — perguntou Heathcliff, depois de se certificar de que todos os membros eram igualmente frágeis e fracos.

— Não — respondeu Linton, com um olhar vazio de medo.

— Imagino que já tenha ouvido falar de mim.

— Não — respondeu outra vez.

— Não! Que vergonha da sua mãe, nunca despertar seu amor de filho por mim! Pois vou lhe dizer: você é meu filho, e sua mãe foi uma vadia perversa por deixá-lo sem saber que tipo de pai tinha. Agora não recue nem fique vermelho! Embora já seja alguma coisa ver que seu sangue não é branco. Seja um bom rapaz, e eu cuidarei de você. Nelly, se está cansada, pode se sentar; se não, volte para casa. Imagino que vá contar tudo o que ouve e vê àquele zero à esquerda da Granja, e esta coisa não vai se acomodar enquanto você ficar por aqui.

— Bem — respondi —, espero que seja bondoso com o menino, sr. Heathcliff, ou não o terá por muito tempo. Ele é o único parente que o senhor tem em todo o mundo, o único que jamais terá; lembre-se disso.

— Serei muito bondoso, não precisa ter medo — disse ele, rindo. — Só ninguém mais deve ser bondoso com ele: tenho ciúme e quero seu afeto só para mim. E, para começar minha bondade, Joseph, traga o café da manhã do rapaz. Hareton, seu bezerro infernal, vá trabalhar. Sim, Nell — acrescentou depois que os dois saíram —, meu filho é o futuro dono da sua casa, e eu não gostaria que morresse antes de ter certeza de que serei seu sucessor. Além disso, ele é meu, e quero o triunfo de ver meu descendente senhor legítimo das terras deles; meu filho contratando os filhos deles para cultivar, por um salário, as terras de seus pais. Essa é a única consideração que me faz suportar o filhote: desprezo-o pelo que é e o odeio pelas lembranças que desperta! Mas essa consideração basta: estará tão seguro comigo e será cuidado com tanta atenção quanto seu patrão cuida da própria filha. Preparei um quarto no andar de cima, mobiliado com elegância. Também contratei um professor que virá três vezes por semana, de vinte milhas de distância, para ensinar o que ele quiser aprender. Mandei Hareton obedecer a ele; na verdade, organizei tudo para preservar sua posição de superioridade e sua condição de cavalheiro em relação àqueles com quem convive. Mas lamento que mereça tão pouco o trabalho: se desejei uma bênção neste mundo, foi encontrar nele um motivo digno de orgulho, e estou amargamente decepcionado com esse miserável de cara esbranquiçada e voz de chorão!

Enquanto falava, Joseph voltou com uma tigela de mingau de leite e a colocou diante de Linton, que mexeu aquela comida simples com um olhar de aversão e afirmou que não conseguia comê-la. Percebi que o velho criado compartilhava em grande parte o desprezo do patrão pela criança, embora fosse obrigado a guardar o sentimento para si, porque

Heathcliff claramente pretendia que seus subordinados a tratassem com respeito.

— Num consegue comer? — repetiu, espiando o rosto de Linton e baixando a voz a um sussurro, por medo de ser ouvido. — Mas o patrãozinho Hareton nunca comeu outra coisa quando era pequeno, e o que servia pra ele serve pra você, é o que eu acho!

— Não vou comer! — respondeu Linton, irritado. — Leve embora.

Joseph recolheu a comida, indignado, e a trouxe até nós.

— Tem alguma coisa errada com essa comida? — perguntou, enfiando a bandeja debaixo do nariz de Heathcliff.

— O que poderia haver de errado? — disse ele.

— Ora! — respondeu Joseph. — Aquele rapaz cheio de delicadezas diz que num consegue comer. Mas acho que tá certo! A mãe era igualzinha... a gente quase era sujo demais pra plantar o grão do pão dela.

— Não fale da mãe dele comigo — disse o patrão, zangado. — Arranje alguma coisa que ele possa comer, só isso. O que ele costuma comer, Nelly?

Sugeri leite fervido ou chá, e a governanta recebeu ordens de preparar. "Bem", pensei, "o egoísmo do pai talvez contribua para seu conforto. Ele percebe a constituição delicada do menino e a necessidade de tratá-lo razoavelmente. Vou consolar o sr. Edgar contando o rumo que o temperamento de Heathcliff tomou." Sem desculpa para demorar mais, saí de mansinho enquanto Linton se ocupava em repelir timidamente as aproximações de um cão pastor amigável. Mas estava atento demais para ser enganado: quando fechei a porta, ouvi um grito e a repetição frenética das palavras:

— Não me deixe! Não vou ficar aqui! Não vou ficar aqui!

Então o trinco se ergueu e caiu de novo: não permitiram que saísse. Montei Minny e a pus a trote, e assim terminou minha breve tutela.

Capítulo XXI

Tivemos um dia penoso com a pequena Cathy: levantou-se radiante, ansiosa para encontrar o primo, e recebeu a notícia de sua partida com lágrimas e lamentações tão intensas que o próprio Edgar precisou acalmá-la, afirmando que ele voltaria em breve. Acrescentou, porém: "se eu conseguir trazê-lo", e não havia esperança disso. A promessa pouco a tranquilizou, mas o tempo foi mais eficaz. E, embora de vez em quando ainda perguntasse ao pai quando Linton voltaria, antes que tornasse a vê-lo suas feições tinham se apagado tanto de sua memória que não o reconheceu.

Quando encontrava por acaso a governanta do Morro dos Ventos Uivantes nas minhas idas a Gimmerton para resolver assuntos, costumava perguntar como estava o jovem patrão, pois ele vivia quase tão isolado quanto a própria Catherine e nunca era visto. Pelo que ela contava, continuava com a saúde fraca e era um morador cansativo. Dizia que o sr. Heathcliff parecia gostar menos dele a cada dia, embora se desse algum trabalho para esconder isso: tinha aversão ao som de sua voz e não suportava ficar muitos minutos no mesmo cômodo que ele. Os dois raramente conversavam. Linton estudava suas lições e passava as noites num aposento pequeno a que chamavam de sala de visitas, ou então ficava na cama o dia inteiro, pois vivia com tosse, resfriados, dores e males de todo tipo.

— E nunca conheci uma criatura tão medrosa — acrescentou a mulher —, nem que cuide tanto de si mesma. Faz um escândalo se deixo a janela aberta um pouco mais tarde. "Ah, uma lufada de ar da noite é mortal!" E precisa de lareira acesa no meio do verão, o cachimbo de Joseph é veneno, tem de ter sempre doces e guloseimas, e sempre leite, leite sem parar, sem ligar para o aperto que todos nós passamos no

inverno. E lá fica, enrolado na capa de pele, sentado junto ao fogo, com água de torrada ou alguma outra beberagem no canto da lareira para ir tomando. E, se Hareton, por pena, vem distraí-lo (Hareton não é mau, apesar de bruto), os dois acabam se separando, um praguejando e o outro chorando. Acho que o patrão gostaria de ver Earnshaw dar uma surra nele até deixá-lo em frangalhos, se não fosse seu filho, e tenho certeza de que seria capaz de pô-lo para fora se soubesse da metade dos cuidados que ele toma consigo. Mas evita a tentação: nunca entra na sala de visitas e, se Linton começa com essas manias na sala grande, onde ele fica, manda-o subir imediatamente.

Concluí, por esse relato, que a completa falta de afeição tornara o jovem Heathcliff egoísta e desagradável, se já não era assim de início. Por consequência, meu interesse por ele diminuiu, embora ainda sentisse tristeza por seu destino e desejasse que tivesse ficado conosco. O sr. Edgar me incentivava a buscar notícias. Imagino que pensasse muito no sobrinho e teria corrido algum risco para vê-lo. Certa vez, pediu que eu perguntasse à governanta se ele vinha ao povoado. Ela disse que só fora duas vezes, a cavalo, acompanhando o pai, e, nas duas ocasiões, alegara estar completamente esgotado durante três ou quatro dias depois. Se me lembro bem, essa governanta foi embora dois anos após a chegada dele, e outra, que eu não conhecia, a substituiu e ainda mora lá.

O tempo passou na Granja da maneira agradável de antes, até a srta. Cathy completar dezesseis anos. Nunca demonstrávamos alegria no aniversário dela, pois também era o aniversário da morte da minha antiga patroa. O pai invariavelmente passava aquele dia sozinho na biblioteca e, ao anoitecer, caminhava até o cemitério de Gimmerton, onde muitas vezes ficava além da meia-noite. Catherine, portanto, precisava encontrar suas próprias distrações. Aquele vinte de março era um belo dia de primavera. Depois que o pai se recolheu, a senhorita desceu vestida para sair e disse que pedira para passear comigo pela

borda da charneca. O sr. Linton autorizara, desde que não fôssemos longe e voltássemos dentro de uma hora.

— Então se apresse, Ellen! — exclamou. — Sei aonde quero ir: a um lugar onde há um grupo de perdizes. Quero ver se já fizeram os ninhos.

— Deve ser bem longe, lá em cima — respondi. — Elas não fazem ninho na borda da charneca.

— Não, não é — disse. — Já fui bem perto com papai.

Pus o chapéu e saí, sem pensar mais no assunto. Ela saltava à minha frente, voltava para junto de mim e disparava outra vez, como um galgo jovem. De início, eu me distraía bastante ouvindo as cotovias cantar perto e longe, aproveitando o sol doce e morno e observando-a, minha querida e minha alegria, com os cachos dourados voando soltos para trás, as faces coradas, tão suaves e puras em seu viço quanto uma rosa silvestre, e os olhos radiantes de uma felicidade sem nuvens. Era uma criatura feliz e um anjo naquele tempo. Pena que não conseguisse se contentar.

— Bem — perguntei —, onde estão suas perdizes, srta. Cathy? Já devíamos ter chegado: a cerca do parque da Granja ficou muito longe.

— Ah, só mais um pouco, Ellen, só mais um pouco — era sempre a resposta. — Suba aquela elevação, passe aquele barranco, e, quando chegar do outro lado, já vou ter espantado as aves.

Mas havia tantas elevações e barrancos para subir e atravessar que, por fim, comecei a me cansar e disse que precisávamos parar e voltar. Gritei para ela, que ia muito adiante. Ou não ouviu ou não se importou, porque continuou saltando, e fui obrigada a segui-la. Por fim, mergulhou numa baixada, e, antes que eu tornasse a vê-la, estava duas milhas mais perto do Morro dos Ventos Uivantes do que da própria casa. Vi duas pessoas detê-la e tive certeza de que uma delas era o próprio sr. Heathcliff.

Cathy fora apanhada saqueando, ou ao menos procurando, ninhos de perdizes. O Morro era propriedade de Heathcliff, e ele repreendia a caçadora furtiva.

— Não peguei nenhum, nem encontrei — dizia ela quando cheguei com esforço, abrindo as mãos para confirmar a afirmação. — Não pretendia pegar, mas papai disse que havia muitos aqui em cima, e eu queria ver os ovos.

Heathcliff me lançou um sorriso mal-intencionado, demonstrando que sabia quem éramos e, por consequência, a má vontade que nos tinha, e perguntou quem era "papai".

— O sr. Linton, de Thrushcross Grange — respondeu. — Achei que não me conhecesse, ou não teria falado daquele jeito.

— Então você supõe que papai seja muito estimado e respeitado? — perguntou, sarcástico.

— E quem é o senhor? — perguntou Catherine, examinando-o com curiosidade. — Aquele homem eu já vi antes. É seu filho?

Apontou para Hareton, a outra pessoa, que só ganhara mais tamanho e força com os dois anos acrescentados à idade. Parecia tão desajeitado e rude quanto antes.

— Srta. Cathy — interrompi —, daqui a pouco estaremos fora há três horas em vez de uma. Precisamos mesmo voltar.

— Não, aquele homem não é meu filho — respondeu Heathcliff, afastando-me. — Mas tenho um, e você também já o viu. E, embora sua ama esteja com pressa, acho que faria bem às duas descansar um pouco. Quer contornar essa ponta da charneca e entrar na minha casa? Depois do descanso, chegará mais cedo à sua; e será bem recebida.

Sussurrei a Catherine que não devia, em hipótese alguma, aceitar o convite: estava completamente fora de questão.

— Por quê? — perguntou em voz alta. — Estou cansada de correr, e o chão está molhado de orvalho: não posso me sentar aqui. Vamos,

Ellen. Além disso, ele diz que já vi seu filho. Acho que está enganado, mas imagino onde mora: naquela fazenda que visitei quando voltava dos Rochedos de Penistone. Não é?

— É. Vamos, Nelly, fique quieta; ela vai gostar de nos visitar. Hareton, vá na frente com a moça. Você anda comigo, Nelly.

— Não, ela não vai a lugar nenhum desses! — exclamei, tentando soltar o braço que ele agarrara. Mas Catherine já estava quase nos degraus da porta, correndo a toda velocidade pela curva da elevação. O acompanhante designado nem fingiu escoltá-la: desviou-se pela beira da estrada e desapareceu.

— Sr. Heathcliff, isso é muito errado — continuei. — O senhor sabe que não tem boa intenção. Ela vai encontrar Linton e contar tudo assim que voltarmos, e a culpa vai cair em mim.

— Quero que ela veja Linton — respondeu. — Ele está com melhor aparência nestes últimos dias, e não é sempre que está em condições de ser visto. E logo vamos convencê-la a guardar segredo da visita. Que mal há nisso?

— O mal é que o pai dela me odiaria se soubesse que permiti sua entrada na sua casa, e tenho certeza de que o senhor tem alguma intenção ruim ao incentivá-la — respondi.

— Minha intenção é a mais honesta possível. Vou lhe dizer tudo — disse ele. — Que os dois primos se apaixonem e se casem. Estou sendo generoso com seu patrão: a filhinha dele não tem herança garantida e, se colaborar com meus desejos, estará amparada de imediato como sucessora junto com Linton.

— Se Linton morrer — respondi —, e sua vida é bastante incerta, Catherine será a herdeira.

— Não, não será — disse. — Não há cláusula no testamento que garanta isso: a propriedade dele viria para mim. Mas, para evitar disputas, desejo a união dos dois e estou decidido a realizá-la.

— E eu estou decidida a nunca mais deixá-la se aproximar da sua casa comigo — retruquei quando chegamos ao portão, onde a srta. Cathy nos esperava.

Heathcliff mandou que eu me calasse e, passando à nossa frente pelo caminho, se apressou a abrir a porta. A senhorita o olhou várias vezes, como se não conseguisse decidir o que pensar dele. Mas agora ele sorria quando seus olhos se encontravam e suavizava a voz ao falar com ela. Fui tola o bastante para imaginar que a lembrança da mãe pudesse desarmar seu desejo de feri-la. Linton estava diante da lareira. Saíra para andar pelos campos, pois ainda usava o gorro e chamava Joseph para lhe trazer sapatos secos. Crescera bastante para a idade, faltando ainda alguns meses para completar dezesseis anos. Seus traços continuavam bonitos, e seus olhos e sua pele tinham mais brilho do que eu recordava, embora fosse apenas um viço passageiro emprestado pelo ar saudável e pelo sol agradável.

— Agora, quem é aquele? — perguntou o sr. Heathcliff, voltando-se para Cathy. — Consegue dizer?

— Seu filho? — respondeu, depois de examinar primeiro um, depois o outro, em dúvida.

— Sim, sim — disse ele. — Mas esta é a única vez que o viu? Pense! Ah, você tem memória curta. Linton, não se lembra da prima que tanto nos aborrecia dizendo que queria ver?

— O quê, Linton! — exclamou Cathy, iluminando-se de surpresa e alegria ao ouvir o nome. — É aquele pequeno Linton? Está mais alto do que eu! Você é Linton?

O rapaz avançou e confirmou; ela o beijou com entusiasmo, e os dois se olharam espantados com as mudanças que o tempo fizera em cada um. Catherine atingira sua altura definitiva. Seu corpo era ao mesmo tempo cheio e esbelto, flexível como aço, e toda sua aparência brilhava de saúde e disposição. O aspecto e os movimentos de Linton

eram muito lânguidos, e seu corpo, extremamente delgado, mas havia uma graça em seus modos que atenuava esses defeitos e não chegava a torná-lo desagradável. Depois de trocar com ele muitas demonstrações de carinho, a prima foi até o sr. Heathcliff, que permanecia junto à porta, dividindo a atenção entre as coisas de dentro e as de fora: isto é, fingindo observar as de fora enquanto, na verdade, só prestava atenção às de dentro.

— Então o senhor é meu tio! — exclamou, erguendo-se na ponta dos pés para cumprimentá-lo. — Achei que gostava do senhor, embora tenha sido zangado no começo. Por que não visita a Granja com Linton? Morar tantos anos tão perto e nunca nos ver é estranho; por que fez isso?

— Visitei uma ou duas vezes além da conta antes de você nascer — respondeu. — Pronto... maldição! Se tem beijos sobrando, dê a Linton: comigo, são desperdiçados.

— Ellen malvada! — exclamou Catherine, vindo em seguida me atacar com suas carícias generosas. — Ellen perversa, tentando me impedir de entrar! Mas daqui em diante vou fazer este passeio toda manhã: posso, tio? E às vezes trazer papai. Não vai gostar de nos ver?

— Naturalmente — respondeu o tio, com uma careta mal contida, resultado de sua profunda aversão aos dois visitantes propostos. — Mas espere — continuou, voltando-se para a jovem. — Agora que penso nisso, é melhor contar. O sr. Linton tem preconceito contra mim: em certa época de nossas vidas, brigamos com uma ferocidade nada cristã. E, se você mencionar a ele que veio aqui, vai proibir suas visitas por completo. Portanto, não deve mencionar, a menos que não se importe de deixar de ver seu primo. Pode vir, se quiser, mas não deve falar disso.

— Por que brigaram? — perguntou Catherine, bastante abatida.

— Ele me considerava pobre demais para me casar com sua irmã — respondeu Heathcliff — e ficou contrariado quando consegui. Seu orgulho foi ferido, e nunca vai me perdoar.

— Isso está errado! — disse a moça. — Um dia vou dizer isso a ele. Mas Linton e eu não temos nada a ver com a briga de vocês. Então não venho mais aqui: ele irá à Grange.

— É longe demais para mim — murmurou o primo. — Andar quatro milhas me mataria. Não, venha aqui de vez em quando, srta. Catherine. Não toda manhã, mas uma ou duas vezes por semana.

O pai lançou ao filho um olhar de amargo desprezo.

— Temo que meu esforço seja em vão, Nelly — murmurou para mim. — A "srta. Catherine", como esse tolo a chama, vai descobrir o valor dele e mandá-lo para o diabo. Ah, se fosse Hareton! Sabe que, vinte vezes por dia, eu cobiço Hareton, com toda a sua degradação? Teria amado o rapaz se ele fosse outra pessoa. Mas acho que está a salvo do amor dela. Vou colocá-lo como rival dessa criatura insignificante, a menos que ela mesma trate de se mexer depressa. Calculamos que mal vai durar até os dezoito anos. Ah, maldita coisa sem graça! Está absorvido em secar os pés e nem olha para ela. Linton!

— Sim, pai — respondeu o menino.

— Não tem nada para mostrar à sua prima por aqui, nem uma toca de coelho ou de doninha? Leve-a ao jardim antes de trocar os sapatos, e depois à estrebaria para ver seu cavalo.

— Você não prefere ficar sentada aqui? — perguntou Linton a Cathy, num tom que expressava relutância em se mexer de novo.

— Não sei — respondeu ela, lançando um olhar desejoso à porta, evidentemente ansiosa por se movimentar.

Ele ficou sentado e se encolheu mais perto do fogo. Heathcliff se levantou e foi à cozinha, depois ao pátio, chamando Hareton. Hareton respondeu, e logo os dois voltaram. O rapaz tinha se lavado, como mostravam suas faces avermelhadas e os cabelos molhados.

— Ah, vou perguntar ao senhor, tio — exclamou a srta. Cathy, lembrando-se da afirmação da governanta. — Aquele não é meu primo, é?

— Sim — respondeu —, sobrinho da sua mãe. Não gosta dele?

Catherine fez uma cara esquisita.

— Não é um rapaz bonito? — continuou ele.

A pequena mal-educada ficou na ponta dos pés e sussurrou uma frase no ouvido de Heathcliff. Ele riu; Hareton fechou a cara. Percebi que era muito sensível a qualquer suspeita de desprezo e tinha, evidentemente, uma noção vaga de sua inferioridade. Mas seu patrão ou guardião dissipou a expressão sombria ao exclamar:

— Você vai ser o preferido entre nós, Hareton! Ela diz que você é um... Como foi mesmo? Bem, alguma coisa muito lisonjeira. Vamos! Leve-a para conhecer a fazenda. E comporte-se como um cavalheiro, ouviu? Não use palavrões. Não fique olhando fixamente quando a jovem não estiver olhando para você, e esteja pronto para esconder o rosto quando ela estiver. E, quando falar, diga as palavras devagar e tire as mãos dos bolsos. Vá e a distraia da melhor maneira possível.

Ficou observando os dois passarem pela janela. Earnshaw mantinha o rosto completamente virado para longe da companheira. Parecia estudar a paisagem conhecida com o interesse de um forasteiro e de um artista. Catherine lhe lançou uma olhada furtiva, que expressava pouca admiração. Depois voltou a atenção para procurar coisas que a divertissem e seguiu alegremente, cantarolando para compensar a falta de conversa.

— Prendi a língua dele — observou Heathcliff. — Não vai se arriscar a dizer uma única sílaba durante o passeio! Nelly, você se lembra de mim na idade dele... não, alguns anos mais novo. Eu parecia tão estúpido, tão "sem miolo", como diz Joseph?

— Pior — respondi —, porque, além disso, era mais emburrado.

— Ele me dá prazer — continuou, pensando em voz alta. — Correspondeu às minhas expectativas. Se fosse tolo de nascença, eu não apreciaria nem metade. Mas não é tolo, e posso compreender todos os seus sentimentos, porque já os senti. Sei exatamente, por exemplo, o que está sofrendo agora. Mas isso é só o começo do que vai sofrer. E nunca conseguirá sair do abismo de rudeza e ignorância em que está. Prendi-o com mais firmeza do que seu pai canalha me prendeu, e num nível mais baixo, porque ele se orgulha da própria brutalidade. Ensinei-o a desprezar como tolice e fraqueza tudo o que vai além do animal. Não acha que Hindley teria orgulho do filho, se pudesse vê-lo? Quase tanto orgulho quanto eu tenho do meu. Mas há uma diferença: um é ouro usado para calçar ruas; o outro é estanho polido para imitar um serviço de prata. O meu não tem nada de valioso. Ainda assim, terei o mérito de fazê-lo render tudo o que um material tão pobre pode render. O dele tinha qualidades de primeira ordem, e elas estão perdidas, tornadas piores do que inúteis. Não tenho nada a lamentar. Ele teria mais motivos do que qualquer pessoa, exceto eu, seria capaz de imaginar. E o melhor é que Hareton tem uma afeição danada por mim! Vai admitir que superei Hindley nesse ponto. Se o vilão morto pudesse sair da sepultura para me insultar pelos males que fiz a seu filho, eu teria a diversão de ver o próprio filho empurrá-lo de volta, indignado por ele ousar atacar o único amigo que tem no mundo!

Heathcliff soltou uma risada diabólica diante da ideia. Não respondi, pois percebi que ele não esperava resposta. Enquanto isso, nosso jovem companheiro, sentado longe demais para ouvir a conversa, começou a demonstrar inquietação, provavelmente arrependido de ter se privado da companhia de Catherine por medo de um pouco de cansaço. O pai percebeu os olhares inquietos para a janela e a mão que se estendia, indecisa, para o gorro.

— Levante-se, seu preguiçoso! — exclamou, com uma animação fingida. — Vá atrás deles! Estão logo ali na esquina, perto das colmeias.

Linton reuniu as forças e deixou a lareira. A janela estava aberta e, quando ele saiu, ouvi Cathy perguntar ao acompanhante pouco sociável o que era a inscrição sobre a porta. Hareton olhou para cima e coçou a cabeça como um verdadeiro caipira.

— É alguma escrita maldita — respondeu. — Não sei ler.

— Não sabe ler? — exclamou Catherine. — Eu sei: está em inglês. Mas quero saber por que está aí.

Linton soltou uma risadinha, o primeiro sinal de alegria que mostrava.

— Ele não conhece as letras — disse à prima. — Você acreditaria que existe um ignorante tão colossal?

— Ele é normal? — perguntou a srta. Cathy, séria. — Ou é meio bobo, não tem o juízo certo? Já fiz duas perguntas, e nas duas ele ficou com uma cara tão estúpida que acho que não me entende. Eu certamente mal consigo entendê-lo!

Linton riu de novo e lançou um olhar provocador a Hareton, que, naquele momento, de fato não parecia compreender tudo com clareza.

— O único problema é preguiça, não é, Earnshaw? — disse. — Minha prima acha que você é idiota. Está vendo a consequência de desprezar o "aprendizado dos livros", como diria? Reparou, Catherine, na pronúncia horrível dele, típica de Yorkshire?

— Ora, e pra que diabo serve isso? — rosnou Hareton, mais à vontade para responder ao companheiro de todos os dias. Ia continuar, mas os dois jovens caíram numa gargalhada barulhenta: minha senhorita leviana estava encantada ao descobrir que podia transformar a fala estranha dele em diversão.

— Para que serve o diabo nessa frase? — riu Linton. — Papai disse para não usar palavrões, e você não consegue abrir a boca sem um. Tente se comportar como um cavalheiro, vamos!

— Se você num fosse mais moça do que rapaz, eu derrubava você agora mesmo, derrubava! Seu fiapo de gente miserável! — retrucou o rústico enfurecido, afastando-se com o rosto ardendo de raiva e humilhação, pois sabia que era insultado e não encontrava jeito de reagir.

O sr. Heathcliff, que ouvira a conversa tão bem quanto eu, sorriu ao vê-lo sair, mas, logo depois, lançou um olhar de aversão singular ao par leviano que ficou tagarelando à porta. O menino encontrava ânimo de sobra para discutir os defeitos e as limitações de Hareton e contar histórias sobre seu comportamento, e a menina se divertia com os comentários atrevidos e maldosos, sem considerar a maldade que revelavam. Comecei a sentir mais antipatia do que pena de Linton e a desculpar um pouco o pai por tê-lo em tão pouca conta.

Ficamos até a tarde: não consegui arrancar a srta. Cathy dali antes. Felizmente, meu patrão não saíra do aposento e não soube de nossa ausência prolongada. No caminho de volta, tentei esclarecer à menina o caráter das pessoas que acabáramos de deixar, mas ela pôs na cabeça que eu tinha preconceito contra elas.

— Ah! — exclamou. — Você está do lado de papai, Ellen: sei que é parcial, ou não teria me enganado durante tantos anos, fazendo acreditar que Linton morava longe daqui. Estou muito zangada, de verdade, só que tão contente que não consigo demonstrar! Mas precisa ficar calada sobre meu tio. Ele é meu tio, lembre-se, e vou repreender papai por ter brigado com ele.

Continuou assim até que abandonei a tentativa de convencê-la do engano. Não mencionou a visita naquela noite porque não viu o sr. Linton. No dia seguinte, tudo veio à tona, para meu grande

aborrecimento. Ainda assim, não lamentei inteiramente: achei que ele suportaria melhor do que eu o peso de orientá-la e adverti-la. Mas foi tímido demais ao oferecer razões satisfatórias para seu desejo de que ela evitasse relações com os moradores do Morro, e Catherine gostava de bons motivos para toda restrição que contrariasse sua vontade mimada.

— Papai! — exclamou depois dos cumprimentos da manhã. — Adivinhe quem vi ontem no passeio pela charneca. Ah, papai, você se assustou! Não agiu direito, agiu? Eu vi... mas escute, vou contar como descobri você e Ellen, que está de conluio com você e ainda fingia sentir tanta pena de mim quando eu ficava esperando e sempre me decepcionava porque Linton não voltava!

Fez um relato fiel do passeio e de suas consequências, e meu patrão, embora me lançasse mais de um olhar de censura, não disse nada até ela terminar. Então a puxou para perto e perguntou se sabia por que ele escondera que Linton morava tão próximo. Podia imaginar que fosse para lhe negar um prazer que poderia desfrutar sem perigo?

— Foi porque você não gosta do sr. Heathcliff — respondeu.

— Então acredita que me importo mais com meus sentimentos do que com os seus, Cathy? — perguntou. — Não, não foi porque eu não gosto do sr. Heathcliff, mas porque o sr. Heathcliff não gosta de mim e é um homem profundamente diabólico, que sente prazer em ferir e arruinar aqueles que odeia se lhe derem a menor oportunidade. Eu sabia que você não poderia manter contato com seu primo sem conviver com ele, e sabia que ele a detestaria por minha causa. Por isso, pensando no seu bem e em nada mais, tomei precauções para que não voltasse a ver Linton. Pretendia explicar isso quando fosse mais velha e lamento ter adiado.

— Mas o sr. Heathcliff foi muito cordial, papai — observou Catherine, nada convencida. — E não se opôs a que nos víssemos: disse que eu podia ir à casa dele quando quisesse, só não devia contar a você,

porque vocês tinham brigado e você não o perdoava por ter se casado com tia Isabella. E não perdoa mesmo. Você é o culpado: pelo menos ele está disposto a nos deixar ser amigos, Linton e eu, e você não.

Percebendo que ela não aceitaria apenas sua palavra sobre a maldade do tio por casamento, meu patrão fez um breve relato de como ele tratara Isabella e de como o Morro dos Ventos Uivantes se tornara sua propriedade. Não suportava falar muito do assunto, pois, embora o mencionasse pouco, ainda sentia pelo antigo inimigo o mesmo horror e a mesma aversão que ocupavam seu coração desde a morte da sra. Linton. "Ela ainda poderia estar viva, se não fosse por ele!" era sua reflexão amarga e constante, e, aos seus olhos, Heathcliff parecia um assassino. A srta. Cathy, que não conhecia más ações além de suas pequenas desobediências, injustiças e acessos de raiva, frutos de um temperamento vivo e da falta de reflexão, e dos quais se arrependia no mesmo dia, ficou espantada com a escuridão de uma alma capaz de guardar e esconder uma vingança durante anos e executar seus planos deliberadamente sem um momento de remorso. Pareceu tão impressionada e chocada com aquela nova visão da natureza humana, até então ausente de seus estudos e de suas ideias, que o sr. Edgar julgou desnecessário continuar. Acrescentou apenas: "Daqui em diante, querida, você saberá por que desejo que evite a casa e a família dele. Agora volte às suas ocupações e diversões de antes e não pense mais neles."

Catherine beijou o pai e se sentou tranquilamente para estudar por duas horas, como de costume. Depois o acompanhou pelo jardim, e o dia inteiro passou como sempre. Mas, à noite, quando se recolheu e fui ajudá-la a se despir, encontrei-a chorando, ajoelhada ao lado da cama.

— Ora, que vergonha, sua criança tola! — exclamei. — Se tivesse sofrimentos de verdade, sentiria vergonha de gastar uma lágrima com essa pequena contrariedade. Nunca teve sequer uma sombra de tristeza

séria, srta. Catherine. Imagine por um minuto que o patrão e eu morrêssemos e você ficasse sozinha no mundo: como se sentiria? Compare o que aconteceu com uma aflição dessas e agradeça pelos amigos que tem, em vez de cobiçar mais.

— Não estou chorando por mim, Ellen — respondeu. — É por ele. Esperava me ver de novo amanhã, e vai ficar tão decepcionado, e vai esperar por mim, e eu não vou aparecer!

— Bobagem! — disse. — Imagina que ele pensou tanto em você quanto você nele? Não tem Hareton como companhia? Nem uma pessoa em cem choraria por perder um parente que só viu duas vezes, durante duas tardes. Linton vai imaginar o que aconteceu e não vai se preocupar mais com você.

— Mas não posso escrever um bilhete para explicar por que não posso ir? — perguntou, levantando-se. — E mandar os livros que prometi emprestar? Os dele não são tão bons quanto os meus, e ficou com muita vontade de ler quando contei como eram interessantes. Não posso, Ellen?

— Não, de jeito nenhum! De jeito nenhum! — respondi, decidida. — Aí ele escreveria para você, e isso nunca teria fim. Não, srta. Catherine: o contato precisa acabar por completo. É o que papai espera, e vou garantir que aconteça.

— Mas como é que um bilhetinho...? — recomeçou, com uma expressão suplicante.

— Silêncio! — interrompi. — Não vamos começar com esses bilhetinhos. Deite-se.

Ela me lançou um olhar muito malcriado, tão malcriado que, de início, não quis lhe dar um beijo de boa-noite. Cobri-a e fechei a porta, muito contrariada, mas me arrependi no meio do caminho e voltei em silêncio. E lá estava a senhorita de pé junto à mesa, com uma folha em

branco à frente e um lápis na mão, que escondeu com ar culpado ao me ver.

— Não vai encontrar ninguém que leve isso, Catherine — disse —, se escrever. E agora vou apagar a vela.

Pus o apagador sobre a chama e, ao fazer isso, recebi um tapa na mão e um irritado "sua chata!". Saí de novo, e ela passou o ferrolho num de seus piores acessos de mau humor. A carta foi terminada e enviada ao destino por um menino do povoado que vinha buscar leite, mas só soube disso algum tempo depois. As semanas passaram, e Cathy recuperou o bom humor, embora adquirisse um gosto extraordinário por se esconder sozinha nos cantos. Muitas vezes, se eu me aproximava de repente enquanto lia, ela se assustava e se curvava sobre o livro, claramente querendo escondê-lo, e eu percebia pontas de folhas soltas saindo entre as páginas. Também pegou a mania de descer cedo e ficar rondando a cozinha, como se esperasse alguma coisa. E tinha uma gavetinha num móvel da biblioteca, com a qual se entretinha por horas e cuja chave tomava o cuidado especial de retirar ao se afastar.

Um dia, enquanto ela examinava essa gaveta, notei que os brinquedos e enfeites que havia pouco a ocupavam tinham se transformado em papéis dobrados. Minha curiosidade e minhas suspeitas despertaram, e resolvi espiar os tesouros misteriosos. Assim, à noite, logo que ela e meu patrão estavam seguramente no andar de cima, procurei entre as chaves da casa e logo encontrei uma que servia na fechadura. Abri, despejei todo o conteúdo no avental e o levei para examinar com calma no meu quarto. Embora não pudesse deixar de suspeitar, ainda assim me surpreendi ao descobrir um volume de correspondência, quase diária, de Linton Heathcliff: respostas aos documentos que ela enviara. As primeiras cartas eram curtas e constrangidas. Aos poucos, porém, se tornavam longas cartas de amor, tolas, como era natural pela idade do autor, mas com toques aqui e ali

que me pareceram tomados de uma fonte mais experiente. Algumas me soaram como misturas singularmente estranhas de ardor e monotonia: começavam com sentimentos fortes e terminavam no estilo afetado e prolixo que um estudante poderia usar para uma namorada imaginária e sem corpo. Não sei se satisfaziam Cathy, mas, para mim, pareciam um amontoado de bobagens sem valor. Depois de examinar quantas achei necessário, amarrei-as num lenço e as pus de lado, tornando a trancar a gaveta vazia.

Seguindo o hábito, minha senhorita desceu cedo e foi à cozinha. Via ir até a porta quando chegou certo menino. Enquanto a leiteira enchia sua vasilha, ela enfiou alguma coisa no bolso do casaco dele e tirou outra. Dei a volta pelo jardim e fiquei à espera do mensageiro, que lutou valentemente para defender o que lhe fora confiado; entre nós dois, derramamos o leite, mas consegui tomar a carta. Depois de ameaçá-lo com consequências sérias se não corresse para casa, fiquei junto ao muro e li a composição amorosa da srta. Cathy. Era mais simples e mais eloquente que a do primo: muito bonita e muito tola. Balancei a cabeça e entrei em casa, pensativa. Como chovia, ela não podia se distrair passeando pelo parque. Assim, ao terminar os estudos da manhã, recorreu ao consolo da gaveta. O pai lia à mesa; eu, de propósito, arranjara trabalho numa franja descosturada da cortina, mantendo os olhos atentos aos movimentos dela. Nunca uma ave, voltando a um ninho saqueado que deixara cheio de filhotes piando, demonstrou em seus gritos aflitos e no bater das asas um desespero mais completo do que ela naquele único "Ah!" e na mudança que transformou seu rosto até então feliz. O sr. Linton ergueu os olhos.

— O que houve, meu amor? Você se machucou? — perguntou.

O tom e o olhar dele lhe deram certeza de que não fora ele quem descobrira o tesouro.

— Não, papai! — respondeu, sem ar. — Ellen! Ellen! Venha lá para cima... estou passando mal!

Obedeci ao chamado e a acompanhei.

— Ah, Ellen! Você está com elas — começou imediatamente, caindo de joelhos assim que nos vimos sozinhas, de porta fechada. — Ah, me devolva, e nunca, nunca mais vou fazer isso! Não conte ao papai. Você não contou, contou, Ellen? Diga que não contou! Fui muito levada, mas não vou fazer de novo!

Com uma severidade solene, mandei que se levantasse.

— Então, srta. Catherine — exclamei —, parece que já está bem adiantada: faz bem em sentir vergonha dessas cartas! Um belo monte de bobagens para estudar nas horas livres, sem dúvida; ora, é bom o bastante até para ser publicado! E o que acha que o patrão vai pensar quando eu mostrar tudo? Ainda não mostrei, mas não imagine que vou guardar seus segredos ridículos. Que vergonha! E deve ter sido você quem começou a escrever esses absurdos: tenho certeza de que ele não teria pensado nisso.

— Não fui! Não fui! — soluçou Cathy, como se o coração fosse se partir. — Nem pensei em amá-lo até...

— Amá-lo! — exclamei, com todo o desprezo que consegui pôr na palavra. — Amá-lo! Já se ouviu uma coisa dessas? Eu poderia muito bem dizer que amo o moleiro que vem uma vez por ano comprar nosso grão. Belo amor, de fato! Somando as duas vezes, você mal viu Linton por quatro horas na vida! Pois aqui estão essas bobagens infantis. Vou levá-las à biblioteca, e veremos o que seu pai diz desse amor.

Ela saltou em direção às cartas preciosas, mas eu as ergui acima da cabeça; então despejou novas súplicas desesperadas para que eu as queimasse, fizesse qualquer coisa, menos mostrá-las. E, como no fundo eu tinha tanta vontade de rir quanto de repreender, pois considerava tudo aquilo vaidade de menina, acabei cedendo em parte e perguntei:

"Se eu concordar em queimá-las, promete de verdade que nunca mais vai mandar nem receber uma carta, nem um livro (pois vi que mandou livros), nem mechas de cabelo, anéis ou brinquedos?"

— Nós não mandamos brinquedos! — exclamou Catherine, com o orgulho vencendo a vergonha.

— Nem coisa alguma, então, minha senhora? — perguntei. — Se não prometer, lá vou eu.

— Prometo, Ellen! — exclamou, agarrando meu vestido. — Ah, ponha no fogo, por favor, ponha!

Mas, quando comecei a abrir espaço entre as brasas com o atiçador, o sacrifício se tornou doloroso demais. Ela implorou com insistência que eu poupasse uma ou duas.

— Uma ou duas, Ellen, para guardar de lembrança de Linton!

Desatei o lenço e comecei a deixar as cartas cair por uma das pontas, e a chama subiu, ondulando, pela chaminé.

— Vou ficar com uma, sua cruel! — gritou, enfiando a mão no fogo e retirando alguns pedaços meio queimados, à custa dos próprios dedos.

— Muito bem, e eu vou ficar com algumas para mostrar ao papai! — respondi, sacudindo o restante de volta para o embrulho e me virando outra vez para a porta.

Ela despejou os pedaços enegrecidos nas chamas e fez sinal para que eu terminasse o sacrifício. Assim fiz: mexi as cinzas e as enterrei sob uma pá de carvão. Ela se retirou em silêncio para seu quarto, sentindo-se profundamente injustiçada. Desci para dizer ao patrão que o mal-estar da senhorita quase passara, mas que eu julgava melhor que ficasse deitada por algum tempo. Não quis jantar, mas reapareceu na hora do chá, pálida, com os olhos avermelhados e uma aparência extraordinariamente submissa. Na manhã seguinte, respondi à carta com um pedaço de papel em que escrevi: "Pede-se ao jovem Heathcliff

que não envie mais bilhetes à srta. Linton, pois ela não os receberá". Daí em diante, o menino passou a vir com os bolsos vazios.

Capítulo XXII

O verão terminou, e o começo do outono também: já passara o dia de São Miguel, mas a colheita estava atrasada naquele ano, e alguns de nossos campos ainda não tinham sido ceifados. O sr. Linton e a filha costumavam passear entre os ceifeiros. Quando recolheram os últimos feixes, ficaram até o anoitecer, e, como a noite estava fria e úmida, meu patrão pegou um resfriado forte, que se instalou teimosamente nos pulmões e o manteve dentro de casa durante todo o inverno, praticamente sem interrupção.

A pobre Cathy, afugentada de seu pequeno romance, ficara muito mais triste e apagada desde que o abandonara, e o pai insistia para que lesse menos e se exercitasse mais. Já não tinha a companhia dele, e considerei meu dever substituí-la, tanto quanto possível, pela minha: uma substituição insuficiente, pois eu só podia tirar duas ou três horas das minhas muitas ocupações diárias para acompanhá-la, e, além disso, minha companhia era evidentemente menos desejável que a dele.

Numa tarde de outubro ou do começo de novembro (uma tarde fresca e úmida, em que a relva e os caminhos farfalhavam sob folhas mortas molhadas, e o céu azul e frio estava meio escondido por nuvens, faixas cinza-escuras que subiam depressa do oeste e anunciavam muita chuva), pedi à senhorita que desistisse do passeio, pois tinha certeza de que choveria. Ela se recusou, e eu, contra a vontade, pus uma capa e peguei o guarda-chuva para acompanhá-la num passeio até a parte baixa do parque, um trajeto regular que ela geralmente escolhia quando estava

desanimada; e invariavelmente ficava assim quando o sr. Edgar piorava, coisa que ele nunca confessava, mas que nós duas adivinhávamos por seu silêncio mais profundo e pela melancolia do rosto. Ela seguia triste: já não corria nem saltava, embora o vento gelado bem pudesse tê-la convidado a correr. Muitas vezes, pelo canto do olho, eu a via erguer a mão e limpar alguma coisa da face. Olhei ao redor, procurando um meio de distraí-la. De um lado do caminho se erguia um barranco alto e irregular, onde aveleiras e carvalhos atrofiados, com as raízes meio expostas, se sustentavam precariamente. O solo era solto demais para os carvalhos, e ventos fortes tinham derrubado alguns até deixá-los quase horizontais. No verão, a srta. Catherine adorava subir por aqueles troncos e se sentar nos galhos, balançando a vinte pés do chão. Eu, satisfeita com sua agilidade e seu coração leve de criança, ainda assim achava apropriado repreendê-la sempre que a encontrava naquela altura, mas de um jeito que ela sabia não ser necessário descer. Do jantar até o chá, ficava deitada em seu berço embalado pela brisa, sem fazer nada além de cantar para si mesma velhas canções que aprendera comigo, observar as aves, suas companheiras de moradia, alimentando os filhotes e incentivando-os a voar, ou se aninhar de olhos fechados, meio pensando, meio sonhando, mais feliz do que as palavras podem expressar.

— Veja, senhorita! — exclamei, apontando para um recanto debaixo das raízes de uma árvore retorcida. — O inverno ainda não chegou. Há uma florzinha ali em cima, o último botão daquela multidão de campânulas que cobriu esses degraus de relva com uma névoa lilás em julho. Quer subir e colhê-la para mostrar ao papai?

Cathy ficou olhando por muito tempo a flor solitária que tremia em seu abrigo de terra e, por fim, respondeu: — Não, não vou tocar nela. Mas parece melancólica, não parece, Ellen?

— Sim — observei —, quase tão enregelada e sem forças quanto você: suas faces estão sem sangue. Vamos dar as mãos e correr. Está tão abatida que acho que consigo acompanhá-la.

— Não — repetiu, e continuou andando sem pressa, parando de vez em quando para contemplar um pouco de musgo, um tufo de grama esbranquiçada ou um cogumelo que espalhava seu laranja vivo entre os montes de folhas marrons; e, a todo instante, erguia a mão para o rosto virado.

— Catherine, por que está chorando, meu amor? — perguntei, aproximando-me e passando o braço por seus ombros. — Não deve chorar porque papai está resfriado. Agradeça por não ser coisa pior.

Ela então deixou de conter as lágrimas, e os soluços lhe sufocavam a respiração.

— Ah, vai ser coisa pior — disse. — E o que vou fazer quando papai e você me deixarem e eu ficar sozinha? Não consigo esquecer suas palavras, Ellen: estão sempre nos meus ouvidos. Como a vida vai mudar, como o mundo vai ficar triste quando papai e você morrerem!

— Ninguém pode saber se você não morrerá antes de nós — respondi. — É errado antecipar desgraças. Vamos esperar que ainda haja muitos e muitos anos antes de qualquer um de nós partir: o patrão é jovem, e eu sou forte, mal tenho quarenta e cinco. Minha mãe viveu até os oitenta, bem-disposta até o fim. E suponha que o sr. Linton viva até os sessenta: seriam mais anos do que você já contou, senhorita. Não seria tolice lamentar uma calamidade com mais de vinte anos de antecedência?

— Mas tia Isabella era mais nova que papai — observou, erguendo os olhos com uma esperança tímida, à procura de mais consolo.

— Tia Isabella não tinha você e eu para cuidar dela — respondi. — Não era tão feliz quanto o patrão: não tinha tantos motivos para viver. Tudo o que precisa fazer é cuidar bem do seu pai e animá-lo, deixando

que a veja alegre, e evitar causar-lhe preocupação com qualquer assunto. Preste atenção nisso, Cathy! Não vou esconder: você poderia matá-lo se fosse desvairada e imprudente, alimentasse uma paixão tola e fantasiosa pelo filho de uma pessoa que ficaria feliz em vê-lo no túmulo e deixasse que ele descobrisse que você sofre pela separação que julgou necessário impor.

— Não me aflijo com nada no mundo além da doença de papai — respondeu minha companheira. — Nada me importa em comparação com ele. E nunca, nunca... ah, nunca, enquanto tiver juízo, vou fazer uma coisa ou dizer uma palavra para aborrecê-lo. Amo papai mais do que a mim mesma, Ellen, e sei disso por uma razão: toda noite peço para viver mais do que ele, porque prefiro ser infeliz a que ele seja. Isso prova que o amo mais do que a mim mesma.

— Belas palavras — respondi. — Mas os atos também precisam provar. E, depois que ele melhorar, trate de não esquecer as resoluções tomadas na hora do medo.

Enquanto conversávamos, nos aproximamos de uma porta que dava para a estrada, e a senhorita, voltando a se iluminar como um raio de sol, subiu e se sentou no alto do muro, estendendo-se para colher frutos vermelhos nas pontas dos ramos das roseiras silvestres que sombreavam o caminho do lado de fora. Os frutos mais baixos já tinham desaparecido, e os de cima só podiam ser alcançados pelas aves, a não ser de onde Cathy estava agora. Ao se esticar para puxá-los, seu chapéu caiu, e, como a porta estava trancada, ela propôs descer do outro lado para apanhá-lo. Pedi que tomasse cuidado para não cair, e ela desapareceu com agilidade. Mas voltar não era tão fácil: as pedras eram lisas e bem cimentadas, e as roseiras e os ramos dispersos de amora não ofereciam apoio para subir. Eu, tola, só me lembrei disso quando a ouvi rir e exclamar: — Ellen! Vai ter de buscar a chave, ou vou precisar dar a volta até a portaria. Não consigo escalar a fortaleza deste lado!

— Fique onde está — respondi. — Tenho meu molho de chaves no bolso: talvez consiga abrir. Se não, vou buscar.

Catherine se divertia dançando de um lado para o outro diante da porta enquanto eu experimentava todas as chaves grandes, uma após a outra. Acabara de tentar a última e descobrira que nenhuma servia. Então, repetindo o pedido de que ficasse ali, me preparava para correr para casa o mais depressa possível quando um som que se aproximava me deteve. Era o trote de um cavalo, e a dança de Cathy também parou.

— Quem é? — sussurrei.

— Ellen, queria que você conseguisse abrir a porta — respondeu minha companheira, num sussurro aflito.

— Olá, srta. Linton! — exclamou uma voz grave, a do cavaleiro. — Fico contente em encontrá-la. Não tenha pressa de entrar, porque tenho uma explicação a pedir e obter.

— Não vou falar com o senhor, sr. Heathcliff — respondeu Catherine. — Papai diz que é um homem mau e que odeia tanto a ele quanto a mim, e Ellen diz a mesma coisa.

— Isso não vem ao caso — disse Heathcliff (era ele mesmo). — Suponho que não odeie meu filho, e é a respeito dele que exijo sua atenção. Sim, tem motivo para ficar vermelha. Há dois ou três meses, não tinha o hábito de escrever a Linton? Brincando de amor, não é? Os dois mereciam uma surra por isso! Principalmente você, que é mais velha e, como se vê, menos sensível. Estou com suas cartas e, se me responder com atrevimento, vou mandá-las ao seu pai. Imagino que tenha se cansado da diversão e a abandonado, certo? Pois, junto com ela, jogou Linton num Pântano do Desespero. Ele falava sério: estava apaixonado de verdade. Tão certo quanto estou vivo, está morrendo por você: seu coração se parte com sua inconstância, não no sentido figurado, mas de verdade. Embora Hareton faça dele motivo de piada há seis semanas, e eu tenha empregado medidas mais sérias e tentado

assustá-lo para tirá-lo dessa idiotice, ele piora a cada dia. Estará debaixo da terra antes do verão, a menos que você o recupere!

— Como pode mentir tão descaradamente para essa pobre menina? — gritei do lado de dentro. — Por favor, siga seu caminho! Como consegue inventar deliberadamente falsidades tão mesquinhas? Srta. Cathy, vou arrebentar a fechadura com uma pedra. Não acredite nessas bobagens vis. Você mesma pode sentir que é impossível alguém morrer de amor por um estranho.

— Eu não sabia que havia gente escutando escondida — resmungou o vilão desmascarado. — Minha estimada sra. Dean, gosto de você, mas não gosto do seu jogo duplo — acrescentou em voz alta. — Como pôde mentir tão descaradamente, afirmando que eu odiava a "pobre menina", e inventar histórias de bicho-papão para afastá-la da minha porta? Catherine Linton (só o nome já me aquece), minha bela menina, estarei fora a semana inteira: vá ver se não falei a verdade. Vá, seja boazinha! Imagine seu pai no meu lugar e Linton no seu; depois pense no valor que daria a um namorado indiferente que se recusasse a dar um passo para consolá-la quando seu próprio pai implorasse. E não caia, por pura estupidez, no mesmo erro. Juro pela minha salvação que ele está indo para o túmulo, e só você pode salvá-lo!

A fechadura cedeu, e saí.

— Juro que Linton está morrendo — repetiu Heathcliff, olhando-me fixamente. — E a tristeza e a decepção estão apressando sua morte. Nelly, se não vai deixá-la ir, pode ir você mesma. Mas não voltarei antes deste dia na semana que vem, e acho que seu próprio patrão dificilmente se oporia a que ela visitasse o primo.

— Entre — disse eu, pegando Cathy pelo braço e quase forçando-a a voltar, pois ela demorava, examinando com olhos perturbados as feições de quem falava, severas demais para revelar o engano que escondiam.

Ele aproximou o cavalo e, inclinando-se, observou:

— Srta. Catherine, vou admitir que tenho pouca paciência com Linton, e Hareton e Joseph têm menos ainda. Admito que ele vive entre gente dura. Definha por falta de bondade, tanto quanto de amor, e uma palavra carinhosa sua seria o melhor remédio. Não dê ouvidos às advertências cruéis da sra. Dean. Seja generosa e arranje um jeito de vê-lo. Sonha com você dia e noite, e ninguém consegue convencê-lo de que você não o odeia, já que não escreve nem aparece.

Fechei a porta e rolei uma pedra para ajudar a fechadura danificada a mantê-la fechada. Abrindo o guarda-chuva, puxei a menina para debaixo dele, pois a chuva começava a atravessar os galhos gemedores das árvores e nos avisava para não demorar. A pressa impediu comentários sobre o encontro com Heathcliff enquanto corríamos para casa, mas adivinhei instintivamente que uma escuridão dupla cobria agora o coração de Catherine. Seu rosto estava tão triste que nem parecia o dela: evidentemente considerava verdadeira cada sílaba do que ouvira.

O patrão se recolhera antes de chegarmos. Cathy foi de mansinho ao quarto para saber como estava: ele adormecera. Ela voltou e pediu que eu ficasse com ela na biblioteca. Tomamos chá juntas, e depois ela se deitou no tapete e pediu que eu não falasse, porque estava cansada. Peguei um livro e fingi ler. Assim que me julgou absorvida, recomeçou seu choro silencioso, que naquele momento parecia ser sua diversão preferida. Deixei-a aproveitar por um tempo e depois protestei, zombando e ridicularizando todas as afirmações do sr. Heathcliff sobre o filho, como se tivesse certeza de que ela concordaria. Ai de mim! Não tive habilidade para anular o efeito de seu relato: era exatamente o que ele pretendia.

— Talvez você tenha razão, Ellen — respondeu —, mas nunca vou ficar em paz até saber. E preciso dizer a Linton que não é minha culpa não escrever e convencê-lo de que não vou mudar.

De que adiantavam a raiva e os protestos contra sua credulidade tola? Nós nos separamos naquela noite como inimigas, mas, no dia seguinte, lá estava eu na estrada para o Morro dos Ventos Uivantes, ao lado do pônei da minha jovem patroa teimosa. Não suportava testemunhar sua tristeza, ver o rosto pálido e abatido e os olhos pesados. Cedi, na fraca esperança de que o próprio Linton demonstrasse, pela maneira de nos receber, quão pouco daquela história se apoiava nos fatos.

Capítulo XXIII



noite chuvosa dera lugar a uma manhã enevoada, meio geada, meio garoa, e riachos passageiros atravessavam nosso caminho, descendo das terras altas com um murmúrio. Meus pés estavam completamente encharcados. Eu estava irritada e abatida, justamente no humor adequado para tirar o maior proveito daqueles incômodos. Entramos na fazenda pela cozinha, para ter certeza de que o sr. Heathcliff estava mesmo ausente, pois eu confiava pouco em sua palavra.

Joseph parecia instalado numa espécie de paraíso particular, sozinho junto a uma lareira crepitante, com um quartilho de cerveja na mesa ao lado, eriçado de grandes pedaços de bolo de aveia torrado, e seu cachimbo curto e preto na boca. Catherine correu para o fogo para se aquecer. Perguntei se o patrão estava em casa. A pergunta ficou tanto tempo sem resposta que pensei que o velho tivesse ficado surdo e a repeti mais alto.

— Nã-ão! — rosnou, ou melhor, berrou pelo nariz. — Nã-ão! Vão voltando pra donde vieram.

— Joseph! — gritou uma voz irritada do cômodo interno, ao mesmo tempo que eu falava. — Quantas vezes vou ter de chamar? Só restam umas brasas vermelhas. Joseph! Venha agora mesmo.

Baforadas vigorosas e um olhar obstinado para a lareira declararam que ele não tinha ouvidos para aquele apelo. A governanta e Hareton não estavam à vista: provavelmente ela saíra para alguma tarefa, e ele, para trabalhar. Reconhecemos a voz de Linton e entramos.

— Ah, espero que morra num sótão, morto de fome! — disse o menino, confundindo nossos passos com os do criado negligente.

Parou ao perceber o engano, e a prima correu até ele.

— É você, srta. Linton? — disse, levantando a cabeça do braço da grande poltrona em que estava reclinado. — Não, não me beije: fico sem ar. Meu Deus! Papai disse que você viria — continuou, depois de se recuperar um pouco do abraço de Catherine, que ficou ao lado dele com ar muito arrependido. — Pode fechar a porta, por favor? Deixou aberta, e aquelas... aquelas criaturas detestáveis não trazem carvão para o fogo. Está tão frio!

Remexi as brasas e fui buscar um balde de carvão eu mesma. O doente reclamou de estar coberto de cinza, mas tinha uma tosse penosa e parecia febril e adoentado, por isso não censurei seu mau humor.

— Então, Linton — murmurou Catherine quando a testa franzida dele relaxou —, está contente de me ver? Posso fazer alguma coisa para ajudá-lo?

— Por que não veio antes? — perguntou. — Devia ter vindo, em vez de escrever. Fiquei terrivelmente cansado de escrever aquelas cartas compridas. Teria preferido muito mais conversar com você. Agora não aguento conversar nem fazer nada. Onde será que Zillah está? Você pode — disse, olhando para mim — ir à cozinha ver?

Eu não recebera agradecimento pelo outro serviço e, sem vontade de correr de um lado para o outro às suas ordens, respondi:

— Não há ninguém lá além de Joseph.

— Quero beber alguma coisa — exclamou, irritado, virando o rosto. — Zillah vive passeando em Gimmerton desde que papai saiu. É uma miséria! E sou obrigado a descer até aqui, porque resolveram nunca me ouvir quando estou lá em cima.

— Seu pai cuida bem de você, sr. Heathcliff? — perguntei, percebendo que as iniciativas carinhosas de Catherine tinham sido contidas.

— Cuida? Pelo menos faz com que eles cuidem um pouco mais — exclamou. — Miseráveis! Sabe, srta. Linton, aquele bruto do Hareton ri de mim! Eu o odeio! Na verdade, odeio todos eles: são criaturas odiosas.

Cathy começou a procurar água. Encontrou uma jarra no aparador, encheu um copo e o trouxe. Ele mandou que acrescentasse uma colher de vinho de uma garrafa sobre a mesa e, depois de beber um pouco, pareceu mais tranquilo e disse que ela era muito bondosa.

— E está contente de me ver? — perguntou ela, repetindo a pergunta anterior e feliz ao perceber o início de um sorriso.

— Sim, estou. É uma novidade ouvir uma voz como a sua! — respondeu. — Mas fiquei aborrecido porque você não vinha. E papai jurou que a culpa era minha: me chamou de criatura lamentável, dissimulada e inútil, disse que você me desprezava e que, se estivesse no meu lugar, a esta altura seria mais dono da Grange do que seu pai. Mas você não me despreza, despreza, srta...?

— Queria que me chamasse de Catherine ou Cathy — interrompeu a senhorita. — Desprezar você? Não! Depois de papai e Ellen, gosto de você mais do que de qualquer pessoa viva. Mas não gosto do sr. Heathcliff e não me atrevo a vir quando ele voltar. Vai ficar muitos dias fora?

— Não muitos — respondeu Linton. — Mas sai com frequência para a charneca desde que começou a temporada de caça, e você poderia

passar uma ou duas horas comigo enquanto ele não estivesse. Diga que vai. Acho que não ficaria irritado com você: não me provocaria e estaria sempre pronta para me ajudar, não estaria?

— Sim — disse Catherine, acariciando seus cabelos longos e macios. — Se eu conseguisse a permissão de papai, passaria metade do meu tempo com você. Linton querido! Queria que fosse meu irmão.

— E então gostaria de mim tanto quanto do seu pai? — observou ele, mais animado. — Mas papai diz que você me amaria mais do que a ele e ao mundo inteiro se fosse minha esposa; então prefiro que seja isso.

— Não, nunca amarei ninguém mais do que papai — respondeu ela, séria. — E às vezes as pessoas odeiam suas esposas, mas não seus irmãos e irmãs. Se fosse meu irmão, moraria conosco, e papai gostaria tanto de você quanto de mim.

Linton negou que alguém jamais odiasse a esposa. Cathy afirmou que sim e, em sua sabedoria, citou como exemplo a aversão do próprio pai dele à sua tia. Tentei deter aquela língua irrefletida, mas não consegui antes que ela contasse tudo o que sabia. O jovem Heathcliff, muito irritado, declarou que a história era falsa.

— Papai me contou, e papai não mente — respondeu ela, atrevida.

— Meu pai despreza o seu! — gritou Linton. — Chama ele de idiota dissimulado.

— O seu é um homem mau — retrucou Catherine —, e você é muito malcriado por se atrever a repetir o que ele diz. Deve ser mau para ter feito tia Isabella deixá-lo daquele jeito.

— Ela não o deixou — disse o menino. — Você não vai me contradizer.

— Deixou, sim! — exclamou a senhorita.

— Pois vou lhe dizer uma coisa! — disse Linton. — Sua mãe odiava seu pai. Pronto!

— Ah! — exclamou Catherine, furiosa demais para continuar.

— E amava o meu — acrescentou ele.

— Seu mentirosinho! Agora eu odeio você! — disse ela, ofegante, com o rosto vermelho de raiva.

— Amava! Amava! — cantarolou Linton, afundando na poltrona e inclinando a cabeça para trás para apreciar a agitação da adversária, que estava atrás dele.

— Silêncio, sr. Heathcliff! — disse eu. — Suponho que essa também seja uma história do seu pai.

— Não é. Cale essa boca! — respondeu. — Amava, amava, Catherine! Amava, amava!

Fora de si, Cathy deu um empurrão violento na poltrona e fez com que ele caísse contra um dos braços. Imediatamente, foi tomado por uma tosse sufocante que logo pôs fim ao triunfo. Durou tanto que até eu me assustei. Quanto à prima, chorou com todas as forças, horrorizada com o mal que fizera, embora sem dizer nada. Segurei-o até o ataque se esgotar. Então ele me afastou e baixou a cabeça em silêncio. Catherine também conteve as lamentações, sentou-se à frente dele e ficou olhando seriamente para o fogo.

— Como está se sentindo agora, sr. Heathcliff? — perguntei, depois de esperar dez minutos.

— Queria que ela se sentisse como eu — respondeu. — Criatura maldosa e cruel! Hareton nunca encosta em mim: nunca me bateu na vida. E hoje eu estava melhor, e agora... — A voz morreu num choramingo.

— Eu não bati em você! — murmurou Cathy, mordendo o lábio para impedir outra explosão de emoção.

Ele suspirou e gemeu como alguém que sofre muito, e continuou assim por um quarto de hora, aparentemente de propósito para afligir a prima, pois, sempre que ouvia um soluço abafado dela, renovava a dor e a comoção no tom da voz.

— Sinto muito por ter machucado você, Linton — disse ela por fim, atormentada além do que suportava. — Mas aquele empurrãozinho não teria me machucado, e eu não fazia ideia de que poderia machucar você. Não está muito machucado, está, Linton? Não me deixe ir para casa pensando que lhe fiz mal. Responda! Fale comigo.

— Não consigo falar com você — murmurou. — Você me machucou tanto que vou passar a noite acordado, sufocando com esta tosse. Se tivesse isso, saberia como é; mas vai dormir confortavelmente enquanto eu estiver em agonia, sem ninguém por perto. Queria ver se gostaria de passar essas noites terríveis! — E começou a chorar alto, de pura pena de si mesmo.

— Já que costuma passar noites terríveis — disse eu —, não é a senhorita que acaba com seu sossego: estaria igual se ela nunca tivesse vindo. Mas ela não voltará a incomodá-lo, e talvez fique mais tranquilo quando formos embora.

— Preciso ir? — perguntou Catherine, tristemente, inclinando-se sobre ele. — Quer que eu vá, Linton?

— Não pode mudar o que fez — respondeu, mal-humorado, afastando-se dela —, a não ser para pior, me atormentando até me dar febre.

— Então devo ir? — repetiu.

— Pelo menos me deixe em paz — disse ele. — Não aguento sua conversa.

Ela demorou e resistiu por um tempo cansativo às minhas tentativas de fazê-la partir, mas, como ele não levantava os olhos nem falava, por fim se encaminhou para a porta, e eu a segui. Um grito nos chamou de volta. Linton escorregara da poltrona para as pedras diante da lareira e se contorcia ali por pura perversidade de criança mimada e insuportável, decidida a ser o mais aflitiva e incômoda possível. Compreendi inteiramente seu temperamento por aquele comportamento e percebi

de imediato que seria tolice tentar satisfazê-lo. Minha companheira não: correu de volta, aterrorizada, ajoelhou-se, chorou, consolou e implorou, até que ele se acalmou por falta de fôlego, de modo algum por remorso de fazê-la sofrer.

— Vou pô-lo no banco — disse —, e poderá se revirar à vontade: não podemos ficar olhando. Espero que agora esteja convencida, srta. Cathy, de que não é você quem pode ajudá-lo e de que seu estado de saúde não se deve ao amor que sente por você. Pronto, aí está! Vamos embora: assim que souber que não há ninguém para se importar com suas bobagens, ficará quieto de bom grado.

Ela pôs uma almofada sob a cabeça dele e ofereceu água. Ele recusou a água e se remexeu inquieto sobre a almofada, como se fosse uma pedra ou um bloco de madeira. Catherine tentou ajeitá-la melhor.

— Não consigo ficar assim — disse ele. — Não está alta o bastante.

Ela trouxe outra para pôr em cima.

— Agora está alta demais — murmurou a criatura irritante.

— Então como devo arrumar? — perguntou ela, desesperada.

Enquanto Catherine estava meio ajoelhada ao lado do banco, ele se enroscou nela e fez de seu ombro um apoio.

— Não, assim não dá — disse eu. — Vai se contentar com a almofada, sr. Heathcliff. A senhorita já perdeu tempo demais com você: não podemos ficar nem mais cinco minutos.

— Podemos, sim! — respondeu Cathy. — Agora ele está bonzinho e paciente. Está começando a pensar que esta noite eu vou sofrer muito mais do que ele se acreditar que ficou pior por causa da minha visita, e então não terei coragem de voltar. Diga a verdade, Linton, porque não posso vir se fiz mal a você.

— Precisa vir para me curar — respondeu. — Deve vir porque me machucou: sabe que machucou muito! Eu não estava tão mal quando você entrou quanto estou agora, estava?

— Mas você mesmo piorou, chorando e ficando nervoso. Não fui eu a única responsável — disse a prima. — Enfim, agora vamos ser amigos. E você quer minha companhia: gostaria mesmo de me ver de vez em quando?

— Já disse que sim — respondeu, impaciente. — Sente-se no banco e me deixe apoiar a cabeça no seu joelho. Era o que mamãe fazia, por tardes inteiras. Fique bem quieta e não fale; mas pode cantar, se souber, ou recitar uma balada bonita, longa e interessante, uma daquelas que prometeu me ensinar, ou contar uma história. Mas prefiro uma balada: comece.

Catherine recitou a mais longa de que se lembrava. A atividade agradou imensamente aos dois. Linton quis outra, e depois mais outra, apesar das minhas objeções veementes, e continuaram assim até o relógio bater meio-dia e ouvirmos Hareton no pátio, voltando para jantar.

— E amanhã, Catherine? Você vem amanhã? — perguntou o jovem Heathcliff, segurando seu vestido quando ela se levantou a contragosto.

— Não — respondi —, nem depois de amanhã. — Ela, porém, evidentemente deu uma resposta diferente, pois a testa dele se desanuviou quando ela se inclinou e sussurrou ao seu ouvido.

— Amanhã você não vai, lembre-se, senhorita! — comecei, assim que saímos da casa. — Não está pensando nisso, está?

Ela sorriu.

— Ah, vou tomar muito cuidado — continuei. — Vou mandar consertar aquela fechadura, e não há outro caminho por onde possa escapar.

— Posso passar por cima do muro — disse, rindo. — A Grange não é uma prisão, Ellen, e você não é minha carcereira. Além disso, tenho quase dezessete anos: sou uma mulher. E tenho certeza de que Linton se recuperaria depressa se eu cuidasse dele. Sou mais velha, sabe, e mais

sensata, menos infantil, não sou? E logo ele fará o que eu disser, com um pouco de carinho. É um amorzinho quando está bonzinho. Eu o mimaria tanto se fosse meu! Nunca brigaríamos depois que nos acostumássemos um ao outro, não é? Você não gosta dele, Ellen?

— Gostar dele! — exclamei. — O pedacinho de gente doente mais mal-humorado que já conseguiu chegar à adolescência! Felizmente, como o sr. Heathcliff calculou, não vai alcançar os vinte. Na verdade, duvido que veja a primavera. E fará pouca falta à família quando morrer. Ainda bem para nós que o pai o levou: quanto melhor fosse tratado, mais cansativo e egoísta ficaria. Fico contente por você não correr o risco de tê-lo como marido, srta. Catherine.

Minha companheira ficou séria ao ouvir isso. Falar da morte dele com tamanha indiferença feriu seus sentimentos.

— Ele é mais novo do que eu — respondeu, depois de uma longa pausa pensativa — e deveria viver mais: vai viver, precisa viver tanto quanto eu. Está tão forte agora quanto quando veio para o norte pela primeira vez, tenho certeza. É só um resfriado, igual ao de papai. Você diz que papai vai melhorar; por que ele não melhoraria?

— Está bem, está bem — exclamei. — Afinal, não precisamos nos preocupar. Porque escute, senhorita, e preste atenção, vou cumprir minha palavra: se tentar ir outra vez ao Morro dos Ventos Uivantes, comigo ou sem mim, vou avisar ao sr. Linton, e, a menos que ele permita, a intimidade com seu primo não será retomada.

— Já foi retomada — murmurou Cathy, emburrada.

— Então não vai continuar — respondi.

— Vamos ver — foi a resposta, e saiu a galope, deixando-me para trás, seguindo com esforço.

Chegamos as duas em casa antes da nossa hora de jantar. Meu patrão imaginou que passeáramos pelo parque e por isso não pediu explicações sobre a ausência. Assim que entrei, corri para trocar os sapatos e as meias

encharcados, mas passar tanto tempo sentada no Morro já fizera o estrago. Na manhã seguinte, fiquei de cama e, durante três semanas, incapaz de cumprir meus deveres: uma calamidade que nunca me acontecera antes e, graças a Deus, nunca mais aconteceu.

Minha pequena patroa se comportou como um anjo, vindo cuidar de mim e alegrar minha solidão, pois ficar presa ao quarto me abatia profundamente. É cansativo para uma pessoa ativa e acostumada a se mexer; mas poucos teriam menos motivos de queixa do que eu. No instante em que Catherine saía do quarto do sr. Linton, aparecia à minha cabeceira. Dividia o dia entre nós, e nenhuma diversão lhe roubava um minuto. Negligenciava as refeições, os estudos e as brincadeiras, e era a enfermeira mais carinhosa que já velou por alguém. Devia ter um coração muito caloroso para, amando tanto o pai, ainda me dar tanto. Eu disse que seus dias se dividiam entre nós; mas o patrão se recolhia cedo, e geralmente eu não precisava de nada depois das seis, de modo que as noites eram dela. Pobrezinha! Nunca pensei no que fazia depois do chá. E, embora muitas vezes, quando vinha me dar boa-noite, eu notasse uma cor mais viva nas faces e um rosado nos dedos delicados, em vez de imaginar que aquele tom vinha de um passeio frio a cavalo pelas charnecas, atribuía-o ao fogo quente da biblioteca.

Capítulo XXIV

A o fim de três semanas, consegui sair do quarto e andar pela casa. Na primeira noite em que passei algum tempo fora da cama, pedi a Catherine que lesse para mim, pois meus olhos estavam fracos. Estávamos na biblioteca, e o patrão já fora se deitar. Ela consentiu, pareceu-me que sem muita vontade, e, imaginando que meu

tipo de livro não a agradasse, disse que escolhesse o que preferisse. Pegou um de seus favoritos e leu sem interrupção por cerca de uma hora. Depois começaram as perguntas frequentes.

— Ellen, não está cansada? Não seria melhor se deitar agora? Vai ficar doente, ficando acordada por tanto tempo, Ellen.

— Não, não, querida, não estou cansada — eu respondia sempre.

Vendo que eu não cedia, tentou outro modo de demonstrar o desgosto pela tarefa. Vieram bocejos, espreguiçamentos e, enfim:

— Ellen, estou cansada.

— Então pare e converse — respondi.

Isso foi pior: ela se inquietou, suspirou e olhou o relógio até as oito; por fim, foi para o quarto, completamente vencida pelo sono, a julgar pelo olhar pesado e irritado e pela insistência em esfregar os olhos. Na noite seguinte, pareceu ainda mais impaciente, e na terceira desde que voltara a me fazer companhia queixou-se de dor de cabeça e me deixou. Achei a conduta estranha e, depois de passar bastante tempo sozinha, resolvi ir perguntar se estava melhor e convidá-la a se deitar no sofá, em vez de ficar lá em cima, no escuro. Não encontrei Catherine no andar de cima nem no de baixo. Os criados afirmaram não tê-la visto. Escutei à porta do sr. Edgar: tudo em silêncio. Voltei ao quarto dela, apaguei a vela e me sentei junto à janela.

A lua brilhava intensamente. Uma camada fina de neve cobria o chão, e pensei que talvez ela tivesse posto na cabeça dar uma volta no jardim para tomar ar. Vi, sim, uma figura se esgueirar junto à cerca interna do parque, mas não era minha jovem patroa: quando saiu à luz, reconheci um dos empregados da estrebaria. Ficou bastante tempo olhando a estrada de carruagens que atravessava o terreno; depois saiu a passos rápidos, como se tivesse avistado alguma coisa, e logo reapareceu conduzindo o pônei da senhorita. Lá estava ela, recém-desmontada, andando ao lado do animal. O homem o levou furtivamente pela relva

em direção à estrebaria. Cathy entrou pela janela da sala de visitas e subiu em silêncio até onde eu a esperava. Encostou a porta com cuidado, tirou os sapatos cobertos de neve, desamarrou o chapéu e, sem suspeitar de minha vigilância, ia tirar a capa quando me levantei de repente e apareci. A surpresa a petrificou por um instante: soltou uma exclamação sem palavras e ficou imóvel.

— Minha querida srta. Catherine — comecei, ainda com a bondade recente dela viva demais na memória para desatar em censuras —, por onde andou a cavalo a esta hora? E por que tentou me enganar contando uma história? Onde esteve? Fale!

— Na parte baixa do parque — gaguejou. — Não contei história nenhuma.

— E em nenhum outro lugar? — perguntei.

— Não — foi a resposta murmurada.

— Ah, Catherine! — exclamei, triste. — Sabe que fez uma coisa errada, ou não seria levada a me dizer uma mentira. Isso me magoa. Preferia ficar três meses doente a ouvir você inventar uma mentira deliberada.

Ela avançou e, caindo em lágrimas, atirou os braços em volta do meu pescoço.

— É que tenho tanto medo de você ficar zangada, Ellen — disse. — Prometa que não vai ficar, e conto toda a verdade: detesto esconder.

Sentamos no banco da janela. Garanti que não a repreenderia, fosse qual fosse o segredo (que eu, naturalmente, já adivinhara). Então começou:

— Estive no Morro dos Ventos Uivantes, Ellen, e não deixei de ir um dia sequer desde que você adoeceu, exceto três vezes antes de você sair do quarto e duas depois. Dei livros e gravuras a Michael para preparar Minny toda noite e guardá-la de novo na estrebaria. Não pode repreendê-lo também, ouviu? Chegava ao Morro às seis e meia e

geralmente ficava até as oito e meia; depois voltava a galope. Não ia para me divertir: muitas vezes passei o tempo inteiro infeliz. De vez em quando, ficava contente, talvez uma vez por semana. No começo, pensei que teria muito trabalho para convencer você a me deixar cumprir a palavra dada a Linton, porque, quando fomos embora, prometi voltar no dia seguinte. Mas, como você ficou no quarto, escapei dessa dificuldade. À tarde, enquanto Michael consertava a fechadura da porta do parque, peguei a chave e contei a ele como meu primo queria que eu o visitasse, porque estava doente e não podia vir à Grange, e como papai se oporia à minha ida. Depois negociei com ele a questão do pônei. Ele gosta de ler e pensa em ir embora em breve para se casar; então se ofereceu para fazer o que eu queria se lhe emprestasse livros da biblioteca. Mas preferi dar os meus, e isso o agradou ainda mais.

— Na segunda visita, Linton pareceu animado. Zillah (a governanta deles) arrumou uma sala limpa, acendeu uma boa lareira e disse que, como Joseph saíra para uma reunião de oração e Hareton Earnshaw estava fora com os cães (roubando faisões de nossos bosques, como soube depois), podíamos fazer o que quiséssemos. Trouxe vinho quente e pão de gengibre e pareceu extremamente bondosa. Linton ficou na poltrona, eu na cadeirinha de balanço junto ao fogo, e rimos e conversamos com tanta alegria, encontramos tanta coisa para dizer! Planejamos aonde iríamos e o que faríamos no verão. Não preciso repetir, porque você chamaria de bobagem.

— Houve um momento, porém, em que quase brigamos. Ele disse que a maneira mais agradável de passar um dia quente de julho era ficar deitado da manhã à noite numa encosta coberta de urze no meio da charneca, com as abelhas zumbindo sonolentas entre as flores, as cotovias cantando lá no alto e o céu azul e o sol brilhante sempre serenos, sem nuvens. Essa era sua ideia mais perfeita da felicidade do céu. A minha era me balançar numa árvore verde e farfalhante, com o vento

oeste soprando, nuvens brancas e luminosas passando depressa por cima, e não só cotovias, mas tordos, melros, pintarroxos e cucos espalhando música por todos os lados; as charnecas ao longe, cortadas por vales frescos e sombreados, e, bem perto, grandes elevações de capim alto ondulando à brisa, bosques, água correndo e o mundo inteiro acordado e desvairado de alegria. Ele queria tudo deitado num êxtase de paz; eu queria tudo brilhando e dançando numa festa gloriosa. Disse que o céu dele estaria só meio vivo; ele disse que o meu estaria bêbado. Eu disse que dormiria no dele, e ele disse que não conseguiria respirar no meu e começou a ficar muito irritado. Por fim, concordamos em experimentar os dois assim que o tempo certo chegasse. Então nos beijamos e fizemos as pazes.

— Depois de ficar uma hora sentada, olhei a sala grande, com o piso liso e sem tapete, e pensei como seria bom brincar ali se afastássemos a mesa. Pedi a Linton que chamasse Zillah para ajudar, e brincaríamos de cabra-cega: ela tentaria nos pegar, como você fazia, Ellen. Ele não quis. Disse que não tinha graça, mas concordou em jogar bola comigo. Encontramos duas num armário, entre uma porção de brinquedos velhos, piões, aros, raquetes e petecas. Uma tinha a letra C, a outra, H. Eu quis a C, porque era de Catherine, e H poderia ser de Heathcliff, o nome dele; mas o farelo estava saindo da H, e Linton não gostou. Eu ganhava sempre, e ele ficou irritado de novo, tossiu e voltou para a poltrona. Naquela noite, porém, recuperou facilmente o bom humor: ficou encantado com duas ou três canções bonitas, suas canções, Ellen. Quando precisei ir, pediu e implorou que voltasse na noite seguinte, e prometi. Minny e eu voamos para casa, leves como o ar, e sonhei com o Morro dos Ventos Uivantes e com meu primo doce e querido até amanhecer.

— No dia seguinte, fiquei triste, em parte porque você estava mal, em parte porque queria que meu pai soubesse e aprovasse os passeios.

Mas havia um luar lindo depois do chá e, à medida que cavalgava, a tristeza foi passando. "Vou ter outra noite feliz", pensei, "e, o que me alegra ainda mais, meu lindo Linton também." Subi a trote pelo jardim e ia dar a volta para os fundos quando aquele sujeito, Earnshaw, me encontrou, pegou a rédea e mandou que entrasse pela porta da frente. Acariciou o pescoço de Minny, disse que era um belo animal e pareceu querer que eu conversasse com ele. Só pedi que deixasse meu cavalo em paz, ou ele lhe daria um coice. Ele respondeu naquele sotaque vulgar: "Num ia machucar muito, se desse", e olhou as pernas do animal, sorrindo. Fiquei meio tentada a fazer Minny tentar; mas ele se afastou para abrir a porta e, ao levantar o trinco, olhou para a inscrição em cima e disse, numa mistura estúpida de constrangimento e alegria: "Srta. Catherine! Agora eu sei ler aquilo."

— "Maravilhoso!", exclamei. "Então vamos ouvir: ficou inteligente!"

— Ele soletrou e arrastou, sílaba por sílaba, o nome: "Hareton Earnshaw".

— "E os números?", perguntei, incentivando, ao perceber que parara de vez.

— "Esses ainda num sei", respondeu.

— "Ah, seu burro!", disse, rindo muito do fracasso.

— O tolo ficou olhando, com um sorriso pairando nos lábios e uma expressão sombria se formando nos olhos, como se não soubesse se podia participar da minha alegria: se aquilo era uma intimidade agradável ou o que realmente era, desprezo. Tirei sua dúvida ao recuperar de repente a seriedade e pedir que fosse embora, porque eu viera ver Linton, não ele. Ficou vermelho (vi à luz da lua), tirou a mão do trinco e saiu cabisbaixo, o retrato da vaidade humilhada. Imagino que se achasse tão instruído quanto Linton porque sabia soletrar o

próprio nome, e ficou extraordinariamente desconcertado por eu não pensar assim.

— Pare, minha querida srta. Catherine! — interrompi. — Não vou repreender, mas não gostei de sua conduta nesse ponto. Se lembrasse que Hareton é tão seu primo quanto o sr. Heathcliff, teria percebido como era inadequado agir daquele jeito. Ao menos era uma ambição louvável querer ser tão instruído quanto Linton, e provavelmente não aprendeu só para se exibir. Sem dúvida, você o fizera se envergonhar da ignorância antes, e ele quis corrigi-la e agradar a você. Zombar de sua tentativa imperfeita foi uma grande falta de educação. Se tivesse sido criada nas mesmas condições, seria menos rude? Ele era uma criança tão esperta e inteligente quanto você jamais foi, e dói-me que agora seja desprezado porque aquele Heathcliff vil o tratou tão injustamente.

— Bem, Ellen, não vai chorar por isso, vai? — exclamou, surpresa com meu tom sincero. — Mas espere, e vai saber se ele aprendeu o ABC para me agradar e se valia a pena ser educada com aquele bruto. Entrei. Linton estava deitado no banco e se ergueu um pouco para me receber.

— "Estou mal esta noite, Catherine, meu amor", disse. "Você vai ter de conversar por nós dois e me deixar escutar. Venha sentar comigo. Eu sabia que não quebraria a palavra, e vou fazer você prometer outra vez antes de ir."

— Eu sabia agora que não devia provocá-lo, já que estava doente. Falei baixo, não fiz perguntas e evitei irritá-lo de qualquer maneira. Trouxera alguns de meus melhores livros para ele, e ele pediu que lesse um pouco de um deles. Eu ia começar quando Earnshaw escancarou a porta, tendo acumulado veneno enquanto pensava. Veio direto até nós, agarrou Linton pelo braço e o arrancou do banco.

— "Vá pro seu quarto!", disse, com a voz quase incompreensível de raiva e o rosto inchado e furioso. "Leve ela pra lá, se ela vem te ver: você num vai me botar pra fora daqui. Sumam daqui os dois!"

— Xingou-nos e não deu tempo para Linton responder, quase o jogando na cozinha, e fechou o punho quando eu fui atrás, parecendo querer me derrubar. Tive medo por um instante e deixei um livro cair. Ele o chutou atrás de mim e nos trancou do lado de fora. Ouvi uma risada maldosa e estalante perto do fogo e, virando-me, vi aquele Joseph odioso de pé, esfregando as mãos ossudas e tremendo.

— "Eu tinha certeza que ele ia dar o troco em vocês! Que rapaz! Tem o espírito certo dentro dele! Ele sabe... ah, sabe tão bem como eu quem é que devia ser o patrão aqui. Hé, hé, hé! Botou vocês pra correr direitinho! Hé, hé, hé!"

— "Para onde vamos?", perguntei ao meu primo, ignorando a zombaria do velho miserável.

— Linton estava branco e trêmulo. Não estava bonito naquele momento, Ellen. Ah, não! Parecia horrível, porque seu rosto fino e seus olhos grandes se retorciam numa expressão de fúria frenética e impotente. Agarrou a maçaneta e a sacudiu: a porta estava trancada por dentro.

— "Se não me deixar entrar, eu mato você! Se não me deixar entrar, eu mato você!", guinchou mais do que falou. "Demônio! Demônio! Vou matar você! Vou matar você!"

— Joseph soltou de novo sua risada rouca.

— "Olha aí, esse é o pai!", exclamou. "É o pai! A gente sempre tem alguma coisa dos dois lados. Num ligue, Hareton, meu rapaz, num tenha medo: ele num pode te alcançar!"

— Segurei as mãos de Linton e tentei puxá-lo para longe, mas ele gritou de um jeito tão terrível que não ousei continuar. Por fim, os gritos foram sufocados por um ataque horrível de tosse; o sangue jorrou de sua boca, e ele caiu no chão. Corri ao pátio, passando mal de medo, e chamei Zillah o mais alto que pude. Ela logo me ouviu: ordenhava as vacas num abrigo atrás do celeiro e, vindo depressa do trabalho, perguntou o que

havia. Eu não tinha fôlego para explicar. Puxei-a para dentro e procurei Linton. Earnshaw saíra para examinar o mal que fizera e, naquele momento, levava o pobrezinho para cima. Zillah e eu subimos atrás, mas ele me deteve no alto da escada e disse que eu não entraria, que precisava ir para casa. Gritei que ele matara Linton e que eu ia entrar. Joseph trancou a porta e declarou que eu não faria "coisa nenhuma dessas", perguntando se eu ia "ficar tão louca quanto ele". Fiquei chorando até a governanta reaparecer. Ela afirmou que ele melhoraria em pouco tempo, mas não suportaria aquela gritaria e confusão; e me pegou e quase me carregou para dentro da casa.

— Ellen, eu estava pronta para arrancar os cabelos! Solucei e chorei tanto que quase não enxergava, e o rufião por quem você sente tanta pena ficou à minha frente, atrevendo-se de vez em quando a mandar que eu ficasse quieta e negando que fosse culpa dele. Por fim, assustado com minhas afirmações de que contaria ao papai e de que ele seria preso e enforcado, começou a chorar também e correu para esconder sua agitação covarde. Mas ainda não me livrara dele: quando enfim me obrigaram a sair e eu já estava a umas cem jardas da casa, ele surgiu de repente da sombra à beira da estrada, deteve Minny e me segurou.

— "Srta. Catherine, eu sinto muito mesmo", começou, "mas é demais..."

— Dei-lhe uma chicotada, pensando que talvez fosse me matar. Ele me soltou, trovejando uma de suas maldições horríveis, e voltei a galope quase fora de mim.

— Naquela noite, não fui lhe dar boa-noite, e no dia seguinte não fui ao Morro dos Ventos Uivantes. Queria muito ir, mas estava estranhamente agitada: às vezes temia ouvir que Linton morrera, às vezes estremecia só de pensar em encontrar Hareton. No terceiro dia, criei coragem; ou, pelo menos, não suportei mais a incerteza e escapei de novo. Fui às cinco horas, a pé, imaginando que conseguiria entrar na

casa e subir ao quarto de Linton sem ser vista. Mas os cães anunciaram minha chegada. Zillah me recebeu e, dizendo que "o rapaz estava melhorando bem", me levou a uma sala pequena, arrumada e com tapete, onde, para minha alegria indescritível, vi Linton deitado num sofá pequeno, lendo um dos meus livros. Mas ele não falou nem olhou para mim durante uma hora inteira, Ellen: tem um temperamento tão infeliz! E o que me deixou completamente sem entender foi que, quando abriu a boca, disse a mentira de que eu causara a confusão e Hareton não tinha culpa! Incapaz de responder sem raiva, levantei-me e saí. Ele lançou atrás de mim um fraco "Catherine!". Não esperava aquela reação, mas eu não voltei, e o dia seguinte foi o segundo em que fiquei em casa, quase decidida a nunca mais visitá-lo. Mas era tão penoso me deitar e me levantar sem ouvir notícia alguma que minha resolução se desfez antes mesmo de se formar direito. Antes, parecera errado fazer a viagem uma vez; agora, parecia errado não ir. Michael veio perguntar se devia selar Minny. Respondi que sim e me considerei cumprindo um dever enquanto ela me levava pelos morros. Precisava passar diante das janelas da frente para chegar ao pátio: não adiantava tentar esconder minha presença.

— "O patrãozinho está na sala", disse Zillah ao me ver seguir para a salinha. Entrei. Earnshaw também estava lá, mas saiu imediatamente. Linton estava meio adormecido na poltrona grande. Fui até o fogo e comecei num tom sério, em parte decidida a cumprir o que dizia:

— "Já que não gosta de mim, Linton, e acha que venho de propósito para lhe fazer mal e finge que faço isso toda vez, este é nosso último encontro. Vamos nos despedir, e diga ao sr. Heathcliff que não quer me ver e que ele não deve inventar mais mentiras sobre o assunto."

— "Sente-se e tire o chapéu, Catherine", respondeu. "Você é tão mais feliz do que eu que deveria ser melhor. Papai fala tanto dos meus defeitos e demonstra tanto desprezo por mim que é natural eu duvidar

de mim mesmo. Muitas vezes me pergunto se não sou mesmo tão inútil quanto ele diz, e então fico tão irritado e amargo que odeio todo mundo! Sou inútil, quase sempre tenho mau gênio e um espírito mau, e, se quiser, pode se despedir: vai se livrar de um incômodo. Só, Catherine, faça-me esta justiça: acredite que, se eu pudesse ser tão doce, tão bondoso e tão bom quanto você, seria, com tanta vontade quanto gostaria de ser feliz e saudável, e até mais. E acredite que sua bondade me fez amá-la mais profundamente do que se eu merecesse seu amor; e, embora não tenha conseguido, e ainda não consiga, evitar mostrar minha natureza a você, lamento e me arrependo, e vou lamentar e me arrepender até morrer!"

— Senti que dizia a verdade e que eu precisava perdoá-lo, e que, mesmo se brigássemos no instante seguinte, teria de perdoá-lo de novo. Fizemos as pazes, mas choramos os dois durante todo o tempo em que fiquei: não inteiramente de tristeza, embora eu lamentasse aquela natureza deformada de Linton. Ele nunca vai deixar os amigos em paz, nem terá paz consigo mesmo! Desde aquela noite, sempre fui à salinha dele, porque o pai voltou no dia seguinte.

— Umas três vezes, acho, ficamos alegres e cheios de esperança como na primeira noite. As outras visitas foram tristes e difíceis, ora pelo egoísmo e pela maldade dele, ora pelo sofrimento. Mas aprendi a suportar os primeiros quase com tão pouco ressentimento quanto o último. O sr. Heathcliff me evita de propósito: quase nunca o vejo. No domingo passado, porém, cheguei mais cedo que de costume e o ouvi maltratar cruelmente o pobre Linton pelo comportamento da noite anterior. Não sei como ficou sabendo, a menos que tenha escutado escondido. Linton certamente tinha sido irritante, mas era um assunto que só dizia respeito a mim, e interrompi a repreensão do sr. Heathcliff entrando e dizendo isso. Ele caiu na risada e saiu, dizendo que ficava contente por eu ver a situação desse jeito. Desde então, disse a Linton

que precisa sussurrar suas amarguras. Agora, Ellen, você ouviu tudo. Não pode me impedir de ir ao Morro dos Ventos Uivantes sem fazer duas pessoas sofrerem; por outro lado, se não contar ao papai, minhas visitas não precisam perturbar a tranquilidade de ninguém. Não vai contar, vai? Seria muito cruel.

— Vou decidir isso até amanhã, srta. Catherine — respondi. — Precisa ser pensado. Por isso vou deixá-la descansar e me retirar para refletir sobre o assunto.

Refleti em voz alta, na presença do meu patrão: fui direto do quarto dela para o dele e contei toda a história, com exceção das conversas com o primo e de qualquer menção a Hareton. O sr. Linton ficou alarmado e aflito, mais do que admitiria para mim. Pela manhã, Catherine soube que eu traíra sua confiança e também que as visitas secretas tinham acabado. Em vão chorou, se revoltou contra a proibição e implorou ao pai que tivesse pena de Linton: o único consolo que conseguiu foi a promessa de que ele escreveria ao sobrinho, permitindo que viesse à Grange quando quisesse, mas explicando que não deveria mais esperar ver Catherine no Morro dos Ventos Uivantes. Talvez, se soubesse do temperamento e do estado de saúde do sobrinho, tivesse achado melhor negar até esse pequeno consolo.

Capítulo XXV

Essas coisas aconteceram no inverno passado, senhor — disse a sra. Dean. — Há pouco mais de um ano. No inverno passado, eu não imaginava que, ao fim de outros doze meses, estaria entretendo um estranho à família com esse relato! Mas quem sabe por quanto tempo o senhor continuará sendo um estranho? É jovem

demais para se contentar sempre em viver sozinho. E, de algum modo, imagino que ninguém possa conhecer Catherine Linton sem amá-la. O senhor sorri, mas por que parece tão animado e interessado quando falo dela? E por que me pediu que pendurasse o retrato dela sobre a sua lareira? E por quê...?

— Pare, minha boa amiga! — exclamei. — É bem possível que eu viesse a amá-la. Mas ela me amaria? Duvido demais disso para arriscar minha tranquilidade correndo para a tentação. E, além disso, meu lar não é aqui. Pertenço ao mundo agitado e aos seus braços preciso voltar. Continue. Catherine obedeceu às ordens do pai?

— Obedeceu — continuou a governanta. — O amor por ele ainda era o principal sentimento de seu coração, e ele falou sem raiva: falou com a profunda ternura de quem está prestes a deixar seu tesouro entre perigos e inimigos, onde a lembrança de suas palavras seria a única ajuda que poderia legar para orientá-la. Poucos dias depois, disse-me: "Gostaria que meu sobrinho escrevesse, Ellen, ou viesse nos visitar. Diga-me com sinceridade o que pensa dele: mudou para melhor? Ou há alguma perspectiva de melhora à medida que se torna homem?".

— "É muito frágil, senhor", respondi, "e dificilmente chegará à idade adulta. Mas isto posso dizer: não se parece com o pai; e, se a srta. Catherine tivesse a infelicidade de se casar com ele, ele não ficaria fora do controle dela, a menos que ela fosse excessiva e tolamente indulgente. De qualquer modo, patrão, o senhor terá bastante tempo para conhecê-lo e ver se seria adequado a ela: faltam mais de quatro anos para que atinja a maioridade."

Edgar suspirou e, indo até a janela, olhou na direção da igreja de Gimmerton. Era uma tarde enevoada, mas o sol de fevereiro brilhava fracamente, e mal conseguíamos distinguir os dois pinheiros no cemitério e as lápides esparsas.

— Rezei muitas vezes — disse, quase falando consigo mesmo — para que se aproximasse o que agora está chegando, e agora começo a recuar e a temê-lo. Pensei que a lembrança da hora em que desci aquele vale como noivo seria menos doce do que a expectativa de que em breve, dentro de alguns meses ou talvez semanas, eu seria levado lá para cima e deitado naquela baixada solitária! Ellen, fui muito feliz com minha pequena Cathy: nas noites de inverno e nos dias de verão, ela foi uma esperança viva ao meu lado. Mas fui igualmente feliz meditando sozinho entre aquelas pedras, à sombra da velha igreja, deitado nas longas tardes de junho sobre a relva da sepultura da mãe dela e desejando, ansiando pelo momento em que eu também poderia jazer debaixo dela. O que posso fazer por Cathy? Como vou deixá-la? Não me importaria nem por um instante que Linton fosse filho de Heathcliff, nem que a tirasse de mim, se pudesse consolá-la da minha perda. Não me importaria que Heathcliff atingisse seus objetivos e triunfasse, roubando minha última bênção! Mas, se Linton não for digno, se for apenas um instrumento fraco nas mãos do pai, não posso abandoná-la a ele. E, por mais duro que seja esmagar seu espírito alegre, preciso continuar a entristecê-la enquanto vivo e deixá-la sozinha quando morrer. Minha querida! Preferiria entregá-la a Deus e deitá-la na terra antes de mim.

— Entregue-a a Deus de qualquer modo, senhor — respondi. — E, se o perdermos (o que Ele não permita), sob a providência d'Ele serei amiga e conselheira dela até o fim. A srta. Catherine é uma boa moça: não temo que escolha o caminho errado de propósito, e quem cumpre seu dever sempre acaba recompensado.

A primavera avançou, mas meu patrão não recuperou de fato as forças, embora retomasse os passeios pelos jardins com a filha. Aos olhos inexperientes dela, isso por si só era sinal de convalescença. Além disso, as faces dele muitas vezes ficavam coradas, e os olhos brilhavam. Ela

tinha certeza de que ele se recuperaria. No aniversário de dezessete anos de Cathy, ele não foi ao cemitério: chovia, e observei:

— O senhor certamente não vai sair esta noite, vai?

— Não — respondeu ele. — Este ano vou adiar um pouco mais.

Escreveu novamente a Linton, expressando um grande desejo de vê-lo. E, se o doente estivesse em condições de ser apresentado, não tenho dúvida de que o pai teria permitido a visita. Como não estava, respondeu sob orientação, dando a entender que o sr. Heathcliff se opunha à sua ida à Granja, mas que a lembrança carinhosa do tio o alegrava. Esperava encontrá-lo às vezes nos passeios e pedir pessoalmente que ele e a prima não permanecessem por muito tempo tão completamente separados.

Essa parte da carta era simples, provavelmente dele mesmo. Heathcliff sabia que, nesse ponto, o menino era capaz de pedir a companhia de Catherine com eloquência.

> Não peço que ela venha aqui. Mas nunca poderei vê-la, porque meu pai me proíbe de ir à casa dela e o senhor a proíbe de vir à minha? De vez em quando, venha a cavalo com ela na direção do Morro e deixe-nos trocar algumas palavras em sua presença! Não fizemos nada para merecer essa separação, e o senhor não está zangado comigo: o senhor mesmo admite que não tem motivo para não gostar de mim. Querido tio! Mande-me amanhã um bilhete carinhoso e permissão para me juntar ao senhor onde quiser, exceto em Thrushcross Grange. Acredito que um encontro o convenceria de que o caráter do meu pai não é o meu: ele afirma que sou mais sobrinho do senhor do que filho dele. E, embora eu tenha defeitos que me tornam indigno de Catherine, ela os perdoou; por ela, o senhor também deveria perdoar. Pergunta sobre minha saúde: está melhor. Mas, enquanto eu permanecer afastado de toda esperança e condenado à solidão, ou à companhia de quem nunca gostou nem gostará de mim, como posso estar alegre e bem?

Edgar, embora sentisse pena do menino, não pôde atender ao pedido, porque não tinha condições de acompanhar Catherine. Disse que talvez no verão pudessem se encontrar. Enquanto isso, desejava que continuasse escrevendo de vez em quando e se comprometeu a dar por carta todos os conselhos e consolos que pudesse, pois conhecia bem sua situação difícil dentro da família. Linton obedeceu; e, se tivesse liberdade, provavelmente teria estragado tudo enchendo as cartas de queixas e lamentações. Mas o pai o vigiava de perto e, naturalmente, exigia ver cada linha enviada pelo meu patrão. Assim, em vez de relatar suas dores e aflições particulares, temas sempre no primeiro plano de seus pensamentos, insistia na obrigação cruel de permanecer separado da amiga e amada, e insinuava delicadamente que o sr. Linton precisava permitir um encontro em breve, ou ele começaria a temer que o enganasse de propósito com promessas vazias.

Cathy era uma aliada poderosa dentro de casa, e juntos acabaram convencendo meu patrão a aceitar que os dois cavalgassem ou passeassem a pé cerca de uma vez por semana, sob minha guarda e nas charnecas mais próximas da Granja, pois junho chegou e ele continuava a enfraquecer. Embora tivesse separado todos os anos uma parte de sua renda para formar a fortuna da minha jovem senhora, desejava naturalmente que ela conservasse a casa dos antepassados, ou pelo menos voltasse a ela em pouco tempo, e considerava que a única perspectiva disso era a união com seu herdeiro. Não fazia ideia de que este definhava quase tão depressa quanto ele; creio que ninguém fazia: nenhum médico visitava o Morro, e ninguém via o jovem Heathcliff para nos relatar seu estado. Eu mesma comecei a imaginar que meus pressentimentos eram falsos e que ele realmente estava melhorando, quando ele mencionou cavalgadas e caminhadas nas charnecas e pareceu tão empenhado em alcançar seu objetivo. Não conseguia conceber um pai tratando um filho moribundo com tanta tirania e maldade quanto depois soube que Heathcliff o tratara para arrancar dele aquele aparente entusiasmo. Seus esforços redobravam à medida que a morte ameaçava de modo mais iminente frustrar seus planos gananciosos e insensíveis.

Capítulo XXVI

O verão já passara do auge quando Edgar, a contragosto, cedeu às súplicas dos dois, e Catherine e eu saímos para nosso primeiro passeio a cavalo ao encontro do primo. Era um dia abafado e sufocante, sem sol, mas com um céu manchado e enevoado demais para ameaçar chuva. Tínhamos marcado o encontro na pedra de

sinalização, junto à encruzilhada. Ao chegar lá, porém, um pequeno pastor enviado como mensageiro nos informou que "o sinhô Linton tava logo deste lado do Morro, e ficava muito agradecido se a gente fosse mais um pouco adiante".

— Então o sr. Linton já esqueceu a primeira ordem do tio — observei. — Ele mandou que ficássemos nas terras da Granja, e aqui estamos saindo delas logo de início.

— Bem, quando chegarmos até ele, viramos a cabeça dos cavalos — respondeu minha companheira. — Nosso passeio seguirá na direção de casa.

Mas, quando o alcançamos, e isso foi a menos de um quarto de milha da porta de sua casa, descobrimos que ele estava sem cavalo, e fomos obrigadas a desmontar e deixar os nossos pastando. Ele estava deitado na urze, esperando nossa aproximação, e só se levantou quando chegamos a poucas jardas. Então andou com tanta fraqueza e pareceu tão pálido que exclamei imediatamente: — Ora, sr. Heathcliff, você não está em condições de aproveitar um passeio esta manhã. Como parece doente!

Catherine o examinou com tristeza e espanto: trocou a exclamação de alegria que trazia nos lábios por uma de alarme, e a celebração daquele encontro tanto tempo adiado por uma pergunta ansiosa: estaria ele pior do que de costume?

— Não... melhor... melhor! — respondeu, ofegante e trêmulo, segurando a mão dela como se precisasse daquele apoio, enquanto os grandes olhos azuis a percorriam timidamente. As cavidades ao redor deles transformavam a expressão lânguida que antes possuíam numa aparência macilenta e desvairada.

— Mas você esteve pior — insistiu a prima. — Pior do que na última vez em que o vi. Está mais magro e...

— Estou cansado — interrompeu ele, apressado. — Faz calor demais para andar, vamos descansar aqui. E de manhã muitas vezes me sinto mal; papai diz que é porque cresço muito rápido.

Pouco satisfeita, Cathy se sentou, e ele se reclinou ao lado dela.

— Isto se parece um pouco com o seu paraíso — disse ela, fazendo um esforço para parecer alegre. — Lembra daqueles dois dias que combinamos passar no lugar e do jeito que cada um achasse mais agradável? Este é quase o seu, só que há nuvens; mas elas são tão suaves e delicadas que fica mais bonito do que com sol. Na semana que vem, se puder, descemos a cavalo até o parque da Granja e experimentamos o meu.

Linton não pareceu lembrar do que ela falava e tinha, evidentemente, grande dificuldade para sustentar qualquer tipo de conversa. Sua falta de interesse nos assuntos que ela propunha e sua igual incapacidade de contribuir para distraí-la eram tão claras que ela não conseguiu esconder a decepção. Uma mudança indefinível tomara toda a sua pessoa e suas maneiras. A irritação que o carinho podia transformar em afeto dera lugar a uma apatia sem vida. Havia menos do mau humor da criança que se impacienta e provoca de propósito para ser acalmada, e mais da melancolia fechada de um doente crônico, que repele consolo e está pronto a considerar a alegria bem-humorada dos outros um insulto. Catherine percebeu tão bem quanto eu que ele suportava nossa companhia mais como castigo do que como prazer, e não hesitou, pouco depois, em propor que fôssemos embora. Inesperadamente, a proposta arrancou Linton da letargia e o lançou num estranho estado de agitação. Olhou com medo na direção do Morro e implorou que ela ficasse pelo menos mais meia hora.

— Mas acho — disse Cathy — que você ficaria mais confortável em casa do que sentado aqui. E vejo que hoje não consigo distraí-lo com minhas histórias, canções e conversa. Ficou mais sábio do que eu nestes

seis meses, e já não gosta muito das minhas diversões. Caso contrário, se eu pudesse diverti-lo, ficaria de bom grado.

— Fique para descansar — respondeu ele. — E, Catherine, não pense nem diga que estou muito doente: é o tempo pesado e o calor que me deixam assim abatido. E, antes de vocês chegarem, andei bastante, para o que costumo andar. Diga ao tio que estou com a saúde razoável, está bem?

— Vou dizer que você disse isso, Linton. Não poderia afirmar que está — observou minha jovem senhora, espantada com sua insistência numa afirmação evidentemente falsa.

— E volte aqui na quinta-feira que vem — continuou ele, evitando o olhar perplexo dela. — E agradeça a ele por deixá-la vir; agradeça muito, Catherine. E... e, se por acaso encontrar meu pai e ele perguntar sobre mim, não o faça pensar que fiquei extremamente calado e sem graça. Não pareça triste e abatida como está agora: ele vai ficar zangado.

— Não me importo com a raiva dele — exclamou Cathy, imaginando que seria dirigida a ela.

— Mas eu me importo — disse o primo, estremecendo. — Não o provoque contra mim, Catherine, porque ele é muito duro.

— Ele é severo com você, sr. Heathcliff? — perguntei. — Cansou-se da tolerância e passou do ódio passivo ao ativo?

Linton olhou para mim, mas não respondeu. Depois de ficar sentada ao lado dele por mais dez minutos, durante os quais a cabeça dele caiu sonolenta sobre o peito e ele nada pronunciou além de gemidos abafados de cansaço ou dor, Cathy começou a buscar consolo procurando mirtilos e dividindo comigo o fruto de suas buscas. Não os ofereceu a ele, pois percebeu que mais atenção só o cansaria e irritaria.

— Já passou meia hora, Ellen? — sussurrou por fim no meu ouvido. — Não entendo por que temos de ficar. Ele está dormindo, e papai vai querer que voltemos.

— Bem, não podemos deixá-lo dormindo — respondi. — Espere que acorde e tenha paciência. Você estava tão ansiosa para sair, mas sua vontade de ver o pobre Linton evaporou depressa!

— Por que ele queria me ver? — retrucou Catherine. — Antes, nos piores acessos de mau humor, eu gostava mais dele do que neste estado estranho de agora. Parece até que este encontro é uma tarefa que foi obrigado a cumprir, por medo de que o pai o repreenda. Mas não pretendo vir aqui para dar prazer ao sr. Heathcliff, seja qual for o motivo que tenha para mandar Linton cumprir essa penitência. E, embora fique contente por sua saúde estar melhor, lamento que esteja tão menos agradável e tão menos carinhoso comigo.

— Então você acha que a saúde dele melhorou? — perguntei.

— Sim — respondeu. — Porque ele sempre fazia um alarde tão grande dos seus sofrimentos, você sabe. Não está razoavelmente bem, como me disse para contar ao papai; mas é bem provável que esteja melhor.

— Nesse ponto, discordamos, srta. Cathy — observei. — Eu diria que está muito pior.

Nesse instante, Linton despertou do sono, tomado por um terror confuso, e perguntou se alguém chamara seu nome.

— Não — disse Catherine. — A menos que tenha sido em sonho. Não entendo como você consegue cochilar ao ar livre, de manhã.

— Pensei ter ouvido meu pai — disse ele, ofegante, erguendo os olhos para o penhasco sombrio acima de nós. — Tem certeza de que ninguém falou?

— Absoluta — respondeu a prima. — Só Ellen e eu estávamos discutindo sobre a sua saúde. Está mesmo mais forte, Linton, do que quando nos separamos no inverno? Se está, tenho certeza de que uma coisa não ficou mais forte: seu carinho por mim. Fale: está?

As lágrimas jorraram dos olhos de Linton quando ele respondeu: — Sim, sim, estou! — E, ainda sob o efeito daquela voz imaginária, seu olhar vagava para cima e para baixo à procura de quem a emitira.

Cathy se levantou. — Por hoje, precisamos nos separar — disse. — E não vou esconder que fiquei muito decepcionada com nosso encontro, embora não vá mencionar isso a ninguém além de você. Não que eu tenha medo do sr. Heathcliff.

— Silêncio — murmurou Linton. — Pelo amor de Deus, silêncio! Ele está vindo. — E agarrou-se ao braço de Catherine, tentando detê-la; mas, ao ouvir aquele anúncio, ela se soltou depressa e assobiou para Minny, que lhe obedecia como um cão.

— Estarei aqui na quinta-feira que vem — exclamou, saltando para a sela. — Adeus. Depressa, Ellen!

E assim o deixamos, mal consciente de nossa partida, tão absorvido estava na expectativa da aproximação do pai.

Antes de chegarmos em casa, o desagrado de Catherine se suavizou numa sensação perplexa de pena e pesar, muito misturada a dúvidas vagas e inquietantes sobre as verdadeiras condições de Linton, físicas e sociais. Eu compartilhava dessas dúvidas, embora a aconselhasse a não falar muito, pois uma segunda visita nos permitiria julgar melhor. Meu patrão pediu um relato do passeio. Os agradecimentos do sobrinho foram devidamente transmitidos, e a srta. Cathy tocou no resto com delicadeza. Eu também esclareci pouco suas perguntas, pois mal sabia o que esconder e o que revelar.

Capítulo XXVII

Sete dias se passaram, cada um marcando seu curso pela alteração, daí em diante rápida, do estado de Edgar Linton. O estrago que antes os meses haviam feito era agora igualado pelo avanço das horas. Catherine, nós ainda gostaríamos de iludir, mas sua própria inteligência viva se recusava a enganá-la: adivinhava em segredo e remoía a probabilidade terrível, que aos poucos amadurecia em certeza. Quando a quinta-feira chegou, ela não teve ânimo para mencionar o passeio. Mencionei por ela e obtive permissão para mandá-la sair, pois a biblioteca, onde o pai passava um pouco de tempo todos os dias (o breve período em que suportava ficar sentado), e o quarto dele haviam se tornado seu mundo inteiro. Ela se ressentia de cada instante em que não estivesse inclinada sobre o travesseiro dele ou sentada ao seu lado. Seu rosto empalideceu com a vigília e a tristeza, e meu patrão a liberou com satisfação para o que ele se iludia ser uma alegre mudança de ambiente e de companhia, encontrando consolo na esperança de que ela agora não ficaria inteiramente sozinha depois de sua morte.

Pelas várias observações que deixava escapar, percebi que tinha uma ideia fixa: como o sobrinho se parecia com ele fisicamente, também se pareceria em espírito, pois as cartas de Linton traziam poucos sinais, ou nenhum, de seu caráter defeituoso. E eu, por uma fraqueza perdoável, evitei corrigir o engano, perguntando a mim mesma de que adiantaria perturbar seus últimos momentos com uma informação que ele não teria força nem oportunidade de aproveitar.

Adiamos o passeio até a tarde, uma tarde dourada de agosto: cada sopro vindo dos morros estava tão cheio de vida que parecia capaz de reanimar qualquer um que o respirasse, mesmo alguém à beira da morte. O rosto de Catherine era exatamente como a paisagem, com sombras e

luz do sol passando por ele em rápida sucessão. Mas as sombras duravam mais, e a luz era mais passageira, e seu pobre coraçãozinho se censurava até por aquele breve esquecimento das preocupações.

Avistamos Linton à espera no mesmo lugar que escolhera antes. Minha jovem patroa desmontou e me disse que, como estava decidida a ficar muito pouco, seria melhor eu segurar o pônei e continuar montada. Não concordei: não arriscaria perder de vista nem por um minuto a pessoa confiada aos meus cuidados. Por isso subimos juntas a encosta coberta de urze. O jovem Heathcliff nos recebeu com mais animação dessa vez, mas não era animação de bom humor, nem tampouco de alegria: parecia mais medo.

— Está tarde! — disse, com frases curtas e dificuldade. — Seu pai não está muito doente? Pensei que você não viesse.

— Por que não é franco? — exclamou Catherine, engolindo o cumprimento. — Por que não diz logo que não me quer aqui? É estranho, Linton, que pela segunda vez tenha me trazido aqui de propósito, aparentemente só para fazer nós dois sofrer, e sem nenhum outro motivo!

Linton estremeceu e a olhou, meio suplicante, meio envergonhado, mas a paciência da prima não bastava para suportar aquele comportamento enigmático.

— Meu pai está muito doente — disse ela. — E por que sou chamada para longe da cabeceira dele? Por que não mandou me dispensar da promessa, se desejava que eu não a cumprisse? Vamos! Quero uma explicação: brincadeiras e frivolidades estão completamente banidas da minha cabeça, e agora não posso me prestar às suas afetações!

— Minhas afetações! — murmurou ele. — Quais são? Pelo amor de Deus, Catherine, não me olhe com tanta raiva! Despreze-me quanto quiser; sou um infeliz inútil e covarde, não há desprezo que baste para

mim. Mas sou insignificante demais para a sua raiva. Odeie meu pai e reserve para mim só o desprezo.

— Bobagem! — exclamou Catherine, furiosa. — Menino bobo e tolo! E olhe só: ele treme como se eu realmente fosse tocar nele! Não precisa pedir desprezo, Linton: qualquer pessoa vai oferecê-lo espontaneamente. Largue-me! Vou voltar para casa. É tolice arrastar você para longe da lareira e fingir... o que estamos fingindo? Solte meu vestido! Se eu sentisse pena de você por chorar e parecer tão apavorado, você deveria rejeitar essa pena. Ellen, diga a ele como essa conduta é vergonhosa. Levante-se e não se rebaixe a um réptil abjeto... não faça isso!

Com o rosto banhado em lágrimas e uma expressão de agonia, Linton atirara ao chão seu corpo sem forças: parecia convulsionado por um terror extremo.

— Ah! — soluçou. — Não aguento! Catherine, Catherine, também sou um traidor, e não ouso contar! Mas, se me deixar, serei morto! Querida Catherine, minha vida está nas suas mãos; e você disse que me amava, e, se amava, isso não lhe faria mal. Então não vai embora? Catherine bondosa, doce, boa! E talvez você concorde... e ele me deixe morrer com você!

Ao ver aquela angústia intensa, minha jovem senhora se abaixou para erguê-lo. A antiga ternura indulgente venceu a irritação, e ela ficou profundamente comovida e alarmada.

— Concordar com o quê? — perguntou. — Em ficar? Diga o que significa essa conversa estranha, e eu fico. Você contradiz suas próprias palavras e me deixa transtornada! Tenha calma, seja franco e confesse de uma vez tudo o que pesa no seu coração. Você não me faria mal, Linton, faria? Não deixaria um inimigo me ferir se pudesse impedir? Posso acreditar que seja covarde por si mesmo, mas não um traidor covarde de sua melhor amiga.

— Mas meu pai me ameaçou — disse o menino, ofegante, entrelaçando os dedos emagrecidos. — E tenho medo dele... tenho medo! Não ouso contar!

— Ah, está bem! — disse Catherine, com uma compaixão desdenhosa. — Guarde seu segredo: eu não sou covarde. Salve-se, eu não tenho medo!

A generosidade dela provocou suas lágrimas: chorou descontroladamente, beijando as mãos que o amparavam, mas ainda não conseguiu reunir coragem para falar. Eu estava refletindo sobre qual seria o mistério, decidida a que Catherine, com o meu consentimento, jamais sofresse para beneficiá-lo ou a qualquer outra pessoa, quando, ouvindo um farfalhar entre as urzes, ergui os olhos e vi o sr. Heathcliff quase ao nosso lado, descendo o Morro. Não lançou um olhar para meus companheiros, embora estivessem perto o bastante para que os soluços de Linton fossem ouvidos. Mas, saudando-me naquele tom quase cordial que não assumia com mais ninguém, e de cuja sinceridade eu não conseguia deixar de duvidar, disse:

— É alguma coisa ver você tão perto da minha casa, Nelly. Como vão as coisas na Granja? Conte. Corre o boato — acrescentou, baixando a voz — de que Edgar Linton está no leito de morte. Talvez exagerem a doença dele?

— Não, meu patrão está morrendo — respondi. — É bem verdade. Será uma tristeza para todos nós, mas uma bênção para ele!

— Quanto tempo acha que ele ainda dura? — perguntou.

— Não sei — respondi.

— Porque — continuou, olhando os dois jovens, que ficaram imóveis sob seu olhar (Linton parecia não se atrever a se mexer nem a erguer a cabeça, e Catherine não podia se mover por causa dele) — porque aquele rapaz ali parece decidido a me vencer, e eu agradeceria ao tio dele se se apressasse e fosse antes dele! Ora! Faz tempo que o filhote

está nesse jogo? Eu lhe dei umas lições sobre choramingar. Ele costuma ser bem animado com a srta. Linton?

— Animado? Não, ele demonstrou a maior aflição — respondi. — Ao vê-lo, eu diria que, em vez de passear com a namorada pelos morros, deveria estar na cama, nas mãos de um médico.

— Vai estar, dentro de um ou dois dias — murmurou Heathcliff. — Mas primeiro... levante-se, Linton! Levante-se! — gritou. — Não fique rastejando aí no chão. De pé, agora mesmo!

Linton se prostrara de novo, tomado por outro acesso de medo impotente, causado, suponho, pelo olhar do pai: não havia outra coisa que explicasse tamanha humilhação. Fez várias tentativas de obedecer, mas suas poucas forças estavam aniquiladas naquele momento, e caiu outra vez com um gemido. O sr. Heathcliff avançou e o ergueu, apoiando-o num ressalto de relva.

— Agora — disse, com ferocidade contida — estou ficando zangado. E, se você não domina esse espírito miserável... maldito seja! Levante-se imediatamente!

— Vou, pai — respondeu, ofegante. — Só me deixe em paz, ou vou desmaiar. Fiz como o senhor queria, tenho certeza. Catherine vai dizer que eu... que eu... estive alegre. Ah! Fique perto de mim, Catherine; me dê a mão.

— Pegue a minha — disse o pai. — Fique de pé. Pronto, ela vai lhe emprestar o braço. Isso, olhe para ela. A senhorita pensaria que sou o próprio diabo, srta. Linton, para provocar tanto horror. Faça a gentileza de acompanhá-lo até em casa, pode ser? Ele estremece se eu o toco.

— Linton querido! — sussurrou Catherine. — Não posso ir ao Morro dos Ventos Uivantes: papai me proibiu. Ele não vai machucar você. Por que tem tanto medo?

— Nunca mais poderei entrar naquela casa — respondeu. — Não devo entrar nela sem você!

— Pare! — gritou o pai. — Vamos respeitar os escrúpulos filiais de Catherine. Nelly, leve-o para dentro, e seguirei seu conselho sobre o médico sem demora.

— Fará bem — respondi. — Mas preciso ficar com minha patroa: cuidar do seu filho não é da minha conta.

— Você é muito rígida — disse Heathcliff. — Sei disso. Mas vai me obrigar a beliscar o bebê e fazê-lo gritar antes que isso comova a sua caridade. Vamos, então, meu herói. Está disposto a voltar escoltado por mim?

Aproximou-se de novo e fez menção de agarrar a criatura frágil, mas Linton recuou, agarrou-se à prima e implorou que o acompanhasse, com uma insistência frenética que não admitia recusa. Por mais que eu desaprovasse, não consegui impedi-la. Na verdade, como ela mesma poderia ter recusado? Não tínhamos como descobrir o que o enchia de pavor; mas ali estava ele, impotente sob aquelas garras, e qualquer coisa a mais parecia capaz de lhe destruir a razão. Chegamos à soleira. Catherine entrou, e fiquei esperando que ela levasse o doente até uma cadeira, certa de que sairia imediatamente, quando o sr. Heathcliff, empurrando-me para a frente, exclamou: — Minha casa não está infestada pela peste, Nelly, e hoje estou com vontade de ser hospitaleiro. Sente-se e permita que eu feche a porta.

Fechou e também trancou. Eu me sobressaltei.

— Vão tomar chá antes de voltar para casa — acrescentou. — Estou sozinho. Hareton foi levar umas cabeças de gado aos Lees, e Zillah e Joseph saíram numa viagem de passeio. Embora esteja acostumado a ficar só, prefiro alguma companhia interessante, quando posso conseguir. Srta. Linton, sente-se ao lado dele. Dou-lhe o que tenho: o presente mal vale a pena ser aceito, mas não tenho outra coisa a oferecer. Refiro-me a Linton. Como ela me encara! É estranho o sentimento selvagem que tenho por qualquer coisa que pareça ter medo de mim! Se

eu tivesse nascido onde as leis são menos rigorosas e os gostos menos delicados, me daria o prazer de uma vivissecção lenta desses dois, como diversão para a noite.

Puxou o ar, bateu na mesa e praguejou consigo mesmo: — Pelo inferno! Eu os odeio.

— Eu não tenho medo do senhor! — exclamou Catherine, que não pudera ouvir a última parte da fala. Aproximou-se, com os olhos negros faiscando de raiva e determinação. — Dê-me essa chave: vou ficar com ela! — disse. — Eu não comeria nem beberia aqui, mesmo que estivesse morrendo de fome.

Heathcliff segurava a chave na mão que permanecia sobre a mesa. Ergueu os olhos, tomado por uma espécie de surpresa diante da ousadia dela, ou talvez lembrado, pela voz e pelo olhar, da pessoa de quem ela os herdara. Catherine agarrou a chave e quase conseguiu arrancá-la dos dedos afrouxados; mas o gesto o trouxe de volta ao presente, e ele a recuperou depressa.

— Agora, Catherine Linton — disse ele. — Afaste-se, ou vou derrubá-la, e isso vai deixar a sra. Dean louca.

Sem ligar para a advertência, ela tornou a agarrar a mão fechada e o que havia dentro. — Nós vamos embora! — repetiu, fazendo toda a força para obrigar aqueles músculos de ferro a relaxar. E, vendo que as unhas não surtiam efeito, cravou os dentes com bastante vigor. Heathcliff me lançou um olhar que me impediu de interferir por um instante. Catherine estava concentrada demais nos dedos dele para notar seu rosto. De repente, ele os abriu e cedeu o objeto da disputa; mas, antes que ela o segurasse direito, agarrou-a com a mão livre, puxou-a para o joelho e, com a outra, desferiu uma chuva de tapas terríveis nos dois lados da cabeça, cada um suficiente para cumprir a ameaça, se ela tivesse como cair.

Diante daquela violência diabólica, avancei furiosamente contra ele, gritando "Seu canalha! Seu canalha!". Um golpe no peito me calou: sou corpulenta e perco o fôlego depressa, e, entre o golpe e a raiva, cambaleei para trás, tonta, sentindo que ia sufocar ou romper um vaso sanguíneo. A cena acabou em dois minutos. Solta, Catherine levou as duas mãos às têmporas e ficou com uma expressão de quem não sabia se as orelhas ainda estavam no lugar. Tremia como uma vara, pobrezinha, apoiada à mesa, completamente aturdida.

— Como vê, sei castigar crianças — disse o canalha, sombrio, abaixando-se para apanhar de novo a chave, que caíra no chão. — Vá para junto de Linton, como mandei, e chore à vontade! Amanhã serei seu pai, todo o pai que você terá dentro de poucos dias, e vai receber bastante disso. Você aguenta muito, não é fraca. Terá uma dose diária se eu voltar a ver esse gênio dos diabos nos seus olhos!

Cathy correu para mim, em vez de ir até Linton, ajoelhou-se e encostou a face ardente no meu colo, chorando alto. O primo se encolhera num canto do banco, quieto como um rato, felicitando-se, imagino, por o castigo ter caído em outra pessoa e não nele. O sr. Heathcliff, vendo-nos todos atordoados, levantou-se e preparou o chá depressa, ele mesmo. As xícaras e os pires já estavam postos. Serviu e me entregou uma xícara.

— Lave essa amargura — disse. — E sirva a sua mimada travessa e o meu. Não está envenenado, embora eu o tenha preparado. Vou sair para procurar seus cavalos.

Assim que ele saiu, nossa primeira ideia foi forçar uma saída em algum lugar. Tentamos a porta da cozinha, mas estava trancada pelo lado de fora. Examinamos as janelas: eram estreitas demais até para o corpo pequeno de Cathy.

— Sr. Linton — exclamei, vendo que estávamos realmente presas. — Você sabe o que seu pai diabólico pretende e vai nos contar, ou vou dar tapas nas suas orelhas como ele fez com sua prima.

— Sim, Linton, você precisa contar — disse Catherine. — Vim por sua causa, e será uma ingratidão perversa se recusar.

— Me dê chá, estou com sede, e depois conto — respondeu. — Sra. Dean, vá embora. Não gosto de você parada em cima de mim. Agora, Catherine, você está deixando cair lágrimas na minha xícara. Não vou beber isso. Dê-me outra.

Catherine empurrou outra xícara até ele e enxugou o rosto. Senti nojo da tranquilidade do pequeno miserável, agora que já não temia por si mesmo. A angústia que demonstrara na charneca desaparecera assim que ele entrara no Morro dos Ventos Uivantes. Por isso imaginei que tivesse sido ameaçado com uma terrível visitação de fúria se não conseguisse nos atrair até ali e que, cumprida a tarefa, não tinha mais temores imediatos.

— Papai quer que nos casemos — continuou, depois de beber um pouco. — E sabe que o seu papai não deixaria que casássemos agora, e tem medo de que eu morra se esperarmos. Por isso vamos nos casar de manhã, e você vai ficar aqui a noite inteira; e, se fizer o que ele quer, poderá voltar para casa no dia seguinte e me levar com você.

— Levar você com ela, criatura lastimável! — exclamei. — Você, casar? Ora, esse homem está louco! Ou pensa que somos todos idiotas. E você imagina que aquela jovem bonita, aquela moça forte e saudável, vai se prender a um macaquinho moribundo como você? Alimenta a ideia de que alguém, quanto mais a srta. Catherine Linton, o aceitaria como marido? Merece uma surra só por nos trazer aqui com seus truques covardes de chorão. E... não faça essa cara de bobo agora! Tenho muita vontade de sacudi-lo com força por essa traição desprezível e essa presunção imbecil.

De fato, dei-lhe uma pequena sacudida; mas isso provocou a tosse, e ele recorreu ao expediente habitual de gemer e chorar, e Catherine me repreendeu.

— Ficar a noite inteira? Não — disse ela, olhando devagar ao redor. — Ellen, eu queimo aquela porta, mas saio daqui.

E teria começado imediatamente a executar a ameaça, mas Linton voltou a se alarmar por sua preciosa pessoa. Abraçou-a com os dois braços fracos, soluçando: — Não vai me aceitar e me salvar? Não vai me deixar ir para a Granja? Ah, querida Catherine! Você não pode ir embora e me deixar, afinal. Precisa obedecer ao meu pai... precisa!

— Preciso obedecer ao meu — respondeu ela — e livrá-lo dessa incerteza cruel. A noite inteira! O que ele pensaria? Já deve estar aflito. Vou arrombar ou queimar um caminho para fora desta casa. Fique quieto! Você não corre perigo; mas, se me impedir... Linton, amo papai mais do que você!

O terror mortal que sentia da raiva do sr. Heathcliff devolveu ao menino sua eloquência de covarde. Catherine estava quase fora de si. Ainda assim, insistia em que precisava ir para casa e tentou, por sua vez, as súplicas, procurando convencê-lo a dominar aquela agonia egoísta. Enquanto se ocupavam disso, nosso carcereiro voltou.

— Seus animais foram embora a trote — disse. — E... agora, Linton! Choramingando de novo? O que ela andou fazendo com você? Vamos, vamos, basta; vá para a cama. Dentro de um ou dois meses, meu rapaz, você poderá retribuir as tiranias dela de agora com mão vigorosa. Está definhando de puro amor, não está? De nada mais neste mundo; e ela vai ficar com você! Pronto, para a cama! Zillah não estará aqui esta noite, vai ter de se despir sozinho. Silêncio! Pare com esse barulho! Quando estiver no seu quarto, não vou chegar perto de você, não precisa ter medo. Por acaso, conseguiu se sair razoavelmente. Cuidarei do resto.

Disse essas palavras segurando a porta aberta para o filho passar, e este saiu exatamente como um spaniel que suspeita de que a pessoa a seu lado pretende dar-lhe um apertão malvado. A porta tornou a ser trancada. Heathcliff se aproximou do fogo, onde minha patroa e eu estávamos em silêncio. Catherine ergueu os olhos e levou instintivamente a mão à face: a proximidade dele reavivava uma sensação dolorosa. Qualquer outra pessoa teria sido incapaz de olhar aquele gesto infantil com dureza, mas ele a encarou de cara fechada e murmurou: — Ah! Você não tem medo de mim? Sua coragem está bem disfarçada: parece assustada como o diabo!

— Agora tenho medo — respondeu ela. — Porque, se eu ficar, papai vai ser infeliz. E como posso suportar fazê-lo infeliz quando ele... quando ele... Sr. Heathcliff, deixe-me voltar para casa! Prometo me casar com Linton: papai gostaria que eu me casasse, e eu o amo. Por que o senhor quer me obrigar a fazer o que farei de livre vontade?

— Que ele se atreva a obrigá-la! — exclamei. — Há lei neste país, graças a Deus! Há, sim, embora estejamos num lugar afastado. Eu o denunciaria mesmo que fosse meu próprio filho: é crime grave, sem direito a privilégio eclesiástico!

— Silêncio! — disse o rufião. — Para o diabo com essa gritaria! Não quero que você fale. Srta. Linton, vou me divertir muito pensando que seu pai vai ser infeliz: não conseguirei dormir de satisfação. Não poderia ter encontrado maneira mais segura de fixar residência debaixo do meu teto pelas próximas vinte e quatro horas do que me informar que isso aconteceria. Quanto à sua promessa de se casar com Linton, cuidarei para que a cumpra, pois não sairá deste lugar antes que esteja cumprida.

— Então mande Ellen avisar a papai que estou em segurança! — exclamou Catherine, chorando amargamente. — Ou me case agora. Pobre papai! Ellen, ele vai pensar que nos perdemos. O que vamos fazer?

— Não vai, não! Vai pensar que você se cansou de cuidar dele e fugiu para se divertir um pouco — respondeu Heathcliff. — Não pode negar que entrou na minha casa por vontade própria, desprezando as ordens dele em contrário. E é muito natural que deseje diversão na sua idade, e que se cansasse de cuidar de um doente, e esse doente apenas seu pai. Catherine, os dias mais felizes dele acabaram quando os seus começaram. Imagino que ele a tenha amaldiçoado por vir ao mundo (eu, pelo menos, amaldiçoei), e seria bem apropriado se a amaldiçoasse ao sair dele. Eu me juntaria a ele. Não amo você! Como poderia? Chore à vontade. Pelo que vejo, será sua principal distração daqui em diante, a menos que Linton compense outras perdas; e seu pai previdente parece imaginar que ele pode. As cartas de conselho e consolo dele me divertiram imensamente. Na última, recomendou à minha joia que tivesse cuidado com a dele e fosse bondoso com ela quando a recebesse. Cuidado e bondade: isso é paternal. Mas Linton precisa de toda a sua reserva de cuidado e bondade para si mesmo. Linton sabe muito bem bancar o pequeno tirano. Ele se encarregará de torturar quantos gatos quiser, desde que lhes arranquem os dentes e cortem as garras. Garanto que você terá belas histórias da bondade dele para contar ao tio quando voltar para casa.

— Nisso está certo! — disse eu. — Explique o caráter do seu filho. Mostre a semelhança dele com o senhor, e então, espero, a srta. Cathy pensará duas vezes antes de aceitar esse basilisco!

— Agora não me importo muito de falar das qualidades amáveis dele — respondeu. — Porque ela vai ter de aceitá-lo ou permanecer prisioneira, e você junto com ela, até seu patrão morrer. Posso manter as duas aqui, muito bem escondidas. Se duvida, incentive-a a retirar a palavra, e terá a oportunidade de julgar!

— Não vou retirar minha palavra — disse Catherine. — Caso com ele ainda nesta hora, se puder ir depois para Thrushcross Grange. Sr.

Heathcliff, o senhor é um homem cruel, mas não é um demônio, e não vai destruir para sempre toda a minha felicidade por pura maldade. Se papai pensasse que o abandonei de propósito, e se morresse antes de eu voltar, eu suportaria viver? Parei de chorar, mas vou me ajoelhar aqui, junto ao seu joelho, e não vou me levantar nem tirar os olhos do seu rosto até que olhe para mim! Não, não vire o rosto! Olhe! Não verá nada que o provoque. Não o odeio. Não estou zangada porque me bateu. Nunca amou ninguém em toda a sua vida, tio? Nunca? Ah! Precisa olhar uma vez. Estou tão infeliz que o senhor não pode deixar de sentir pena e compaixão de mim.

— Tire esses dedos de salamandra e saia daí, ou vou lhe dar um pontapé! — gritou Heathcliff, repelindo-a com brutalidade. — Prefiro ser abraçado por uma cobra. Como diabos pode sonhar em me fazer agrados? Eu a detesto!

Encolheu os ombros: na verdade, sacudiu-se, como se a carne se arrepiasse de aversão, e empurrou a cadeira para trás. Eu me levantei e abri a boca para começar uma verdadeira torrente de insultos. Mas fui emudecida no meio da primeira frase pela ameaça de ser levada sozinha a um quarto se pronunciasse mais uma sílaba. Estava escurecendo. Ouvimos um som de vozes no portão do jardim. Nosso anfitrião saiu imediatamente, apressado: ele tinha a cabeça no lugar, nós não. Houve uma conversa de dois ou três minutos, e ele voltou sozinho.

— Pensei que fosse seu primo Hareton — comentei com Catherine. — Quem dera ele chegasse! Quem sabe ele não ficaria do nosso lado?

— Eram três criados mandados da Granja para procurar vocês — disse Heathcliff, que me ouvira. — Vocês deviam ter aberto uma janela e gritado; mas eu juraria que essa menina está contente por não terem feito isso. Está feliz por ser obrigada a ficar, tenho certeza.

Ao saber da oportunidade que havíamos perdido, nós duas demos vazão à tristeza sem controle, e ele nos deixou lamentar até as nove horas.

Então mandou que subíssemos, pela cozinha, até o quarto de Zillah. Sussurrei à minha companheira que obedecesse: talvez conseguíssemos sair pela janela de lá, ou chegar a um sótão e escapar pela claraboia. Mas a janela era estreita como as de baixo, e o alçapão do sótão estava a salvo de nossas tentativas, pois fomos trancadas como antes. Nenhuma das duas se deitou. Catherine tomou posição junto à janela e esperou ansiosamente o amanhecer; um suspiro profundo era a única resposta que eu conseguia obter aos meus pedidos frequentes para que tentasse descansar. Sentei-me numa cadeira e fiquei balançando o corpo para a frente e para trás, julgando com dureza minhas muitas falhas no cumprimento do dever, das quais, pareceu-me então, tinham nascido todas as desgraças dos meus patrões. Sei que não era assim na realidade; mas, na minha imaginação, naquela noite sombria, era, e considerei o próprio Heathcliff menos culpado do que eu.

Às sete horas, ele veio e perguntou se a srta. Linton já se levantara. Ela correu imediatamente para a porta e respondeu que sim. — Então venha — disse ele, abrindo a porta e puxando-a para fora. Levantei-me para seguir, mas ele tornou a girar a chave. Exigi que me libertasse.

— Tenha paciência — respondeu. — Vou mandar seu café da manhã daqui a pouco.

Bati nos painéis e sacudi o trinco com raiva, e Catherine perguntou por que eu continuava trancada. Ele respondeu que eu precisava tentar suportar mais uma hora, e os dois se afastaram. Suportei duas ou três horas. Por fim, ouvi passos: não eram de Heathcliff.

— Trouxe uma coisa pra você comer — disse uma voz. — Abre a porta!

Obedeci depressa e vi Hareton carregando comida suficiente para me durar o dia inteiro.

— Toma — acrescentou, enfiando a bandeja nas minhas mãos.

— Espere um minuto — comecei.

— Não — exclamou ele, e se retirou, indiferente a todas as súplicas com que eu tentava detê-lo.

E ali permaneci fechada o dia inteiro e a noite seguinte inteira, e outra, e mais outra. Ao todo, fiquei cinco noites e quatro dias, sem ver ninguém além de Hareton, uma vez a cada manhã; e ele era um modelo de carcereiro: carrancudo, mudo e surdo a qualquer tentativa de despertar seu senso de justiça ou sua compaixão.

Capítulo XXVIII



a quinta manhã, ou melhor, à tarde, ouvi passos diferentes, mais leves e curtos, e dessa vez a pessoa entrou no quarto. Era Zillah, com seu xale escarlate, um chapéu de seda preta na cabeça e um cesto de vime pendurado no braço.

— Ora, meu Deus! Sra. Dean! — exclamou. — Pois estão falando muito da senhora em Gimmerton. Eu tinha certeza de que a senhora afundara no pântano de Blackhorse, com a senhorita junto, até o patrão me dizer que tinham encontrado vocês e que ele a alojara aqui! O quê! Devem ter conseguido subir numa ilhota, não é? E quanto tempo ficaram naquele buraco? Foi o patrão que a salvou, sra. Dean? Mas não está tão magra. Não passou tão mal assim, passou?

— Seu patrão é um verdadeiro canalha! — respondi. — Mas vai responder por isso. Não precisava inventar essa história: tudo será revelado!

— O que quer dizer? — perguntou Zillah. — A história não é dele: é o que contam no povoado, que vocês se perderam no pântano. Quando cheguei, falei para Earnshaw: "Ah, sr. Hareton, aconteceram coisas estranhas desde que saí. Que pena daquela moça tão promissora

e da alegre Nelly Dean!". Ele ficou me olhando. Pensei que não soubesse de nada, então contei o boato. O patrão escutou, sorriu sozinho e disse: "Se estiveram no pântano, já saíram, Zillah. Nelly Dean está hospedada neste momento no seu quarto. Pode dizer que vá embora quando subir. Aqui está a chave. A água do pântano subiu à cabeça dela, e teria voltado para casa completamente desorientada, mas eu a segurei até recuperar o juízo. Diga que pode ir imediatamente à Grange, se tiver condições, e levar meu recado: a senhorita irá a tempo de assistir ao enterro do fidalgo".

— O sr. Edgar não morreu? — perguntei, sem ar. — Ah, Zillah, Zillah!

— Não, não. Sente-se, minha boa senhora — respondeu. — Ainda está bem doente. Ele não morreu; o doutor Kenneth acha que talvez dure mais um dia. Encontrei-o na estrada e perguntei.

Em vez de me sentar, agarrei minhas coisas de sair e corri para baixo, pois o caminho estava livre. Ao entrar na sala, procurei alguém que me desse notícias de Catherine. O lugar estava cheio de sol, e a porta, escancarada, mas ninguém parecia por perto. Enquanto hesitava entre partir imediatamente ou voltar para procurar minha patroa, uma tosse leve chamou minha atenção para a lareira. Linton estava deitado no banco, único ocupante, chupando um bastão de açúcar cristalizado e acompanhando meus movimentos com olhos apáticos. "Onde está a srta. Catherine?", perguntei, severa, supondo que, apanhando-o assim sozinho, poderia assustá-lo e fazê-lo contar. Ele continuou chupando o doce como um inocente.

— Ela foi embora? — perguntei.

— Não — respondeu. — Está lá em cima. Não pode ir. Não vamos deixar.

— Não vão deixar, seu pequeno idiota! — exclamei. — Diga imediatamente onde fica o quarto dela, ou vou fazer você gritar de verdade.

— Papai faria você gritar se tentasse chegar lá — respondeu. — Ele diz que não devo ser mole com Catherine: é minha esposa, e é uma vergonha que queira me deixar. Diz que ela me odeia e quer que eu morra para ficar com meu dinheiro; mas não vai ficar, nem vai voltar para casa! Nunca vai! Pode chorar e ficar doente à vontade!

Retomou a ocupação anterior, fechando as pálpebras como se pretendesse dormir.

— Sr. Heathcliff — recomecei —, esqueceu toda a bondade de Catherine no inverno passado, quando dizia que a amava, e ela lhe trazia livros, cantava para você e vinha muitas vezes através do vento e da neve para vê-lo? Chorava por perder uma noite, porque você ficaria decepcionado, e naquela época sentia que ela era cem vezes melhor para você do que merecia. Agora acredita nas mentiras do seu pai, embora saiba que ele detesta os dois. E se junta a ele contra ela. Bela gratidão, não é?

O canto da boca de Linton cedeu, e ele tirou o doce dos lábios.

— Ela veio ao Morro dos Ventos Uivantes porque odiava você? — continuei. — Pense por si mesmo! Quanto ao dinheiro, ela nem sabe que você terá algum. E você diz que ela está doente, mas a deixa sozinha lá em cima, numa casa estranha! Você, que já sentiu o que é ser tão abandonado! Sabia ter pena do próprio sofrimento, e ela também tinha. Mas você não tem pena do dela! Veja, estou chorando, sr. Heathcliff: uma mulher de idade, uma simples criada. E você, depois de fingir tanto amor e de ter motivos para quase adorá-la, guarda todas as lágrimas para si e fica aí deitado, perfeitamente à vontade. Ah, você é um menino egoísta e sem coração!

— Não posso ficar com ela — respondeu, irritado. — Não vou ficar sozinho com ela. Chora tanto que não aguento. E não para, mesmo quando digo que vou chamar meu pai. Chamei uma vez, e ele ameaçou estrangulá-la se não ficasse quieta; mas ela recomeçou no instante em que ele saiu, gemendo e se lamentando a noite inteira, embora eu gritasse de raiva por não conseguir dormir.

— O sr. Heathcliff saiu? — perguntei, percebendo que aquela criatura miserável não era capaz de sentir compaixão pela tortura mental da prima.

— Está no pátio — respondeu —, conversando com o doutor Kenneth, que diz que meu tio está mesmo morrendo, finalmente. Fico contente, porque vou ser o dono da Grange depois dele. Catherine sempre falava de lá como se fosse a casa dela. Não é dela! É minha: papai diz que tudo o que ela tem é meu. Todos aqueles livros bonitos são meus. Ela ofereceu me dar os livros, os passarinhos e a pônei Minny se eu pegasse a chave do nosso quarto e a soltasse; mas eu disse que ela não tinha nada para dar, porque tudo, tudo era meu. Então chorou, tirou um retratinho do pescoço e disse que eu podia ficar com ele: duas pinturas num estojo de ouro, de um lado a mãe, do outro meu tio, quando eram jovens. Foi ontem. Eu disse que também eram meus e tentei tomá-los. A maldosa não deixou: me empurrou e me machucou. Gritei (isso a assusta), e ela ouviu papai chegando, quebrou as dobradiças, separou o estojo e me deu o retrato da mãe. Tentou esconder o outro, mas papai perguntou o que estava acontecendo, e eu expliquei. Tirou de mim o que eu tinha e mandou que ela me entregasse o dela. Ela se recusou, e ele... ele a derrubou com um golpe, arrancou o retrato da corrente e o esmagou com o pé.

— E você gostou de vê-la apanhar? — perguntei, com meus próprios motivos para incentivá-lo a falar.

— Fechei os olhos — respondeu. — Fecho os olhos quando vejo meu pai bater num cão ou num cavalo, porque bate muito forte. Mas, de início, fiquei contente: ela merecia um castigo por me empurrar. Só que, depois que papai saiu, me fez ir até a janela e mostrou o corte por dentro da bochecha, contra os dentes, e a boca se enchendo de sangue. Depois juntou os pedaços do retrato, foi se sentar de frente para a parede e nunca mais falou comigo. Às vezes acho que não consegue falar de dor. Não gosto de pensar nisso. Mas ela é má por chorar sem parar, e está tão pálida e desvairada que tenho medo dela.

— E você consegue pegar a chave, se quiser? — perguntei.

— Sim, quando estou lá em cima — respondeu. — Mas agora não consigo subir a escada.

— Em que quarto está? — perguntei.

— Ah — exclamou —, não vou dizer onde fica. É nosso segredo. Ninguém pode saber, nem Hareton nem Zillah. Pronto, você me cansou. Vá embora, vá embora! — E virou o rosto sobre o braço e fechou os olhos de novo.

Julguei melhor partir sem ver o sr. Heathcliff e trazer socorro da Grange para minha senhorita. Ao chegar, o espanto dos outros criados ao me ver foi enorme, assim como a alegria. Quando ouviram que sua jovem patroa estava em segurança, dois ou três já iam subir correndo e gritar a notícia à porta do sr. Edgar. Mas reservei para mim o anúncio. Como o encontrei mudado, mesmo naqueles poucos dias! Jazia como uma imagem de tristeza e resignação, à espera da morte. Parecia muito jovem: embora tivesse trinta e nove anos, qualquer um lhe daria pelo menos dez a menos. Pensava em Catherine, pois murmurava seu nome. Toquei sua mão e falei.

— Catherine está vindo, querido patrão! — sussurrei. — Está viva e bem, e espero que esteja aqui esta noite.

Tremi diante do primeiro efeito da notícia: ele se ergueu um pouco, olhou ansiosamente pelo quarto e depois caiu para trás, desmaiado. Assim que se recuperou, contei nossa visita forçada e a prisão no Morro. Disse que Heathcliff me obrigara a entrar, o que não era inteiramente verdade. Falei o mínimo possível contra Linton e não descrevi toda a brutalidade do pai: minha intenção era não acrescentar amargura, se pudesse evitar, ao cálice que já transbordava.

Ele adivinhou que um dos objetivos do inimigo era garantir ao filho, ou melhor, a si mesmo, os bens móveis além da propriedade. Mas por que Heathcliff não esperara sua morte era um enigma para meu patrão, pois ignorava que ele e o sobrinho deixariam o mundo quase juntos. Ainda assim, percebeu que seria melhor alterar o testamento: em vez de deixar a fortuna de Catherine à livre disposição dela, resolveu entregá-la a administradores de confiança, para uso dela durante a vida e, depois, de seus filhos, se os tivesse. Desse modo, não poderia cair nas mãos do sr. Heathcliff caso Linton morresse.

Recebidas as ordens, mandei um homem buscar o advogado e mais quatro, equipados com armas adequadas, exigir do carcereiro que libertasse minha senhorita. Os dois grupos demoraram até muito tarde. O criado que fora sozinho voltou primeiro. Disse que o sr. Green, o advogado, estava fora quando chegou à casa dele e que precisara esperar duas horas pela volta; então o sr. Green lhe dissera que tinha um pequeno assunto a resolver no povoado, mas estaria em Thrushcross Grange antes de amanhecer. Os quatro homens também voltaram sem companhia. Trouxeram o recado de que Catherine estava doente, doente demais para sair do quarto, e que Heathcliff não permitira que a vissem. Repreendi duramente aqueles idiotas por acreditarem na história, que não levaria ao patrão, e resolvi subir ao Morro ao amanhecer com um grupo inteiro e invadir a casa literalmente, a menos que a prisioneira nos fosse entregue sem resistência. O pai iria vê-la, jurei

e tornei a jurar, mesmo que aquele demônio morresse nos próprios degraus da porta tentando impedir!

Felizmente, fui poupada da viagem e do trabalho. Às três horas, descera para buscar uma jarra de água e atravessava o vestíbulo com ela na mão quando uma batida seca na porta da frente me fez dar um salto. "Ah, é Green", disse, recuperando-me. "Só Green." Continuei, pensando em mandar outra pessoa abrir. Mas a batida se repetiu, não muito forte, porém insistente. Pus a jarra sobre o corrimão e me apressei a abrir eu mesma. A lua da colheita brilhava clara lá fora. Não era o advogado. Minha própria doce senhorita se atirou ao meu pescoço, soluçando: "Ellen, Ellen! Papai está vivo?".

— Sim! — exclamei. — Sim, meu anjo, está! Graças a Deus, você está de novo em segurança conosco!

Ela quis correr, apesar da falta de fôlego, para o quarto do sr. Linton, mas a obriguei a se sentar numa cadeira, fiz com que bebesse e lavei seu rosto pálido, esfregando-o com o avental até ganhar um pouco de cor. Depois disse que precisava ir na frente anunciar sua chegada e implorei que dissesse que seria feliz com o jovem Heathcliff. Ela arregalou os olhos, mas logo entendeu por que eu a aconselhava a dizer aquela mentira e garantiu que não se queixaria.

Não suportei estar presente ao reencontro. Fiquei do lado de fora da porta por um quarto de hora e, mesmo depois, mal ousei me aproximar da cama. Tudo, porém, estava tranquilo: o desespero de Catherine era tão silencioso quanto a alegria do pai. Ela o amparava com uma calma aparente, e ele mantinha erguidos e fixos no rosto dela os olhos, que pareciam se dilatar de êxtase.

Morreu feliz, sr. Lockwood: foi assim que morreu. Beijando a face dela, murmurou: "Estou indo para ela; e você, minha filha querida, virá para nós!". Nunca mais se moveu nem falou, mas conservou aquele olhar radiante e arrebatado até que o pulso parou sem que se percebesse,

e sua alma partiu. Ninguém poderia ter indicado o minuto exato da morte, tão completamente sem luta ela foi.

Não sei se Catherine esgotara as lágrimas ou se a dor era pesada demais para deixá-las correr; ficou sentada ali, de olhos secos, até o sol nascer. Ficou até o meio-dia e ainda teria permanecido inclinada sobre o leito de morte se eu não insistisse para que saísse e descansasse um pouco. Ainda bem que consegui afastá-la, pois na hora do jantar apareceu o advogado, depois de passar no Morro dos Ventos Uivantes para receber instruções sobre como agir. Vendera-se ao sr. Heathcliff: essa era a razão da demora em atender ao chamado do meu patrão. Felizmente, depois da chegada da filha, nenhum pensamento sobre assuntos terrenos atravessou a mente dele para perturbá-lo.

O sr. Green assumiu o direito de dar ordens sobre tudo e a todos na casa. Dispensou todos os criados, menos eu. Teria levado a autoridade que lhe fora delegada ao ponto de exigir que Edgar Linton não fosse enterrado ao lado da esposa, mas na capela, com sua família. Havia, porém, o testamento para impedir isso, além dos meus protestos veementes contra qualquer violação de suas instruções. O enterro foi feito às pressas. Catherine, agora sra. Linton Heathcliff, recebeu permissão para ficar na Grange até que o corpo do pai saísse de lá.

Ela me contou que sua angústia finalmente levara Linton a correr o risco de libertá-la. Ouvira os homens que mandei discutindo à porta e entendera o sentido da resposta de Heathcliff. Aquilo a deixara desesperada. Linton, que fora levado à salinha pouco depois da minha saída, ficou tão assustado que buscou a chave antes que o pai subisse de novo. Teve a esperteza de destrancar a porta e tornar a trancá-la sem fechá-la, e, na hora de se deitar, pediu para dormir com Hareton, e dessa vez atenderam ao pedido. Catherine escapou antes do amanhecer. Não ousou tentar as portas, por medo de que os cães dessem o alarme; percorreu os quartos vazios e examinou as janelas. Por sorte, ao dar com

o quarto da mãe, conseguiu sair facilmente pela janela de treliça e descer até o chão usando o pinheiro próximo. O cúmplice sofreu por sua participação na fuga, apesar de todas as suas precauções tímidas.

Capítulo XXIX

Na noite seguinte ao enterro, a senhorita e eu estávamos sentadas na biblioteca, ora pensando tristemente (uma de nós, desesperadamente) em nossa perda, ora arriscando conjecturas sobre o futuro sombrio.

Acabáramos de concordar que o melhor destino que Catherine poderia esperar seria a permissão de continuar morando na Grange, pelo menos durante a vida de Linton: ele poderia se juntar a ela ali, e eu ficaria como governanta. O arranjo parecia favorável demais para ser esperado; mesmo assim, eu esperava e começava a me animar com a perspectiva de conservar meu lar, meu trabalho e, acima de tudo, minha querida jovem patroa. Foi quando um criado, um dos dispensados que ainda não partira, entrou às pressas e anunciou que "aquele demônio do Heathcliff" atravessava o pátio. Deveria trancar a porta na cara dele?

Mesmo que tivéssemos sido loucas o bastante para ordenar isso, não haveria tempo. Ele não se deu ao trabalho de bater ou anunciar o nome: era o dono e usou o privilégio de dono de entrar diretamente, sem uma palavra. A voz do criado o guiou até a biblioteca. Entrou, fez sinal para que o homem saísse e fechou a porta.

Era o mesmo aposento a que o tinham conduzido como convidado dezoito anos antes: a mesma lua brilhava pela janela, e a mesma paisagem de outono se estendia lá fora. Ainda não acendêramos uma vela, mas todo o cômodo era visível, até os retratos na parede: a cabeça esplêndida

da sra. Linton e a graciosa do marido. Heathcliff avançou até a lareira. O tempo também pouco alterara sua aparência. Era o mesmo homem: o rosto escuro um pouco mais amarelado e mais sereno, o corpo talvez uns quilos mais pesado, e nenhuma outra diferença. Ao vê-lo, Catherine se levantara com o impulso de fugir.

— Pare! — disse ele, segurando-a pelo braço. — Chega de fugas! Para onde iria? Vim buscar você para casa e espero que seja uma filha obediente e não incentive meu filho a mais desobediência. Fiquei sem saber como castigá-lo quando descobri sua participação na história: é uma teia de aranha, um beliscão o destruiria. Mas verá pela aparência dele que recebeu o que merecia! Anteontem à noite, eu o trouxe para baixo, apenas o coloquei numa cadeira e não toquei mais nele. Mandei Hareton sair, e ficamos sozinhos na sala. Duas horas depois, chamei Joseph para levá-lo de volta para cima, e desde então minha presença atua sobre seus nervos como a de um fantasma. Imagino que me veja muitas vezes mesmo quando não estou perto. Hareton diz que ele acorda e grita por horas durante a noite, chamando você para protegê-lo de mim. Goste ou não do seu precioso companheiro, precisa vir: agora ele é problema seu. Cedo-lhe todo o meu interesse nele.

— Por que não deixa Catherine continuar aqui — implorei — e manda o sr. Linton para junto dela? Já que odeia os dois, não sentirá falta: só podem ser uma praga diária para esse seu coração desnaturado.

— Estou procurando um inquilino para a Grange — respondeu — e, naturalmente, quero meus filhos por perto. Além disso, essa moça me deve trabalho pelo pão que come. Não vou sustentá-la no luxo e na ociosidade depois que Linton morrer. Agora, apresse-se e se prepare, e não me obrigue a forçá-la.

— Vou — disse Catherine. — Linton é tudo o que me resta para amar no mundo, e, embora tenha feito o que pôde para torná-lo odioso a mim e a mim odiosa a ele, não pode nos fazer odiar um ao outro. E

desafio o senhor a machucá-lo na minha presença, e desafio o senhor a me assustar!

— Você é uma defensora cheia de bravatas — respondeu Heathcliff —, mas não gosto de você o bastante para machucá-lo: terá todo o benefício desse tormento enquanto durar. Não sou eu que vou torná-lo odioso aos seus olhos; é o doce temperamento dele. Está amargo como fel por causa do seu abandono e das consequências. Não espere agradecimentos por essa nobre dedicação. Ouvi-o traçar para Zillah um belo retrato do que faria se fosse tão forte quanto eu. A vontade existe, e sua própria fraqueza vai aguçar a inteligência para encontrar um substituto para a força.

— Sei que tem uma natureza ruim — disse Catherine. — É seu filho. Mas fico contente por ter uma melhor, capaz de perdoá-lo; e sei que ele me ama e, por isso, eu o amo. Sr. Heathcliff, o senhor não tem ninguém que o ame. Por mais infelizes que nos faça, ainda teremos a vingança de pensar que sua crueldade nasce de uma infelicidade maior que a nossa. O senhor é infeliz, não é? Solitário como o diabo, e invejoso como ele? Ninguém o ama. Ninguém vai chorar quando morrer! Eu não queria estar no seu lugar!

Catherine falou com uma espécie de triunfo sombrio: parecia decidida a adotar o espírito de sua futura família e tirar prazer das dores dos inimigos.

— Daqui a pouco, vai lamentar estar no seu próprio lugar — disse o sogro —, se ficar aí mais um minuto. Vá, bruxa, buscar suas coisas!

Ela se retirou com desprezo. Durante sua ausência, comecei a pedir o lugar de Zillah no Morro, oferecendo o meu a ela em troca; mas ele não admitiu de modo algum. Mandou que eu me calasse e então, pela primeira vez, permitiu-se olhar ao redor e examinar os retratos. Depois de estudar o da sra. Linton, disse: — Vou levá-lo para casa. Não porque precise, mas... — Virou-se bruscamente para o fogo e continuou com o

que, por falta de palavra melhor, preciso chamar de sorriso: — Vou contar o que fiz ontem! Convenci o coveiro, que abria a sepultura de Linton, a tirar a terra de cima da tampa do caixão dela, e eu o abri. Por um momento, pensei em ficar ali. Quando vi seu rosto outra vez (ainda é o rosto dela!), ele teve muito trabalho para me tirar de lá. Mas disse que se alteraria se o ar o tocasse, e então soltei uma das laterais do caixão e voltei a cobri-lo. Não o lado de Linton, maldito seja! Queria que o tivessem soldado dentro de chumbo. E subornei o coveiro para retirar essa lateral quando eu for colocado lá e tirar também a do meu caixão. Vou mandar fazê-lo assim. Então, quando Linton chegar até nós, não saberá distinguir um do outro!

— O senhor foi muito perverso, sr. Heathcliff! — exclamei. — Não teve vergonha de perturbar os mortos?

— Não perturbei ninguém, Nelly — respondeu —, e dei algum alívio a mim mesmo. Agora vou me sentir muito mais confortável, e vocês terão mais chance de me manter debaixo da terra quando eu chegar lá. Perturbá-la? Não! Ela me perturbou noite e dia durante dezoito anos, sem parar, sem piedade, até ontem à noite. E ontem à noite fiquei tranquilo. Sonhei que dormia o último sono ao lado daquela adormecida, com o coração parado e minha face congelada contra a dela.

— E, se ela tivesse se desfeito em terra ou coisa pior, com o que teria sonhado? — perguntei.

— Em me desfazer com ela e ser ainda mais feliz! — respondeu. — Supõe que eu tema alguma mudança desse tipo? Esperava encontrar essa transformação ao levantar a tampa, mas fico mais contente que ela não comece antes de eu poder compartilhá-la. Além disso, se não tivesse recebido uma impressão nítida de suas feições serenas, dificilmente teria me livrado daquela sensação estranha. Começou de um jeito curioso. Você sabe que fiquei desvairado depois que ela morreu, pedindo

eternamente, de um amanhecer ao outro, que seu espírito voltasse para mim! Tenho muita fé em fantasmas: estou convencido de que podem existir entre nós e existem! No dia em que foi enterrada, nevou. À noite, fui ao cemitério. Soprava um vento frio de inverno, e tudo ao redor estava deserto. Não temia que o idiota do marido subisse pelo vale tão tarde, e ninguém mais tinha motivo para estar ali. Sozinho, sabendo que apenas duas jardas de terra solta nos separavam, disse a mim mesmo: "Vou tê-la nos braços outra vez! Se estiver fria, pensarei que é este vento norte que me gela; se estiver imóvel, é porque dorme". Peguei uma pá no depósito de ferramentas e comecei a cavar com toda a força. Ela raspou no caixão. Passei a trabalhar com as mãos, e a madeira começou a estalar ao redor dos parafusos. Eu estava prestes a alcançar meu objetivo quando me pareceu ouvir um suspiro de alguém acima, bem junto à borda da sepultura, inclinado para baixo. "Se eu conseguir tirar isto", murmurei, "que joguem a terra por cima de nós dois!" E puxei com ainda mais desespero. Houve outro suspiro, junto ao meu ouvido. Pareceu-me sentir seu hálito quente afastar o vento carregado de neve gelada. Eu sabia que não havia ali nenhum ser vivo de carne e osso; mas, com a mesma certeza com que você percebe a aproximação de um corpo real no escuro, mesmo sem distingui-lo, senti que Cathy estava presente, não debaixo de mim, mas sobre a terra. Um alívio repentino se espalhou do meu coração por todos os membros. Abandonei aquele trabalho de agonia e, no mesmo instante, fiquei consolado, indescritivelmente consolado. Sua presença estava comigo: permaneceu enquanto eu enchia de novo a sepultura e me levou para casa. Pode rir, se quiser, mas eu tinha certeza de que a veria lá. Tinha certeza de que estava comigo e não conseguia deixar de falar com ela. Quando cheguei ao Morro, corri ansioso para a porta. Estava trancada, e lembro que aquele maldito Earnshaw e minha esposa se opuseram à minha entrada. Lembro de parar para chutá-lo até tirar seu fôlego e depois correr para cima, para o

meu quarto e o dela. Olhei ao redor, impaciente: sentia-a ao meu lado, quase conseguia vê-la, mas não conseguia! Devia ter suado sangue naquele momento, pela agonia do desejo, pelo fervor das súplicas para ter apenas um vislumbre! Não tive nenhum. Ela se mostrou para mim o que tantas vezes fora em vida: um demônio! E, desde então, às vezes mais, às vezes menos, sou o brinquedo dessa tortura intolerável! Infernal! Mantém meus nervos tão esticados que, se não fossem como cordas de tripa, há muito teriam cedido à fraqueza dos de Linton. Quando estava sentado em casa com Hareton, parecia que, se saísse, a encontraria; quando andava pelas charnecas, pensava que a encontraria ao entrar. Se saía de casa, apressava-me a voltar: ela devia estar em algum lugar do Morro, eu tinha certeza! E, quanto a dormir no quarto dela... até disso tive de desistir. Não conseguia ficar ali, porque, no instante em que fechava os olhos, ela estava do lado de fora da janela, ou afastando os painéis, ou entrando no quarto, ou até pousando sua querida cabeça no mesmo travesseiro, como fazia em criança; e eu precisava abrir os olhos para ver. Assim, abria e fechava os olhos cem vezes por noite, sempre para me decepcionar! Aquilo me torturava! Muitas vezes gemi alto, até que aquele velho patife, Joseph, sem dúvida acreditou que minha consciência fazia o papel de demônio dentro de mim. Agora, desde que a vi, estou apaziguado. Um pouco. Foi um jeito estranho de matar: não aos poucos, mas por frações da espessura de um fio de cabelo, enganando-me com o espectro de uma esperança durante dezoito anos!

O sr. Heathcliff parou e enxugou a testa, à qual os cabelos se colavam, molhados de suor. Seus olhos estavam fixos nas brasas vermelhas da lareira; as sobrancelhas, em vez de franzidas, erguiam-se junto às têmporas. Isso diminuía o aspecto sombrio do rosto, mas lhe dava uma expressão peculiar de aflição e a aparência dolorosa de uma tensão mental concentrada num único assunto absorvente. Só em parte se dirigia a mim, e mantive o silêncio. Não gostava de ouvi-lo falar!

Depois de algum tempo, voltou a contemplar o retrato, tirou-o da parede e o apoiou no sofá para observá-lo melhor. Enquanto se ocupava disso, Catherine entrou, anunciando que estaria pronta assim que sua pônei fosse selada.

— Mande isso para lá amanhã — disse Heathcliff para mim. Depois se virou para ela e acrescentou: — Pode dispensar a pônei. A noite está bonita, e não precisará de pôneis no Morro dos Ventos Uivantes: para as viagens que fizer, seus próprios pés servirão. Vamos.

— Adeus, Ellen! — sussurrou minha querida senhorita. Ao me beijar, seus lábios pareciam gelo. — Venha me ver, Ellen; não se esqueça.

— Trate de não fazer nada disso, sra. Dean! — disse seu novo pai. — Quando quiser falar com você, virei aqui. Não quero suas intromissões na minha casa!

Fez sinal para que ela fosse na frente e, lançando para trás um olhar que me cortou o coração, Catherine obedeceu. Da janela, vi os dois descerem pelo jardim. Heathcliff prendeu o braço dela debaixo do seu, embora ela evidentemente resistisse a princípio, e, a passos largos e rápidos, a levou para a alameda, cujas árvores os esconderam.

Capítulo XXX

Fiz uma visita ao Morro, mas não a vi desde que partiu. Quando apareci para perguntar por ela, Joseph segurou a porta e não me deixou passar. Disse que a sra. Linton estava "ocupada" e que o patrão não se encontrava. Zillah me contou alguma coisa sobre a vida que levam. Caso contrário, eu mal saberia quem estava morto e quem continuava vivo. Pelo que diz, percebo que considera Catherine orgulhosa e não gosta dela. Quando chegou, minha senhorita

lhe pediu alguma ajuda, mas o sr. Heathcliff mandou que cuidasse do próprio serviço e deixasse a nora se arranjar sozinha. Zillah obedeceu de bom grado, pois é uma mulher mesquinha e egoísta. Catherine demonstrou uma irritação de criança diante daquele abandono e o retribuiu com desprezo, e assim transformou minha informante em inimiga com tanta certeza quanto se lhe tivesse feito um grande mal. Conversei longamente com Zillah há umas seis semanas, pouco antes de o senhor chegar, num dia em que nos encontramos na charneca. Foi isto que me contou:

— A primeira coisa que a sra. Linton fez ao chegar ao Morro foi correr para cima, sem sequer dar boa-noite a mim e a Joseph. Trancou-se no quarto de Linton e ficou até de manhã. Então, enquanto o patrão e Earnshaw tomavam café, entrou na sala e perguntou, tremendo inteira, se podiam mandar buscar o médico: seu primo estava muito mal.

— "Sabemos disso!", respondeu Heathcliff. "Mas a vida dele não vale um tostão, e não vou gastar um tostão com ele."

— "Mas não sei o que fazer", disse ela. "Se ninguém me ajudar, ele vai morrer!"

— "Saia daqui", gritou o patrão, "e não quero ouvir mais uma palavra sobre ele! Ninguém aqui se importa com o que lhe aconteça. Se você se importa, seja a enfermeira; se não, tranque-o e o deixe."

— Então começou a me incomodar, e respondi que já tivera bastante trabalho com aquela criatura cansativa. Cada um tinha sua tarefa, e a dela era cuidar de Linton: o sr. Heathcliff me mandara deixar esse serviço para ela.

— Não sei dizer como os dois se arranjaram. Imagino que ele se irritasse muito e gemesse dia e noite, e ela descansava pouquíssimo, como se via pelo rosto branco e pelos olhos pesados. Às vezes vinha à cozinha completamente atordoada, com uma expressão de quem queria

implorar ajuda; mas eu não ia desobedecer ao patrão. Nunca ouso desobedecê-lo, sra. Dean. E, embora achasse errado não mandarem chamar Kenneth, não era da minha conta aconselhar nem reclamar, e sempre me recusei a interferir. Uma ou duas vezes, depois de nos deitarmos, abri a porta de novo por acaso e a vi sentada chorando no alto da escada; então me fechei depressa, com medo de me comover e acabar me metendo. Senti pena dela, sim, certamente. Mas não queria perder meu emprego, sabe.

— Por fim, uma noite, entrou sem cerimônia no meu quarto e me assustou terrivelmente ao dizer: "Avise ao sr. Heathcliff que o filho dele está morrendo. Desta vez tenho certeza. Levante-se agora mesmo e avise".

— Depois de falar, desapareceu de novo. Fiquei deitada por um quarto de hora, escutando e tremendo. Nada se movia: a casa estava quieta.

— "Está enganada", disse a mim mesma. "Ele superou a crise. Não preciso perturbá-los." E comecei a cochilar. Mas meu sono foi interrompido outra vez por um toque agudo de campainha, a única que temos, instalada de propósito para Linton. O patrão me chamou para ver o que havia e avisar aos dois que não toleraria a repetição daquele barulho.

— Transmiti o recado de Catherine. Ele praguejou consigo mesmo e, em poucos minutos, saiu com uma vela acesa e foi para o quarto dos dois. Eu o segui. A sra. Heathcliff estava sentada à beira da cama, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. O sogro se aproximou, levou a luz ao rosto de Linton, olhou e tocou nele. Depois se voltou para ela.

— "E agora, Catherine", disse, "como se sente?"

— Ela ficou muda.

— "Como se sente, Catherine?", repetiu.

— "Ele está a salvo, e eu estou livre", respondeu. "Deveria me sentir bem; mas", continuou, com uma amargura que não conseguiu esconder, "o senhor me deixou tanto tempo lutando sozinha contra a morte que só sinto e vejo a morte! Sinto como se fosse a própria morte!"

— E também parecia! Dei-lhe um pouco de vinho. Hareton e Joseph, acordados pela campainha e pelos passos, tinham ouvido nossa conversa do lado de fora e entraram. Acho que Joseph ficou contente com a partida do rapaz. Hareton pareceu um pouco incomodado, embora estivesse mais ocupado em olhar Catherine do que em pensar em Linton. Mas o patrão mandou que ele voltasse para a cama: não precisávamos de sua ajuda. Depois fez Joseph levar o corpo para o quarto dele e disse que eu voltasse para o meu, e a sra. Heathcliff ficou sozinha.

— De manhã, mandou que eu lhe dissesse para descer para o café. Ela tinha tirado a roupa e parecia prestes a dormir, e disse que estava doente, o que não me surpreendeu. Informei o sr. Heathcliff, e ele respondeu: "Bem, deixe-a em paz até depois do enterro. Suba de vez em quando para levar o que precisar e, assim que parecer melhor, avise".

Segundo Zillah, Cathy ficou no andar de cima por quinze dias. A governanta a visitava duas vezes ao dia e teria sido um pouco mais amigável, mas suas tentativas de aumentar a gentileza foram pronta e orgulhosamente repelidas.

Heathcliff subiu uma vez para lhe mostrar o testamento de Linton. Ele deixara ao pai todos os seus bens móveis, incluindo os que antes eram dela: a pobre criatura fora ameaçada ou persuadida a fazer isso durante a semana em que Catherine estivera ausente, quando o tio morreu. Nas terras, por ser menor de idade, não podia mexer. Mesmo assim, o sr. Heathcliff as reivindicou e conservou, em nome dos direitos da esposa e também dos seus próprios; suponho que legalmente. De

qualquer modo, Catherine, sem dinheiro nem amigos, não tem como contestar sua posse.

— Ninguém — disse Zillah —, além de mim, se aproximou da porta dela, fora aquela única vez, e ninguém perguntou nada a seu respeito. A primeira vez que desceu à sala foi numa tarde de domingo. Quando levei seu jantar, exclamou que não suportava mais ficar no frio. Respondi que o patrão iria a Thrushcross Grange e que Earnshaw e eu não precisávamos impedi-la de descer. Assim, logo que ouviu o cavalo de Heathcliff partir a trote, apareceu vestida de preto, com os cachos louros penteados para trás das orelhas, tão simples quanto uma quacre: não conseguira desembaraçá-los.

— Joseph e eu geralmente vamos à capela aos domingos. — A igreja, o senhor sabe, explicou a sra. Dean, agora está sem pastor, e eles chamam de capela o lugar dos metodistas ou dos batistas em Gimmerton, não sei ao certo qual dos dois. — Joseph tinha ido — continuou Zillah —, mas achei melhor ficar em casa. Os jovens sempre se beneficiam da supervisão de alguém mais velho, e Hareton, apesar da timidez, não é um modelo de boas maneiras. Avisei que sua prima provavelmente ficaria conosco e que ela sempre fora acostumada a ver o domingo respeitado; por isso, seria melhor deixar as armas e os pequenos serviços de casa de lado enquanto ela estivesse ali. Ele corou com a notícia e olhou para as mãos e as roupas. O óleo de baleia e a pólvora foram escondidos num minuto. Vi que pretendia lhe fazer companhia e, pelo jeito, adivinhei que queria estar apresentável. Então, rindo como não me atrevo a rir quando o patrão está por perto, ofereci ajuda, se quisesse, e brinquei com seu constrangimento. Ele ficou emburrado e começou a praguejar.

— Ora, sra. Dean — continuou Zillah, percebendo que seu tom não me agradava —, talvez ache sua senhorita refinada demais para o sr. Hareton, e talvez tenha razão. Mas confesso que gostaria muito de

baixar um pouco o orgulho dela. De que vão lhe servir agora tanta instrução e tanta delicadeza? É tão pobre quanto a senhora ou eu; mais pobre, aposto: a senhora economiza, e eu também faço o pouco que posso nesse sentido.

Hareton permitiu que Zillah o ajudasse, e ela o pôs de bom humor com elogios. Assim, quando Catherine chegou, ele, meio esquecido dos insultos anteriores, tentou ser agradável, segundo o relato da governanta.

— A senhora entrou — disse ela — fria como uma pedra de gelo e altiva como uma princesa. Levantei-me e ofereci meu lugar na poltrona. Não: torceu o nariz para minha gentileza. Earnshaw também se levantou e a convidou para o banco, bem perto do fogo: tinha certeza de que estava congelando.

— "Estou congelando há mais de um mês", respondeu, carregando a palavra com todo o desprezo possível.

— Pegou uma cadeira para si e a colocou longe de nós dois. Depois de ficar sentada até se aquecer, começou a olhar ao redor e descobriu vários livros no aparador. Levantou-se imediatamente e se esticou para pegá-los, mas estavam altos demais. O primo observou suas tentativas por um tempo e, por fim, criou coragem para ajudá-la: ela segurou a saia, e ele a encheu com os primeiros que alcançou.

— Foi um grande avanço para o rapaz. Ela não agradeceu; mesmo assim, ele ficou satisfeito por ela ter aceitado sua ajuda e se atreveu a ficar atrás enquanto ela examinava os livros, e até a se inclinar para apontar o que lhe chamava a atenção em algumas gravuras antigas que eles continham. Nem se intimidou com o jeito atrevido com que ela puxava a página para longe do dedo dele: contentou-se em recuar um pouco e olhar para ela em vez do livro. Ela continuou lendo, ou procurando alguma coisa para ler. Aos poucos, a atenção dele se concentrou inteiramente no estudo dos cachos fartos e sedosos: não via o rosto dela,

e ela não o via. E, talvez sem perceber bem o que fazia, atraído como uma criança por uma vela, acabou passando do olhar ao toque: estendeu a mão e acariciou um cacho, tão delicadamente quanto se fosse uma ave. Era como se tivesse enfiado uma faca no pescoço dela, tamanho o sobressalto com que se virou.

— "Afaste-se agora mesmo! Como ousa tocar em mim? Por que está parado aí?", gritou, com nojo. "Não suporto você! Vou subir de novo se chegar perto de mim."

— O sr. Hareton recuou, com a cara mais tola possível. Sentou-se no banco, bem quieto, e ela continuou folheando os livros por mais meia hora. Por fim, Earnshaw veio até mim e sussurrou:

— "Peça pra ela ler pra gente, Zillah. Estou farto de ficar sem fazer nada, e eu gosto... eu gostaria de ouvir ela ler! Num diga que fui eu que pedi. Peça como se fosse por você mesma."

— "O sr. Hareton gostaria que a senhora lesse para nós", disse imediatamente. "Acharia muita gentileza, ficaria muito agradecido."

— Ela franziu a testa, levantou os olhos e respondeu:

— "O sr. Hareton e todos vocês farão o favor de entender que rejeito qualquer fingimento de bondade que tenham a hipocrisia de oferecer! Desprezo vocês e não quero conversa com nenhum! Quando eu teria dado a vida por uma palavra carinhosa, até por ver um de seus rostos, todos ficaram longe. Mas não vou me queixar a vocês! Desci por causa do frio, não para diverti-los nem para desfrutar de sua companhia."

— "O que eu podia ter feito?", começou Earnshaw. "Que culpa tive?"

— "Ah, você é uma exceção", respondeu a sra. Heathcliff. "Nunca senti falta de uma coisa como você."

— "Mas me ofereci mais de uma vez, e pedi", disse ele, inflamando-se com a insolência dela. "Pedi ao sr. Heathcliff que me deixasse ficar de vigília no seu lugar..."

— "Cale-se! Prefiro sair ao ar livre ou ir para qualquer lugar a ouvir essa sua voz desagradável!", disse minha senhora.

— Hareton murmurou que, por ele, podia ir para o inferno! Tirou a arma do ombro e deixou de se conter nas ocupações de domingo. Agora falava com bastante liberdade, e logo ela achou melhor voltar à sua solidão. Mas a geada se instalara e, apesar do orgulho, foi obrigada a aceitar cada vez mais nossa companhia. Eu, porém, tratei de garantir que não houvesse mais desprezo pela minha boa vontade: desde então, tenho sido tão rígida quanto ela. Não há entre nós ninguém que a ame ou goste dela, e não merece; basta lhe dizerem uma palavra, e ela se volta contra a pessoa, sem respeitar ninguém. Responde mal até ao patrão, quase o desafiando a bater nela, e, quanto mais apanha, mais venenosa fica.

Ao ouvir esse relato de Zillah, de início decidi deixar meu emprego, alugar uma casinha e levar Catherine para morar comigo. Mas o sr. Heathcliff permitiria isso tanto quanto instalaria Hareton numa casa independente, e não vejo solução no momento, a menos que ela se case de novo. E organizar esse plano não está ao meu alcance.

Assim terminou a história da sra. Dean. Apesar da previsão do médico, recupero as forças rapidamente, e, embora seja apenas a segunda semana de janeiro, pretendo sair a cavalo dentro de um ou dois dias e ir ao Morro dos Ventos Uivantes para informar meu senhorio de que passarei os próximos seis meses em Londres. Se quiser, poderá procurar outro inquilino para ocupar a casa depois de outubro. Não passaria outro inverno aqui nem por muito dinheiro.

Capítulo XXXI

Ontem o dia estava claro, tranquilo e gelado. Fui ao Morro, como pretendia. Minha governanta me pediu que levasse um bilhete seu para a jovem patroa, e não recusei, pois a boa mulher não percebia nada de estranho no pedido. A porta da frente estava aberta, mas o portão ciumento permanecia trancado, como na visita anterior. Bati e chamei Earnshaw de entre os canteiros. Ele tirou a corrente, e entrei. O rapaz é um rústico tão bonito quanto se poderia desejar ver. Dessa vez, prestei bastante atenção nele, mas parece fazer o possível para tirar o menor proveito de suas vantagens.

Perguntei se o sr. Heathcliff estava em casa. Respondeu que não, mas que chegaria à hora do jantar. Eram onze horas, e anunciei minha intenção de entrar e esperá-lo. Ele imediatamente largou as ferramentas e me acompanhou, na função de cão de guarda, não de substituto do anfitrião.

Entramos juntos. Catherine estava ali, tornando-se útil ao preparar alguns legumes para a refeição próxima. Parecia mais emburrada e menos animada do que na primeira vez em que a vira. Mal ergueu os olhos para me notar e continuou o serviço com o mesmo desprezo de antes pelas formas comuns de cortesia, sem responder à minha reverência e ao meu bom-dia com o menor sinal.

"Não parece tão amável", pensei, "quanto a sra. Dean quer me fazer acreditar. É uma beleza, sem dúvida, mas não um anjo."

Earnshaw mandou, de modo grosseiro, que ela levasse suas coisas para a cozinha. — Leve você mesmo — disse ela, empurrando-as para longe assim que terminou, e foi se sentar num banquinho junto à janela, onde começou a esculpir figuras de aves e animais nas cascas de nabo que tinha no colo. Aproximei-me, fingindo querer olhar o jardim, e,

com a habilidade que imaginei possuir, deixei cair o bilhete da sra. Dean sobre o joelho dela, sem que Hareton percebesse. Mas ela perguntou em voz alta: — O que é isso? — E o jogou longe.

— Uma carta de sua antiga conhecida, a governanta da Granja — respondi, irritado por ela expor meu gesto bondoso e com medo de que o tomassem por uma mensagem minha. Ao saber disso, ela teria recolhido o bilhete de bom grado, mas Hareton foi mais rápido: pegou-o e o guardou no colete, dizendo que o sr. Heathcliff deveria vê-lo primeiro. Catherine, então, virou o rosto para longe de nós em silêncio e, muito furtivamente, tirou o lenço do bolso e o levou aos olhos. O primo, depois de lutar algum tempo para conter os sentimentos mais brandos, puxou a carta e a atirou no chão ao lado dela, do modo menos gentil que pôde. Catherine a apanhou e leu com avidez, e depois me fez algumas perguntas sobre os moradores, racionais e irracionais, de sua antiga casa. Olhando para os morros, murmurou consigo mesma:

— Queria estar cavalgando Minny lá embaixo! Queria estar subindo lá em cima! Ah! Estou cansada... estou farta, Hareton! — E recostou a bela cabeça no peitoril, com algo entre um bocejo e um suspiro, e mergulhou num ar de tristeza ausente, sem se importar nem saber se a observávamos.

— Sra. Heathcliff — disse, depois de algum tempo em silêncio —, não sabe que sou um conhecido seu? Tão íntimo que acho estranho não vir conversar comigo. Minha governanta nunca se cansa de falar da senhora e de elogiá-la, e ficará muito decepcionada se eu voltar sem notícias suas nem recado algum, a não ser que recebeu a carta e não disse nada!

Ela pareceu espantada com essas palavras e perguntou:

— Ellen gosta do senhor?

— Sim, bastante — respondi, hesitante.

— Deve dizer a ela — continuou — que eu responderia à carta, mas não tenho material para escrever: nem sequer um livro do qual pudesse arrancar uma folha.

— Sem livros! — exclamei. — Como consegue viver aqui sem eles, se me permite a pergunta? Embora tenha uma grande biblioteca à disposição, muitas vezes fico entediado na Granja. Tirem meus livros, e eu me desesperaria!

— Eu lia o tempo todo, quando os tinha — disse Catherine —, e o sr. Heathcliff nunca lê; por isso meteu na cabeça destruir meus livros. Faz semanas que não vejo um. Só uma vez procurei entre os livros de teologia de Joseph, para grande irritação dele, e outra vez, Hareton, encontrei um estoque secreto no seu quarto: alguns em latim e grego, outros de histórias e poesia, todos velhos amigos. Trouxe estes últimos para cá, e você os recolheu, como uma pega recolhe colheres de prata, pelo simples amor ao roubo! Não servem para você, ou então os escondeu por maldade, pensando que, se não podia aproveitá-los, ninguém mais poderia. Talvez tenha sido sua inveja que aconselhou o sr. Heathcliff a me roubar meus tesouros? Mas tenho a maior parte deles escrita no cérebro e impressa no coração, e disso você não pode me privar!

Earnshaw ficou vermelho como carmim quando a prima revelou seu acervo literário particular e gaguejou uma negação indignada das acusações.

— O sr. Hareton deseja ampliar seus conhecimentos — disse, vindo em seu socorro. — Não inveja, mas procura igualar sua instrução. Dentro de alguns anos, será um bom estudioso.

— E, enquanto isso, quer que eu me afunde na ignorância — respondeu Catherine. — Sim, eu o ouço tentando soletrar e ler sozinho, e que belos erros comete! Queria que repetisse *Chevy Chase* como fez ontem: foi muito engraçado. Eu ouvi, e ouvi quando folheou o

dicionário à procura das palavras difíceis e depois praguejou porque não conseguia ler as explicações!

O rapaz evidentemente achava injusto que rissem de sua ignorância e depois rissem de sua tentativa de corrigi-la. Eu pensava o mesmo e, lembrando a história da sra. Dean sobre o primeiro esforço dele para iluminar a escuridão em que fora criado, observei: — Mas, sra. Heathcliff, todos tivemos um começo, e todos tropeçamos e vacilamos na soleira. Se nossos professores tivessem zombado em vez de nos ajudar, ainda estaríamos tropeçando e vacilando.

— Ah! — respondeu. — Não quero limitar seu aprendizado; mas ele não tem o direito de se apropriar do que é meu e torná-lo ridículo para mim com esses erros horríveis e essa pronúncia péssima! Esses livros, em prosa e em verso, são sagrados para mim por outras lembranças, e detesto vê-los rebaixados e profanados na boca dele! Além disso, de todos, escolheu meus trechos favoritos, os que mais gosto de repetir, como se fosse por pura maldade deliberada.

Por um minuto, o peito de Hareton arfou em silêncio. Sofria uma humilhação e uma raiva profundas, nada fáceis de conter. Levantei-me e, por uma ideia cavalheiresca de aliviar seu constrangimento, fui me postar à porta, a observar a paisagem lá fora. Ele seguiu meu exemplo e saiu da sala. Pouco depois, porém, reapareceu com meia dúzia de volumes nas mãos e os jogou no colo de Catherine, exclamando: — Pegue! Nunca mais quero ouvir, ler ou pensar neles!

— Agora não os quero — respondeu ela. — Vou associá-los a você e odiá-los.

Abriu um que evidentemente fora muito manuseado e leu um trecho no tom arrastado de um principiante, e depois riu e o atirou longe. — E escute isto — continuou, provocadora, começando um verso de uma velha balada da mesma maneira.

Mas o amor-próprio dele não suportou mais tormento: ouvi, não sem certa aprovação, um corretivo manual aplicado àquela língua atrevida. A pequena malvada fizera o possível para ferir os sentimentos sensíveis, embora incultos, do primo, e um argumento físico era o único meio que ele tinha de equilibrar a conta e devolver os efeitos a quem os causara. Depois juntou os livros e os arremessou no fogo. Li em seu rosto a angústia que era oferecer aquele sacrifício ao rancor. Imaginei que, enquanto queimavam, ele se lembrava do prazer que já lhe tinham dado e do triunfo e do prazer cada vez maior que esperava obter deles. E imaginei também ter adivinhado o incentivo para seus estudos secretos. Contentara-se com o trabalho diário e os prazeres grosseiros de um animal, até que Catherine cruzou seu caminho. A vergonha diante do desprezo dela e a esperança de sua aprovação foram os primeiros estímulos a buscas mais elevadas. Em vez de protegê-lo de um e lhe conquistar a outra, seus esforços para se elevar produziram justamente o resultado contrário.

— Sim, esse é todo o proveito que um bruto como você pode tirar deles! — exclamou Catherine, sugando o lábio ferido e olhando as chamas com olhos indignados.

— É melhor ficar calada agora — respondeu ele, feroz.

A agitação o impediu de continuar. Avançou depressa para a entrada, onde abri espaço para deixá-lo passar. Mas, antes que cruzasse as pedras da soleira, o sr. Heathcliff, que subia pelo caminho calçado, deu com ele e, segurando-o pelo ombro, perguntou: — O que houve agora, meu rapaz?

— Nada, nada — respondeu ele, e se desprendeu para saborear sua tristeza e sua raiva na solidão.

Heathcliff seguiu-o com o olhar e suspirou.

— Seria estranho se eu atrapalhasse a mim mesmo — murmurou, sem perceber que eu estava atrás dele. — Mas, quando procuro o pai no

rosto dele, encontro cada dia mais ela! Como diabos pode ser tão parecido? Mal suporto vê-lo.

Baixou os olhos para o chão e entrou, sombrio. Havia em seu rosto uma expressão inquieta e ansiosa que eu nunca notara antes, e ele parecia mais magro. A nora, ao vê-lo pela janela, escapou imediatamente para a cozinha, de modo que fiquei sozinho.

— Fico contente de vê-lo ao ar livre outra vez, sr. Lockwood — disse, em resposta ao meu cumprimento. — Em parte por motivos egoístas: não creio que fosse fácil substituí-lo nesta desolação. Já me perguntei mais de uma vez o que o trouxe aqui.

— Um capricho ocioso, receio, senhor — respondi. — Ou então é um capricho ocioso que vai me levar embora. Partirei para Londres na próxima semana, e devo avisá-lo de que não tenho nenhuma disposição de conservar Thrushcross Grange além dos doze meses pelos quais concordei em alugá-la. Acredito que não voltarei a morar lá.

— Ah, é mesmo? Cansou-se de ser banido do mundo, não é? — disse ele. — Mas, se veio pedir dispensa do pagamento por um lugar que não vai ocupar, perdeu a viagem: nunca abro mão de cobrar o que me devem, seja de quem for.

— Não vim pedir dispensa de coisa alguma — exclamei, bastante irritado. — Se quiser, acerto tudo agora. — E tirei meu caderno do bolso.

— Não, não — respondeu friamente. — Deixará bens suficientes para cobrir as dívidas, se não voltar. Não tenho tanta pressa. Sente-se e jante conosco: um hóspede que seguramente não repetirá a visita costuma ser bem-vindo. Catherine! Traga as coisas. Onde está você?

Catherine reapareceu com uma bandeja de facas e garfos.

— Pode jantar com Joseph — murmurou Heathcliff, à parte — e ficar na cozinha até ele ir embora.

Ela obedeceu às instruções com toda a exatidão; talvez não sentisse nenhuma tentação de transgredi-las. Vivendo entre rústicos e misantropos, provavelmente não consegue apreciar uma classe melhor de pessoas quando a encontra.

Com o sr. Heathcliff, sombrio e taciturno, de um lado, e Hareton, absolutamente mudo, do outro, fiz uma refeição um tanto triste e me despedi cedo. Teria saído pelos fundos, para ver Catherine uma última vez e irritar o velho Joseph, mas Hareton recebeu ordem de trazer meu cavalo, e o próprio anfitrião me acompanhou até a porta, de modo que não pude realizar o desejo.

"Como a vida se torna sombria naquela casa!", pensei, enquanto descia a estrada a cavalo. "Que realização de algo mais romântico do que um conto de fadas teria sido para a sra. Linton Heathcliff, se ela e eu nos tivéssemos afeiçoado um ao outro, como desejava sua boa ama, e partíssemos juntos para a atmosfera vibrante da cidade!"

Capítulo XXXII

Ano de 1802. Neste setembro, fui convidado a devastar as charnecas de um amigo no norte e, no caminho para a casa dele, inesperadamente me vi a quinze milhas de Gimmerton. O cavalariço de uma taberna à beira da estrada segurava um balde de água para refrescar meus cavalos quando passou uma carroça de aveia muito verde, recém-ceifada, e ele comentou: — Aquela ali vem de Gimmerton! Na colheita, eles andam sempre três semanas atrás dos outros.

— Gimmerton? — repeti. Minha estadia naquela região já se tornara vaga e parecida com um sonho. — Ah! Já sei. A que distância fica daqui?

— Talvez umas quatorze milhas pelos morros, e a estrada é ruim — respondeu.

Um impulso repentino me fez querer visitar Thrushcross Grange. Mal era meio-dia, e pensei que tanto fazia passar a noite sob meu próprio teto ou numa hospedaria. Além disso, podia facilmente dispor de um dia para acertar os assuntos com meu senhorio e me poupar do trabalho de invadir a região outra vez. Depois de descansar um pouco, mandei meu criado perguntar o caminho do povoado e, com grande cansaço para os animais, percorremos a distância em umas três horas.

Deixei-o lá e segui sozinho pelo vale. A igreja cinzenta parecia mais cinzenta, e o cemitério solitário, mais solitário. Distingui uma ovelha da charneca pastando a relva curta sobre as sepulturas. O tempo estava agradável e quente, quente demais para viajar, mas o calor não me impediu de apreciar a deliciosa paisagem acima e abaixo. Se a tivesse visto mais perto de agosto, tenho certeza de que me teria tentado a desperdiçar um mês entre aquelas solidões. No inverno, nada mais triste; no verão, nada mais divino do que aqueles vales cercados de morros e aquelas elevações abruptas e imponentes cobertas de urze.

Cheguei à Granja antes do pôr do sol e bati para que me abrissem, mas, a julgar por um fino fio de fumaça azul que subia em espiral da chaminé da cozinha, os moradores tinham se recolhido aos fundos, e não ouviram. Entrei a cavalo no pátio. Sob o alpendre, uma menina de nove ou dez anos fazia tricô, e uma velha se recostava nos degraus da casa, fumando um cachimbo pensativo.

— A sra. Dean está? — perguntei à mulher.

— A sra. Dean? Não! — respondeu. — Ela num mora aqui. Foi pro Morro.

— Então a senhora é a governanta? — continuei.

— É, eu cuido da casa — respondeu.

— Bem, sou o sr. Lockwood, o patrão. Será que há algum quarto onde eu possa me alojar? Quero passar a noite aqui.

— O patrão! — exclamou, espantada. — Mas quem é que sabia que o senhor vinha? Devia ter mandado avisar. Num tem nada seco nem decente na casa, nada mesmo!

Largou o cachimbo e correu para dentro, a menina a seguiu, e eu também entrei. Logo percebi que ela dizia a verdade e que, além disso, minha aparição indesejada quase lhe tirara o juízo, e pedi que se acalmasse. Eu sairia para caminhar e, enquanto isso, ela devia tentar preparar um canto de uma sala para eu cear e um quarto para dormir. Não era preciso varrer nem tirar o pó: bastavam um bom fogo e lençóis secos. Pareceu disposta a fazer o melhor possível, embora enfiasse a escova da lareira na grelha em vez do atiçador e desse usos errados a vários outros instrumentos de seu ofício. Mas me retirei, confiando em sua energia para ter um lugar de descanso quando voltasse. O Morro dos Ventos Uivantes era o destino do passeio que planejava. Um pensamento tardio me fez voltar depois de ter saído do pátio.

— Todos bem no Morro? — perguntei à mulher.

— É, pelo que eu sei! — respondeu, correndo com uma panela de brasas quentes.

Eu teria perguntado por que a sra. Dean abandonara a Granja, mas era impossível detê-la numa crise daquelas. Virei-me e saí, caminhando sem pressa, com o brilho do sol poente atrás e a glória suave da lua nascente à frente (um se apagando, a outra se iluminando), enquanto deixava o parque e subia pelo atalho pedregoso que se desviava para a casa do sr. Heathcliff. Antes que a avistasse, do dia só restava uma luz âmbar, sem raios, ao longo do oeste. Mas, àquela lua esplêndida, eu distinguia cada pedrinha do caminho e cada folha de capim. Não

precisei escalar o portão nem bater: cedeu à minha mão. "Isso é uma melhora", pensei. E notei outra, com a ajuda das narinas: uma fragrância de goivos e goivos-amarelos pairava no ar, vinda de entre as modestas árvores frutíferas.

Portas e janelas estavam abertas. Ainda assim, como costuma acontecer numa região carvoeira, um belo fogo vermelho iluminava a lareira: o conforto que os olhos tiram dele torna suportável o calor a mais. Mas a sala do Morro dos Ventos Uivantes é tão grande que os moradores têm espaço de sobra para escapar de sua influência, e, assim, os que ali estavam tinham se instalado não longe de uma das janelas. Antes de entrar, eu podia vê-los e ouvi-los conversar, e por isso olhei e escutei, levado por uma mistura de curiosidade e inveja que aumentava quanto mais eu me demorava.

— Con-trá-rio! — disse uma voz doce como um sino de prata. — É a terceira vez, seu bobo! Não vou dizer de novo. Lembre-se, ou puxo seus cabelos!

— Contrário, então — respondeu outra voz, grave, mas suavizada. — Agora me dê um beijo por ter prestado tanta atenção.

— Não. Primeiro leia tudo de novo corretamente, sem um único erro.

O homem começou a ler: era um rapaz vestido com decência, sentado a uma mesa, com um livro à frente. Suas belas feições brilhavam de prazer, e seus olhos desviavam impacientes da página para uma pequena mão branca sobre seu ombro, que o chamava de volta com um tapa vivo na face sempre que a dona percebia tais sinais de distração. A dona estava atrás dele, e seus cachos claros e brilhantes se misturavam, de vez em quando, aos cabelos castanhos dele, enquanto se inclinava para supervisionar os estudos. E o rosto dela... foi uma sorte ele não poder ver o rosto dela, ou nunca teria se mantido tão firme. Eu podia, e mordi o lábio de despeito por ter desperdiçado a oportunidade que

talvez tivesse tido de fazer algo além de contemplar aquela beleza arrebatadora.

A tarefa terminou, não sem novos tropeços, mas o aluno reclamou uma recompensa e recebeu pelo menos cinco beijos, que, no entanto, devolveu generosamente. Depois vieram até a porta, e pela conversa entendi que estavam prestes a sair para passear nas charnecas. Imaginei que, se mostrasse minha pessoa inoportuna nas proximidades naquele momento, seria condenado no coração de Hareton Earnshaw, se não por sua boca, ao abismo mais profundo das regiões infernais. Sentindo-me muito mesquinho e maldoso, dei a volta furtivamente para buscar refúgio na cozinha. Desse lado, a entrada também estava livre, e à porta estava sentada minha velha amiga Nelly Dean, costurando e cantando uma canção, interrompida muitas vezes, de dentro, por palavras ásperas de desprezo e intolerância, pronunciadas em tons nada musicais.

— Preferia mil vezes ouvir eles praguejando nos meus ouvidos de manhã até a noite do que escutar você, seja como for! — disse o ocupante da cozinha, em resposta a alguma fala de Nelly que eu não ouvira. — É uma vergonha danada eu num poder abrir o Livro abençoado sem você começar essas glórias a Satanás e toda a maldade horrível que já nasceu neste mundo! Ah, você num vale nada, e ela é outra que num vale, e aquele pobre rapaz vai se perder no meio das duas. Pobre rapaz! — acrescentou, gemendo. — Enfeitiçaram ele, tenho certeza. Ah, Senhor, julgue essa gente, porque num há lei nem justiça entre os que nos governam!

— Não há mesmo! Ou estaríamos sentadas sobre feixes de lenha em chamas, imagino — retrucou a cantora. — Mas fique quieto, velho, e leia sua Bíblia como um cristão, e não ligue para mim. Esta é "O casamento da fada Annie", uma melodia bonita, feita para dançar.

A sra. Dean ia recomeçar quando me aproximei. Reconheceu-me imediatamente e se levantou num salto, exclamando: — Ora, Deus o

abençoe, sr. Lockwood! Como pôde pensar em voltar desse jeito? Está tudo fechado em Thrushcross Grange. Devia ter nos avisado!

— Já providenciei para que me acomodem lá enquanto eu ficar — respondi. — Parto de novo amanhã. E como foi que a transplantaram para aqui, sra. Dean? Conte-me isso.

— Zillah foi embora, e o sr. Heathcliff quis que eu viesse, pouco depois de sua partida para Londres, e ficasse até o senhor voltar. Mas entre, por favor! Veio andando de Gimmerton esta noite?

— Da Granja — respondi. — E, enquanto me preparam um quarto lá, quero encerrar meus negócios com seu patrão, porque não creio que vá ter outra oportunidade tão cedo.

— Que negócios, senhor? — perguntou Nelly, levando-me para a sala. — Ele saiu, no momento, e não volta logo.

— O aluguel — respondi.

— Ah! Então é com a sra. Heathcliff que precisa acertar — observou —, ou melhor, comigo. Ela ainda não aprendeu a administrar seus negócios, e eu cuido disso por ela: não há mais ninguém.

Fiz cara de surpresa.

— Ah! Vejo que não soube da morte de Heathcliff — continuou.

— Heathcliff morreu! — exclamei, espantado. — Há quanto tempo?

— Há três meses. Mas sente-se, deixe-me pegar seu chapéu, e conto tudo. Espere: não comeu nada, não é?

— Não quero nada: encomendei a ceia em casa. Sente-se também. Nunca imaginei que ele morreria! Conte-me como aconteceu. Diz que não espera que voltem tão cedo... os jovens?

— Não. Preciso repreendê-los toda noite pelos passeios até tarde, mas não ligam para mim. Pelo menos tome um pouco da nossa cerveja velha. Vai lhe fazer bem: parece cansado.

Ela se apressou a buscá-la antes que eu pudesse recusar, e ouvi Joseph perguntar se "num era um escândalo de chorar ela ter pretendentes naquela idade. E ainda por cima tirar essas bebidas da adega do patrão! Ele tinha vergonha de ficar parado vendo aquilo".

Ela não ficou para revidar, mas voltou num minuto com uma caneca de prata espumante, cujo conteúdo elogiei com a devida sinceridade. Depois me contou o restante da história de Heathcliff. Ele tivera um fim "esquisito", como ela disse.

❦ ❦ ❦

Fui chamada ao Morro dos Ventos Uivantes menos de quinze dias depois de sua partida, disse ela, e obedeci com alegria, por amor a Catherine. Nosso primeiro encontro me entristeceu e me chocou: ela mudara tanto desde nossa separação! O sr. Heathcliff não explicou por que mudara de ideia quanto à minha vinda; apenas disse que precisava de mim e estava cansado de ver Catherine. Eu devia fazer da salinha minha sala de estar e mantê-la comigo. Já bastava ser obrigado a vê-la uma ou duas vezes por dia. Ela pareceu contente com o arranjo, e, aos poucos, trouxe às escondidas grande número de livros e outros objetos que faziam sua distração na Granja, e me iludi pensando que viveríamos com um conforto razoável. A ilusão durou pouco. Catherine, satisfeita no início, em pouco tempo ficou irritável e inquieta. Por um lado, era proibida de sair do jardim, e, com a chegada da primavera, sofria muito presa àqueles limites estreitos. Por outro, os cuidados com a casa me obrigavam a deixá-la com frequência, e ela se queixava da solidão: preferia brigar com Joseph na cozinha a ficar em paz sozinha. Eu não me importava com as escaramuças dos dois, mas Hareton também era muitas vezes obrigado a buscar a cozinha, quando o patrão queria a sala principal só para si. No começo, ela saía quando ele chegava ou se juntava em silêncio às minhas ocupações, evitando notá-lo ou falar com

ele, e ele era sempre o mais calado e carrancudo possível. Depois de um tempo, porém, ela mudou de conduta e se tornou incapaz de deixá-lo em paz: dirigia-lhe indiretas, comentava sua estupidez e ociosidade, dizia-se espantada com a maneira como ele suportava a vida que levava, como podia passar uma noite inteira olhando para o fogo e cochilando.

— Ele é igual a um cão, não é, Ellen? — observou certa vez. — Ou a um cavalo de carroça? Faz seu trabalho, come sua comida e dorme eternamente! Que cabeça vazia e triste deve ter! Você sonha alguma vez, Hareton? E, se sonha, com o quê? Mas você não pode falar comigo!

Então olhou para ele, mas Hareton não abriu a boca nem tornou a olhar.

— Talvez esteja sonhando agora — continuou. — Sacudiu o ombro como Juno sacode o dela. Pergunte a ele, Ellen.

— O sr. Hareton vai pedir ao patrão que mande você lá para cima, se não se comportar! — eu disse. Ele não só havia sacudido o ombro: também cerrara o punho, como se estivesse tentado a usá-lo.

— Já sei por que Hareton nunca fala quando estou na cozinha — exclamou ela em outra ocasião. — Tem medo de que eu ria dele. Ellen, o que você acha? Uma vez ele começou a aprender a ler sozinho e, porque eu ri, queimou os livros e desistiu. Não foi um tolo?

— E você não foi má? — perguntei. — Responda-me isso.

— Talvez tenha sido — continuou ela —, mas não esperava que ele fosse tão bobo. Hareton, se eu lhe desse um livro, você o aceitaria agora? Vou tentar!

Pousou na mão dele um que estava lendo. Ele o atirou longe e resmungou que, se ela não parasse, lhe quebraria o pescoço.

— Bem, vou deixá-lo aqui — disse ela —, na gaveta da mesa. E vou dormir.

Então sussurrou para mim que observasse se ele tocava no livro, e saiu. Mas Hareton não chegou nem perto, e foi o que lhe contei de

manhã, para sua grande decepção. Percebi que ela lamentava aquela persistência dele no mau humor e na indolência: a consciência a censurava por tê-lo afastado, com seus sustos, do desejo de se instruir, e nisso ela havia sido muito eficaz. Mas sua engenhosidade trabalhava para reparar o dano. Enquanto eu passava roupa ou fazia algum outro trabalho parado que não pudesse ser bem realizado na salinha, ela trazia um volume agradável e lia em voz alta para mim. Quando Hareton estava presente, geralmente parava num trecho interessante e deixava o livro por ali. Repetiu isso muitas vezes, mas ele era teimoso como uma mula e, em vez de morder a isca, nos dias de chuva passou a fumar com Joseph. Os dois ficavam sentados como autômatos, um de cada lado do fogo: o mais velho, felizmente surdo demais para entender aquelas bobagens perversas, como as teria chamado; o mais novo, fazendo o possível para parecer indiferente a elas. Nos fins de tarde de tempo bom, este último saía em suas expedições de caça, e Catherine bocejava, suspirava, me importunava para que conversasse com ela e corria para o pátio ou para o jardim assim que eu começava. E, como último recurso, chorava e dizia estar cansada de viver: sua vida era inútil.

O sr. Heathcliff, cada vez menos inclinado à companhia dos outros, quase havia banido Earnshaw de seus aposentos. Por causa de um acidente no começo de março, porém, o rapaz ficou por alguns dias preso à cozinha. Sua espingarda explodira enquanto ele estava sozinho nas colinas. Um estilhaço lhe cortara o braço, e ele perdera bastante sangue antes de conseguir chegar em casa. Em consequência, foi forçosamente condenado à lareira e à tranquilidade até se recuperar. A Catherine convinha tê-lo ali. De qualquer maneira, isso a fez detestar seu quarto no andar de cima mais do que nunca, e ela me obrigava a inventar tarefas embaixo para poder me acompanhar.

Na segunda-feira de Páscoa, Joseph foi à feira de Gimmerton com algumas cabeças de gado, e, à tarde, eu estava na cozinha, ocupada em

passar roupa. Earnshaw, taciturno como sempre, sentava-se no canto da lareira, e minha pequena patroa distraía uma hora de ócio desenhando figuras nas vidraças, variando o passatempo com trechos de canções abafados, exclamações sussurradas e olhares rápidos, cheios de irritação e impaciência, na direção do primo, que fumava impassível e olhava para a grelha. Quando avisei que não dava mais para ela ficar tapando minha luz, mudou-se para a pedra da lareira. Prestei pouca atenção ao que fazia, mas logo a ouvi começar: — Descobri, Hareton, que eu quero... que fico contente... que agora eu gostaria que você fosse meu primo, se não tivesse ficado tão zangado comigo e tão grosseiro.

Hareton não respondeu.

— Hareton, Hareton, Hareton! Está ouvindo? — continuou ela.

— Me deixa em paz! — rosnou ele, com uma aspereza que não admitia discussão.

— Me dê esse cachimbo — disse ela, estendendo a mão com cautela e tirando-o da boca dele.

Antes que ele pudesse tentar recuperá-lo, o cachimbo estava quebrado e atirado ao fundo da lareira. Hareton a xingou e pegou outro.

— Espere — exclamou ela —, você precisa me ouvir primeiro; e não consigo falar com essas nuvens flutuando na minha cara.

— Vá pro diabo! — gritou ele, furioso. — E me deixe em paz!

— Não — persistiu ela —, não vou. Não sei o que fazer para você falar comigo, e você está decidido a não entender. Quando digo que você é burro, não quero dizer nada com isso: não quero dizer que o desprezo. Vamos, Hareton, você vai me dar atenção. Você é meu primo e vai me reconhecer como sua.

— Num quero nada com você, nem com esse seu orgulho imundo e essas suas malditas caçoadas! — respondeu ele. — Vou pro inferno, de corpo e alma, antes de olhar de novo pro seu lado. Saia da minha frente, agora, neste instante!

Catherine franziu a testa e recuou para o assento da janela, mordendo o lábio e tentando disfarçar, ao cantarolar uma melodia esquisita, a vontade crescente de soluçar.

— Devia fazer as pazes com sua prima, sr. Hareton — intervim —, já que ela se arrepende de sua insolência. Isso lhe faria muito bem: tê-la por companheira faria de você outro homem.

— Companheira! — exclamou ele. — Quando ela me odeia e acha que num sirvo nem pra limpar os sapatos dela! Não, nem que isso me fizesse rei, num vou mais ser desprezado por buscar a boa vontade dela.

— Não sou eu que odeio você, é você que me odeia! — chorou Cathy, sem mais disfarçar sua aflição. — Você me odeia tanto quanto o sr. Heathcliff, e mais ainda.

— Você é uma mentirosa maldita — começou Earnshaw. — Por que, então, já fiz ele se zangar comigo umas cem vezes, por tomar o seu partido? E isso quando você zombava de mim e me desprezava, e... Continue me atormentando, que eu vou lá dentro dizer que você me infernizou até me expulsar da cozinha!

— Eu não sabia que você tomava o meu partido — respondeu ela, enxugando os olhos. — Eu estava infeliz e amargurada com todo mundo, mas agora lhe agradeço e peço que me perdoe. Que mais posso fazer?

Voltou para a lareira e estendeu a mão com franqueza. Ele escureceu e fechou a cara como uma nuvem de tempestade, e manteve os punhos resolutamente cerrados e os olhos fixos no chão. Por instinto, Catherine deve ter adivinhado que aquela conduta obstinada vinha de uma teimosia renitente, não de aversão, pois, depois de um instante de indecisão, inclinou-se e depositou um beijo suave no rosto dele. A danadinha pensou que eu não a tivesse visto e, recuando, retomou seu antigo lugar junto à janela com o ar mais comportado do mundo. Balancei a cabeça em sinal de censura, e então ela corou e sussurrou: —

Ora! O que eu devia ter feito, Ellen? Ele não quis apertar minha mão nem olhar para mim. Eu precisava mostrar de algum jeito que gosto dele, que quero fazer as pazes.

Se o beijo convenceu Hareton, não sei dizer. Durante alguns minutos, ele tomou todo o cuidado para que não lhe vissem o rosto e, quando enfim o levantou, ficou tristemente embaraçado, sem saber para onde virar os olhos.

Catherine ocupou-se em embrulhar com capricho um belo livro em papel branco e, depois de amarrá-lo com um pedaço de fita e endereçá-lo "Ao sr. Hareton Earnshaw", pediu que eu fosse sua embaixadora e levasse o presente ao destinatário.

— E diga a ele que, se aceitar, eu venho ensiná-lo a ler direito — acrescentou. — E, se recusar, subo para o meu quarto e nunca mais o incomodo.

Levei o livro e repeti o recado, sob o olhar ansioso de quem me enviara. Hareton não quis abrir os dedos, por isso o deixei em seu joelho. Ele tampouco o derrubou. Voltei ao meu trabalho. Catherine apoiou a cabeça e os braços na mesa até ouvir o leve farfalhar do papel sendo retirado. Então se aproximou sem fazer barulho e sentou-se em silêncio ao lado do primo. Ele tremia, e seu rosto ardia. Toda a grosseria e toda a rudeza carrancuda o haviam abandonado. A princípio, não encontrou coragem para pronunciar uma sílaba em resposta ao olhar interrogativo dela e ao seu pedido murmurado.

— Diga que me perdoa, Hareton, diga. Você pode me fazer tão feliz com essa palavrinha.

Ele murmurou alguma coisa inaudível.

— E vai ser meu amigo? — acrescentou Catherine, em tom de pergunta.

— Não, você vai ter vergonha de mim todos os dias da sua vida — respondeu ele. — E quanto mais me conhecer, mais vergonha vai ter; e eu num aguento isso.

— Então não vai ser meu amigo? — perguntou ela, com um sorriso doce como mel, chegando bem perto.

Não distingui mais nada do que disseram, mas, quando tornei a olhar, vi dois rostos tão radiantes inclinados sobre a página do livro aceito que não tive dúvida de que o tratado fora ratificado por ambas as partes, e os inimigos eram, dali em diante, aliados jurados.

A obra que estudavam era cheia de gravuras valiosas, e elas, somadas à posição em que os dois se encontravam, tinham encanto suficiente para mantê-los imóveis até a volta de Joseph. O pobre homem ficou absolutamente horrorizado ao ver Catherine sentada no mesmo banco que Hareton Earnshaw, com a mão apoiada no ombro dele, e atônito ao perceber que seu favorito tolerava aquela proximidade. A cena o atingiu fundo demais para que fizesse qualquer comentário a respeito naquela noite. Sua emoção só se revelou nos imensos suspiros que soltou ao abrir solenemente a grande Bíblia sobre a mesa e cobri-la com notas sujas tiradas da carteira, fruto das transações do dia. Por fim, chamou Hareton de seu assento.

— Leve isto pro patrão, rapaz — disse —, e fique lá. Eu vou subir pro meu quarto. Este buraco num é lugar decente nem respeitável pra nós: temos que sair daqui e procurar outro.

— Vamos, Catherine — eu disse. — Também temos que "sair daqui": acabei de passar a roupa. Está pronta para ir?

— Ainda não são oito horas! — respondeu ela, levantando-se a contragosto. — Hareton, vou deixar este livro na prateleira da lareira e amanhã trago mais alguns.

— Todo livro que você deixar aqui eu levo pra sala — disse Joseph —, e vai ser muita sorte se achar de novo. Então faça como quiser!

Cathy ameaçou fazer a biblioteca dele pagar pela dela e, sorrindo ao passar por Hareton, subiu cantando, com o coração mais leve, arrisco dizer, do que jamais estivera sob aquele teto, salvo, talvez, durante suas primeiras visitas a Linton.

A intimidade assim iniciada cresceu depressa, embora encontrasse interrupções passageiras. Earnshaw não se civilizaria por um simples desejo, e minha jovem patroa não era filósofa nem modelo de paciência. Mas, como as mentes dos dois tendiam para o mesmo ponto (um amando e desejando estimar, o outro amando e desejando ser estimado), acabaram conseguindo alcançá-lo.

Como vê, sr. Lockwood, era bem fácil conquistar o coração da sra. Heathcliff. Mas agora fico contente que o senhor não tenha tentado. A coroa de todos os meus desejos será a união daqueles dois. No dia do casamento deles, não terei inveja de ninguém: não haverá mulher mais feliz do que eu em toda a Inglaterra!

Capítulo XXXIII

No dia seguinte àquela segunda-feira, como Earnshaw ainda não podia retomar suas ocupações habituais e, por isso, permanecia em casa, logo percebi que seria impossível manter minha menina junto de mim, como até então. Ela desceu antes de mim e foi para o jardim, onde vira o primo fazendo algum trabalho leve. Quando fui chamá-los para o café da manhã, descobri que ela o havia convencido a arrancar as groselheiras comuns e espinhosas de uma grande área, e os dois estavam ocupados planejando trazer plantas da Grange.

Fiquei apavorada com a devastação produzida em apenas meia hora: as groselheiras negras eram a menina dos olhos de Joseph, e ela resolvera justamente fazer um canteiro de flores no meio delas.

— Pronto! Assim que descobrirem, vão mostrar tudo ao patrão — exclamei. — E que desculpa vocês têm para se permitir essas liberdades com o jardim? Vai haver uma bela explosão por causa disso, vocês vão ver! Sr. Hareton, fico admirada de que tenha tão pouco juízo a ponto de fazer essa desordem a pedido dela!

— Eu tinha esquecido que eram de Joseph — respondeu Earnshaw, um tanto desconcertado. — Mas vou dizer a ele que fui eu.

Sempre fazíamos as refeições com o sr. Heathcliff. Eu ocupava o lugar da dona da casa, preparando o chá e cortando a carne, por isso minha presença à mesa era indispensável. Catherine costumava sentar-se ao meu lado, mas naquele dia se aproximou discretamente de Hareton, e logo percebi que seria tão pouco discreta na amizade quanto fora na hostilidade.

— Trate de não conversar nem dar atenção demais ao seu primo — recomendei em voz baixa, quando entrávamos na sala. — Isso com certeza vai irritar o sr. Heathcliff, e ele ficará furioso com os dois.

— Não vou — respondeu ela.

Um minuto depois, havia se chegado para perto do primo e estava enfiando prímulas no prato de mingau dele.

Ali ele não se atrevia a falar com ela; mal ousava olhá-la. Mesmo assim, ela continuou a provocá-lo, até que, por duas vezes, quase o fez rir. Franzi a testa, e Catherine olhou para o patrão, que, pela expressão do rosto, estava com a cabeça em assuntos bem diferentes das pessoas à sua mesa. Por um instante, ela ficou séria, observando-o com profunda gravidade. Depois se virou e recomeçou suas brincadeiras, até que, por fim, Hareton soltou uma risada abafada. O sr. Heathcliff se sobressaltou e passou os olhos rapidamente por nossos rostos. Catherine o encarou

com aquela expressão habitual de nervosismo e desafio que ele detestava.

— Ainda bem para você que está fora do meu alcance — exclamou ele. — Que demônio a possui para ficar me encarando sem parar com esses olhos infernais? Baixe os olhos! E não torne a me lembrar que existe. Pensei que tivesse curado sua vontade de rir.

— Fui eu — murmurou Hareton.

— O que disse? — perguntou o patrão.

Hareton olhou para o prato e não repetiu a confissão. O sr. Heathcliff o fitou por um momento e então, em silêncio, voltou ao café da manhã e às reflexões interrompidas. Já estávamos quase terminando, e os dois jovens haviam se afastado um pouco um do outro, por prudência, de modo que eu não esperava mais nenhum transtorno à mesa. Foi quando Joseph apareceu à porta, revelando pelo lábio trêmulo e pelos olhos furiosos que descobrira o atentado contra seus preciosos arbustos. Devia ter visto Cathy e o primo no local antes de examiná-lo, pois, enquanto movia as mandíbulas como uma vaca ruminando, o que dificultava entender suas palavras, começou:

— Quero meu pagamento e vou embora! Queria morrer onde servi por sessenta anos. Tinha pensado em levar meus livros pro sótão, com minhas coisinhas, e deixar a cozinha toda pra eles, só pra ter sossego. Era duro abrir mão do meu lugar na lareira, mas achei que podia fazer isso! Só que agora ela me tomou o jardim e, juro por Deus, patrão, isso eu num aguento! O senhor pode se curvar ao jugo, se quiser. Eu num tô acostumado, e homem velho num se acostuma fácil com carga nova. Prefiro ganhar meu pão e minha bebida quebrando pedra na estrada!

— Ora, ora, idiota! — interrompeu Heathcliff. — Abrevie! Do que está se queixando? Não vou me meter em brigas entre você e Nelly. Por mim, ela pode trancá-lo no depósito de carvão.

— Num é Nelly! — respondeu Joseph. — Eu num ia embora por causa de Nelly, por pior que seja aquela criatura imprestável. Graças a Deus, ela num consegue roubar a alma de ninguém! Nunca foi bonita a ponto de num se poder olhar pra ela sem ficar piscando. É aquela desavergonhada terrível, sem a graça de Deus, que enfeitiçou nosso rapaz com seus olhos atrevidos e seus modos oferecidos, até... Não! Isso me parte o coração! Ele esqueceu tudo que fiz por ele, todo o cuidado que tive, e foi arrancar uma fileira inteira das melhores groselheiras do jardim! — E aqui ele se pôs a lamentar abertamente, abatido pelo sentimento das amargas ofensas que sofrera, pela ingratidão de Earnshaw e pelo perigo em que o rapaz se encontrava.

— Esse imbecil está bêbado? — perguntou o sr. Heathcliff. — Hareton, é de você que ele está reclamando?

— Arranquei dois ou três arbustos — respondeu o jovem —, mas vou plantar de novo.

— E por que os arrancou? — perguntou o patrão.

Catherine teve a bela ideia de se intrometer.

— Queríamos plantar umas flores ali — exclamou. — A culpa é só minha, porque fui eu que pedi.

— E quem diabo lhe deu licença para mexer numa vareta que seja desta propriedade? — perguntou o sogro, muito surpreso. — E quem mandou você obedecer a ela? — acrescentou, voltando-se para Hareton.

Este ficou sem palavras. A prima respondeu: — O senhor não devia me negar umas poucas jardas de terra para enfeitar, depois de ter tomado todas as minhas terras!

— Suas terras, sua insolente sem-vergonha! Você nunca teve terra alguma — disse Heathcliff.

— E o meu dinheiro — continuou ela, sustentando o olhar furioso dele enquanto mordia um pedaço de casca de pão que restava de seu café da manhã.

— Cale a boca! — exclamou ele. — Acabe logo e suma daqui!

— E as terras de Hareton, e o dinheiro dele — prosseguiu a imprudente. — Hareton e eu somos amigos agora, e vou contar a ele tudo a seu respeito!

Por um momento, o patrão pareceu atordoado: empalideceu e se levantou, sem deixar de fitá-la, com uma expressão de ódio mortal.

— Se bater em mim, Hareton vai bater no senhor — disse ela. — Por isso, é melhor se sentar.

— Se Hareton não puser você para fora desta sala, eu o mando para o inferno a pancadas! — trovejou Heathcliff. — Bruxa maldita! Ousa tentar voltá-lo contra mim? Tire-a daqui! Está ouvindo? Jogue-a na cozinha! Eu a mato, Ellen Dean, se você deixar que apareça outra vez na minha frente!

Hareton tentou convencê-la, em voz baixa, a sair.

— Arraste-a daqui! — gritou Heathcliff, feroz. — Vai ficar aí conversando? — E se aproximou para executar a própria ordem.

— Ele não vai mais obedecer ao senhor, homem perverso — disse Catherine —, e logo vai detestá-lo tanto quanto eu.

— Quietinha! Fique quieta! — murmurou o rapaz, em tom de censura. — Num vou ouvir você falar assim com ele. Pare com isso.

— Mas você não vai deixar que ele me bata? — perguntou ela.

— Então venha — sussurrou ele, com insistência.

Era tarde demais: Heathcliff já a agarrara.

— Agora saia você! — disse a Earnshaw. — Bruxa maldita! Desta vez ela me provocou quando eu não podia suportar, e vou fazê-la se arrepender para sempre!

Ele a segurava pelos cabelos. Hareton tentou soltar as mechas, suplicando que, ao menos daquela vez, não a machucasse. Os olhos negros de Heathcliff faiscavam. Parecia prestes a despedaçar Catherine. Eu já estava a ponto de me arriscar a socorrê-la quando, de repente, os

dedos dele afrouxaram. Soltou-lhe a cabeça, segurou-a pelo braço e contemplou seu rosto com atenção. Depois passou a mão pelos olhos, ficou parado por um instante, aparentemente tentando se recompor, e, voltando-se outra vez para Catherine, disse com uma calma forçada: — Você precisa aprender a não me enfurecer, ou um dia eu realmente a matarei! Vá com a sra. Dean, fique com ela e reserve sua insolência para os ouvidos dela. Quanto a Hareton Earnshaw, se eu o vir dando ouvidos a você, mando-o procurar seu sustento onde conseguir! Seu amor fará dele um pária e um mendigo. Nelly, leve-a. E me deixem, todos vocês! Deixem-me!

Conduzi minha jovem patroa para fora; ela estava contente demais por ter escapado para resistir. O outro nos seguiu, e o sr. Heathcliff ficou sozinho na sala até o jantar. Eu aconselhara Catherine a comer no andar de cima, mas, assim que percebeu o lugar dela vazio, ele me mandou chamá-la. Não falou com nenhum de nós, comeu muito pouco e saiu logo depois, avisando que só voltaria à noite.

Na ausência dele, os dois novos amigos se instalaram na sala. Ali ouvi Hareton repreender a prima com firmeza quando ela se dispôs a revelar como o sogro havia tratado o pai dele. Disse que não toleraria uma palavra contra Heathcliff: mesmo que ele fosse o diabo, não importava; ficaria a seu lado. E preferia que ela voltasse a insultá-lo, como fazia antes, a começar a atacar o sr. Heathcliff. Catherine já estava se irritando, mas ele encontrou um jeito de fazê-la calar: perguntou se ela gostaria que ele falasse mal do pai dela. Então ela compreendeu que Earnshaw sentia como suas as ofensas à reputação do patrão e estava ligado a ele por laços mais fortes do que a razão poderia romper: correntes forjadas pelo hábito, que seria cruel tentar afrouxar. A partir daí, mostrou bondade ao evitar tanto queixas quanto manifestações de antipatia por Heathcliff, e me confessou o pesar por ter tentado semear a discórdia entre ele e Hareton. Na verdade, não acredito que, desde

então, tenha pronunciado uma única sílaba contra seu opressor na presença do rapaz.

Superado esse pequeno desentendimento, voltaram a ser amigos e se entregaram com o maior empenho às respectivas funções de aluno e professora. Depois de terminar meu trabalho, fui me sentar com eles, e observá-los me trouxe tanto sossego e conforto que não percebi o tempo passar. Sabe, de certa maneira, os dois me pareciam meus filhos: havia muito eu me orgulhava de uma, e agora tinha certeza de que o outro me daria a mesma satisfação. Sua natureza honesta, afetuosa e inteligente se libertava rapidamente das nuvens de ignorância e degradação em que fora criada, e os elogios sinceros de Catherine estimulavam sua dedicação. À medida que sua inteligência se iluminava, o rosto também ganhava luz, vivacidade e nobreza. Mal conseguia acreditar que fosse a mesma pessoa que eu vira no dia em que encontrara minha pequena patroa no Morro dos Ventos Uivantes, depois da expedição dela aos Rochedos. Enquanto eu os admirava e eles se empenhavam, o crepúsculo se aproximou e, com ele, o patrão voltou. Surpreendeu-nos por completo, entrando pela frente, e pôde ver os três muito bem antes que levantássemos a cabeça para olhá-lo. Ora, pensei, nunca houve cena mais agradável ou inofensiva, e será uma vergonha terrível repreendê-los. A luz vermelha do fogo iluminava aquelas duas belas cabeças e revelava rostos animados pelo interesse ávido das crianças, pois, embora ele tivesse vinte e três anos e ela dezoito, ambos tinham tantas novidades para sentir e aprender que nenhum experimentava ou demonstrava os sentimentos de uma maturidade sóbria e desiludida.

Levantaram os olhos ao mesmo tempo e deram com o sr. Heathcliff. Talvez o senhor nunca tenha notado que os olhos deles são exatamente iguais, e são os olhos de Catherine Earnshaw. A Catherine de agora não tem outra semelhança com ela, a não ser a testa larga e uma certa curva das narinas que lhe dá um ar um tanto altivo, queira ou não. Em

Hareton, a semelhança vai mais longe: é impressionante em qualquer momento, e naquela hora se mostrava particularmente forte, porque seus sentidos estavam atentos e suas faculdades mentais despertavam para uma atividade incomum. Suponho que essa semelhança tenha desarmado o sr. Heathcliff. Ele caminhou até a lareira visivelmente agitado, mas a agitação logo diminuiu ao olhar para o rapaz (ou melhor, mudou de natureza, pois ainda estava ali). Tirou o livro da mão dele, olhou a página aberta e o devolveu sem fazer comentário. Limitou-se a mandar Catherine sair com um gesto. O companheiro dela demorou muito pouco a segui-la. Eu também ia me retirar, mas ele me mandou ficar sentada.

— É uma conclusão miserável, não é? — observou, depois de refletir por algum tempo sobre a cena que acabara de presenciar. — Um fim absurdo para meus esforços violentos. Arranjo alavancas e picaretas para demolir as duas casas, preparo-me para ser capaz de trabalhar como Hércules e, quando tudo está pronto e em meu poder, descubro que desapareceu até a vontade de levantar uma telha de qualquer um dos dois telhados! Meus antigos inimigos não me venceram; agora seria o momento exato de me vingar nos descendentes deles. Eu poderia fazê-lo, e ninguém conseguiria impedir. Mas de que adiantaria? Não tenho vontade de golpear, nem consigo me dar ao trabalho de levantar a mão! Dito assim, parece que passei todo esse tempo me empenhando só para exibir um belo gesto de magnanimidade. Está longe de ser isso: perdi a capacidade de sentir prazer com a destruição deles, e tenho preguiça demais para destruir sem motivo.

— Nelly, uma estranha mudança se aproxima; já estou sob sua sombra. Minha vida cotidiana me interessa tão pouco que mal me lembro de comer e beber. Aqueles dois que saíram da sala são as únicas coisas que ainda conservam, para mim, uma aparência material nítida, e essa aparência me causa uma dor que chega à agonia. Dela não vou falar,

nem quero pensar, mas desejo sinceramente que fosse invisível: sua presença só desperta sensações enlouquecedoras. Ele me afeta de outra maneira. E, mesmo assim, se pudesse fazê-lo sem parecer louco, eu nunca mais o veria! Talvez você ache que estou um tanto inclinado a ficar assim — acrescentou, esforçando-se para sorrir —, se eu tentar descrever as mil formas de lembranças e ideias que ele desperta ou encarna. Mas você não vai falar do que eu lhe disser, e minha mente vive tão eternamente fechada em si mesma que, por fim, é tentador abri-la a outra pessoa.

— Cinco minutos atrás, Hareton me pareceu a personificação da minha juventude, não um ser humano. Senti tantas coisas diferentes ao vê-lo que teria sido impossível lhe dirigir a palavra com sensatez. Em primeiro lugar, sua espantosa semelhança com Catherine o ligava a ela de uma maneira terrível. Isso, porém, que você talvez imagine ser o que mais prende minha imaginação, é na verdade o que menos importa: pois o que, para mim, não está ligado a ela? O que não me faz lembrá-la? Não posso baixar os olhos para este chão sem que os traços dela se formem nas lajes! Em cada nuvem, em cada árvore, enchendo o ar à noite e surgindo de relance em cada objeto de dia, estou cercado pela imagem dela! Os rostos mais comuns de homens e mulheres, os meus próprios traços, zombam de mim com alguma semelhança. O mundo inteiro é uma coleção terrível de lembranças de que ela existiu e de que eu a perdi! Pois bem, a aparência de Hareton era o fantasma do meu amor imortal, das minhas tentativas desesperadas de conservar o que era meu por direito, da minha degradação, do meu orgulho, da minha felicidade e da minha angústia...

— Mas é loucura repetir esses pensamentos para você. Só servirá para que entenda por que, embora eu relute em ficar sempre sozinho, a companhia dele não me faz bem: antes agrava o tormento constante em que vivo. E isso, em parte, contribui para que eu já não me importe com

o que acontece entre ele e a prima. Não consigo mais dar atenção aos dois.

— Mas o que o senhor quer dizer com uma mudança, sr. Heathcliff? — perguntei, assustada com seu jeito de falar, embora, no meu entender, ele não corresse o risco de perder o juízo nem de morrer: estava forte e saudável; e, quanto à razão, desde criança gostava de se deter em assuntos sombrios e alimentar fantasias estranhas. Podia ter uma ideia fixa a respeito de seu ídolo morto, mas, em todos os outros assuntos, seu juízo era tão bom quanto o meu.

— Só saberei quando ela chegar — respondeu. — Agora só tenho meia consciência dela.

— Não está se sentindo doente, está? — perguntei.

— Não, Nelly, não estou — respondeu.

— Então não tem medo da morte? — continuei.

— Medo? Não! — disse ele. — Não tenho medo, pressentimento nem esperança de morrer. Por que teria? Com minha constituição resistente, minha vida moderada e minhas ocupações sem perigo, devo continuar, e provavelmente continuarei, acima da terra até quase não restar um fio de cabelo preto na minha cabeça. E, no entanto, não posso continuar neste estado! Tenho que me lembrar de respirar, quase lembrar meu coração de bater! E é como forçar uma mola rígida para trás: preciso me obrigar a fazer o menor gesto que não venha de um único pensamento, preciso me obrigar a perceber qualquer coisa, viva ou morta, que não esteja ligada a essa ideia que ocupa tudo. Tenho um único desejo, e todo o meu ser, todas as minhas faculdades anseiam por realizá-lo. Anseiam há tanto tempo, com tanta constância, que estou convencido de que ele se realizará, e logo, porque devorou minha existência: fui inteiramente absorvido pela expectativa de sua realização. Minhas confissões não me aliviaram, mas talvez expliquem certas

mudanças de humor que, de outra forma, seriam inexplicáveis. Ah, meu Deus! É uma luta longa; como eu queria que terminasse!

Ele começou a andar de um lado para outro da sala, murmurando coisas terríveis, até que me senti inclinada a acreditar, como ele dizia que Joseph acreditava, que a consciência havia transformado seu coração num inferno na terra. Eu me perguntava, muito inquieta, como aquilo acabaria. Embora antes raramente tivesse revelado aquele estado de espírito, mesmo pelo olhar, não duvidava de que fosse seu estado habitual: ele próprio o afirmava. Mas ninguém, a julgar por sua conduta geral, teria adivinhado. O senhor não adivinhou quando o conheceu, sr. Lockwood. E, na época de que estou falando, ele era exatamente o mesmo de então, apenas mais apegado à solidão prolongada e talvez ainda mais calado quando estava acompanhado.

Capítulo XXXIV

Durante alguns dias depois daquela noite, o sr. Heathcliff evitou nos encontrar às refeições; mesmo assim, não quis excluir formalmente Hareton e Cathy da mesa. Repugnava-lhe ceder de modo tão completo aos próprios sentimentos, e preferia se ausentar. Comer uma vez a cada vinte e quatro horas parecia ser sustento suficiente para ele.

Certa noite, depois que todos já estavam deitados, ouvi-o descer a escada e sair pela porta da frente. Não o ouvi voltar e, pela manhã, descobri que continuava fora. Já estávamos em abril: o tempo era ameno e quente, a relva tão verde quanto a chuva e o sol podiam deixá-la, e as duas macieiras anãs junto ao muro do sul estavam cobertas de flores. Depois do café da manhã, Catherine insistiu para que eu levasse uma

cadeira e me sentasse com meu trabalho sob os abetos, numa das extremidades da casa. E convenceu Hareton, já inteiramente recuperado do acidente, a cavar e arrumar seu jardinzinho, transferido para aquele canto por causa das reclamações de Joseph. Eu me deliciava, bem acomodada, com o perfume da primavera ao redor e o belo azul suave do céu, quando minha jovem patroa, que havia corrido até perto do portão para buscar raízes de prímulas para a borda do canteiro, voltou com apenas metade do que pretendia trazer e nos informou de que o sr. Heathcliff estava chegando. — E falou comigo — acrescentou, com uma expressão perplexa.

— O que disse? — perguntou Hareton.

— Mandou que eu sumisse o mais depressa possível — respondeu ela. — Mas estava com uma expressão tão diferente da habitual que parei por um momento para olhar.

— Diferente como? — perguntou ele.

— Ora, quase animado e alegre. Não, quase coisa nenhuma: muito agitado, exaltado e feliz! — respondeu ela.

— Então passear à noite o diverte — comentei, fingindo indiferença, quando na verdade estava tão surpresa quanto ela e ansiosa para comprovar o que dizia, pois ver o patrão com ar de felicidade não seria um espetáculo de todos os dias. Inventei um pretexto para entrar. Heathcliff estava parado à porta aberta, pálido e trêmulo. Mas sem dúvida havia em seus olhos um estranho brilho de alegria que transformava a expressão do rosto inteiro.

— Vai querer tomar café? — perguntei. — Deve estar com fome, depois de passar a noite toda andando por aí! — Eu queria descobrir onde estivera, mas não me agradava perguntar diretamente.

— Não, não estou com fome — respondeu, virando o rosto e falando com certo desprezo, como se adivinhasse que eu tentava descobrir a causa de seu bom humor.

Fiquei sem saber o que fazer: perguntava-me se aquela não seria uma boa oportunidade para lhe dar um pequeno conselho.

— Não acho certo sair vagando por aí — observei —, em vez de ficar na cama. Não é prudente, pelo menos nesta estação úmida. Aposto que vai pegar um resfriado forte ou uma febre. Já está com alguma coisa!

— Nada que eu não possa suportar — respondeu —, e com o maior prazer, desde que você me deixe em paz. Entre e não me aborreça.

Obedeci e, ao passar por ele, percebi que respirava tão depressa quanto um gato.

"Pois é", pensei, "vamos ter uma doença pela frente. Não consigo imaginar o que ele andou fazendo."

Ao meio-dia, sentou-se para jantar conosco e recebeu de minhas mãos um prato bem cheio, como se pretendesse compensar o jejum anterior.

— Não estou resfriado nem com febre, Nelly — observou, referindo-se ao que eu dissera de manhã —, e estou pronto para fazer justiça à comida que você me servir.

Pegou a faca e o garfo e ia começar a comer quando a vontade pareceu desaparecer de repente. Deixou os talheres na mesa, olhou com avidez para a janela, levantou-se e saiu. Enquanto terminávamos a refeição, nós o vimos andar de um lado para outro no jardim. Earnshaw disse que iria perguntar por que ele não queria jantar: achava que nós o tínhamos magoado de alguma forma.

— E então, ele vem? — perguntou Catherine quando o primo voltou.

— Não — respondeu ele. — Mas num está zangado. Parecia muito contente mesmo. Só ficou impaciente porque falei com ele duas vezes. Aí me mandou vir ficar com você: disse que num entendia como eu podia querer a companhia de outra pessoa.

Pus o prato sobre a proteção da lareira para mantê-lo aquecido. Uma ou duas horas depois, quando a sala já estava vazia, Heathcliff entrou, sem estar nem um pouco mais calmo: sob as sobrancelhas negras havia a mesma expressão anormal de alegria (era anormal, sim), a mesma palidez sem sangue, e os dentes apareciam de vez em quando numa espécie de sorriso. O corpo estremecia, não como quem treme de frio ou fraqueza, mas como vibra uma corda muito esticada: uma forte vibração, mais do que um tremor.

"Vou perguntar o que está acontecendo", pensei. "Quem mais perguntaria?" E exclamei: — Recebeu alguma boa notícia, sr. Heathcliff? Está extraordinariamente animado.

— De onde poderia vir uma boa notícia para mim? — perguntou. — É a fome que me anima e, ao que parece, não posso comer.

— Seu jantar está aqui — respondi. — Por que não come?

— Não quero agora — murmurou, depressa. — Vou esperar a ceia. E, Nelly, de uma vez por todas, peço que avise Hareton e a outra para ficarem longe de mim. Não quero que ninguém me perturbe. Quero este lugar só para mim.

— Existe algum motivo novo para esse banimento? — perguntei. — Diga por que está tão estranho, sr. Heathcliff. Onde esteve ontem à noite? Não estou perguntando por simples curiosidade, mas...

— Está perguntando por pura e simples curiosidade — interrompeu ele, rindo. — Mesmo assim, vou responder. Ontem à noite eu estava no limiar do inferno. Hoje estou à vista do meu céu. Meus olhos estão nele: mal há três pés a me separar! E agora é melhor você ir. Não verá nem ouvirá nada que a assuste, se não se meter onde não é chamada.

Depois de varrer a lareira e limpar a mesa, saí, mais perplexa do que nunca.

Ele não tornou a sair de casa naquela tarde, e ninguém invadiu sua solidão até as oito horas, quando julguei conveniente, mesmo sem ser chamada, levar-lhe uma vela e a ceia. Estava apoiado no peitoril de uma janela aberta, mas não olhava para fora: o rosto se voltava para a escuridão do cômodo. O fogo se consumira em cinzas. A sala estava cheia do ar úmido e ameno daquela noite nublada, e tão silenciosa que se distinguia não só o murmúrio do riacho lá em Gimmerton, mas também o marulho e o borbulhar da água sobre os seixos ou entre as pedras maiores, que ela não conseguia cobrir. Soltei uma exclamação de desagrado ao ver a lareira apagada e comecei a fechar as janelas, uma após outra, até chegar à dele.

— Devo fechar esta? — perguntei, para tirá-lo daquele alheamento, pois ele não se movia.

Enquanto eu falava, a luz iluminou seu rosto. Ah, sr. Lockwood, não consigo expressar o susto terrível que levei ao vê-lo por um instante! Aqueles olhos negros e profundos! Aquele sorriso e aquela palidez de cadáver! Pareceu-me ver uma assombração, não o sr. Heathcliff, e, de tanto medo, deixei a vela se inclinar contra a parede, e fiquei no escuro.

— Sim, feche — respondeu, com sua voz familiar. — Pronto, isso é pura falta de jeito! Por que segurou a vela deitada? Depressa, vá buscar outra.

Saí correndo, tomada por um medo tolo, e disse a Joseph: — O patrão quer que você leve uma luz e reacenda o fogo. — Pois eu não me atrevia a voltar lá naquele momento.

Joseph juntou algumas brasas numa pá, fazendo barulho, e foi. Mas voltou imediatamente, com a bandeja da ceia na outra mão, explicando que o sr. Heathcliff ia se deitar e não queria comer nada até a manhã seguinte. Logo o ouvimos subir a escada. Não foi para seu quarto de costume, mas entrou naquele onde ficava a cama fechada por painéis. Como já mencionei, a janela desse quarto é larga o suficiente para uma

pessoa passar, e me ocorreu que ele planejava outra excursão noturna, da qual preferia que não desconfiássemos.

"Será um demônio devorador de cadáveres ou um vampiro?", pensei. Eu havia lido sobre aquelas horríveis encarnações do mal. Então comecei a me lembrar de como cuidara dele na infância, o vira crescer até a juventude e acompanhara quase toda a sua vida, e de como era uma tolice absurda me entregar àquela sensação de horror. "Mas de onde veio aquela criaturinha escura, acolhida por um homem bom para a própria desgraça?", murmurou a Superstição enquanto eu adormecia. E, já meio sonhando, comecei a me cansar imaginando para ele alguma origem que lhe conviesse. Repetindo as reflexões que tivera acordada, percorri outra vez sua existência, com variações sombrias, até imaginar sua morte e seu enterro. Disso tudo, só me lembro de estar muito contrariada por ter recebido a tarefa de ditar uma inscrição para seu túmulo e de consultar o coveiro a respeito. Como ele não tinha sobrenome e não sabíamos sua idade, fomos obrigados a nos contentar com uma única palavra: "Heathcliff". E foi exatamente o que aconteceu: tivemos mesmo de nos contentar. Se entrar no cemitério da igreja, o senhor lerá em sua lápide apenas isso e a data de sua morte.

O amanhecer me devolveu o bom senso. Levantei-me e, assim que houve luz suficiente, fui ao jardim para verificar se havia pegadas sob a janela dele. Não havia nenhuma. "Ficou em casa", pensei, "e hoje vai estar bem." Preparei o café da manhã para todos, como de costume, mas disse a Hareton e Catherine que tomassem o deles antes que o patrão descesse, pois ele demorava a se levantar. Preferiram comer ao ar livre, sob as árvores, e arrumei uma mesinha para os dois.

Ao entrar de novo, encontrei o sr. Heathcliff no andar de baixo. Ele e Joseph conversavam sobre algum assunto da fazenda. Heathcliff dava instruções claras e minuciosas sobre a questão discutida, mas falava depressa, virava a cabeça para o lado a todo momento e conservava a

mesma expressão exaltada, ainda mais acentuada. Quando Joseph saiu da sala, ele se sentou no lugar de costume, e pus uma tigela de café à sua frente. Puxou-a para mais perto, apoiou os braços na mesa e ficou olhando para a parede oposta (ao menos foi o que supus), examinando um ponto específico de cima a baixo com olhos brilhantes e inquietos, e com um interesse tão ávido que chegava a prender a respiração por meio minuto de cada vez.

— Vamos — exclamei, encostando um pedaço de pão na mão dele —, coma e beba enquanto está quente. Já está esperando há quase uma hora.

Ele não me deu atenção, mas sorriu. Eu preferia tê-lo visto ranger os dentes a sorrir daquele jeito.

— Sr. Heathcliff! Patrão! — exclamei. — Pelo amor de Deus, não fique olhando assim, como se estivesse vendo uma aparição do outro mundo.

— Pelo amor de Deus, não grite tanto — respondeu. — Vire-se e me diga: estamos sozinhos?

— Claro — respondi. — Claro que estamos.

Mesmo assim, obedeci sem querer, como se não tivesse tanta certeza. Com um movimento da mão, ele abriu um espaço entre as coisas do café da manhã e se inclinou para a frente, a fim de olhar mais à vontade.

Então percebi que não olhava para a parede, pois, quando concentrei a atenção apenas nele, pareceu-me evidente que fitava alguma coisa a menos de duas jardas de distância. E, fosse o que fosse, aquilo aparentemente lhe provocava prazer e dor em extremos de intensidade: ao menos era o que sugeria a expressão de seu rosto, ao mesmo tempo angustiada e extasiada. O objeto imaginário tampouco permanecia imóvel: seus olhos o seguiam com atenção incansável e não se desviavam nem quando ele falava comigo. Em vão eu o lembrava de que estava havia muito tempo sem comer. Se fazia algum movimento

para atender aos meus pedidos, se estendia a mão para pegar um pedaço de pão, os dedos se fechavam antes de alcançá-lo e ficavam pousados na mesa, esquecidos do que iam fazer.

Fiquei sentada, um modelo de paciência, tentando desviar sua atenção daquela contemplação absorvente, até que ele se irritou e se levantou, perguntando por que eu não o deixava fazer as refeições no seu próprio tempo. Disse que, na próxima vez, eu não precisava esperar: podia deixar as coisas na mesa e sair. Depois dessas palavras, saiu de casa, caminhou devagar pela alameda do jardim e desapareceu pelo portão.

As horas se arrastaram em ansiedade, e chegou outra noite. Demorei a me deitar e, quando me deitei, não consegui dormir. Ele voltou depois da meia-noite e, em vez de ir para a cama, trancou-se na sala de baixo. Fiquei escutando, virando de um lado para outro, e, por fim, me vesti e desci. Era angustiante demais permanecer ali, atormentando a cabeça com centenas de receios inúteis.

Distinguia os passos do sr. Heathcliff, que percorria o chão sem descanso, e, com frequência, ele rompia o silêncio com uma inspiração profunda, parecida com um gemido. Também murmurava palavras soltas. A única que consegui entender foi o nome de Catherine, acompanhado de alguma expressão exaltada de carinho ou sofrimento, dito como quem fala com uma pessoa presente: baixo, intenso, arrancado do fundo da alma. Não tive coragem de entrar diretamente na sala, mas queria tirá-lo daquele devaneio; por isso, fui mexer no fogo da cozinha, avivei-o e comecei a raspar as cinzas. Isso o fez sair mais depressa do que eu esperava. Abriu a porta imediatamente e disse: — Nelly, venha aqui. Já amanheceu? Entre com sua luz.

— Estão batendo quatro horas — respondi. — Quer uma vela para subir, mas podia ter acendido uma neste fogo.

— Não, não quero subir — disse ele. — Entre, acenda o fogo para mim e faça o que houver para fazer na sala.

— Primeiro preciso avivar as brasas para poder levar algumas — respondi, pegando uma cadeira e o fole.

Enquanto isso, ele andava de um lado para outro, num estado próximo do desvario. Seus suspiros profundos se sucediam tão depressa que não deixavam espaço para uma respiração normal entre um e outro.

— Quando amanhecer, mandarei buscar Green — disse. — Quero fazer algumas perguntas sobre questões legais enquanto ainda consigo pensar nesses assuntos e agir com calma. Ainda não escrevi meu testamento e não consigo decidir a quem deixar meus bens. Queria poder fazê-los desaparecer da face da terra.

— Eu não falaria assim, sr. Heathcliff — intervim. — Deixe o testamento para depois; o senhor ainda viverá para se arrepender de suas muitas injustiças! Nunca imaginei que seus nervos pudessem se abalar, mas agora estão terrivelmente abalados, e quase tudo por sua própria culpa. A maneira como passou estes últimos três dias derrubaria um titã. Coma alguma coisa e descanse um pouco. Basta se olhar no espelho para ver como precisa das duas coisas. Está com as faces encovadas e os olhos injetados de sangue, como alguém que morre de fome e fica cego de tanto perder o sono.

— Não é minha culpa se não consigo comer nem descansar — respondeu. — Garanto que não há nenhuma intenção deliberada nisso. Farei as duas coisas assim que puder. Mas seria o mesmo que mandar descansar um homem que luta na água, a um braço de distância da margem! Primeiro preciso alcançá-la, depois descansarei. Bem, esqueça o sr. Green. Quanto a me arrepender das minhas injustiças, não cometi injustiça alguma e não me arrependo de nada. Estou feliz demais e, mesmo assim, ainda não estou feliz o suficiente. A felicidade da minha alma mata meu corpo, mas não se satisfaz.

— Feliz, patrão? — exclamei. — Que felicidade estranha! Se o senhor me ouvisse sem se zangar, eu poderia dar um conselho que o faria mais feliz.

— Qual? — perguntou. — Dê o conselho.

— O senhor sabe, sr. Heathcliff — comecei —, que desde os treze anos leva uma vida egoísta e contrária aos ensinamentos cristãos, e provavelmente mal teve uma Bíblia nas mãos durante todo esse tempo. Deve ter esquecido o que há naquele livro e talvez agora já não tenha tempo de consultá-lo. Que mal faria mandar buscar alguém, um pastor de qualquer igreja, não importa qual, para explicá-lo e mostrar o quanto o senhor se afastou de seus preceitos e como estará despreparado para o céu que ele promete, a menos que mude antes de morrer?

— Estou mais agradecido do que zangado, Nelly — respondeu —, porque você me lembra de como quero ser enterrado. Quero que me levem ao cemitério da igreja ao anoitecer. Você e Hareton podem me acompanhar, se quiserem; e preste atenção, sobretudo, para que o coveiro obedeça às minhas instruções sobre os dois caixões! Não precisa vir pastor nenhum, nem é preciso dizer coisa alguma sobre mim. Eu lhe digo que quase alcancei o meu céu. Quanto ao dos outros, não lhe dou o menor valor, nem o desejo.

— E se o senhor insistir nesse jejum obstinado, morrer por causa dele e se recusarem a enterrá-lo no terreno da igreja? — perguntei, chocada com sua indiferença sem Deus. — O que acharia disso?

— Não vão fazer isso — respondeu. — Se fizerem, você terá de mandar me transferir em segredo; e, se não cumprir, vai descobrir na prática que os mortos não deixam de existir!

Assim que ouviu as outras pessoas da casa começarem a se mexer, ele se recolheu à sua toca, e respirei mais livremente. Mas, à tarde, enquanto Joseph e Hareton trabalhavam, voltou à cozinha e, com um olhar desvairado, mandou que eu fosse me sentar na sala: queria alguém junto

dele. Recusei, dizendo com franqueza que suas palavras e seus modos estranhos me assustavam, e eu não tinha coragem nem vontade de lhe fazer companhia sozinha.

— Acho que você me considera um demônio — disse, com sua risada sombria. — Alguma coisa horrível demais para viver sob um teto decente. — Então, voltando-se para Catherine, que estava ali e se escondera atrás de mim quando ele se aproximou, acrescentou, num tom meio zombeteiro: — Você vem, querida? Não vou machucá-la. Não! Para você, tornei-me pior do que o diabo. Bem, há alguém que não vai fugir da minha companhia! Por Deus, como ela é implacável! Ah, maldição! É demais, indescritivelmente demais para um ser de carne e osso suportar, até mesmo para mim.

Não pediu a companhia de mais ninguém. Ao anoitecer, foi para o quarto. Durante toda a noite e até bem adiantada a manhã, nós o ouvimos gemer e murmurar sozinho. Hareton estava ansioso para entrar, mas mandei que fosse buscar o sr. Kenneth: o médico entraria para examiná-lo. Quando ele chegou, pedi licença para entrar e tentei abrir a porta. Encontrei-a trancada, e Heathcliff nos mandou para o inferno. Disse que estava melhor e queria ficar sozinho, e então o médico foi embora.

A noite seguinte foi muito chuvosa; na verdade, caiu um aguaceiro até o amanhecer. Quando saí para minha caminhada matinal em volta da casa, vi a janela do patrão aberta, balançando, e a chuva entrando diretamente por ela. "Ele não pode estar na cama", pensei. "Essa chuva o deixaria encharcado. Deve ter se levantado ou saído. Mas não vou mais fazer cerimônia: vou entrar sem medo e olhar."

Consegui abrir a porta com outra chave e, como o quarto parecia vazio, corri para abrir os painéis da cama. Afastei-os depressa e espiei. O sr. Heathcliff estava ali, deitado de costas. Seus olhos encontraram os meus com tanta intensidade e ferocidade que me sobressaltei. Então ele

pareceu sorrir. Não conseguia acreditar que estivesse morto. Mas a chuva lhe lavava o rosto e a garganta, as roupas de cama pingavam, e ele estava completamente imóvel. A janela, ao bater de um lado para outro, havia ferido uma das mãos, apoiada no peitoril. Não saía sangue da pele cortada e, quando a toquei com os dedos, não pude mais duvidar: ele estava morto e rígido!

Fechei o trinco da janela, afastei da testa seus longos cabelos negros e tentei fechar-lhe os olhos, para apagar, se fosse possível, aquele olhar de exultação assustador e tão vivo antes que outra pessoa o visse. Os olhos não se fechavam: pareciam zombar das minhas tentativas, assim como os lábios entreabertos e os dentes brancos e afiados! Tomada por outro acesso de covardia, gritei por Joseph. Ele subiu arrastando os pés e fazendo barulho, mas se recusou firmemente a tocar no morto.

— O diabo levou a alma dele — exclamou —, e por mim pode levar a carcaça de quebra! Ora! Que cara de perverso, arreganhando os dentes pra morte! — E o velho pecador sorriu com escárnio. Pensei que fosse dar uns pulos em volta da cama; mas, recompondo-se de repente, caiu de joelhos, ergueu as mãos e deu graças porque o legítimo senhor e a antiga família haviam recuperado seus direitos.

Fiquei atordoada com aquele acontecimento terrível, e minha memória voltou inevitavelmente aos tempos antigos, com uma tristeza opressiva. Mas o pobre Hareton, o mais prejudicado de todos, foi o único que sofreu profundamente. Passou a noite sentado junto ao cadáver, chorando com uma amargura sincera. Apertou-lhe a mão e beijou o rosto sarcástico e feroz que todos os outros evitavam olhar, e lamentou sua morte com aquela dor intensa que nasce naturalmente de um coração generoso, mesmo quando ele é duro como aço temperado.

O sr. Kenneth não soube dizer de que doença o patrão morrera. Ocultei o fato de que ele não havia engolido nada durante quatro dias, com medo de que isso trouxesse problemas; além disso, estou

convencida de que não se privara de comer de propósito: aquilo fora consequência de sua estranha doença, não a causa.

Nós o enterramos como ele quis, para escândalo de toda a vizinhança. Estávamos presentes apenas Earnshaw e eu, o coveiro e seis homens para carregar o caixão. Os seis foram embora depois de baixá-lo à sepultura; nós ficamos para vê-la coberta. Com o rosto banhado em lágrimas, Hareton arrancou torrões de relva e os colocou, ele próprio, sobre a terra escura. Hoje o túmulo está tão liso e verde quanto os que ficam a seu lado, e espero que seu ocupante durma tão profundamente quanto os outros. Mas, se perguntar às pessoas daqui, elas jurarão sobre a Bíblia que ele anda por aí: há quem diga que o encontrou perto da igreja, na charneca e até dentro desta casa. Histórias à toa, o senhor dirá, e eu também digo. Mesmo assim, aquele velho junto ao fogo da cozinha afirma que viu os dois olhando pela janela do quarto dele em todas as noites de chuva desde sua morte. E uma coisa estranha me aconteceu há cerca de um mês. Eu ia para a Grange numa noite escura, que ameaçava tempestade, quando, bem na curva do Morro, encontrei um menininho com uma ovelha e dois cordeiros à sua frente. Chorava desesperadamente, e imaginei que os cordeiros estivessem ariscos e não quisessem obedecer.

— O que houve, meu rapazinho? — perguntei.

— Heathcliff e uma mulher tão ali, debaixo do penhasco — disse ele entre soluços —, e eu num tenho coragem de passar por eles.

Não vi nada; mas nem a ovelha nem o menino quiseram seguir em frente, e eu o mandei pegar o caminho mais abaixo. Provavelmente inventou os fantasmas ao pensar, enquanto atravessava sozinho a charneca, nas bobagens que ouvira os pais e os companheiros repetirem. Mesmo assim, agora não gosto de ficar fora de casa depois que escurece, e não gosto de ficar sozinha nesta casa sombria. Não consigo evitar. Vou ficar contente quando eles saírem daqui e se mudarem para a Grange.

— Então eles vão para a Grange? — perguntei.

— Sim — respondeu a sra. Dean —, assim que se casarem, e isso será no dia de Ano-Novo.

— E quem vai morar aqui?

— Ora, Joseph vai tomar conta da casa e, talvez, um rapaz para lhe fazer companhia. Vão morar na cozinha, e o resto ficará fechado.

— À disposição dos fantasmas que resolverem habitá-lo? — observei.

— Não, sr. Lockwood — disse Nelly, balançando a cabeça. — Acredito que os mortos estejam em paz, mas não é certo falar deles com leviandade.

Naquele instante, o portão do jardim bateu ao se fechar: os dois voltavam do passeio.

— Eles não têm medo de nada — resmunguei, observando pela janela a aproximação dos dois. — Juntos, enfrentariam Satanás e todas as suas legiões.

Quando pisaram nas pedras da entrada e pararam para dar uma última olhada na lua — ou, mais precisamente, um no outro à luz dela —, senti um impulso irresistível de fugir deles mais uma vez. Deixei uma lembrança na mão da sra. Dean e, ignorando seus protestos contra minha falta de educação, desapareci pela cozinha no momento em que abriam a porta da casa. Assim teria confirmado a opinião de Joseph sobre as alegres indiscrições de sua colega de serviço, se, por sorte, ele não tivesse reconhecido em mim um homem respeitável graças ao doce tilintar de um soberano de ouro a seus pés.

Minha caminhada de volta se alongou por um desvio na direção da igreja. Ao chegar junto a seus muros, percebi que a deterioração havia avançado, mesmo em apenas sete meses: muitas janelas exibiam vãos negros, sem vidros, e aqui e ali algumas telhas de ardósia se projetavam

além da linha do telhado, prestes a se desprender aos poucos com as tempestades do outono que se aproximava.

Procurei e logo encontrei as três lápides na encosta junto à charneca: a do meio, cinzenta e meio enterrada na urze; a de Edgar Linton, só integrada à paisagem pela relva e pelo musgo que subiam por sua base; a de Heathcliff, ainda nua.

Demorei-me ao redor delas, sob aquele céu sereno. Observei as mariposas esvoaçando entre a urze e as campânulas, ouvi o vento suave respirar pela relva e me perguntei como alguém podia imaginar sono inquieto para os que dormiam naquela terra tão tranquila.





POSFÁCIO

O ciclo e a sua quebra

Atenção: este posfácio revela todo o enredo do romance.

I

O menino sem nome

Tudo começa com um gesto de bondade mal compreendido. O velho sr. Earnshaw volta de Liverpool com um menino de rua, moreno, faminto, sem nome e sem passado, e o cria como filho. Dá-lhe o nome de Heathcliff, que fora o de um filho morto. A mulher protesta, o filho Hindley odeia o intruso, a filha Catherine o adota como companheiro inseparável.

A primeira ferida vem dessa preferência. Hindley, preterido pelo pai, humilha Heathcliff assim que herda a casa, rebaixa-o a criado e lhe nega instrução. Catherine, que ama Heathcliff com uma intensidade selvagem, acaba cedendo ao mundo elegante dos Linton, da Granja. Casa-se com Edgar Linton porque ele é rico, bonito e educado, e porque casar com Heathcliff a "degradaria". Confessa a Nelly, na mesma

conversa, que a sua alma e a de Heathcliff são feitas da mesma substância. Heathcliff ouve só a primeira metade. Foge naquela noite e desaparece por três anos.

II

A vingança

Heathcliff volta rico e transformado, com os modos de um cavalheiro e a determinação de um credor. Instala-se no Morro, estimula o vício de Hindley no jogo e na bebida até ficar com a casa inteira hipotecada em seu nome. Seduz Isabella Linton, irmã de Edgar, não por amor, mas para ferir Edgar e para pôr a mão numa herança. Trata-a com crueldade declarada. Catherine, dividida entre o marido e Heathcliff, adoece de raiva e desgosto. Morre ao dar à luz a filha, a segunda Catherine, depois de um último encontro com Heathcliff que é uma das cenas mais violentas e desesperadas da literatura romântica.

Heathcliff não chora como os outros. Pede que ela o assombre, que não o deixe sozinho "neste abismo". A partir daí, ele vive dividido entre a obsessão pela morta e a execução metódica da vingança contra os vivos.

Hindley morre bêbado e arruinado. O filho dele, Hareton, fica nas mãos de Heathcliff, que o cria exatamente como Hindley o criara: sem instrução, sem afeto, reduzido a trabalhador braçal. Isabella foge e morre em Londres, deixando um filho doente e mimado, Linton Heathcliff. Heathcliff reclama o menino e o usa como isca. Atrai a jovem Catherine, filha de Edgar, força-a a casar com Linton quando Edgar está morrendo e, com a morte de Linton logo depois, torna-se dono das duas casas. A vingança está completa: o filho do homem que o humilhou é agora o seu bruto, e a filha da mulher que o traiu é a sua prisioneira.

III

O que Heathcliff não previu

E então acontece o que nenhum cálculo de vingança poderia prever. A jovem Catherine, prisioneira no Morro, começa a ensinar Hareton a ler. Hareton, que ela desprezara e ridicularizara, aceita. Entre a filha de Edgar Linton e o filho de Hindley Earnshaw nasce uma afeição que repete, em espelho, a infância de Heathcliff e da primeira Catherine, mas agora com paciência onde houve orgulho, e com perdão onde houve ressentimento.

Heathcliff percebe. Vê nos olhos de Hareton os olhos de Catherine; vê os dois jovens juntos e percebe que já não deseja destruí-los. Perde o apetite pela vingança como se perde o apetite pela comida. Nos últimos dias, deixa de comer, vagueia pela charneca, fala com alguém que ninguém mais vê. Morre com os olhos abertos, a janela aberta, a chuva batendo no rosto. Nelly o encontra assim. Joseph diz que o diabo levou a alma dele; os camponeses dizem que o viram passear com uma mulher pela charneca.

IV

O fim

O romance termina com Lockwood visitando os três túmulos, lado a lado na encosta: Catherine no meio, Edgar de um lado, Heathcliff do outro. A relva cresce sobre eles. Lockwood, que é um homem comum e um pouco tolo, não consegue imaginar "sonos inquietos para os que dormem naquela terra tranquila". O leitor, que sabe mais do que ele, pode duvidar.

Mas o verdadeiro final não está no cemitério. Está na cena em que Hareton e Catherine, de braço dado, planejam se casar no dia de Ano-

Novo e mudar-se para a Granja, deixando o Morro para Joseph e os fantasmas. Os dois herdam tudo o que Heathcliff acumulou, e nenhum dos dois quer a vingança que veio junto.

V

O que o livro ensina sem dizer

Emily Brontë não julga Heathcliff em voz alta. Deixa que Nelly o julgue, com o bom senso limitado de quem o viu crescer, e deixa que o leitor faça o resto. O que o livro mostra, sem precisar afirmar, é que a crueldade sofrida não autoriza a crueldade praticada; que a paixão sem medida não é maior do que o amor com medida, e sim menor, porque destrói o que ama; que os filhos não devem herdar as dívidas de ódio dos pais; e que o trabalho lento de ensinar, perdoar e reconstruir vale mais do que a grande cena de vingança.

O ciclo de violência que começa com um menino humilhado na cozinha do Morro termina com outro menino, igualmente humilhado, aprendendo a soletrar o próprio nome sobre a porta da casa. Hareton Earnshaw: o nome que estava gravado ali desde 1500 e que ele, enfim, consegue ler. É a vitória mais silenciosa da literatura inglesa, e uma das mais completas.



Notas do tradutor

SOBRE A TRADUÇÃO

O título: *Wuthering* é palavra do dialeto de Yorkshire para o rugido do vento nas alturas durante a tempestade. A forma *O Morro dos Ventos Uivantes* é a consagrada no Brasil desde as primeiras traduções e foi mantida. No texto, a casa aparece como "o Morro" ou "os Ventos Uivantes"; Thrushcross Grange, a outra casa, aparece pelo nome inglês ou como "a Granja".

Diálogos e citações: as falas seguem a convenção brasileira do travessão. Pensamentos, cartas e o diário de Catherine ficam entre aspas, e as falas citadas dentro de uma fala também.

Joseph: o velho criado fala, no original, um dialeto de Yorkshire que até leitores ingleses têm dificuldade de entender. Traduzimos por uma fala rústica, resmungona e carregada de expressões bíblicas, sem imitar sotaque regional brasileiro.

Tratamentos: "sr.", "sra." e "srta." traduzem *Mr.*, *Mrs.* e *Miss*. Nelly chama o jovem Heathcliff de "sr. Heathcliff" depois que ele volta rico; antes, só "Heathcliff". A mudança é um sinal do novo poder dele.

Medidas e moedas: milha (cerca de 1,6 km), jarda (91 cm), pé (30 cm), libra, xelim (vigésimo da libra), pêni (duodécimo do xelim), guinéu (21 xelins), soberano (moeda de ouro de uma libra).

AS FAMÍLIAS

Para ajudar com os nomes repetidos:

Earnshaw (do Morro): o velho sr. Earnshaw e a mulher; os filhos **Hindley** e **Catherine**; o filho adotivo **Heathcliff**. Hindley casa com **Frances** e tem **Hareton**.

Linton (da Granja): o sr. e a sra. Linton; os filhos **Edgar** e **Isabella**.

Catherine Earnshaw casa com **Edgar Linton**: a filha é **Catherine Linton**, a "jovem Cathy".

Isabella Linton casa com **Heathcliff**: o filho é **Linton Heathcliff**.

Catherine Linton casa primeiro com **Linton Heathcliff** (que morre) e depois com **Hareton Earnshaw**. Por isso a jovem Catherine é, ao longo do livro, Catherine Linton, Catherine Heathcliff e, por fim, Catherine Earnshaw: o mesmo nome da mãe, invertido.

Nelly Dean (Ellen) é a governanta e narradora; **Joseph**, o criado velho; **Zillah**, a governanta do Morro na última parte; **Lockwood**, o inquilino da Granja; **sr. Kenneth**, o médico; **sr. Green**, o advogado.

CRONOLOGIA

Brontë calculou as datas com cuidado, embora raramente as mencione. A reconstituição aceita pelos estudiosos é esta:

1771: o sr. Earnshaw traz Heathcliff de Liverpool.

1777: morte do sr. Earnshaw; Hindley volta casado e assume a casa.

1778: nasce Hareton; morre Frances.

1780: Heathcliff foge.

1783: Catherine casa com Edgar; Heathcliff volta.

1784: Isabella foge com Heathcliff; morre Catherine; nasce a jovem Cathy; nasce Linton Heathcliff; morre Hindley.

1797: morre Isabella; Linton Heathcliff vai para o Morro.

1801: a jovem Cathy casa com Linton; morrem Edgar e Linton. Lockwood chega à Granja em novembro.

1802: Lockwood ouve a história; parte na primavera; Heathcliff morre em abril ou maio. Lockwood volta em setembro e encontra Hareton e Cathy noivos.

1803: casamento de Hareton e Cathy, no dia de Ano-Novo.

CAPÍTULOS I A IX

Cap. I, "1801": a data que abre o livro situa Lockwood no inverno de 1801 para 1802. O resto da história é contado por Nelly em retrospecto.

Cap. I, "misantropo": Lockwood se apresenta como alguém que foge da sociedade, mas o livro mostra que ele é apenas um homem comum, tímido e um pouco vaidoso. Brontë usa o contraste entre o que ele diz de si e o que faz.

Cap. I, "1500" e "Hareton Earnshaw": a inscrição sobre a porta do Morro, com a data e o nome do antepassado, dá a medida da antiguidade da família. O nome voltará no último capítulo, com outro sentido.

Cap. III, "o diário de Catherine": as anotações da menina nas margens dos livros religiosos são o primeiro contato do leitor com a voz dela. O estilo rebelde e zombeteiro já diz tudo sobre o seu caráter.

Cap. III, "o sermão de Jabes Branderham": o pesadelo de Lockwood parodia os sermões intermináveis dos pregadores dissidentes do norte da Inglaterra. Os "setenta vezes sete" pecados aludem ao Evangelho, no qual Jesus manda perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete.

Cap. IV, "Liverpool": o maior porto da Inglaterra na época, com forte presença de marinheiros estrangeiros e, até 1807, do tráfico de escravos. A origem

obscura de Heathcliff, "moreno como um cigano", deu margem a muitas interpretações; Brontë nunca a esclarece.

Cap. IV, "o nome Heathcliff": *heath* é "charneca" e *cliff*, "penhasco". O nome é, ao mesmo tempo, nome e sobrenome, e liga o personagem à própria paisagem do livro.

Cap. VI, "o parque da Granja": a Granja tem um parque fechado por muros, com portão e cães de guarda. O Morro é uma casa de fazenda aberta à charneca. A diferença física entre as duas casas é também a diferença entre os dois mundos.

Cap. VII, "as maneiras de Catherine": as cinco semanas na Granja transformam a menina selvagem numa jovem dama. É o início da divisão interior que vai destruí-la.

Cap. IX, "eu sou Heathcliff": a confissão de Catherine a Nelly é o centro do livro. Ela explica que ama Edgar como se ama a folhagem, que muda com as estações, e Heathcliff como as rochas eternas sob o solo. A imagem é da própria charneca.

CAPÍTULOS X A XVII

Cap. X, "a volta de Heathcliff": os três anos de ausência nunca são explicados. Nelly supõe que ele serviu no exército ou fez fortuna de modo pouco honesto. Brontë deixa o mistério de propósito.

Cap. X, "cão na manjedoura": fábula de Esopo sobre o cão que, deitado na manjedoura, não come o feno nem deixa o boi comer. Catherine a aplica a Isabella, que acha que ela quer Heathcliff só para que ninguém mais o tenha.

Cap. XII, "as penas do travesseiro": no delírio, Catherine reconhece as penas dos pássaros da charneca e lembra as aves que Heathcliff caçava quando crianças. A cena mostra que, mesmo doente, ela só pensa no Morro e na infância.

Cap. XIII, "a carta de Isabella": a carta ocupa quase todo o capítulo e é o único trecho longo narrado por Isabella. O horror dela ao descobrir quem é o marido é contado sem atenuação.

Cap. XV, "o último encontro": a cena entre Heathcliff e Catherine moribunda foi considerada chocante pelos primeiros leitores. Ele a acusa de ter se matado por vaidade; ela o acusa de tê-la abandonado. Nenhum dos dois pede perdão.

Cap. XVI, "assombra-me": o pedido de Heathcliff para que Catherine o assombre em vez de deixá-lo em paz é a chave de tudo o que ele fará depois. Os dezoito anos seguintes são, para ele, uma longa espera.

Cap. XVII, "a hipoteca": Hindley perde o Morro no jogo com Heathcliff. Na Inglaterra da época, a propriedade hipotecada passava ao credor se a dívida não fosse paga. Hareton, o herdeiro legítimo, fica sem nada.

CAPÍTULOS XVIII A XXXIV

Cap. XVIII, "Rochedos de Penistone": formação rochosa real, perto de Haworth, onde moravam as irmãs Brontë. Para a jovem Cathy, criada dentro dos muros da Granja, os rochedos são o símbolo do mundo proibido.

Cap. XX, "Linton Heathcliff": o menino doente e mimado é o oposto do pai em tudo, menos na capacidade de fazer os outros sofrerem. Heathcliff o despreza e o usa.

Cap. XXI, "a lei e as mulheres": pela lei inglesa da época, os bens de uma mulher casada passavam ao marido. Por isso Heathcliff precisa casar o filho com a jovem Cathy antes que Edgar morra: assim, a Granja virá para a família dele.

Cap. XXVII, "o sequestro": Heathcliff prende Cathy e Nelly no Morro por cinco dias para forçar o casamento. Brontë não suaviza a violência; Cathy é esbofeteada e Nelly, trancada num quarto.

Cap. XXIX, "o caixão de Catherine": Heathcliff confessa a Nelly que subornou o coveiro para abrir o caixão de Catherine e que mandou soltar a lateral dele, para que, quando morresse, fosse enterrado ao lado dela com as tábuas removidas. A obsessão dele tem esse caráter físico e literal.

Cap. XXXI, "as lições de leitura": a jovem Cathy começa a ensinar Hareton a ler, primeiro com zombaria, depois com paciência. É a cena que inverte o movimento do livro.

Cap. XXXIII, "os olhos de Catherine": Heathcliff reconhece em Hareton os olhos de Catherine e percebe que já não tem forças para prosseguir na vingança. A frase dele sobre a alavanca e a picareta que já não quer erguer é a confissão de que o plano perdeu o sentido.

Cap. XXXIV, "a janela aberta": Heathcliff morre com a janela do quarto escancarada e a chuva entrando. É a mesma janela pela qual, no cap. III, Lockwood sonhara com a mão gelada de Catherine pedindo para entrar.

Cap. XXXIV, "os três túmulos": a ordem é significativa: Catherine entre Edgar e Heathcliff, o marido de um lado e o outro do outro, como em vida. Lockwood encerra o livro sem conseguir imaginar que eles não descansem em paz, e o leitor fica com a dúvida.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Emily Brontë

Tradução, introdução, posfácio e notas de Elder Franca

Composto em EB Garamond, corpo 11,5, em formato A5,
para leitura livre e gratuita.

REGISTRO

APD-2026-00076-6

archivepublicdomain.com/registry

Aponte a câmera do celular para conferir esta ficha.

BAIXE LIVROS · 2026

baixelivros.com.br

Escrito em 1847 por Emily Brontë — cuja vida reclusa e breve em Yorkshire se encerrou, de forma prematura aos trinta anos, apenas um ano após a publicação —, *O Morro dos Ventos Uivantes* causou estupefação na sua época. Considerado inicialmente violento, impiedoso e destituído de moral clara, o romance viria a consagrar-se, com o passar das décadas, como uma das obras mais perturbadoras e singulares de toda a literatura inglesa.

A história tem como epicentro duas propriedades antagónicas: o *Morro dos Ventos Uivantes*, batido pelas tempestades na charneca alta, e a requintada *Granja da Cruz dos Tordos*, abrigada no vale. É entre estes dois mundos que irrompe *Heathcliff*, o eterno forasteiro, desencadeando um tumulto impiedoso e possessivo que assombrará as famílias *Earnshaw* e *Linton* ao longo de três gerações. Contada de forma brilhante através da governanta *Nelly Dean* — que confere a necessária lucidez e distanciamento aos ódios seculares, crueldades e vinganças aterradoras a que assiste —, a narrativa desmistifica o ideal romântico. Aqui, a paixão entre *Heathcliff* e *Catherine* transcende o amor: é uma fusão vertiginosa e doentia, em que os vícios trágicos de cada personagem — a imprudência, a intemperança e a sede de justiça distorcida — arrastam todos para a ruína.

Contudo, nesta edição, que não suaviza o vigor áspero do original e desvenda os laços complexos da trama com o apoio de árvores genealógicas e cronologias rigorosas, a autora demonstra que a fatalidade não é absoluta. Perante um abismo aparente, a segunda geração encarrega-se da verdadeira essência do romance: o esforço humilde e persistente de curar e reconstruir aquilo que a paixão selvagem deixou em pedaços.



BAIXE LIVROS .com.br